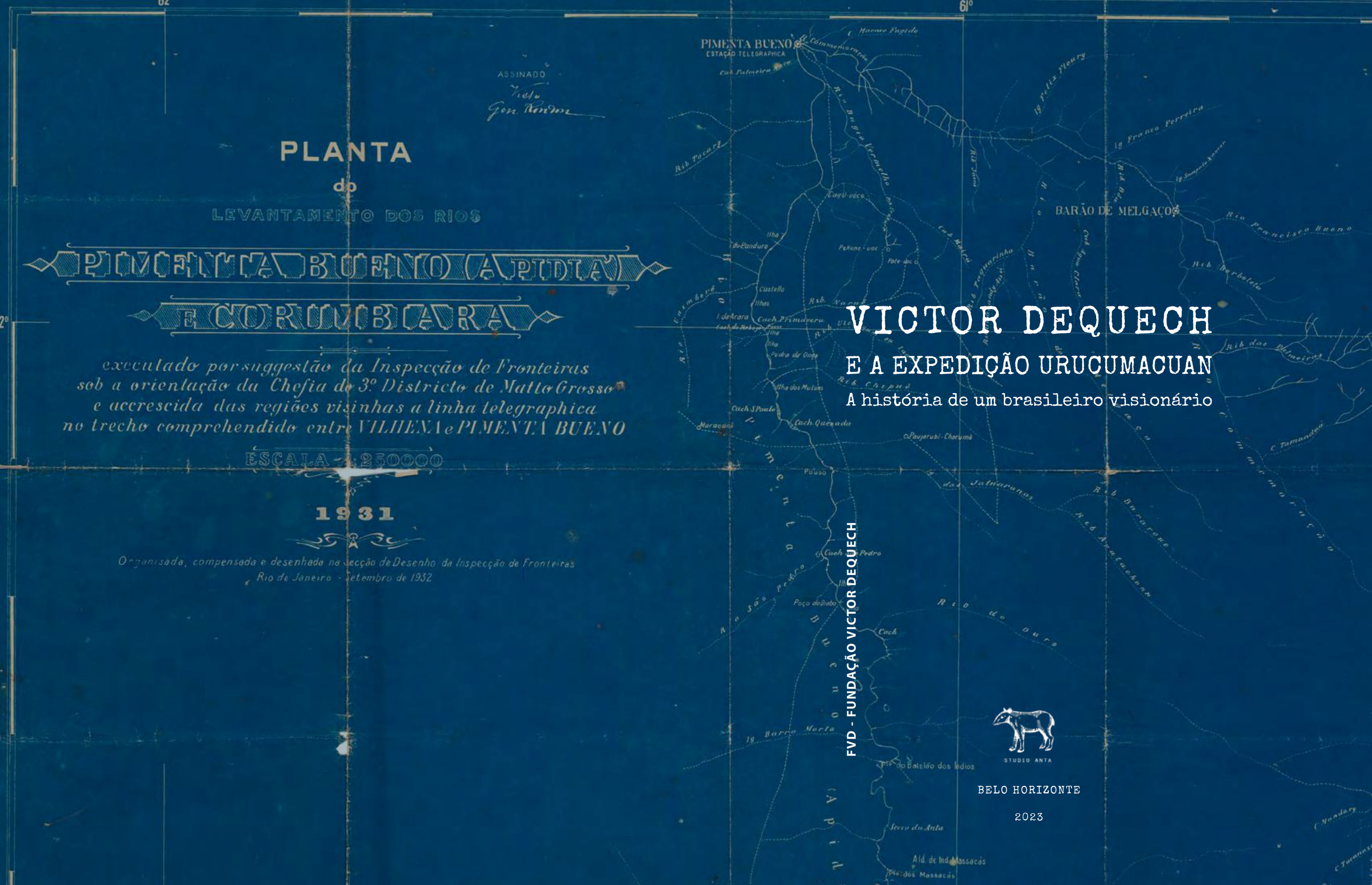
VICTOR DEQUECH

E A EXPEDIÇÃO URUCUMACUAN

A história de um brasileiro visionário



VICTOR DEQUECH

E A EXPEDIÇÃO URUCUMACUAN

A história de um brasileiro visionário

FVD - FUNDAÇÃO VICTOR DEQUECH

STUDIO ANTA

BELO HORIZONTE

2023

COORDENAÇÃO E CONCEPÇÃO: Moema Dequech

ORGANIZAÇÃO EDITORIAL: Guilherme Horta

PRODUÇÃO DE TEXTOS: Bianca Alves

COLABORAÇÃO DE TEXTOS: Sávio Grossi

REDAÇÃO FINAL: José Eduardo Gonçalves

PESQUISA: Dr. Victor Dequech, Guilherme Horta e João Perdigão

FOTOGRAFIAS: Dr. Victor Dequech, Murillo Abreu, Pedro Lima e acervo de família

DIGITALIZAÇÃO ACERVO: Studio Anta

DESIGN GRÁFICO: Flávio Vignoli e Guilherme Horta

PRODUÇÃO EXECUTIVA: Fundação Victor Dequech

AGRADECIMENTOS: Naldo Torres, João Luiz Nogueira de Carvalho, Antônio de Pádua Chaves, Alberto Abreu, Professor José Alberto Cocota Jr., Maria Celina de Andrade Castelo Branco, Museu da Memória Rondoniense, ...

FUNDAÇÃO VICTOR DEQUECH

presidente

diretor

conselho

secretaria

9 PREFÁCIO

15 INTRODUÇÃO

21 O COMEÇO DE TUDO

41 UMA AVENTURA NA AMAZÔNIA

47 A EXPEDIÇÃO URUCUMACUAN
VICTOR DEQUECH
Engenheiro-chefe da Expedição
Narrada por Victor Dequech, segundo notas dos Diários de Viagem, 1941 — 1943

51 PRIMEIRA ETAPA
Trecho: Porto Velho — Foz do Rio Corumbiara

77 SEGUNDA ETAPA
Trecho: Corumbiara — Barranco Alto — Acampamento da Cascata

115 TERCEIRA ETAPA
O rio Apediá ou Pimenta Bueno

141 QUARTA ETAPA
Transporte de carga no rio Apediá

153 RUMO À ESTAÇÃO TELEGRÁFICA
O encontro com a Expedição Aníbal Freire

177 UM NOVO CAMINHO NA MATA
Abertura do novo piquete Barranco Alto — Cascata

207 VICTOR DEQUECH E OS INDÍGENAS
Os senhores da florestata

217 IMPRESSÕES FINAIS DA EXPEDIÇÃO
Importantes contribuições de Dequech

225 A VIDA PÓS-URUCUMACUAN
A jornada vitoriosa de um visionário

237 GEOSOL
Uma história de pioneirismo

255 VICTOR DEQUECH
O homem, sua família e seu país

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial

V642 Victor Dequech e a Expedição de Urucumacuan : a história de um brasileiro visionário / coordenação e concepção Moema Dequech. — Belo Horizonte : Studio Anta, 2023.
304 p. : il. ; 23 cm.

ISBN 978-65-6036-119-5

1. Dequech, Victor, 1916-2011 - Biografia. 2. Geólogos - Brasil - Biografia. 3. Geologia - Brasil, Região Norte - Expedições. 4. Brasil - Descrições e viagens. 5. Expedição Científica Urucumacuan - Brasil (1941-1943). 6. Memórias. I. Dequech, Moema. II. Título.

CDD23: 925.51

Bibliotecária: Priscila Pena Machado - CRB-7/6971

DEDICATÓRIA

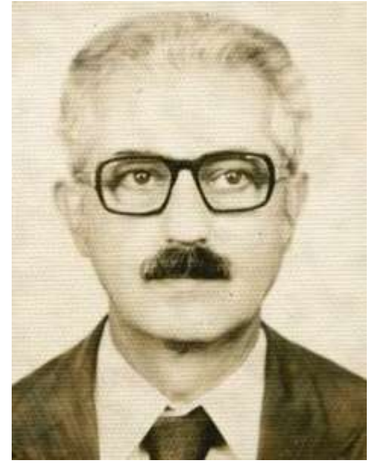
...ND AMENTAL

28-2-193

do Professor

PRÉFACIO

Diretor Geral



MEU PAI, VICTOR DEQUECH

Por muitos anos, me vinha à mente sua imagem em seu escritório de casa, abarrotado de livros dos mais diversos assuntos, rodeado por pilhas e pilhas de papelada, em perfeita organização para ele, e em total desordem para quem via tal cena. Lá ele passava quase todo o seu dia, lendo, escrevendo, tomando notas. Parte desta função, por alguns anos, foi dedicada a seu livro sobre a Expedição de Urucumacuan... partiu sem concluí-lo. Tentei ajudar contratando um escritor; uma breve tentativa que não funcionou. Seu sonho frustrado não me saiu da cabeça. Dez anos após seu falecimento, retomei o assunto com afinco, e tive a felicidade de poder fazer deste sonho de meu pai um projeto meu, com o apoio da FVD e da Geosol e com o trabalho hercúleo da equipe contratada para o livro.

A empreitada inicial foi trabalhosa: caixas e mais caixas de material que ficou sob meus cuidados, incluindo seus diários de viagem, relatórios para o DNPM, mapas, fotos, entrevistas, telegramas trocados durante o período da expedição que ele chefiou, e também os 11 artigos que ele chegou a escrever, resumindo seus diários, os quais seriam textos para o livro. Fui organizando, separando por assunto, de forma a repassar ao novo escritor e ao editor. Folheando aquilo tudo, comecei a conhecer melhor suas histórias e entendendo mais esta figura que representa boa parte do que sou. Meu pai era um ser humano de alma nobre, de mente privilegiada, generosidade ímpar, minucioso, preciso, multifacetado... bom, isto eu já sabia. Indo mais a fundo nesta empreitada, me emocionei com sua sensibilidade, seu profundo respeito ao ser humano, sua grande admiração pela natureza, mais ainda do que eu já sabia. Sempre tão sensato e racional, tinha também uma alma romântica, como em suas cartas trocadas com sua noiva Geny, e uma veia poética, como ao descrever as belezas da selva.

Me emocionei vendo-o nas fotos e nos filmes, em barcos abarrotados, por vezes encalhados, no meio da selva — bela mas podendo ser cruel —, com mínimas condições de sobrevivência e nenhum conforto. Coragem, audácia, organização e forte espírito de liderança, persistindo sempre, mantendo o controle mesmo em situações desafiadoras. Fui sentindo a timidez de minha alma e o pouco alcance de minha mente; e com isto o desejo de tentar ser melhor. Tenho a meu favor seu nobre exemplo, que norteia meus passos, minhas decisões de vida. Muita coragem e otimismo, sempre!

Seu objetivo era narrar e tornar pública a Expedição Urucumacuan, dia a dia, com minúcias de detalhes, incluindo o enfrentamento da selva, as dificuldades para conduzir os trabalhadores e os equipamentos de pesquisa através dos rios, e os levantamentos geológicos. Ele considerava muito importante contribuir com seus conhecimentos e deixar registrado o que representou a expedição: dar sua contribuição técnica, transmitir suas experiências na selva amazônica dos anos 40, e também relatar os bastidores nos órgãos do governo no que tangia à expedição. Não deixou de enaltecer as figuras públicas, os técnicos ou os membros da equipe, que mereciam apreço por sua contribuição para o bom andamento da expedição.

Todos os seus relatos foram extremamente fiéis à realidade encontrada, o que ele fez questão de afirmar algumas vezes. Para realizar este projeto de concluir seu trabalho de elaboração do livro, não havia outra escolha que não a de respeitar esta conduta e reproduzir uma versão fidedigna de seus relatos, incluindo aí a reprodução de vários trechos escritos nos diários do chefe da expedição. O material completo, que cobre dois anos de expedição registrados em diários, com anotações todo santo dia, é muito extenso e precisou ser reduzido.

Não era o intuito de nosso personagem, mas resolvemos contar, além da expedição, um pouco de sua história de vida e de sua inovadora trajetória profissional. Vamos falar de um ser humano admirado por todos, colegas, amigos e familiares.

Espero que os leitores possam se entusiasmar com a experiência de Victor Dequech, atravessando a selva amazônica há 60 anos, na busca de um ouro lendário. Então com apenas 25 anos, já dava mostras de sua tenacidade e foco para atingir seus objetivos.

Espero que possam aproveitar de sua contribuição no âmbito da Geologia e que seu espírito empresarial inovador e essencialmente ético fique como exemplo de sucesso.

Victor Dequech, meu pai, foi uma pessoa essencialmente otimista, bem humorada e de extremo bom senso. Ele ia a fundo em tudo o que fazia, estudava muito, não medindo esforços para realizar seus sonhos e fazer a vida diferente. Quem o conheceu em vida e quem vier a conhecê-lo por estas histórias, certamente chegará à conclusão de que sim, ele fez a diferença, não passou incólume pelos variados caminhos que trilhou.

"Para ser grande, sê inteiro: nada teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és no mínimo que fazes
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive." (Fernando Pessoa)

Moema Dequech
Setembro de 2023

INTRODUÇÃO

UM HOMEM QUE SONHOU UM NOVO PAÍS

"A lua nasceu enorme e alaranjada, do outro lado do rio. Enquanto ela estava baixa, seus raios luminosos atravessavam a mata coando-se entre as árvores. Depois ela se levantou, redonda. Era lua cheia. Via-se na água outra lua muito grande. Quando alguém pisava na canoa que estava amarrada ao lado do batelão, formavam-se ondas na água e a imagem se desdobrava em diversas luas achatadas, elípticas..."

Com esse olhar poético, em tom levemente romântico, de quem admira e enaltece a natureza, o engenheiro Vitor Dequech via a noite tomar a selva amazônica, no início dos anos 40 do século passado. E assim a descreveu em artigos escritos em 1988 para o jornal Alto Madeira, de Porto Velho. Se ainda hoje a floresta parece inóspita e hostil, não é difícil imaginar quão assustadora ela pareceria a quem fosse explorá-la há oitenta anos.

Pois Dequech nem pestanejou quando, recém-chegado à Divisão de Fomento da Produção Mineral (DFPM) do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), órgão do Ministério de Agricultura no governo Getúlio Vargas, soube que precisavam de um engenheiro na expedição que procuraria ouro no vale do rio Guaporé, hoje estado de Rondônia. "Eu me ofereci para ir, queria conhecer a Amazônia", diz, com simplicidade, no documentário "Nas trilhas de Urucumacuan", realizado pelo cineasta gaúcho Berto Bertagna em 2005.

Urucumacuan seria o Eldorado amazônico que o então General Cândido Rondon pensara encontrar nos primeiros anos do século, quando ali se embrenhava para instalar linhas de telégrafo que ligavam o Brasil a Mato Grosso e ao norte do país. Segundo a lenda, a região onde futuramente seria o estado de Rondônia guardava imensas jazidas de ouro, protegidas pela floresta e seus povos originários.

As riquezas de Urucumacuan, segundo Rondon, poderiam pagar a dívida externa brasileira. E encontrá-las era uma missão para a qual era então convocado o intrépido paranaense, engenheiro formado pela prestigiosa Escola de Minas de Ouro Preto.

E foi assim, com apenas 25 anos, que Dequech assumiu a incumbência de chefiar, no ano de 1941, uma expedição ao ainda misterioso território, para investigar a ocorrência de reservas auríferas na região. Durante dois anos,

conviveu com tribos indígenas ainda intocadas pela civilização e enfrentou os mais diversos obstáculos, que não o impediram de desbravar e pesquisar uma parte do país até então desconhecida dos brasileiros.

Este espírito desbravador movia Vitor Dequech desde a mais tenra mocidade e o definiu não apenas no seu dia a dia como engenheiro e geólogo no serviço público. Ele o acompanhou também nos estudos espeleológicos, que o levariam a pesquisar e até descobrir tesouros do nosso patrimônio natural.

Foi pioneiro e disruptivo também nos negócios, quando propôs uma revolução não só na técnica como nos métodos, ao transformar em sócios os funcionários da Geosol, empresa que criou em 1953 para pesquisar as riquezas minerais do país. E que se tornou uma das maiores da América Latina no setor de sondagem e prospecção geológica, posição consolidada até os dias de hoje. Como pesquisador e cientista, desbravador e empresário, em todas as frentes em que atuou, Victor Dequech deixou uma marca de coragem, inovação e espírito cívico.

A história de Victor Dequech é o retrato de um homem apaixonado pelo seu país e infatigável no esforço de contribuir, com o seu trabalho, para o reconhecimento e desenvolvimento do enorme potencial mineral do Brasil. Um país tão rico e fascinante que não nos cabe nutrir por ele senão o "sentimento viável do otimismo", como ele dizia.

Estamos diante de um homem que desafiou o seu tempo, rasgou fronteiras, alargou os horizontes. Uma história maiúscula, que transcende o simples percurso biográfico. A saga aventurosa de Victor Dequech nos deixa um legado de extraordinárias realizações e nos conduz, de forma emocionante, ao reencontro com nossos melhores sonhos de um país mais forte, justo e moderno.

MINISTERIO DA GUERRA

(1) 5ª R. M. (1) 9ª C. R.

CERTIFICADO DE RESERVISTA DE 2ª CATEGORIA

Nº 27228 (5)

Certifico que o cidadão Victor Dequech (1)
da classe de 1916, (1) declarado reservista de 2ª categoria pelo T. G. n. , (1)
E. I. M. n. 288, (1) em que se matriculara a 20 de Março de 1933 (1)
[illegible] a 8 Dezembro 1933 (1) obteve grau 3 (1)

A) Identificação

Filho de Gabriel Dequech (1)
e de Amelia Dequech (1)

Natural de { Estado Paraná (1) / Municipio Rio Negro (1) / Cidade (lugar) " (1)

Data de nascimento 11 Junho 1916 (1)
Especialidade (1)
Vacinado? sim Lê? sim Escreve? sim (1)
Profissões sucessivas Estudante (1)
Outras notas (1 ou 2)

Fotog. tirada em 20-11-933 (1)

Côr morena (1)
Cabelo castanho escuro (1)
Olhos castanhos (1)
Altura 1,68 (1)
Nariz regular (1)
Rosto redondo (1)
Boca regular (1)
Sinais particulares não tem (1)

Victor Dequech
(Assinatura do reservista (4))

B) Mobilização

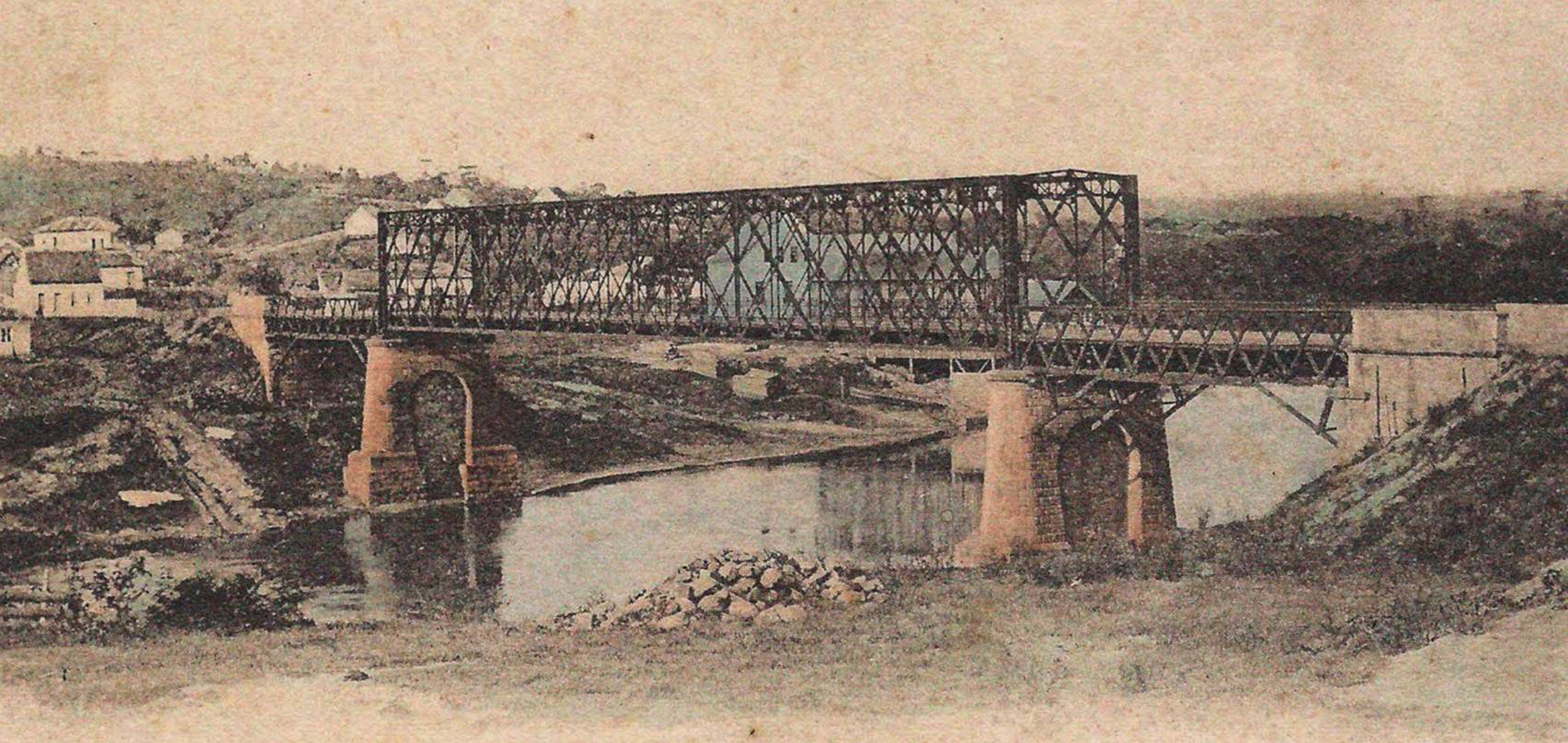
Data em que se fez reservista 8 de Dezembro de 1933 (1)
Vai residir em Curitiba a R. [illegible] Araujo, 176 (1)
(Cidade e, si possivel, rua e número)

Em caso de mobilização deverá apresentar-se { Cidade (lugar) (3) / Ao Centro de Mobilização n. (3) / No dia de mobilização (3)

(3) Curitiba, 22 de Dezembro de 1933
(Ass.) Cap. [illegible]
Inspetor Regional do T. G. (2)

Foi registado nesta C. R.
(3) Curitiba, 27 de Janeiro de 1934
(Ass.) Ten. Coel. João Bap.ta Macedo Bonfim
Chefe da 9ª C. R.

OBSERVAÇÕES:



Rio Negro Paraná Brazil.

O COMEÇO DE TUDO

Comemoração de Bodas de Ouro de Gabriel e Amélia Dequech. Mafra-SC 1954.

Napoleão, Victor, Abrão, Feres e Abud (sentado).

OS DEQUECH CHEGAM AO BRASIL

Estamos na virada do século 19 para o século 20. O pai de Victor Dequech, Gabriel Dequech, também desbravava um mundo novo e desconhecido quando chegou ao Brasil em 1900, vindo do Líbano. O dia era 7 de setembro e ele certamente encontrou o país em clima de festa, comemorando a Independência.

Como vários de seus conterrâneos, Gabriel emigrou para o Brasil certamente premido pela pouca disponibilidade de terra em seu país, "cujos solos em geral se mostraram menos férteis que as mulheres", como escreveu Oswaldo Truzzi em "Patrícios, sírios e libaneses em São Paulo" (1997).

Segundo Truzzi, também contribuíram para a diáspora libanesa a pressão e o despotismo dos dominantes turcos e os recorrentes conflitos entre grupos étnicos e religiosos na região. As versões são conflitantes, mas uma delas atribui uma perseguição maior aos cristãos como Gabriel. Eram eles a maioria dos emigrantes, o que também pode ser explicado por uma mentalidade mais progressista e menor apego à terra do que os muçulmanos.

Uma outra razão para que os libaneses viessem para o Brasil é levantada pelo diplomata Ariel Seleme, hoje vice-cônsul do Brasil em Beirute. Ele conta que, em novembro de 1877, Dom Pedro II visitou o Líbano, a convite de Miguel Debbane, Cônsul Honorário do Brasil em Alexandria.

O imperador brasileiro visitou então vários lugares, inclusive as ruinas de Balbekke. No caminho, ele parou para descansar em Zahle e, obviamente, chamou muita atenção. As pessoas começaram a se aglomerar ao redor da caravana imperial e Dom Pedro II, que falava perfeitamente árabe, discursou convidando-as a mudarem-se para o Brasil e iniciarem nova vida no império dos trópicos.

Gabriel Dequech foi um dos muitos libaneses que "aceitaram o convite" do imperador e vieram para o Brasil. Filho mais velho de Aboud e Marie, ele nasceu em 25 de setembro de 1875, em Hossoun, distrito de Jbeil (Biblos). Ele chegou no Rio de Janeiro com um primo e passou por Santos antes de chegar a Curitiba, onde os "patrícios" lhe entregaram mercadorias para mascatear. Era bem recebido no interior, conta seu filho David Dequech, no livro "Cruzando os mares", no qual relata os 100 anos de sua família no Brasil. Sobre o pai, ele diz que era "alegre, simpático, conquistava logo

a amizade de seus clientes. Levava as últimas notícias da capital, revistas, panos, encomendas...”

Gabriel era viúvo e não tinha filhos quando chegou ao Brasil. Voltou ao Líbano em 1903 e casou-se com Amélia pouco depois, em 1904. Ele tinha 29 anos e ela, 17. Veio para o Brasil novamente em 1906, deixando a esposa e as filhas Nejme e Nazira com o sogro. Queria se estabelecer antes de trazer a família. Depois de mascatear por cinco anos, se assentou em Rio Negro, no Paraná, com uma loja de secos e molhados. Posteriormente, se transferiria para o outro lado do rio, na cidade catarinense de Mafra.

Em 1912, trouxe para o Brasil a esposa Amélia, com a qual criou uma enorme família. Seguindo Nejme e Nazira, nasceram no Brasil Vitória, Abrão, Victor, Napoleão, Feres, Abud, Isidoro, os gêmeos Gabriel e Amélia e David. A família, no país de origem, chamava-se Daccache, que no Brasil, graças a um escrivão de província, virou Dequech. Victor nunca quis ir ao Líbano visitar os parentes.

Na verdade, ele não gostava de viajar para o exterior. A única exceção que fez foi para atender a um convite da BBC, comparecendo a um seminário sobre carvão e energia em Londres. Segundo a filha Moema, ele gostava mesmo era de ficar no Brasil — que conheceu como poucos brasileiros, já que pesquisou solo e subsolo de praticamente todas as regiões do país.

O Brasil recebeu bem Gabriel Dequech, que se adaptou à nova terra como se nela tivesse nascido. “Meu pai foi um homem simples, voluntarioso, extremamente fiel aos seus princípios morais, qualidades atestadas pelo respeito e admiração de todos que conviveram com ele, seja no meio familiar ou na comunidade de Mafra, da qual foi um dos pioneiros”, atestou David Dequech no livro sobre sua família.

Gabriel viveu muito, como era comum entre os Dequech: seu avô Jacó viveu 100 anos e a bisavó Hute, 114. Ele, por sua vez, morreu em 1974, aos 99 anos. O filho David registra no livro sobre a família que, em 1º de janeiro de 1971, na Invernada da Amola Flexa, em Mafra, Gabriel falou, emocionado e totalmente lúcido, a todos os que tradicionalmente comemoravam ali a passagem de ano.

Tinha então 95 anos e pediu, em seu discurso, que aquela reunião — que foi realizada pela primeira vez em 1925 — fosse sempre mantida e, mais uma vez, repetiu a história da família que lhe fora transmitida por gerações anteriores, citando fatos, nomes e lugares.

Em 1975, um ano depois de sua morte, uma rua importante do centro de Mafra, que forma um dos cruzamentos com semáforo da praça Hercílio Luz, ganhou seu nome. Ali, na esquina das ruas Felipe Schmidt (a rua principal) e Gabriel Dequech, resta de pé a casa da família: um prédio de dois andares com uma loja embaixo, na qual funcionava a Casa Minerva, o comércio de secos e molhados do patriarca.

CIDADE PARTIDA AO MEIO

A Guerra do Contestado tem suas origens no século XIX e se deu em torno dos limites entre Paraná e Santa Catarina. No período entre 1912 e 1916, a região passou por drástica crise social, que acabou em um conflito armado envolvendo disputa de terras.

A construção da ferrovia entre São Paulo e Rio Grande do Sul atraiu milhares de pessoas que, com a interrupção da obra, se viram desempregadas.

A cidade de Rio Negro acabou dividida em duas, separadas pelo rio. À esquerda, permaneceu a cidade com o nome original, pertencente ao Paraná. Do outro lado, surgiu a cidade de Mafra, em Santa Catarina, onde Gabriel não só construiu sua casa, como instalou seu comércio e comprou várias propriedades.

A família Dequech certamente vivenciou os abalos daqueles dias turbulentos. Victor nasceu justamente no ano em que cessou o conflito, no dia 11 de junho de 1916, em Rio Negro. Quando alguém apontava erroneamente o município de Mafra como sua terra natal, ele fazia questão de rebater com veemência e bom humor: “Sou do lado bom do Rio Negro, no Contestado. Quando nasci, as duas margens do Rio eram Paraná. Mesmo que tivesse nascido do outro lado, o lado ruim, eu seria paranaense”.

Com a mudança de Gabriel e Amélia para Mafra, ali nasceram os outros filhos. Entre amigos, o filho Victor costumava desenhar um breve retrato do pai: “Não sabia ler nem escrever, fazia contas de memória, mas era um camarada muito trabalhador e muito correto, leal com os amigos”.

Os primeiros estudos ele fez no Colégio São José, o mais antigo de Rio Negro, assim como sua irmã Vitória. Às atividades escolares, o garoto somou, durante sua infância e adolescência, atividades típicas dos moradores da cidade, como os piqueniques e passeios de barco no Rio Negro, a frequência aos

clubes esportivos, a sorveteria nos domingos à tarde e eventos tradicionais como a colheita do pinhão nas araucárias, que, antes de ser comido, era "sapecado" no fogo de chão.

De Mafra, ficou gravado na memória de Victor um episódio que viria a definir seu rumo profissional. Havia lá uma oficina de manutenção da estrada de ferro. Ainda adolescente, Victor tinha uma grande curiosidade por máquinas e travou conhecimento com um mecânico da ferrovia que, percebendo seu interesse, comentou com ele sobre uma tal "Escola de Minas" em Ouro Preto, cidade onde havia trabalhado. Foi o primeiro impulso para o jovem Dequech pegar a trilha das Minas Gerais.

NO CAMINHO DAS MINAS

Os estudos de Victor como interno no Ginásio Paranaense de Curitiba foram custeados por um tio, irmão de Gabriel. Casado, sem filhos e comerciante bem estabelecido em Londrina, o tio David financiou os estudos do garoto até a universidade, prática comum na época. No Brasil desde jovem, o mecenas do jovem Dequech teve uma passagem pela Alemanha, a negócios, antes de se estabelecer em Londrina em 1932, sendo um dos pioneiros de sua fundação.

Ao bancar a formação de Victor, David repetia a sua própria história. Pois foi por obra de um tio, bispo maronita, que ele estudou em um colégio religioso de Nazareth, no Líbano. Ali se formou em História e Contabilidade e foi professor de História e Geografia. Leitor insaciável, falava quatro línguas: hebraico, siríaco, francês e árabe. Mais tarde aprenderia alemão, inglês e português, além de esperanto.

Sair de Mafra para a capital do estado foi um choque para o garoto que, até então, não usava sapatos ou escova de dentes — mas que eram itens fundamentais do "enxoval" que levou para o internato. O colégio ficava na rua Aquidabã, que dava fundos para a casa do governador, Affonso Camargo, cujo quintal tinha suculentos caquis, entre outras frutas que o estudante costumava surrupiar.

Quando Getúlio assumiu em 1930, o governador deu no pé, contou Dequech numa extensa entrevista que deu à FIEMG — Federação das Indústrias de Minas Gerais em 2004 e que é uma importante fonte de informações para

este livro. Os policiais que ficaram guardando a casa não impediram o garoto de pegar as frutas que adorava. "Ladrão que rouba ladrão, tem cem anos de perdão", desculpou-se Dequech na entrevista, com a proverbial ironia que guardava para os políticos de maneira geral.

Após concluir o curso secundário no Ginásio Paranaense de Curitiba, Victor Dequech foi para Minas Gerais, com o objetivo de fazer os testes de admissão à famosa Escola de Minas de Ouro Preto. A viagem, naquela época, era uma verdadeira epopeia, pois não havia estradas de rodagem.

O rapaz partiu de Curitiba num trem da Rede de Viação Paranaense até a fronteira de São Paulo, dali tomou outro trem da Sorocabana, desceu na estação da Luz em São Paulo, mudou para a linha Central do Brasil até Barra do Piraí, no Rio de Janeiro. Ali fez nova baldeação, pegou outro trem para Lafaiete e, já em Minas Gerais, trocou novamente de trem no entroncamento de Miguel Burnier, para dali abordar Ouro Preto. Três dias e duas noites de viagem!

Corria o mês de fevereiro de 1934 quando Victor Dequech avistou pela primeira vez a histórica cidade de Ouro Preto, núcleo central do ciclo do ouro no Brasil e berço da Inconfidência Mineira. Era um cenário completamente diverso das terras no sul a que estava habituado. O novato ficou impressionado com a arquitetura colonial, suas íngremes ladeiras calçadas de pedras e o entorno de serras monumentais, no qual despontava o pico do Itacolomi.

Na primeira noite hospedou-se no famoso Hotel Toffolo, ponto de referência cultural na Ouro Preto da época, que hospedava intelectuais como Manuel Bandeira, que ali escreveu seu Guia de Ouro Preto, e Carlos Drummond de Andrade, que lhe dedicou um poema.

No dia seguinte saiu em busca de hospedarias mais de acordo com suas disponibilidades financeiras e foi parar na Pensão da Milu, depois chamada Pensão Maia. Arrumou um quarto logo na entrada, debaixo da escada, aguentando o barulho do sobe e desce o dia inteiro, às vezes a noite inteira. Para fugir do desconforto, correu para a pensão de Dona Amélia Dias, mãe do conhecido "Polegada", responsável pela agência dos Correios onde costumava passar um telegrama no "crédito". "Naquele tempo até o telegrama podia ser fiado" — comentaria Dequech anos depois. Fez o curso preparatório para o exame de admissão, ministrado pelos próprios alunos da Escola de Minas, sob orientação do professor Antônio Moreira Calais.

Tinha 18 anos de idade e matriculou-se no curso de Engenharia de Minas, Metalurgia e Civil.

A ESCOLA DE MINAS

A Escola de Minas de Ouro Preto foi inaugurada em 12 de outubro de 1876, com o objetivo de "preparar engenheiros para a exploração das minas e para estabelecimentos metalúrgicos". Sua criação é atribuída a uma iniciativa pessoal de D. Pedro II.

Em sua temporada na Europa entre 1871 e 1872, o imperador entrou em contato com Auguste Daubrée, seu colega na Academia de Ciências de Paris e diretor da Escola de Minas francesa, convidando-o a visitar o Brasil e pedindo sua orientação sobre maneiras de conhecer e explorar as riquezas minerais brasileiras.

Não podendo atender ao convite, o cientista indicou Claude Henri Gorceix, que assinou contrato em Paris, em 28 de março de 1874, para organizar o ensino de mineralogia e geologia no Rio de Janeiro e, depois, em Ouro Preto. Desde então, a Escola de Minas consolidou-se como polo irradiador da ciência geológica no Brasil. Por ela passou boa parte dos grandes cientistas, professores e pesquisadores no campo da mineralogia e da metalurgia.

No campo do desenvolvimento científico e do avanço tecnológico, a história acabou comprovando que, ao longo do século XX, a quase totalidade dos estudos de geologia e mineralogia feitos no Brasil foi conduzida por ex-alunos de Ouro Preto.

O estudante Victor Dequech integrou-se à vida de Ouro Preto e ao seu ambiente universitário, que combinava a excelência do ensino superior brasileiro da época à aura pitoresca de uma vida boêmia e cultural fervilhante. Contribuíam para este ambiente as famosas repúblicas estudantis, imersas na bruma dos invernos rigorosos e no cenário da arquitetura colonial naqueles últimos anos da década de 1930.

Em outro de seus livros, "Isto Dantes em Ouro Preto", o irmão de Victor, David Dequech, que também estudou na Escola de Minas, narra em crônicas as peripécias da estudantada em seus primeiros anos de Ouro Preto. O destaque, como não poderia deixar de ser, ia para a república "Vaticano", que

reunia um time de primeira categoria: os irmãos Augusto e Eduardo Mayall, Eudes Prato Lopes, Murilo de Andrade Abreu, Victor Dequech e Athos Pinto Cordeiro.

Conta David: "Para o nome da república, duas opções: Vaticano ou Kremlin. Escolheram Vaticano. O próprio "Papa" eleito, Murilo Abreu, justificou a decisão dizendo que "o espírito piedoso dos republicanos havia prevalecido sobre o materialismo". O mesmo Murilo, anos depois, acompanharia Dequech na Expedição Urucumacuan.

Victor foi o autor do emblema mural da república Vaticano, inspirado nos versos de "A velhice do Padre Eterno", de Guerra Junqueiro. Quando a placa foi exibida na porta da república, as beatas queixaram-se ao delegado, que deveria "acabar com aquela imoralidade".

A placa era pintada sobre uma caixa de descarga e representava o acrobata Farnésio subindo aos céus num trapézio, enquanto o Padre Eterno segurava o globo terrestre e apontava o céu com o dedo do destino. Alegoria que, segundo o delegado, atentaria contra a religiosidade dos ouro-pretanos e deveria ser retirada ou modificada. Murilo alegou que a ação do delegado "contrariava a constituição do país e que levaria a questão ao sacro colégio do Vaticano".

Sabendo que Victor era o autor da placa, o delegado quis saber sua opinião. "Um artista não modifica seu trabalho só porque foi mal interpretado. Isto contraria os meus princípios", disse o estudante, comprometendo-se, no entanto, a acatar a decisão do "sacro colégio". Os rapazes resolveram colocar sobre a placa uma faixa, com a palavra CENSURADO. O delegado ficou satisfeito, as beatas confortadas. Atacada pelas intempéries, tempos depois a placa acabou indo para dentro da república.

Mas não cessaram aí as desavenças com os vizinhos e, consequentemente, os problemas com a lei. Os moradores da Vaticano voltariam a se encontrar com o delegado em outra ocasião — desta vez para responder às queixas de uma vizinha de frente, mulher de um capitão da marinha.

Ela alegava, com riqueza de detalhes, que os estudantes praticavam nudismo no pátio da república. "Verdadeiro atentado ao pudor, que a vizinha não podia mais admitir ou tolerar", escreveu David Dequech.

Augusto Mayall, Eudes Prado Lopes, Murillo Andrade Abreu, Eduardo Mayall, Victor Dequech e Athos Pinto Cordeiro
com a famosa placa da república do Vaticano - Ouro Preto 1937.

Os rapazes não negaram a acusação. Murilo confirmou que tomavam banho de sol todas as manhãs no pátio, e sim, em trajes de Adão. Mas que seria impossível para qualquer pessoa enxergá-los, já que o pátio ficava pelo menos quatro metros acima do nível da rua.

Inclinado a aceitar a explicação, o delegado interpelou a queixosa: "Eles negam que possam ser vistos pela vizinhança. Não estaria a senhora cometendo um engano"? Ao que ela respondeu: "não senhor, não estou enganada não. Lá de casa, subindo no armário da copa, a gente vê tudo..."

A república Vaticano receberia nos anos seguintes, além de David, que também estudou Engenharia de Minas, outro irmão de Victor: Isidoro Dequech, que fez o curso de Topografia. Também passaram por Ouro Preto o Feres, que saiu no segundo ano de escola, e Gabriel, que também não ficou: com a ajuda de Victor, foi estudar Medicina no Rio de Janeiro.

Mas nem só de presepadas viviam Victor Dequech e seus companheiros. Até mesmo porque, ainda que contasse com a mesada do tio David para suas despesas, Dequech trabalhava para ajudar nos estudos dos irmãos, dando aulas de Geografia no Colégio Baeta. É certo que a boemia dominante na tradição cultural de Ouro Preto lhe rendeu bons momentos de diversão, mas não chegou a sequestrar os interesses científicos do estudante. Sua curiosidade sobre as origens do planeta e da própria vida remontam à juventude e, em especial, aos anos de universidade em Ouro Preto.

ESPELEOLOGIA: INTERESSE DE TODA A VIDA

Em 25 de dezembro de 2011, Dequech foi homenageado pela Sociedade Brasileira de Espeleologia, da qual era sócio emérito. Afinal, era fundador da Sociedade Excursionista e Espeleológica – SEE (SBE G001), o grupo de espeleologia mais antigo das Américas.

A história da SEE começou em 12 de outubro de 1937 – data em que a então Escola Nacional de Minas e Metalurgia de Ouro Preto fez 61 anos de fundação – quando os alunos Vitor Dequech, Walter José von Krüger, Paulo de Almeida Rolff, Murilo de Andrade Abreu, Sandoval Carneiro e Lisanel Mota, fundaram o grupo com o objetivo de preencher suas horas de folga dos estudos na faculdade. Vitor foi o ideólogo e o primeiro presidente da iniciativa que depois se revelou muito importante para o estudo e a divulgação das cavidades naturais do país.

Com recursos próprios, realizaram as primeiras viagens, que seriam seguidas de muitas outras e os fizeram conhecer e estudar pelo menos sessenta grutas em Minas Gerais, São Paulo, Bahia, Mato Grosso e Ceará – exemplo que, seguido, deu origem a novos grupos e sociedades.

"... Numa época em que não tínhamos televisão, rádio ou as atuais facilidades para dar uma "fugidinha" até Belo Horizonte... a nossa preocupação era como preencher as nossas horas de eventual lazer dos deveres escolares. Como passar o tempo? Era esse o nosso maior problema de então. Um grupinho de estudantes, grande em face do diminuto número de nós naquela época, certamente dotado dos mesmos gostos, com o mesmo desejo de aprender, apreciar e gozar a natureza, influenciado por um deles, conseguiu fundar uma sociedade científica estudantil. Fosse uma sociedade esportiva, política ou comercial, poderíamos supor para ela um futuro bastante longo. Todavia, esperar para uma dessas sociedades estudantis, ainda mais de cunho estritamente científico, a vida por tantos anos seguidos, escapou a toda e qualquer previsão nossa" (Depoimento de Almeida Rolff no primeiro número da revista Espeleologia, em 1969)

A primeira expedição dos jovens espeleólogos foi à região do carste de Lagoa Santa. Do diretor da escola, professor Gastão Gomes, conseguiram as passagens de trem para a região de Matozinhos e Pedro Leopoldo, na região central de Minas Gerais. Na primeira, exploraram sítios como Bom Jardim, Araújo, Escada, Vargem da Lapa, Morro Redondo, Lavoura, Poções e descobriram a gruta dos Estudantes.

Em Lagoa Santa e Pedro Leopoldo, se embrenharam em formações como a Ponte, Lapinha, Sumidouro, Poço Azul, Gruta do Baú e Lapa Vermelha – esta receberia em 1975 a expedição franco-brasileira Laming-Emperaire, que descobriria Luzia, o fóssil mais antigo da América do Sul, com mais de 12.500 anos.

Nas grutas visitadas, o grupo realizou diversas experiências, como, no caso de Dequech, a utilização de corantes na determinação do curso e regime hidrológico subterrâneo. Rolff, por sua vez, executou testes pioneiros de recepção e transmissão de ondas hertzianas no interior dos maciços calcários.

O gosto pela espeleologia nunca deixou de acompanhar Dequech e levou-o a cavernas de todo o Brasil – inclusive uma conhecida como Buraco de Fumaça, em Porto Velho. Isso aconteceu alguns anos depois, quando, engenheiro formado e empregado, esperava dinheiro e equipamentos antes de seguir viagem para "as minas de Urucumacuan". A pedido do diretor da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, Major Aluizio Ferreira, ele foi dar uma

olhadinha na curiosa formação, onde habitava uma quantidade de morcegos gigantesca, “muito superior ao que tenho visto nas grutas de Minas e São Paulo”, escreveu o engenheiro em uma de suas cadernetas de viagem.

“Os morcegos fogem em bandos intermináveis... avaliei que saíam uns 30 morcegos por segundo, ou seja, 30 X 60 = 1.880 por minuto, e isto observei durante 20 minutos... saíram dali 20 X 1.800 = 36.000 morcegos. Por aí pode se estimar em talvez 1 milhão de morcegos que se ocultam nos diversos ramos do corredor principal”. (04.05.1941)

Dequech descobriu então que a fermentação dos excrementos na água estagnada causava uma elevação da temperatura e era justamente a diferença de umidade e temperatura entre o interior e o exterior da caverna que originava a fumaça. Esta, saindo da entrada, lhe deu o nome de “Buraco de Fumaça”.

ENTRE OS PRIMEIROS

No acervo da Escola de Minas, documentos registram a matrícula do futuro engenheiro no período de 1934 a 1935. No primeiro ano do Curso, está lá a assinatura do jovem Victor Dequech, sob o número de ordem 4856, classificado em segundo lugar, com uma média de 7,13 pontos, verdadeira façanha numa escola que primava pelo rigor de seus critérios de aprovação. Nos anais da Escola de Minas, aliás, o aluno Victor Dequech comparece sempre com boas notas, entre os primeiros de sua turma.

Já o registro do diploma de engenheiro de Minas e Civil do “Sr. Victor Dequech – Universidade do Brasil – Escola Nacional de Minas e Metalurgia” é datado de 4 de outubro de 1940, junto com o “Termo de Colação de Grau” também com a assinatura dos formandos. Os alunos da Escola de Minas já se formavam com emprego garantido, mal terminavam o curso e tinham dois ou três convites à sua escolha.

A maioria dos colegas de Dequech foi para o Conselho Nacional do Petróleo. Ele optou pelo DNPM – Departamento Nacional de Produção Mineral, onde foi admitido como geólogo, apesar da formação em Engenharia. O curso de Geologia em Ouro Preto (e no Brasil) só seria criado em 1956, no governo JK. De início, Dequech trabalhou na área de visitação de jazidas e verificação de relatórios. E logo veio a oportunidade de participar da Expedição Urucumacuan.

1934 a 1935

Termo de abertura de matricula na Escola de Minas da Universidade do Rio de Janeiro de 1934 a 1935

De accordo com as disposições regulamentares foi aberto o presente termo de matricula nos diversos anno de Minas matricula esta que vigorará no lectivo de 1934-1935 encerrar-se-á no dia 30 de setembro após a reg exames vagos. E para constar lavrei o presente termo que assigno com o Sr. Director e Secretario. Secret eola de Minas da Universidade do Rio de Janeiro, 15 de Setembro de 1934. Maria de Lourdes Veriano Fel saria interina.

O Secretario interino,

O Director,

1º anno

Ordem	Nomes dos alumnos	Filiação	Data de nascimento	Naturalidade: Municipio	Naturalidade: Estado	Media	Classificação
3	Eduardo Carlos Mayall	Alberto Carlos Mayall	23/3/916	Petropolis	do Rio	8.53	1º
4	Renato Frota Rodrigues de Azevedo	Corofano de Azevedo Lemos	25/9/916	S. G. Sapucaia	de Minas	7.11	3º
5	Eudes Prado Lopes	Antonio Prado Lopes Pereira	10/4/915	Bellaventura	de Minas	6.57	7º
	Victor Dequech	Gabriel Dequech	11/6/916	Rio Negro	Paraná	7.13	2º
	Nicodemus de Macedo Filho	Nicodemus de Macedo	15/12/913	Uberaba	Minas	6.51	8º
	Mario de Faria Bello	Mario de Faria Bello	17/8/915	Distrito	Federal	6.49	9º
	Mario Marques Alvares da Silva	Frederico M. Alvares da Silva	4/9/915	Seta-Lagoas	Minas	6.69	4º
	Jaime de Andrade Frois	Antonio Rodrigues Frois	8/3/912	B. Claros	Minas	6.68	5º
	Pedro Augusto Rodrigues da Costa	Joaquim Xavier Rodrigues da Costa	3/11/1911	Juiz de Fora	Minas	Perdeu	
	Helio Alves de Brito	Dantas Alves de Brito	1/12/1915	Rio Preto	Minas	4.64	12º
	[illegible]	Cordino Serra [illegible]	4/6/1914	[illegible]	[illegible]	6.58	[illegible]

Victor Dequech – Fundador
Engenharia Geral – 1940 | Belo Horizonte – MG

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

DEPARTAMENTO NACIONAL DA PRODUÇÃO MINERAL

DIVISÃO DE FOMENTO DA PRODUÇÃO MINERAL

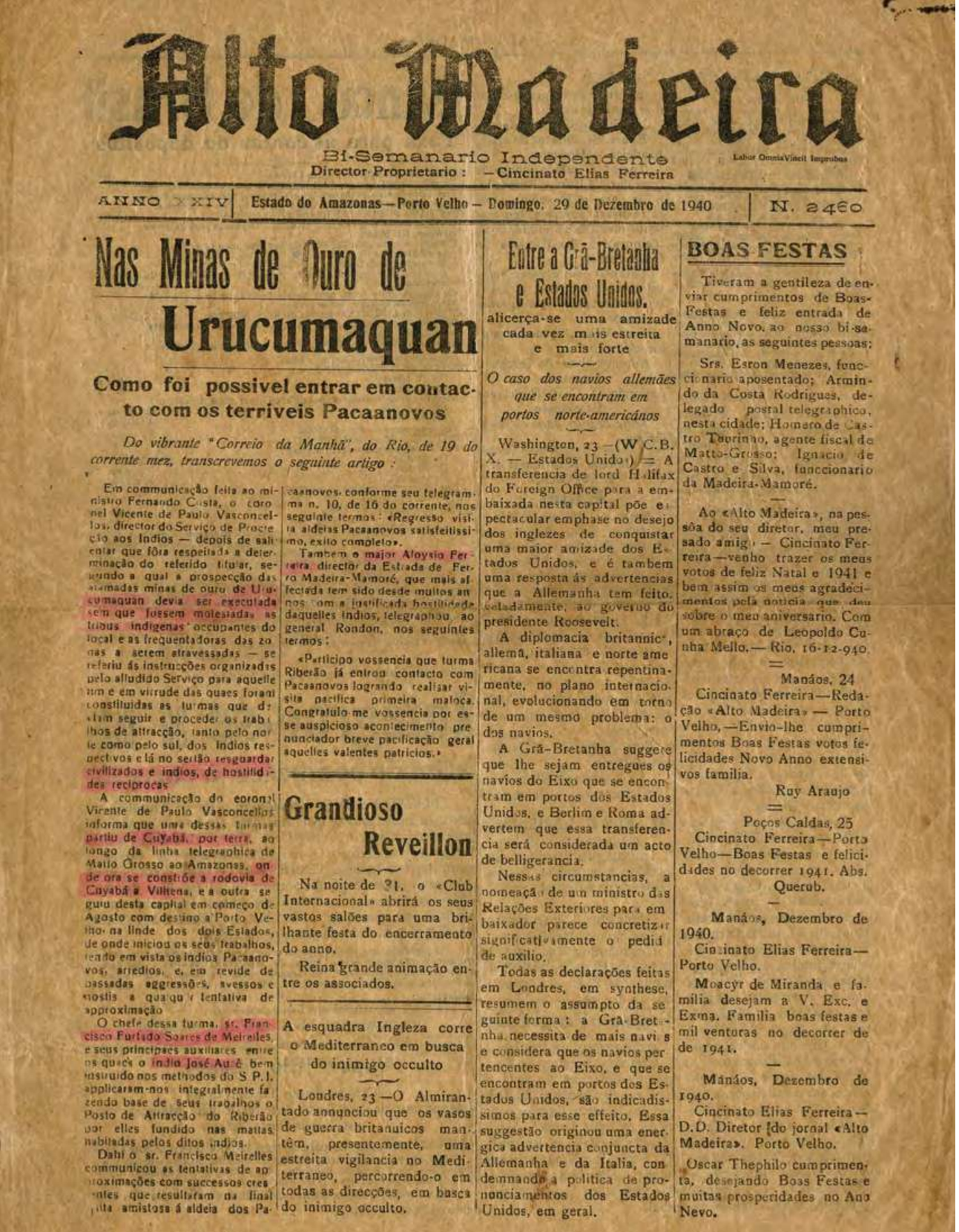
O portador do presente, engenheiro de minas e civil, VICTOR DEQUECH, exerce nesta repartição o cargo de geólogo - especializado do quadro de extranumerário contratado.

Rio de Janeiro, 20 de fev. de 1945.

Alberto Ildefonso Erichsen
Diretor.

20 FEV. 1945

UMA AVENTURA NA AMAZÔNIA



Alto Madeira

Bi-Semanario Independente — Labor Omnia Vincit Improbus

Director Proprietario: — Cincinato Elias Ferreira

ANNO XXIV | Estado do Amazonas — Porto Velho — Domingo, 29 de Dezembro de 1940 | N. 2460

Nas Minas de Ouro de Urucumaquan

Como foi possivel entrar em contacto com os terriveis Pacaanovos

Do vibrante "Correio da Manhã", do Rio, de 19 do corrente mez, transcrevemos o seguinte artigo:

Em communicação feita ao ministro Fernando Costa, o coronel Vicente de Paulo Vasconcellos, director do Serviço de Proteção aos Indios — depois de salientar que fôra respeitada a determinação do referido titular, segundo a qual a prospecção das almadas minas de ouro de Urucumaquan devia ser executada sem que fossem molestadas as tribus indigenas occupantes do local e as frequentadoras das zonas a serem atravessadas — se referiu ás instrucções organizadas pelo alludido Serviço para aquelle fim e em virtude das quaes foram constituidas as turmas que deviam seguir e proceder os trabalhos de attracção, tanto pelo norte como pelo sul, dos indios respectivos e lá no sertão resguardar civilizados e indios, de hostilidades reciprocas.

A communicação do coronel Vicente de Paulo Vasconcellos informa que uma dessas turmas partiu de Cuyabá, por terra, ao longo da linha telegraphica de Matto Grosso ao Amazonas, onde ora se constróe a rodovia de Cuyabá a Vilhena, e a outra seguiu desta capital em começo de Agosto com destino a Porto Velho na linde dos dois Estados, de onde iniciou os seus trabalhos, tendo em vista os indios Pacaanovos, arredios, e, em revide de passadas aggressões, avessos e hostis a qualquer tentativa de approximação.

O chefe dessa turma, sr. Francisco Furtado Soares de Meirelles, e seus principaes auxiliares entre os quaes o indio José Auê bem instruido nos methodos do S.P.I. applicaram-nos integralmente fazendo base de seus trabalhos o Posto de Attracção do Riberão por elles fundido nas mattas habitadas pelos ditos indios.

Dahi o sr. Francisco Meirelles communicou as tentativas de approximações com successos crescentes que resultaram na final visita amistosa á aldeia dos Pacaanovos, conforme seu telegramma n. 10, de 16 do corrente, nos seguintes termos: «Regresso visita aldeias Pacaanovos satisfeitissimo, exito completo».

Tambem o major Aloysio Ferreira, director da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, que mais affectada tem sido desde muitos annos com a justificada hostilidade daquelles indios, telegraphou ao general Rondon, nos seguintes termos:

«Participo vossencia que turma Riberão já entrou contacto com Pacaanovos logrando realisar visita pacifica primeira maloca. Congratulo-me vossencia por esse auspicioso acontecimento pre-nunciador breve pacificação geral aquelles valentes patricios.»

Grandioso Reveillon

Na noite de 31, o «Club Internacional» abrirá os seus vastos salões para uma brilhante festa do encerramento do anno.

Reina grande animação entre os associados.

A esquadra Ingleza corre o Mediterraneo em busca do inimigo occulto

Londres, 23 — O Almirantado annunciou que os vasos de guerra britannicos mantêm, presentemente, uma estreita vigilancia no Mediterraneo, percorrendo-o em todas as direcções, em busca do inimigo occulto.

Entre a Grã-Bretanha e Estados Unidos.

alicerça-se uma amizade cada vez mais estreita e mais forte

O caso dos navios allemães que se encontram em portos norte-americanos

Washington, 23 — (W.C.B.X. — Estados Unidos) — A transferencia de lord Halifax do Foreign Office para a embaixada nesta capital põe em espectacular emphase no desejo dos inglezes de conquistar uma maior amizade dos Estados Unidos, e é tambem uma resposta ás advertencias que a Allemanha tem feito, calladamente, ao governo do presidente Roosevelt.

A diplomacia britannica, allemã, italiana e norte americana se encontra repentinamente, no plano internacional, evolucionando em torno de um mesmo problema: o dos navios.

A Grã-Bretanha suggere que lhe sejam entregues os navios do Eixo que se encontram em portos dos Estados Unidos, e Berlim e Roma advertem que essa transferencia será considerada um acto de belligerancia.

Nessas circumstancias, a nomeação de um ministro das Relações Exteriores para embaixador parece concretizar significativamente o pedido de auxilio.

Todas as declarações feitas em Londres, em synthese, resumem o assumpto da seguinte forma: a Grã-Bretanha necessita de mais navios e considera que os navios pertencentes ao Eixo, e que se encontram em portos dos Estados Unidos, são indicadissimos para esse effeito. Essa suggestão originou uma energica advertencia conjuncta da Allemanha e da Italia, condemnando a politica de pronunciamentos dos Estados Unidos, em geral.

BOAS FESTAS

Tiveram a gentileza de enviar cumprimentos de Boas-Festas e feliz entrada de Anno Novo, ao nosso bi-semanario, as seguintes pessoas:

Srs. Esron Menezes, funccionario aposentado; Armindo da Costa Rodrigues, delegado postal telegraphico, nesta cidade; Homero de Castro Taurinho, agente fiscal de Matto-Grosso; Ignacio de Castro e Silva, funccionario da Madeira-Mamoré.

—

Ao «Alto Madeira», na pessôa do seu diretor, meu presado amigo — Cincinato Ferreira — venho trazer os meus votos de feliz Natal e 1941 e bem assim os meus agradecimentos pela noticia que deu sobre o meu aniversario. Com um abraço de Leopoldo Cunha Mello. — Rio, 16-12-940.

=

Manáos, 24

Cincinato Ferreira — Redação «Alto Madeira» — Porto Velho, — Envio-lhe cumprimentos Boas Festas votos felicidades Novo Anno extensivos familia.

Ruy Araujo

=

Poços Caldas, 25

Cincinato Ferreira — Porto Velho — Boas Festas e felicidades no decorrer 1941. Abs.

Querub.

—

Manáos, Dezembro de 1940.

Cincinato Elias Ferreira — Porto Velho.

Moacyr de Miranda e familia desejam a V. Exc. e Exma. Familia boas festas e mil ventoras no decorrer de de 1941.

—

Manáos, Dezembro de 1940.

Cincinato Elias Ferreira — D.D. Diretor do jornal «Alto Madeira». Porto Velho.

Oscar Thephilo cumprimenta, desejando Boas Festas e muitas prosperidades no Ano Nevo.

A LENDA DE URUCUMACUAN

Não é de hoje que o ouro de Urucumacuan povoa os sonhos dos exploradores brasileiros que, em algum momento, se aventuraram na selva que se estendia pela divisa do Mato Grosso com a Bolívia. A incerteza sempre foi companheira desses aventureiros, já que a lenda não definia se tal tesouro existia como jazidas ou em possíveis ruínas de uma cidade cheia de riquezas, lar dos incas que escaparam de Francisco Pizarro, quando o explorador espanhol conquistou o Peru.

Um dos grandes mitos amazônicos, Urucumacuan vem de urucum (em tupi, vermelho) – semente que dá origem ao condimento e corante de cor brasa viva – e macuam, uma vibrante ave de cântico estridente. Juntos formam a expressão Urucumacuam, o pássaro de fogo que guardaria o Eldorado, na região que viria a ser parte do estado de Rondônia.

Os primeiros registros se referem à sua procura por bandeirantes e remontam ao século XVIII. Sem indicação precisa de sua localização, eles sustentavam que as minas se encontravam nas bacias dos rios Apediá (ou Apidiá) e Corumbiara. Sua presença nos aluviões do Rio Madeira foi citada, já no século XIX, por D'Alincourt e pelo historiador João Severiano da Fonseca, irmão do marechal Hermes da Fonseca.

O marechal Cândido Rondon, durante a construção da linha telegráfica de Cuiabá a Santo Antônio do Madeira, acreditou ter identificado a região onde estariam as minas de Urucumacuan. Conduzia então a famosa Comissão Rondon, que, de 1907 a 1915, abriu centenas de quilômetros de linhas telegráficas, em "terreno ignorado pelo mundo civilizado", como descreveu o sertanista em matéria publicada no jornal carioca "A noite".

O LIVRO QUE DEQUECH SONHOU

Foi para esta região, nos arredores de Vilhena, na Amazônia Ocidental, que, recém-chegado ao DNPM, Victor Dequech viajou para pesquisar a existência das minas de Urucumacuan. Tinha apenas 25 anos e havia acabado de se formar, quando chefiou a expedição. E nas duas viagens que fez ao território, entre 1941 e 1943, para executar os serviços para o qual foi contratado, viveu uma aventura épica nas profundezas da selva amazônica. O Dr. Victor Dequech, como era chamado por seus colaboradores, sempre

sonhou em transformar em livro essa experiência. Viveu por um bom tempo mergulhado em uma enorme quantidade de material, alinhavando o livro a partir dos registros diários da expedição. O primeiro ano da expedição foi resumido e separado em onze artigos, dos quais quatro foram publicados no jornal Alto Madeira, de Porto Velho, em duas oportunidades: dois deles em 1988 e os outros em 1993. Quanto ao segundo ano da expedição, 1942, Dequech não teve tempo de trabalhar o material para o sonhado livro.

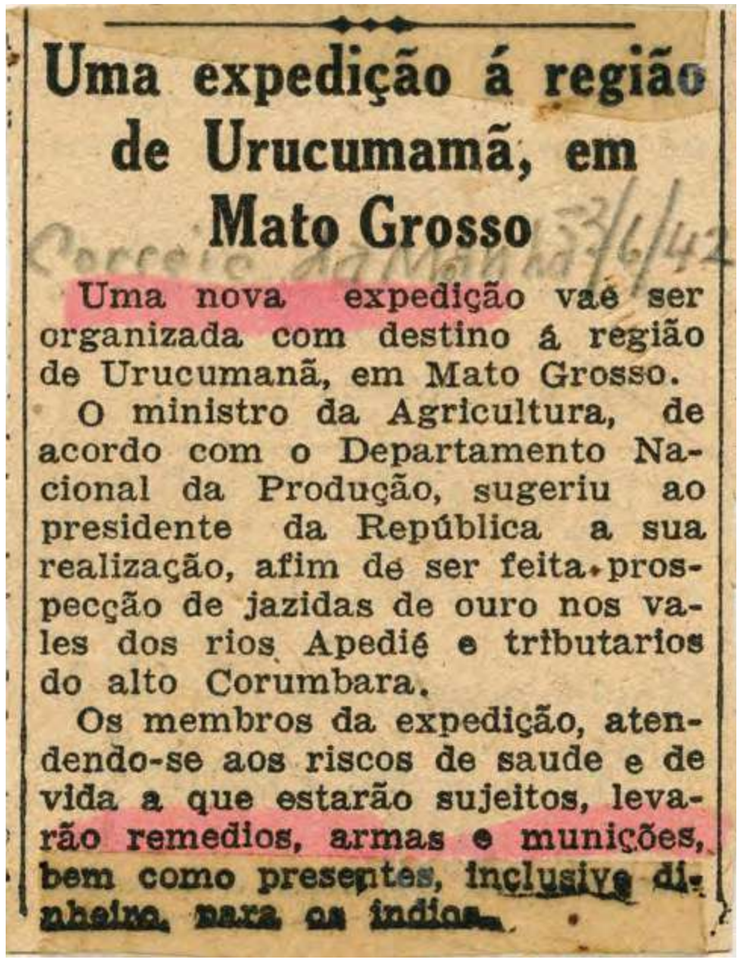
Seus diários são meticulosos, registrando cada acontecimento com olhos curiosos tanto nos aspectos técnicos — a geografia, as ocorrências minerais, os levantamentos geológicos — quanto os humanos e antropológicos. Além de seus diários de viagem, Dequech elaborou relatórios detalhados ao DNPM, cobrindo os dois anos de expedição.

Suas anotações cobriam as duas viagens da equipe. A primeira delas compreende o período de junho a setembro de 1941, quando os expedicionários seguiram pelo rio Corumbiara para chegar à Cascata XV de novembro, onde ficava o acampamento da expedição. Inclui ainda as passagens pelo Barranco Alto — antigo seringal que era ponto de apoio para a jornada — e as incursões à estação telegráfica de Pimenta Bueno. A segunda viagem teve início em 8 de setembro de 1942, partindo de Porto Velho e chegando a Barranco Alto em janeiro de 1943.

As anotações do expedicionário apresentam uma mata praticamente intocada, protegida por seus povos originários e na qual a caça é farta e a coleta produtiva. Refletem o pioneirismo de sua visão preservacionista, que se fortaleceu na relação com os indígenas durante a expedição — chamados por ele de "senhores da floresta", alguns se tornaram amigos para toda a vida. Sinal claro dessa atenção e cuidado está numa ordem dirigida pelo engenheiro aos outros membros da expedição. Se um deles sequer encostasse em uma mulher indígena, seria jogado cachoeira abaixo.

Os escritos de Dequech registram verdadeiras façanhas daqueles pioneiros, conduzindo batelões e canoas nas águas encachoeiradas do rio Pimenta Bueno, para buscar equipamentos e provisões ou abrindo picadas de vários quilômetros, medidos em podômetro pela mata fechada. Numa narrativa saborosa, os textos revelam lances pitorescos sobre a paisagem da região e os participantes da expedição, a fauna e a flora, os costumes indígenas, as grandes dificuldades e acidentes de percurso.

Eles mostram também as dificuldades burocráticas e barreiras logísticas que se interpõem entre a expedição e seus objetivos. Mais do que tudo, porém, as histórias contadas em parte nos artigos publicados no jornal rondoniense, e neste livro complementadas, comprovam o arrojo e a coragem de Dequech e seus companheiros nesta verdadeira aventura amazônica.



Uma expedição á região de Urucumamã, em Mato Grosso

Correio da Manhã 3/6/42

Uma nova expedição vaé ser organizada com destino á região de Urucumanã, em Mato Grosso.

O ministro da Agricultura, de acordo com o Departamento Nacional da Produção, sugeriu ao presidente da República a sua realização, afim de ser feita prospecção de jazidas de ouro nos vales dos rios Apedié e tributarios do alto Corumbara.

Os membros da expedição, atendendo-se aos riscos de saude e de vida a que estarão sujeitos, levarão remedios, armas e munições, bem como presentes, inclusive dinheiro, para os indios.

A EXPEDIÇÃO URUCUMACUAN

VICTOR DEQUECH
ENGENHEIRO-CHEFE
DA EXPEDIÇÃO

NARRADA POR
VICTOR DEQUECH,
SEGUNDO NOTAS DOS
DIÁRIOS DE VIAGEM,
1941 — 1943

Corrigida

CADERNETA Nº 1

5/4/1.941 -- PARTIDA DO RIO DE JANEIRO

7/4/1.941 -- SÃO PAULO À CORUMBÁ EM AVIÃO TRI-MOTOR DA CONDOR

8/4/1.941 -- CORUMBÁ - STA. CRUZ DE LA SIERRA EM AVIÃO TRI-MOTOR DO AÉRO LLOYD BOLLYIANO (IARUSSÚ)

10/4/1.941 -- STA. CRUZ DE LA SIERRA EM AVIÃO ANFÍBIO DO AÉRO LLOYD BOLIVIANO PARA TRINIDAD (AVIÃO MOXOS)

11/4/1.941 -- DE TRINIDAD PARA GUAJARÁ-MIRIM, BOLÍVIA, PELO MESMO AVIÃO

14/4/1.941 -- GUAJARÁ-MIRIM À PORTO VELHO PELO AUTOMOVEL DE LINHA (365KM)

4/5/1.941 -- GUAJARÁ-MIRIM AO RIO NOVO, IDA E VOLTA, 2 x 49 = 98 KM.

5/5/1.941 -- PORTO VELHO - GUAJARÁ-MIRIM (365 KM)

11/5/1.941 -- GUAJARÁ-MIRIM - PORTO VELHO (365 KM)

17/5/1.941 -- PORTO VELHO - JATUARANAS (FIM DA RODOVIA) 2 x 69 = 138 KM.

27/6/1.941 -- PORTO VELHO - GUAJARÁ-MIRIM (365 KM)

29/6/1.941 -- GUAJARÁ-MIRIM - FOZ DO CORUMBIARA, EM LANCHA VAPOR

9/7/1.941 -- FOZ DO CORUMBIARA AO BURITISAL

19/7/1.941 -- BURITISAL - BARRANCO ALTO

-*-*-*-*-*-*-*-*-*-*-*-*-

PRIMEIRA ETAPA

TRECHO:

PORTO VELHO -
FOZ DO RIO CORUMBIARA

Alto Madeira

CADERNO 2

Porto Velho, domingo 3,segunda-feira 4 de julho de 1988

EXPEDIÇÃO URUCUMACUAN

"A HISTÓRIA É UMA RESSURREIÇÃO" - Michelet

RESUMO que será desenvolvido, posteriormente, em uma série de artigos.

1ª PARTE DO RESUMO - TRECHO PORTO VELHO - FOZ DO RIO CORUMBIARA.

Segundo o historiador João Severiano da Fonseca, "Viagem ao Redor do Brasil", 1880, "as Minas de Ouro do Urucumacuan foram descobertas em 1754, para cuja exploração partiu no ano seguinte uma bandeira, - a mais bem preparada que tem visto estes sertões, - diz o Intendente do Ouro, Felippe José de Carvalho Nogueira, ... minas de cujo sitio se perdeu completamente a tradição". A razão do abandono das tentativas de localizá-las de imediato, se deveu à ferocidade dos índios da região, dizem os historiadores.

Rondon, durante a construção da Linha Te-

Nos últimos anos têm aparecido com certa frequência, em jornais e livros publicados na Rondônia, notícias sobre os trabalhos dessa Expedição, algumas vezes apresentadas de forma imprecisa, distorcida, e ainda com o nome errado de alguns participantes, naturalmente por serem narrativas baseadas exclusivamente na memória, que trai o historiador depois de quase meio século dos acontecimentos. Alguns dos que erraram são meus amigos; peço que me desculpem por corrigí-los, mas devo seguir o preceito "Amicus Plato, sed magis veritas" - sou amigo de Platão, porém mais ainda da verdade.

"A HISTÓRIA É UMA RESSURREIÇÃO"
Michelet

NASCIMENTO DE UMA EXPEDIÇÃO

Como já falado anteriormente, os artigos de Dequech para o jornal Alto Madeira foram baseados em suas cadernetas de viagem. O primeiro foi publicado na edição do dia 4 de julho de 1988, com o título: "Expedição Urucumacuan – Notas do diário de viagem de Victor Dequech, engenheiro-chefe da expedição", com fotos do próprio Dequech e do fotógrafo Murilo Abreu, antigo colega de Ouro Preto que integrava a equipe.

"Nos últimos anos têm aparecido com certa freqüência, em jornais e livros publicados na Rondônia, notícias sobre os trabalhos desta Expedição, algumas vezes apresentadas de forma imprecisa, distorcida, e ainda com o nome errado de alguns participantes, naturalmente por serem narrativas baseadas exclusivamente na memória, que trai o historiador depois de quase meio século dos acontecimentos. Alguns dos que erraram são meus amigos; peço que me desculpem por corrigi-los, mas devo seguir o preceito "Amicus Plato, sed magis veritas" — sou amigo de Platão, porém mais ainda da verdade.

Jamais fui consultado para dar meu depoimento, certamente porque, afastado de Rondônia por muitos anos, não era mais contado entre os vivos. Mas, felizmente, há ainda hoje, seis participantes vivos e lúcidos, sem contar cerca de dez índios, que ainda se lembram da movimentação da Expedição na área onde viviam naquela época, quando eram crianças ou adultos.

Por sugestão de amigos, sem pretender qualificar-me como escritor ou historiador, que não sou, resolvi, em uma série de artigos, apresentar os fatos tal como tenho registrado no arquivo completo sobre a Expedição, constante de uma coleção de cadernetas de anotações diárias da viagem, desde 5 de abril de 1941 até 1º de abril de 1943, com a descrição dos estudos geológicos e dos trabalhos de pesquisa de ouro e diamante, com mapas croquis dos levantamentos topográficos expeditos dos rios, varadouros e picadas, cópias dos diários de bordo das lanchas da Empresa de Navegação dos Rios Mamoré e Guaporé, uma coleção de fotografias dos trabalhos de aspectos da região e tribos indígenas, pastas de correspondências e telegramas trocados com o Dr. Glycon de Paiva, Diretor da D.F.P.M. — Divisão de Fomento da Produção Mineral do D.N.P.M, repartição à qual eu pertencia.

Pretendo, numa série de artigos futuros, fornecer os detalhes do que será aqui neste resumo apresentado de forma sucinta. Muitos fatos e pessoas que serão citadas merecem pesquisa mais ampla. Na expressão de Michelet, "só posso

limitar-me a apresentar certos esqueletos. Caberá aos historiadores cobri-los de carne e sangue".

As fotos que ilustraram a reportagem foram posteriormente doadas para a Secretaria de Cultura de Rondônia. Quase cinco décadas depois da expedição Urucumacuan, Dequech conservava inclusive as faturas e recibos das compras e demais despesas realizadas no trabalho em Rondônia, fato que fez questão de destacar no artigo.

"Guardo ainda uma cópia completa da prestação de contas da expedição, com as respectivas faturas dos bons preços da época e folhas de pagamento".

Os artigos destacam em especial a profunda convivência de Dequech com as tribos indígenas da região – cujos membros foram, em alguns momentos, suas únicas companhias na floresta. Nesse relacionamento, ele registrou a linguagem das principais tribos, suas canções, cerimônias e costumes.

"No contato com os índios em suas malocas e nas suas passagens por nosso acampamento, anotei nas cadernetas um dicionário das palavras mais comuns das três principais tribos da área percorrida, bem como tenho o registro do texto de algumas canções e também a descrição de algumas festas e costumes referentes a guerra, juramento de vingança, comemoração das pazes, festa da colheita, festa da maioridade (do homem, também conhecida como festa da palha do babaçu, pois o jovem passa a usar um laço no prepúcio feito com tira de palha), festa ou brincadeira da simulação do roubo, simulação de ataque, consulta dos espíritos, canções das cerimônias de antropofagia".

Não escapou ao atento observador nem mesmo a prática, entre os indígenas, de uma competição esportiva bem peculiar.

"Tenho também anotados os detalhes do esporte do jogo de bola somente com a cabeça, que os índios Salamãi chamam "Batiacá" e que Theodore Roosevelt, na sua viagem com o General Rondon, chamou de "head-ball". Nesse tipo de esporte cada participante aposta de início uma flecha; quando o time perdedor já não tem mais flechas, passa a apostar seus adornos — colares, brincos, botoques, faixas de algodão que usam nos braços e nas pernas etc. O jogo só termina depois de várias horas, quando o grupo perdedor está "pelado", sem mais nada para apostar. É esporte, mas também é jogo levado ao extremo da verdadeira 'pelada' ".

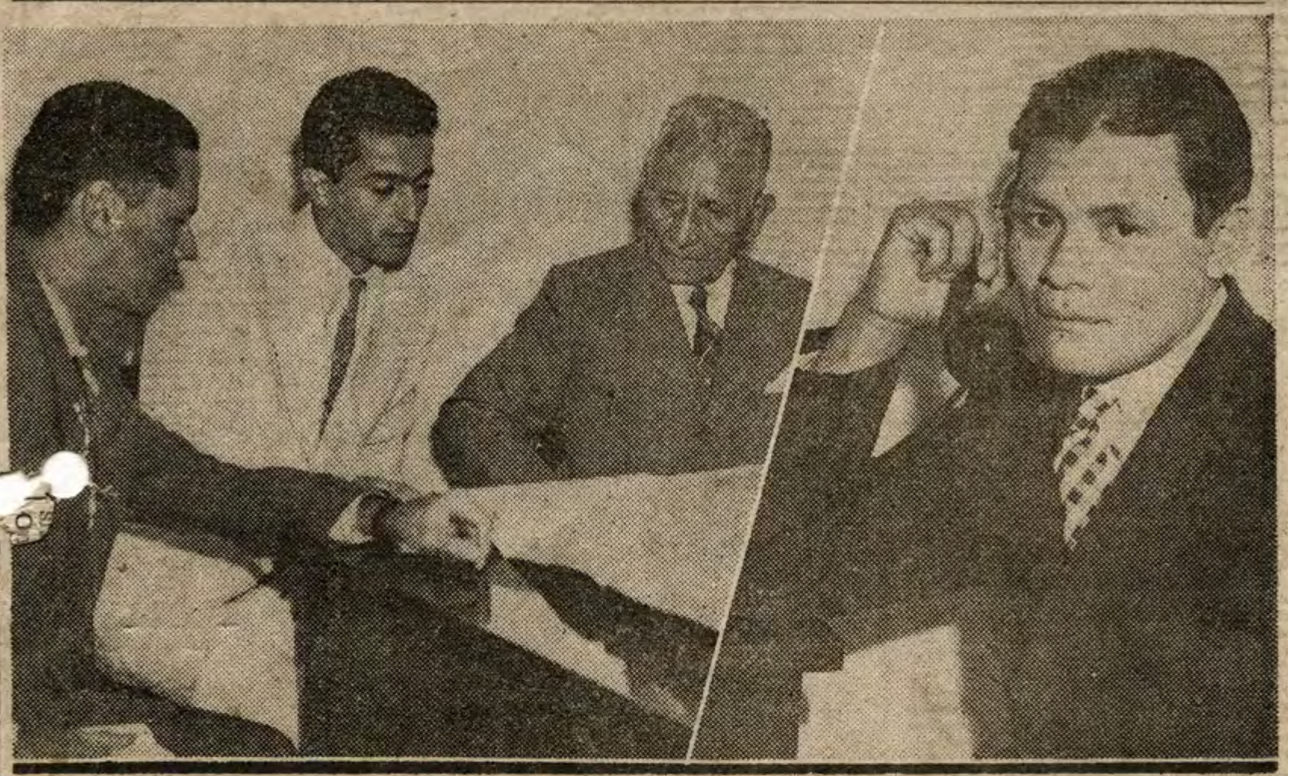
OURO EM ABUNDANCIA GUARDADO PELOS INDIOS!

DA 1.ª PAGINA
CONCLUSÃO

Mistério e lenda

Ouro em abundancia

Mas os indios não permitiram...



O general Rondon, em companhia do engenheiro Dequech, quando mostrava ao jornalista o mapa da região onde se encontram as minas de Urucumacuã. Ao lado, o indio Aucê Saruli que, tendo-se adaptado perfeitamente á vida dos homens civilizados, volta á selva, como guia da nova expedição

OURO EM ABUNDANCIA GUARDADO PELOS INDIOS!

Vai partir uma nova expedição rumo às minas lendarias de Urucumacuã

Insucesso de varias tentativas, desde os bandeirantes — Os resultados positivos de uma demorada pesquisa — Concedidos ao GLOBO, pelo general Rondon, palpitantes informes

As minas de ouro de Urucumacuã, que, no decorrer do século passado, foram motivo de infindaveis pesquisas, sempre inuteis, no sertão de Mato Grosso, até quedarem esquecidas, voltam a ser objeto de novas explorações. Já agora não se trata de verificar a existencia do precioso metal nas terras que o general Rondon redescobriu — se assim poderá dizer-se — no "hinterland" brasileiro. O que se pretende é estabelecer a capacidade das minas e se a sua exploração compensará os sacrificios, em homens e em material, que a projetada operação forçosamente acarretará.

Ainda há dias, O GLOBO divulgou a noticia da viagem de nova expedição para continuar o

RONDON, O MENTOR DA EXPEDIÇÃO

Para Dequech, não havia dúvida de que a expedição só existia porque o então General Rondon tinha certeza de que a região abrigava as lendárias jazidas.

"A ideia da organização de uma Expedição para estudar as minas do Urucumacuan surgiu com a referida convicção do General Rondon, quando construía a Linha Telegráfica, de ter identificado um local, que correspondia à descrição dos historiadores sobre a região do Urucumacuan".

Mas, observador implacável, já no primeiro artigo publicado no "Alto Madeira", o engenheiro destaca que o general tinha cometido um erro ao acreditar que a região de Vilhena abrigaria as minas de Urucumacuan. Na instalação das estações telegráficas, Rondon trabalhava naquela região, onde nascem diversos rios que correm para os rios Guaporé e Madeira, e outros em sentido contrário, no rumo das águas da bacia do Paraguai.

Segundo Dequech, o sertanista não levou em conta que João Severiano da Fonseca e outros historiadores localizavam as minas do Urucumacuan perto das origens do Jamari, Galera e Camararé. "As cabeceiras do Camararé, afluente do Juruena, distam 450 quilômetros das cabeceiras do Jamari e 150 quilômetros das cabeceiras do Galera, afluente do Guaporé!", observou Dequech.

Dequech deixa claro que Rondon não foi um pioneiro na construção de linhas telegráficas. Ele diz que o Brasil já tinha uma boa experiência acumulada no setor, que devia ser valorizada, já que, em Rondônia, "cultuava-se a memória do marechal sem mencionar seus mestres". Entre eles, o General Gomes Carneiro, engenheiro militar nascido no Serro, em Minas Gerais, e pelo qual Dequech tinha grande admiração.

"Em 1890, (o general Gomes Carneiro) foi nomeado pelo Presidente da República para construir 600 quilômetros de Linhas Telegráficas de Cuiabá ao Araguaia, passando por terras de Borôros e outros grupos indígenas, trabalhos dos quais Rondon, diplomado em Engenharia Militar em 1889, participou como Tenente, aprendendo com o Coronel Gomes Carneiro a construir Linhas Telegráficas e a tratar com as tribos indígenas encontradas durante os trabalhos... Gomes Carneiro proibia terminantemente que se hostilizassem os índios da região e não permitira nem que se atirasse para assustá-los. Em cartazes que ia mandando afixar ao longo da Linha Telegráfica, determinava: "Quem, agora em diante,

tentar matar ou afugentar os índios de suas legítimas terras, terá de responder por esse ato, perante a chefia desta Comissão"... este o mestre de Rondon que não deve ser esquecido"

CRENÇA NO OURO

Além de instalar linhas telegráficas, Rondon construiu estradas e linhas férreas, fundou povoados, mapeou o terreno e levantou informações sobre fauna e flora de regiões ainda praticamente desconhecidas. Uma verdadeira obra de colonização do Oeste brasileiro.

O então general estava convencido da existência das jazidas, que pensava ter localizado no rio Barão de Melgaço e cuja abundância de ouro daria para pagar a nossa dívida externa — uma preocupação que rondava o país desde a proclamação da República. Ele organizou então uma nova expedição ao local, sob a direção do engenheiro de Minas norte-americano Francisco Moritz.

Moritz tinha feito uma incursão anterior à região, em 1912, quando concluiu que as minas de Urucumacuan não existiam. Em uma segunda expedição ao Rio Madeira em 1913, ao contrário, relatou a existência de grandes quantidades de cascalho aurífero na região. Discrepância que, porém, tem explicação.

Segundo os artigos de Dequech para o jornal de Porto Velho, "em 1912, o General Rondon mandou chamar à sua presença o engenheiro de minas norte-americano Francisco Moritz, que propalava haver pesquisado as minas do Urucumacuan e concluído que eram uma fantasia do General, não existiam".

Descrito pelo marechal como um homem "alquebrado, cadavérico", visto com frequência embriagado nos bares de Porto Velho, mesmo assim Moritz foi contratado pela Comissão para fazer um estudo completo sobre uma região próxima à Estação Telegráfica de Vilhena.

"Seguindo as instruções de Rondon, Moritz percorreu o rio Apediá ou Pimenta Bueno, desde suas cabeceiras nas proximidades de Vilhena até a Cascata que denominou 15 de novembro, no período de 30 de setembro a 19 de dezembro de 1912, tendo apresentado um relatório das pesquisas, no qual menciona ter encontrado ouro em muitos lugares e até pepitas "do tamanho de um grão de arroz" — pura fantasia, pois os sedimentos de Vilhena não constituem ambiente geológico

favorável para conter ouro. Portanto, apresentou um relatório falso, que ao que parece não foi escrito por incompetência, mas para agradar ao General".

Como se vê em seu texto, já naquela época Dequech era um questionador do monopólio estatal sobre as reservas minerais.

"Rondon, no entanto, estava realmente convencido da existência das jazidas de ouro. Encaminhou então o relatório de Moritz ao Presidente Hermes da Fonseca, propondo que o Estado a explorasse. Mas o Presidente Hermes, numa lição válida até para os dias de hoje, opinou que o estado não devia tomar a si a exploração das minas, mas deixá-las para empresas particulares. Algumas pretenderam se organizar, mas com a chegada da Guerra Mundial de 1914, a ideia não foi adiante e ficou arquivada por muitos anos".

Em 1938, o Major Aluizio Pinheiro Ferreira, então diretor da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, apresentou ao presidente Vargas um plano para exploração do ouro no rio Pimenta Bueno, ou Apediá. No relatório, Ferreira sugere inclusive que o Governo Federal custeie a expedição e, posteriormente, exija "dos exploradores o pagamento dos empréstimos feitos em ouro metal".

Rondon seria a pessoa mais talhada para investigar as jazidas, pois conhecia como ninguém a região. Ele voltara, em 1939, à direção do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), criado em 1910 e do qual fora o primeiro diretor. Só havia um entrave: ele havia sido preso pelas tropas de Getúlio na fronteira de Santa Catarina com Rio Grande do Sul. Para promover a paz entre Rondon e o presidente, dois militares tiveram que fazer uma pequena engenharia, assim descrita por Dequech:

"Precisando do General Rondon, desbravador do Oeste, e para reconciliá-lo com Getúlio, o Diretor de Engenharia do Exército, General Gomes Sampaio, e o General Manoel Rabello, resolveram nomear uma Comissão para organizar uma Expedição ao Urucumacuan, com a participação de Rondon (houve quem afirmasse que pesou na reconciliação o fato de Getúlio mandar pagar ao General Rondon mil contos de reis de diárias atrasadas referentes ao período de construção da Linha Telegráfica Cuiabá-Santo Antônio. Vê-se que vem de longe esse hábito das Repartições Públicas pagarem diárias aos que ficam na sede, não sobrando depois recursos para aqueles que estiverem trabalhando no campo).

O PLANEJAMENTO DA EXPEDIÇÃO

A história da expedição começa um ano antes de Dequech fazer as malas. Ela foi criada em 1940, com o nome oficial de "Comissão para o Estudo das Jazidas Auríferas do Urucumacuan", ou mais simplesmente "Comissão de Estudos do Urucumacuan". Teve como primeiro chefe o engenheiro de minas do DNPM, Alderico Rodrigues de Paula, que, ao adoecer em Porto Velho, acabou deixando a missão. O início da expedição foi então adiado para 1941, perdendo importantes quadros, como aponta Dequech.

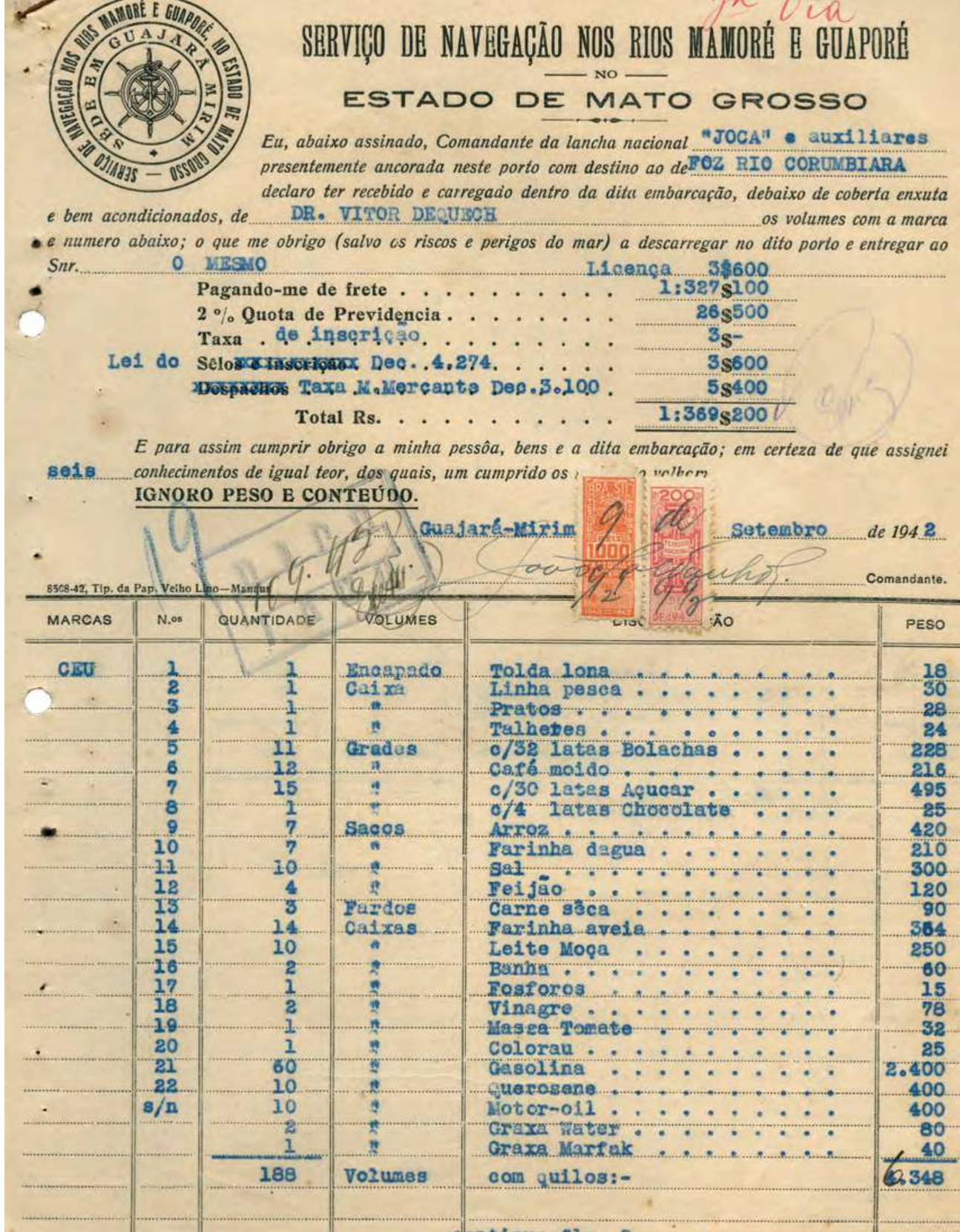
"É oportuno lembrar que essa prospecção foi chefiada pelo mais experiente geólogo em trabalhos na Amazônia em todos os tempos — Pedro de Moura, o qual mais tarde, dirigiu com toda a eficiência o Conselho Nacional do Petróleo".

Já em 1938, o Capitão Aluízio Ferreira calculou a despesa com a expedição em 500.000 contos de réis. Com sua experiência em serviços na mata, adiantou algumas ações, utilizando parte dos recursos da Comissão. Mandou um grupo de mateiros para subir o rio Machado até a Estação Telegráfica de Pimenta Bueno e dali pelo rio Pimenta Bueno ou Apediá, como o chamavam os indígenas Salamãi, até a Cascata 15 de Novembro – escolhida para futura base de operações e assim descrita por Dequech:

"Ali construíram alguns barracões de paxiúba cobertos de palha, além de plantar alguma rocha em torno e fazer a limpeza do varadouro utilizado antigamente pelos seringueiros de Américo Casara, ligando a Cascata à sede do seu Seringal em Barranco Alto, às margens do Corumbiara — varadouro que seria muito útil para os trabalhos futuros".

Naquele momento, o engenheiro sequer sonhava que iria para a Amazônia. Só dois anos depois, aos 25 anos, ele iniciaria sua trajetória no serviço público ao ingressar no DPFM, na seção de Prospeção Científica. Era um setor que utilizava equipamento europeu, especialmente da Alemanha e Holanda e, como tal, impossível de importar em plena segunda guerra mundial. Quando soube que precisavam de alguém para a expedição de Urucumacuan, Dequech imediatamente se interessou.

"Percebi que os trabalhos daquela seção estavam condenados à paralisação. Como eu sempre quis conhecer o Brasil, vi uma oportunidade de conhecer a Amazônia e apresentei-me ao Dr. Glycon, diretor da minha repartição, oferecendo-me para ir a Rondônia, com o que ele imediatamente concordou".



SERVIÇO DE NAVEGAÇÃO NOS RIOS MAMORÉ E GUAPORÉ
— NO —
ESTADO DE MATO GROSSO

SERVIÇO DE NAVEGAÇÃO NOS RIOS MAMORÉ E GUAPORÉ, NO ESTADO DE MATO GROSSO — SEDE EM GUAJARÁ MIRIM

2ª Via

Eu, abaixo assinado, Comandante da lancha nacional "JOCA" e auxiliares presentemente ancorada neste porto com destino ao de FOZ RIO CORUMBIARA declaro ter recebido e carregado dentro da dita embarcação, debaixo de coberta enxuta e bem acondicionados, de DR. VITOR DEQUECH os volumes com a marca e numero abaixo; o que me obrigo (salvo os riscos e perigos do mar) a descarregar no dito porto e entregar ao Snr. O MESMO

Licença	3$600
Pagando-me de frete	1:327$100
2 °/o Quota de Previdencia	26$500
Taxa de inscrição	3$-
Lei do Sêlos ~~de inscrição~~ Dec. 4.274	3$600
~~Despachos~~ Taxa M.Mercante Dec.3.100	5$400
Total Rs.	1:369$200

E para assim cumprir obrigo a minha pessôa, bens e a dita embarcação; em certeza de que assignei seis conhecimentos de igual teor, dos quais, um cumprido os outros valerão.

IGNORO PESO E CONTEÚDO.

Guajará-Mirim 9 de Setembro de 1942

João [illegible] Comandante.

8508-42, Tip. da Pap. Velho Lino—Manaus

MARCAS	N.os	QUANTIDADE	VOLUMES	DISCRIÇÃO	PESO
CEU	1	1	Encapado	Tolda lona	18
	2	1	Caixa	Linha pesca	30
	3	1	"	Pratos	28
	4	1	"	Talheres	24
	5	11	Grades	c/32 latas Bolachas	228
	6	12	"	Café moido	216
	7	15	"	c/30 latas Açucar	495
	8	1	"	c/4 latas Chocolate	25
	9	7	Sacos	Arroz	420
	10	7	"	Farinha dagua	210
	11	10	"	Sal	300
	12	4	"	Feijão	120
	13	3	Fardos	Carne sêca	90
	14	14	Caixas	Farinha aveia	364
	15	10	"	Leite Moça	250
	16	2	"	Banha	60
	17	1	"	Fosforos	15
	18	2	"	Vinagre	78
	19	1	"	Masca Tomate	32
	20	1	"	Colorau	25
	21	60	"	Gasolina	2.400
	22	10	"	Querosene	400
	s/n	10	"	Motor-oil	400
		2	"	Graxa Water	80
		1	"	Graxa Marfak	40
		188	Volumes	com quilos:-	6.348

Comunicado, o general Rondon ficou muito satisfeito e chamou o jovem engenheiro à sede do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), na Avenida Graça Aranha, no Rio, para receber as primeiras instruções. Dequech foi apresentado ao ministro da Agricultura, Fernando Costa, que teve o cuidado de alertar o jovem engenheiro sobre os perigos da região, em especial da malária, que havia acometido um filho seu em Corumbá. Mas, para esta, já existia no país a atebrina, precursora bastante tóxica da cloroquina.

Anos depois, no relatório encaminhado ao departamento no final da expedição, Dequech frisou que nenhum dos 40 homens e indígenas que o acompanharam pegou malária na região. "Estou certo de que o trabalhador que usar sempre quinino ou atebrina como preventivo, nunca perderá um dia de serviço por febre", registrou.

Dali Dequech foi a Diamantina, visitar os principais garimpos de Minas e contratar três garimpeiros que fossem bons batedores de ouro e diamantes. Os garimpeiros embarcaram na frente, no navio Raul Soares, para Belém, de onde continuariam em navio-gaiola para Porto Velho. O restante da equipe iria posteriormente de avião. Do DNPM, seguiriam com Dequech o sondador Clóvis Gelóski e o geólogo Raimundo Nonato Gomes.

O ministro garantiu que não faltariam recursos para os trabalhos. O encontro entre os dois deu primeira página no jornal O Globo e o resto é história. A nova expedição, com Dequech à frente de 30 homens, saiu do Rio de Janeiro em 5 de abril de 1941.

SUSTO BOLIVIANO

A viagem foi extenuante. Pista de pouso no Brasil, só no Rio de Janeiro e em São Paulo; já o restante do litoral era servido por hidroaviões, como também a Amazônia. Como não havia linha ou companhia que fizesse a ligação entre Manaus e Porto Velho, o grupo teve que ir pela Bolívia.

No dia 7, eles chegaram a Corumbá, em um avião trimotor da Condor, que depois se tornaria Cruzeiro do Sul. De lá, foram para Santa Cruz de la Sierra, em uma aeronave do Aero Lloyd Boliviano. Partiram de Santa Cruz no dia 8 em um avião anfíbio e chegaram no dia 10 em Trinidad. Dali, seguiram para Puerto Sucre ou Guayaramerin/Guajará-Mirim no mesmo avião.

"O avião descia em Santa Cruz de la Sierra e ficava um dia. No outro, tinha que pegar um avião para Trinidad. No aeroporto, não vi movimento de avião nenhum. Aí eu vi um lugar escrito "informacion". Então eu fui lá: "por favore, a que hora lhega lo avion para Trinidad? Aí ela falou: a que hora? Lhega quando pode. E quando sai? Sai em seguida..."
(Vitor Dequech, em entrevista à Fiemg)

A passagem por território boliviano com mapas, cadernetas de anotações e máquinas fotográficas quase colocou os membros da expedição na cadeia, suspeitos de serem espiões do Eixo pela polícia de Guajará-Mirim. Passada a confusão, os relatos de Dequech sobejam bom humor. Segundo ele, a explicação para o equívoco estaria no fato de que um deles, Raimundo Nonato, era um cearense com cara de japonês e o outro, o gaúcho Clóvis Velóskis, passava fácil por alemão. Já ele, Dequech, só podia ser o italiano — e estaria formado o Eixo.

O problema só foi resolvido graças à ajuda do Representante Diplomático Brasileiro em Guajará-mirim Rui Barreto, pretendente de uma das filhas do General Rondon. Anos depois, quando dava seu depoimento à Fiemg, Dequech disse que os militares bolivianos se desmancharam em desculpas quanto ao transtorno — "ustede entendies, ai que tener cuidados com os espiones, os alemanes". Ele alegou, porém, que um dos mapas apreendidos era o Castiglione, disponível em todas as escolas primárias do Brasil. E, ironicamente, ofereceu-se para doar o mapa ao estado-maior do exército boliviano.

"O Coronel Paulo Saldanha já tinha um barco a motor à nossa espera; atravessamos o rio para Guajará-Mirim, onde fomos instalados no alojamento, onde estava o piloto Harro Cyranka, da Condor, que mantinha uma linha com pequeno hidroavião de Guajará-mirim para o Acre. O comandante Cyranka, com quem fizemos boa camaradagem na época, tornou-se depois um dos mais famosos pilotos de aviação brasileira, não só pela perícia como por ter resistido, certa vez, aos sequestradores que invadiram seu avião".

De Guajará-Mirim, eles seguiram para Porto Velho. Foram mais 365 quilômetros em automóvel de linha — um veículo ferroviário. Chegaram no dia 14 de abril, ou seja, uma semana de viagem do Rio até a cidade mais populosa daquela região que, até então, pertencia aos estados do Amazonas e do Mato Grosso. Viria a se tornar Território do Guaporé em setembro de 1943 e, finalmente, Rondônia, em homenagem ao marechal, no ano de 1956.

CARGA PESADA

Em Porto Velho, Dequech se encontrou com o Major Aluizio Ferreira para discutir o programa de trabalho. “Era quem resolvia tudo nesta região; era impossível conduzir qualquer trabalho da natureza do nosso, sem ajuda de sua estrutura e apoio e o Major não media esforços nem sacrifícios para ajudar. Naquela época, tão longe do Governo Central e seus burocratas, era bom poder contar com quem tinha larga experiência de campanhas na mata”, registrou Dequech. O Major tornou-se, em 1943, o primeiro governador do Território Federal do Guaporé.

Para explorar uma região tão inóspita, Dequech levava com ele apenas três mapas preparados pelo Major Aluísio e pelo próprio General Rondon. Um índio que veio jovem da região com Rondon, Aussê Assaruri ou José Aucê, foi designado para acompanhar a expedição como guia. “Conhecia a mata, os índios e, por isso foi de extrema utilidade”, apontou Dequech no documentário de Bertagna. “Ele indicou uma área e ali é que nós fomos pesquisar”.

O INÍCIO QUE NUNCA COMEÇAVA

Quando chegou em Porto Velho, em maio de 1941, Dequech ficou aguardando os recursos prometidos para financiar a expedição. Em 01 de junho, um telegrama do General Rondon endereçado ao “Oficial Dr. Victor Dequech”, em Porto Velho, dava conta de que ainda não tinha condição de enviar o “numerário”, mas fazia questão de confirmar que o crédito estava garantido e seria enviado a tempo.

Em entrevista anos depois, Victor se lembrava do impasse: “Foi complicado. A verba não chegava, faltava material para a expedição...” A equipe acabou embarcando no dia 27 de junho de Porto Velho para Guajará-Mirim, pela Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. E, no dia 29 de junho de 1941, às 9:30 horas da manhã, partiu de Guajará-Mirim na lancha Emma, da Empresa de Navegação nos rios Mamoré e Guaporé, para a foz do Corumbiara.

Além de Dequech e Murilo Abreu, seguiam com a expedição o médico Ari Tupynambá Pinheiro, o engenheiro Raimundo Nonato Gomes, o sondador Clóvis Geloski, o intérprete do SPI José Aucê, o primeiro radiotelegrafista Francisco Rodrigues de Moura, o segundo radiotelegrafista Cabo Luiz Bentes,

o motorista Manoel Bento de Farias, os garimpeiros José Gomes, Augusto Olegário da Silva e Daniel Soares Rocha (que vieram de Diamantina), o cozinheiro Antônio Costa Lima, o enfermeiro Manuel Nunes Monteiro e os mateiros Expedito Passos e Antônio Mulatinho da Silva.

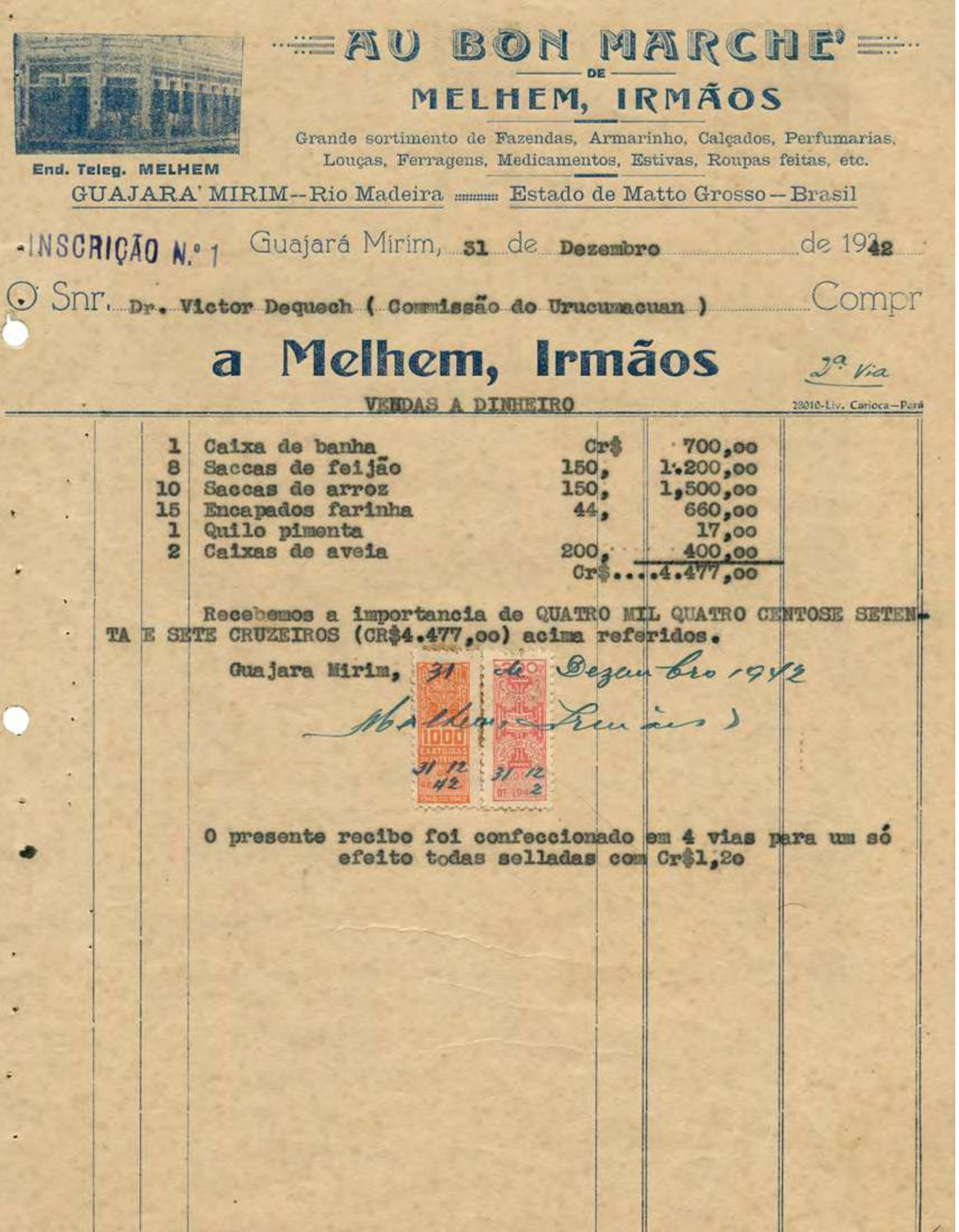
O restante dos mateiros contratados tinha já seguido pelo rio Machado, “acompanhando a carga pesada, para ajudarem nos transbordos nas cachoeiras”, explicou Dequech em relatório enviado ao DNPM. Mas até chegar ao início da viagem propriamente dita, o caminho foi longo.

O plano elaborado em Porto Velho com o Major Aluízio previa a remessa da carga pelo rio Machado, de Calama — um distrito de Porto Velho na foz do Rio Ji-Paraná — até a Estação Telegráfica de Pimenta Bueno e dali pelo encachoeirado rio do mesmo nome até o acampamento-base da Cascata. No caso, a carga pesada, em especial sondas e outros equipamentos, que vinham do Rio por via marítima até Belém e depois por via fluvial até Manaus e Calama. Dali seguiriam também ferramentas, armas, munição, mantimentos e medicamentos, que seriam comprados em Manaus.

Toda a carga seria dividida em volumes de, no máximo, 30 quilos, para possibilitar o transporte nas costas do pessoal pelos diversos varadouros de contorno das cachoeiras dos rios Machado e Pimenta Bueno. Estes varadouros eram caminhos abertos na mata, usados por pessoas e também pelas embarcações que, quando encalhavam, tinham que ser arrastadas vazias. O mesmo acontecia quando era necessário “dar a volta” nas cachoeiras.

Como descreveu meticulosamente Dequech, os mantimentos como feijão, arroz, sal, charque, farinha, foram embalados e protegidos em sacos de 30 quilos, com duas capas; bolachas, café, açúcar, banha, por sua vez, foram acondicionados em latas com tampa de solda contínua à prova d’água.

“Os engenheiros, médicos, sondadores e mateiros, bem como uma quantidade de mantimentos suficientes para a viagem até a Cascata, além do motor de popa, aparelho transmissor e receptor de rádio e respectivo gerador, seguiriam pela Estrada de Ferro até Guajará-Mirim, onde embarcariam em lancha fretada da “Empresa de Navegação dos Rios Mamoré e Guaporé” até a foz do Corumbiara. Dali, em batelões a motor e canoas, subindo o Corumbiara atingiriam Barranco Alto, onde, por varadouro de 100 quilômetros, seguiriam por terra até o acampamento-base da Cascata”.



AU BON MARCHE'
DE
MELHEM, IRMÃOS

Grande sortimento de Fazendas, Armarinho, Calçados, Perfumarias, Louças, Ferragens, Medicamentos, Estivas, Roupas feitas, etc.

End. Teleg. MELHEM

GUAJARA' MIRIM—Rio Madeira ..... Estado de Matto Grosso—Brasil

INSCRIÇÃO N.º 1 Guajará Mirim, 31 de Dezembro de 1942

Snr. Dr. Victor Dequech (Commissão do Urucumacuan) Compr

a Melhem, Irmãos

1ª Via

VENDAS A DINHEIRO

28010-Liv. Carioca—Pará

1	Caixa de banha	Cr$	700,oo
8	Saccas de feijão	150,	1.200,oo
10	Saccas de arroz	150,	1,500,oo
15	Encapados farinha	44,	660,oo
1	Quilo pimenta		17,oo
2	Caixas de aveia	200,	400,oo
		Cr$....	4.477,oo

Recebemos a importancia de QUATRO MIL QUATRO CENTOSE SETENTA E SETE CRUZEIROS (CR$4.477,oo) acima referidos.

Guajara Mirim, 31 de Dezembro 1942

Melhem Irmãos

O presente recibo foi confeccionado em 4 vias para um só efeito todas selladas com Cr$1,2o

A CONTABILIDADE "CRIATIVA"

Tudo certo, mas e o dinheiro? Ainda em seu primeiro artigo para o jornal Alto Madeira, Dequech revela que tanto o Departamento Nacional da Produção Mineral – DNPM, como o Serviço de Proteção aos Índios – SPI, não tinham muito poder dentro da estrutura estatal.

"Eram repartições sem prestígio dentro do Ministério da Agricultura, ao qual pertenciam tratados como filhos enjeitados e incômodos".

Para agravar a situação, sumiu parte da verba encaminhada ao engenheiro Alderico, o primeiro chefe da expedição. Ele garantia que estava tudo comprado e pago em Manaus e, como tal, o General Rondon e o Diretor do DNPM cobravam de Dequech a contratação imediata dos mateiros e a partida para a área das pesquisas, aproveitando a estação seca.

Só que não era bem assim. Trocando telegramas com as firmas fornecedoras, Dequech constatou que nada tinha sido pago e, consequentemente, a mercadoria permanecia nas prateleiras em Manaus. Carga nenhuma tinha chegado ao acampamento e os mateiros já contratados estavam sem provisões, além de preocupados com as famílias, que ficaram em Porto Velho sem dinheiro. Eleutério Silva, o "Bahia", que o Major Aluizio tinha mandado no ano anterior para preparar o acampamento-base, telegrafou dizendo que não havia chegado nenhuma carga e os mantimentos já estavam no fim.

"Estava impaciente, desejando seguir logo e executar o trabalho, mas já tinha experiência bastante para somente viajar com tudo bem organizado, e para isso, tinha que permanecer na cidade, ao lado do telégrafo. Depois de enfiado na mata ninguém mais lembraria de nós e todos os problemas se agravariam".

Enquanto isso, além de mentir sobre a contabilidade da expedição, o engenheiro Alderico continuava ligado à Comissão, pelo menos no papel, já que estava no Rio de Janeiro. Tal embuste lhe permitia receber, em plena cidade maravilhosa, a gratificação especial destinada a engenheiros e médicos que trabalhassem na distante Rondônia. Na entrevista concedida à Fiemg em 2004, Dequech não economizou impropérios contra o seu antecessor.

"Era um sujeito miserável... (sobre pessoas como ele) tinha um crítico lá da minha terra que dizia: em vez de usar papel higiênico, ele usava confete e aproveitava os dois lados".

Descobertas as artimanhas de Alderico, o diretor da DFPM afastou-o da Comissão e utilizou o saldo dos recursos para pagar os mantimentos de Manaus e o frete de Calama. Dequech, de substituto, passou a ser o chefe "de fato" da Comissão e a movimentar em Porto Velho todos os fundos que fossem destinados à empreitada.

Enquanto se resolviam esses problemas financeiros, Dequech aproveitou o tempo para prestar uma consultoria técnica, atendendo a pedidos do Major Aluízio. Visitou a Olaria de Porto Velho e o serviço de captação de água para o abastecimento da Cidade, além de fazer alguns estudos geológicos nas imediações da cidade. A Rodovia Porto Velho-Cuiabá estava sendo construída e, no quilômetro 49, se localizava o "Buraco da Fumaça", uma gruta de canga, às margens do rio Novo. Ele fez ainda estudos na região da Cachoeira do Samuel, onde haveria uma areia escura contendo Cério, o que não se confirmou nas análises do DNPM.

"Visitei com o Sr. Lourival Ferreira a Rodovia Porto Velho-Cuiabá, que, naquele tempo, já estava sendo construída, cabendo à administração de Porto Velho o trecho Porto Velho Vilhena; era uma estrada de terra, revestida com canga, já havendo 70 km construídos de Porto Velho a Jatuarana, passando pela Cachoeira do Samuel onde havia a Vila S. Samuel, já em franca decadência. A travessia dos rios era feita em balsas. De Cuiabá para Vilhena, a estrada era construída por uma Companhia do Batalhão de Engenharia do Exército, sob o comando do Capitão Brasil; o trecho concluído atingia Rosário do Oeste, a cerca de 100 km de Cuiabá.

Na Cachoeira de Samuel o transbordo da carga de um lado para o outro era feito por uma via férrea de 300 metros, equipada com guincho; e também por um caminhão, que utilizavam um pequeno trecho de estrada ligando os dois extremos da Cachoeira. Essa instalação era de propriedade do Seringalista Coronel Arruda, que, nos tempos áureos da borracha, segundo os comentários dos historiadores, era tratado em Paris por "Monsieur le Baron d'Arrudá".

ADERENTES DE ÚLTIMA HORA

Nesse intervalo, finalmente foram sanados os problemas com as verbas. Os recursos complementares foram remetidos do Rio e, com eles, foi possível pagar as mercadorias e fretes, contratar mateiros, fornecer os adiantamentos às famílias da turma que estava na mata desde 1940 e pôr em marcha a expedição.

Não sem antes resolver o problema dos "aderentes", que, segundo Dequech, planejavam utilizar a estrutura da Comissão para executar os projetos mais absurdos. Um deles era trazer para a expedição o Capitão Waldemar Soares de Lima, com vinte soldados e alguns planos mirabolantes: ora construiriam um campo de aviação, ora uma linha telefônica das "minas" à Cascata 15 de Novembro, ora uma estrada das "minas" a Vilhena. Uma coleção de bizarrices que deixaram Dequech indignado.

"Nossos recursos de transporte por terra ou por água, as quantidades de mantimentos, sua distribuição nas áreas dos trabalhos e outros detalhes estavam programados na medida necessária aos trabalhos de pesquisa, que nem tinham sido começados. Estávamos a um mês de viagem da área de trabalho, e já havia gente sonhando em fundar uma cidade no local das "minas", com todo conforto. Pois se já "sabiam" onde estavam as "minas", a Expedição não tinha mais nada a fazer".

Ao final, apenas o Capitão Waldemar acompanhou a equipe até o Corumbiara e a Cascata, de onde voltou em seguida sem maiores explicações sobre sua possível missão. Feitas as compras, no comércio de Porto Velho, dos comestíveis, combustíveis, etc necessários para a viagem pelo Guaporé, e contratados os mateiros, a expedição saiu no dia 27 de junho de 1941 de Porto Velho para Guajará-mirim pela Estrada de Ferro Madeira Mamoré.

O COMEÇO DA VIAGEM, DE FATO

No dia 29 de junho, às 9h30 da manhã, a equipe embarcou em Guajará-Mirim na lancha "Emma", da Empresa de Navegação nos rios Mamoré e Guaporé, para seguir rumo à foz do Corumbiara. Seguindo a "derrota da viagem" (o roteiro, segundo o jargão naútico), a lancha fez dez paradas para se abastecer de lenha, que normalmente esperava empilhada nas barrancas do rio e não levava mais do que 50 minutos para ser carregada. Mas nem sempre o processo era assim tão fácil. Na baía das Onças, foi necessário aproveitar a madeira de um velho barracão abandonado para completar a pequena pilha de lenha encontrada no porto. Em Conceição, por falta de lenha, a tripulação teve que entrar na mata de machado e trabalhar durante quatro horas para abastecer a lancha. Nem tudo, porém, era apuro ou obstáculo, como descreve Dequech:

"A viagem da lancha pelo Mamoré e Guaporé é muito agradável. Nas paradas da lancha para se abastecer de lenha, alguns tripulantes e passageiros aproveitavam para ir arpoar algum tracajá, ou tarrafear peixes, além de caçar patos selvagens,

que têm carne muito saborosa. Mas nessas paradas os pernilongos atacavam os passageiros, e a gente só se livrava deles quando a lancha estava em movimento".

O comandante era João Saldanha, sobrinho do Coronel Saldanha, e grande contador de histórias engraçadas, quase sempre relacionadas com sua vivência na fronteira Brasil-Bolívia. O comandante João Saldanha e seu irmão, comandante Paulo Saldanha, com igual experiência, se incumbiam das viagens das lanchas da Empresa de Navegação entre Guajará Mirim e Vila Bela".

É visível a admiração do jovem engenheiro por todos aqueles que, de alguma forma, se envolviam nas aventuras amazônicas, desbravando aquele território praticamente desconhecido e ampliando as fronteiras brasileiras.

"Na passagem pelo Forte Príncipe da Beira, cruzamos com a lancha comandada pelo Paulo Saldanha, que vinha de baixada. Demoramos em visita ao Forte, obra muito bem descrita por Severiano da Fonseca, que impressiona o visitante. Fica-se pensando na fibra desses militares portugueses, que recebem uma ordem de construir um forte nos confins do Brasil, enfrentando todo tipo de dificuldade que nunca poderiam prever, trabalham arduamente, durante alguns anos, e entregam a obra pronta, missão cumprida, como se fosse uma incumbência militar de rotina".

Quando o sol não estava quente, muitos passageiros iam para o toldo da lancha se refrescar, ou, de noite, para apreciar o céu estrelado. Dequech ressalta um hábito dos passageiros, que hoje pareceria estranho e pouco civilizado: alguns deles levavam rifles para atirar em jacarés, "somente pelo prazer de vê-los virar de barriga amarela para cima, sangrando, quando atingidos mortalmente. Naquele tempo ninguém se preocupava com a preservação da fauna", registrou, revelando preocupações ambientalistas já na década de 80 do século passado, quando foram escritos os artigos para o jornal de Porto Velho.

"Quando surgia uma praia favorável, ia-se colher ovos de tracajá, apertando com o calcanhar nos lugares suspeitos. Se a areia cedia, ali havia uma ninhada, em geral em torno de 35 ovos em cada postura. Em geral fazia-se com os ovos o "mujangué" um quebra-jejum muito apreciado. À noite, retirava-se a mesa do salão e eram armadas as redes com mosqueteiros, para dormir. Na Ilha das Flores, a lancha fez grande abastecimento de carne de boi e queijos, da Fazenda do Coronel Saldanha. Naquela época, a produção de poaia ou ipecacuanha, da qual se extrai a Emetina, era de 3 toneladas no rio Guaporé, vendidas em Guajará-mirim".

PRONTOS PARA PARTIR

No dia 8 de julho de 1941, ao anoitecer, a lancha chegou à boca do rio Corumbiara. Ali Dequech e sua equipe encontraram Giácomo Casara, cujo pai, Américo Casara, na época já falecido, tinha desbravado os rios Corumbiara e Pimenta Bueno, a partir de 1913. "A vida de lutas de Américo Casara merece um livro", anotou um impressionado Dequech em suas cadernetas. A admiração pelas proezas extraordinárias do italiano na selva amazônica o acompanharia por toda a vida.

Por volta das 5 horas da manhã do dia seguinte todos já estavam de pé, cuidando de transferir a carga da lancha para embarcações cedidas por Giácomo. A equipe subiria o Corumbiara em um batelão, barco com pouco calado, próprio para levar carga pesada em águas rasas. Este tinha 5 toneladas e era impulsionado por um motor de popa Motogodyle de 8 cavalos, que puxaria "no chicote" (com cordas) um batelão menor de 2 toneladas e mais duas canoas de 500 quilos.

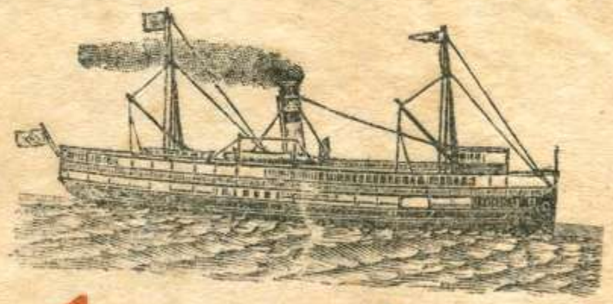
"Fizemos uma rápida calafetagem de alguns furos do batelão grande e carregamos o conjunto de embarcações com parte dos mantimentos, combustível, o receptor e o transmissor de rádio com respectivo gerador de corrente, e mais o pessoal com suas bagagens. A maior parte da carga foi armazenada num depósito junto a casa do Sr. Amador Nery, morador na foz do Corumbiara, para ser transportada para Barranco Alto em viagens futuras dos batelões e canoas".

Às 10 horas da manhã, com tudo pronto, eles começaram a subida do Corumbiara. As dificuldades do trajeto já se revelavam. O mateiro e também enfermeiro Expedito Passos tinha uma febre que preocupava o Doutor Ari. O batelão estava carregado ao máximo e, de duas em duas horas, os homens tinham que esgotar o porão da proa e da popa com latas de 20 litros. Começava ali, no dia 9 de julho de 1941, a parte mais difícil da viagem, registrou Dequech ao final do primeiro artigo para o jornal rondoniense.

"O batelão e as canoas não tinham toldo, somente lona para cobrir a carga. Viajávamos ao sol e à chuva porque o Corumbiara tinha trechos muito estreitos, e a galhada de árvores das margens varria as embarcações. A parte que se podia chamar de passeio turístico, a viagem de lancha no Rio Guaporé, havia terminado".

23-5-1941

GUIA DE EMBARQUE



RECEBEDORIA

Embarcam **J. G. Araujo & Ca., Ltd.**

No vapor nacional Rio Branco com destino ao porto Velho os volumes abaixo declarados, para serem entregues Governo do Estado dos Justiças Auxiliares do Amazonas

5663-4,1 Typ da Pap. Velho Lino—Mána

MARCAS	N.os	Volumes	GENEROS, etc.	Peso	Dec. Cub.	Taxas	Importanc
GJJU	1	1	Caixa leite Nestlé (GJJU)	25			
	2	1/2	Caixa banha	30			
	3	2	Caixas bolachas	50			
	4	1	Caixa bolachas soda	20			
	5/17	13	Caixas conservas 2/2.2.2-4/5.5.5-	[illegible]			

LEGENDA

CADERNETE Nº 2 (CONT. da Nº 1)

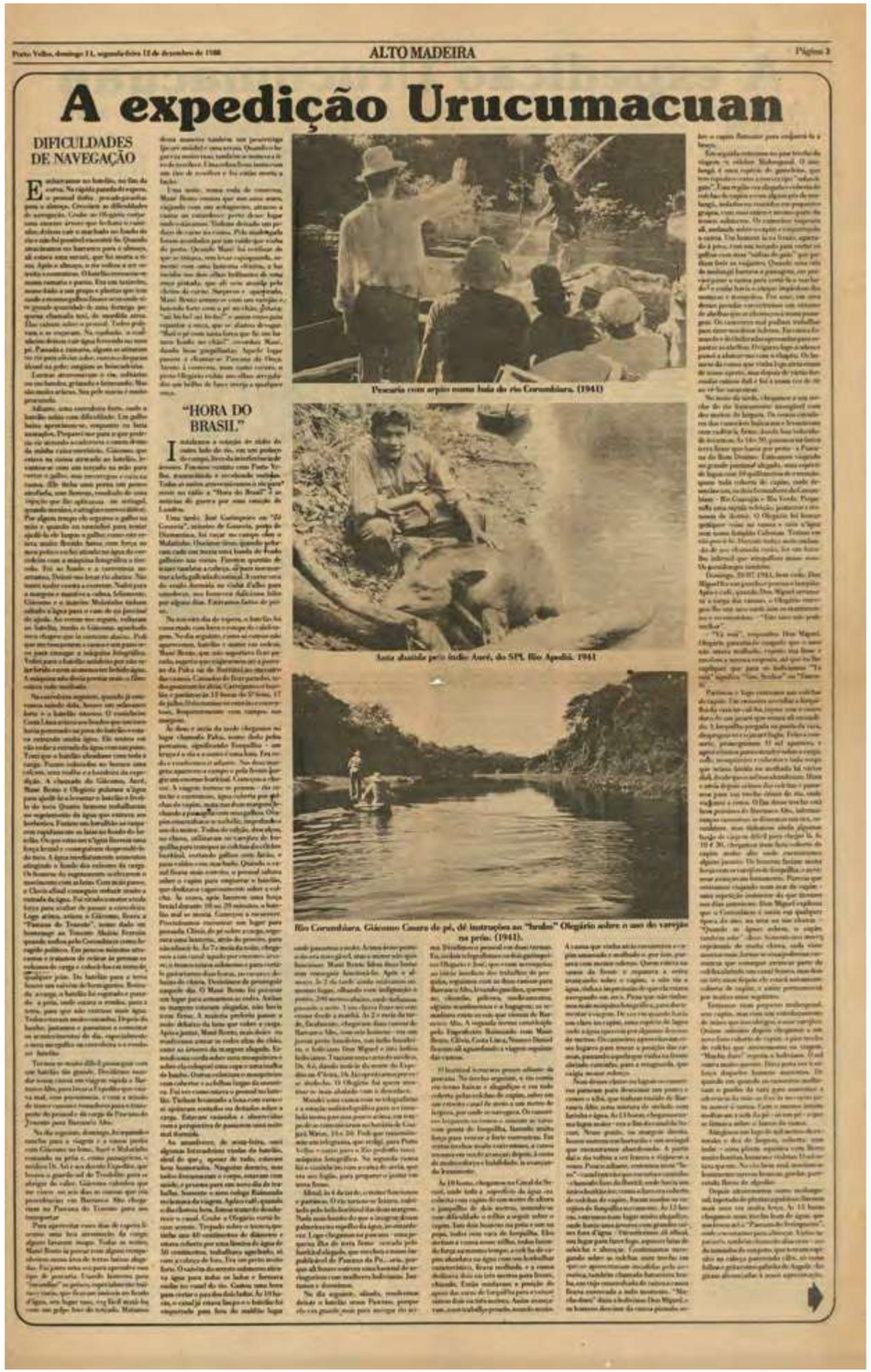
10/7/41 – 19-7-41 – Barritisal – B. Alto
20/7/41 - Chegada a Barranco Alto
24/7/41 - 29/7/41 - B. Alto - Remanso 100 Km.
4 a 16/8 - Estudo dos igarapés em torno da Cascata.

11/7/41 - Levantamos as 6 e após um café com leite e chocolate partimos as 7 hs. O sol brilha em frente da prôa, atrapalhando a visibilidade e ferindo a vista. Porisso quasi batemos num tôco. Mas o Casara manobrou em tempo. Caminhamos para leste se bem que fazendo voltas. Um galho quasi arranca as panelas da prôa. O Nunes recusou-se fazer uma hora de quarto pelo Expedito que está doente. Fiz ver a ele que trabalha 5 horas só durante o dia. Não pode pois reclamar. Êle desculpou-se. O Rio continua franco. Fizemos uma curva muito fechada. A direita aparece o campo e a seguir uma baia. O sol está bonito. O motor funciona bem fazendo o dia render. O pessoal sentado ou deitado sobre a carga toma o benfasejo banho de sol. Há uma árvore atravessada no caminho. Mas foi possivel passar sem ter de cortá-la. As 9 horas o aneroide marca 220 metros e 24º Term. As 10 paramos numa pascana para cortar alguns varejões. Em poucos minutos estavam prontos alguns de cundurú, que é resistente e leve. O Casara matou um papagaio. Proceguimos. A viagem continua sempre boa. O rio está favoravel. O Raymundo atira num gavião preto no alto de uma árvore seca e acerta. Mais adiante, depois de passarmos, vimos atraz 4 lontras atravessando o rio. Era impossivel atirar com sucesso. Há um estirão bonito. As 11 1/2 passamos por uma curva fechada com um areião a direita. O Ari ajuda a manobrar o motor. De agoraem diante o rio é muito estreito. O melhor trecho já ficou atraz. As 12 horas 2 árvores caidas sobre a agua. Passamos o batelão puchado a cabo. Levamos aí 20 minutos. O pessoal já está mais prático. Continamos. Os ramos das margens incomodam os passageiros da canoa. A direita o barranco tem dois metros de altura. É argila amarela. É possivel que haja cascalho em baixo ou archeano. Os campos da região de Vilhena devem ser bons para estudos geophysicos. As 12,15 passamos num lugar onde havia uma árvore estreitando o caminho. As 12,30 paramos numa pascana para o almoço. Alguns tomam banho. As 13 horas partimos. O rio melhora um pouco. Alarga-se tambem mas continua correntoso. O numero de tocos multiplica-se mas o Augusto já está prático na proa e evita-os em tempo. A todo instante há galho a direita e a esquerda. Pequenos acidentes, arranhões, etc. Um pau atravessado. Desviamos mas um galho pegou na hélice; paramos para endireitar a grade de proteção da hélice. Esta está um pouco amassada no bordo. A lima entra em ação. 15 minutos depois continuamos. Novos galhos, arranhões. Desviamos uma toiceira e na curva contrária o batelão enfiou-se numa ramagem. O chapéo do Bento caiu n'agua. Vou com o Mané Bento trazê-lo de bote. O Zé tenta pescar alguma piranha para aproveitar a parada. Mas há muita corrente. Proseguimos. A ramagem

SEGUNDA ETAPA

TRECHO:

CORUMBIARA –
BARRANCO ALTO –
ACAMPAMENTO DA CASCATA



Porto Velho, domingo 11, segunda-feira 12 de dezembro de 1988 — ALTO MADEIRA — Página 3

A expedição Urucumacuan

DIFICULDADES DE NAVEGAÇÃO

Pescaria com arpão numa baía do rio Corumbiara, (1941)

"HORA DO BRASIL"

Anta abatida pelo índio Aweé, do SPI, Rio Apediá, 1941

Rio Corumbiara. Giácomo Casara de pé, dá instruções ao "barão" Olegário sobre o uso do varejão na proa. (1941).

A SUBIDA DO RIO CORUMBIARA

Um tom de flagrante ansiedade marca o início do segundo artigo, publicado no jornal Alto Madeira de domingo, dia 11, e segunda-feira, dia 12 de dezembro de 1988. Nele se narra as peripécias daquela etapa da travessia, quando a equipe inicia a subida do rio Corumbiara até Barranco Alto, depois de deixar a lancha "Emma" no rio Guaporé. Como bem diz o ditado popular, a pressa é inimiga da perfeição. Pois na afobação de iniciar a viagem naquele dia 9 de julho de 1941, uma quarta-feira, os expedicionários fizeram uma calafetagem superficial do batelão cedido por Giácomo Casara, aumentando os riscos da operação. A carga muito pesada fazia a água entrar e se o batelão trombasse em algum tronco, o furo na embarcação subiria o nível da água no porão, molhando o que era transportado.

Mesmo em condições tão precárias, os expedicionários queriam chegar logo em Barranco Alto, sede do seringal dos Casara, que ficava 50 quilômetros rio acima. Além da necessidade de iniciar os trabalhos de pesquisa, havia um outro motivo que justificava toda aquela aflição: o enfermeiro Expedito havia sido diagnosticado com pneumonia e precisava de tratamento médico urgente. Segundo o dr. Ari, o paciente deveria estar abrigado em uma casa e não exposto àquelas condições adversas, viajando deitado sobre a carga do batelão, à mercê do tempo. Era a vida de um homem que estava em jogo. A solução foi simplificar o comboio fluvial, deixando mais carga em um depósito na foz do Corumbiara e levando somente uma canoa amarrada ao batelão, para prestar serviços auxiliares. A carga ali guardada seria transportada em outras viagens.

A viagem pelo Corumbiara foi cheia de imprevistos, revelam as anotações de Dequech. Com o objetivo de chegar ao seringal Barranco Alto, os expedicionários seguiram inicialmente por um campo natural de terras baixas, interrompido apenas pelas matas ciliares da rede de afluentes e subafluentes do Guaporé. Mesmo acossado pela urgência em levar um paciente doente a um destino mais seguro, o olhar atento e curioso de Dequech jamais repousa. A fauna e a flora amazônica o deslumbram.

"No Corumbiara, essa pestana de mata tem somente um ou dois quilômetros de largura, em geral mata rala, com algumas madeiras de lei de porte médio. Em alguns trechos do rio, a pestana da mata é interrompida em pequena extensão, e o campo aparece na margem do rio, podendo-se aí observar a riqueza dessa pastagem nativa, formada pelo capim denominado "arrosilho" e diversas outras

espécies de gramíneas, onde vivem bandos de cervos ou veados galheiros, com mais de um metro de altura e os gamos, que são menores".

Na observação atenta da natureza, Dequech não apenas ressalta o que lhe seduz os olhos mas, igualmente, identifica os obstáculos que precisará superar.

"No tempo das chuvas, a maior parte desses campos e matas ciliares permanecia alagada, o que não acontecia com algumas manchas de terra firme. Estas eram revestidas por verdadeira mata, onde a caça vinha se abrigar das enchentes, convivendo como podiam com jacarés, onças e sucuris, seus inimigos. O rio Corumbiara é largo junto à foz, com grandes baías, farto de peixes, sendo frequentes os cardumes de surubins. Na parte média, torna-se em geral estreito e cheio de corredeiras; de suas margens avançam árvores cujos galhos pendem sobre a superfície da água. Muitas vezes estava obstruído por árvores caídas ou por tocos de árvores, que caíram há muito tempo e não apodreceram totalmente, o que dificultava a navegação".

COLCHAS DE CAPIM, ARMADILHAS DA NATUREZA

Mas o maior desafio do Corumbiara era vencer as chamadas "colchas de capim", um emaranhado de plantas flutuantes como o aguapé que cobria a superfície da água em grandes extensões. Para um barco passar por elas, era preciso abrir um canal ou alargar um previamente existente, já que elas chegavam a ocupar todo o rio, como observa Dequech:

"A hélice da embarcação emaranhava-se nessas colchas, então não se podia usar o motor. Ela só avançava com a ajuda de varejões, varas grandes com forquilhas na ponta, que eram escoradas pelos homens nas plantas flutuantes para impulsionar o barco para a frente. Em alguns trechos, as colchas eram tão extensas que não se conseguia ver a água, cuja profundidade poderia chegar a 6 metros"

Era um caminho difícil de trilhar, exigindo uma manobra que mobilizava vários homens e uma verdadeira coreografia.

"Para bater o caminho e formar um trilho inicial, leva-se uma canoa menor na frente. Dois homens na proa, um de cada lado, vão pisando na colcha para afundá-la, molhá-la, lubrificá-la, ao mesmo tempo em que os outros, sobre a canoa e usando os varejões de forquilha, vão forçando a embarcação a deslizar sobre essa faixa de capim molhado. Ouve-se o barulho que a água faz debaixo do capim, com

o movimento da canoa. Depois de batida, amassada e molhada, a colcha de capim já tem condições mais fáceis para a passagem das canoas maiores, que devem vir logo em seguida, antes que o capim volte à superfície, secando e restabelecendo a dificuldade de navegação inicial".

Giácomo Casara conhecia muito bem esta situação. Nas épocas de transporte de borracha, os seringueiros que trabalhavam para ele cuidavam de abrir previamente os canais entre as colchas. Eles utilizavam uma "roladeira", tipo de serra manual de um metro e meio a dois metros de comprimento, usada normalmente para o corte de toras de madeira. Colocando a "roladeira" na vertical e avançando contra a corrente do rio, um homem ia cortando a colcha com um movimento de vaivém, enquanto outros dois, com varejões de forquilha, faziam avançar a canoa. Vista à distância, era uma cena até bonita. A colcha cortada se abria, formando um estreito canal que a própria correnteza limpava e alargava, levando os ramos cortados para trás.

Para abrir um canal onde passassem batelões maiores, os seringueiros tinham que fazer dois cortes paralelos, distantes dois metros um do outro. A faixa de colcha ia afundando e era carregada para trás, rio abaixo, pela correnteza, formando-se assim um canal limpo para a passagem das grandes embarcações. No Brasil profundo, o homem e a natureza estabelecem uma coexistência nem sempre pacífica, muitas vezes tensa, mas também fértil em bons exemplos de harmonia.

CAMINHO DE BELEZA E PERIGOS

As descrições de Dequech são detalhadas, identificando os vários tipos de plantas que constituem as colchas. Ao mesmo tempo, ele não esconde o encantamento com o que vê. Mais do que um cenário, a paisagem se amalgama ao jovem engenheiro, que começa a se reconhecer como parte da exuberante natureza local.

"As plantas que constituem a chamada "colcha de capim" são muitas vezes, plantas flutuantes, de folhas grossas esponjosas, feixes de raízes curtas, porém muito abundantes como o muriru e o aguapé, cujo emaranhado de talos cobertos de folhas flutuam, cobrindo completamente quilômetros de extensão da superfície do rio, principalmente nas lagoas e baías de água parada. No final das águas, cobrem-se de cachos de flores de cor rósea esbranquiçada e, então, a colcha apresenta-se como um enorme tapete colorido e flutuante de grande beleza.

Entre as plantas não flutuantes há o tarope, que se desenvolve tanto nas águas mortas, onde se associa ao muriru e aguapé, como na corrente do rio. Tem folhas largas, redondas, presas a um emaranhado de talos e com raízes finas e compridas que vão até o fundo, onde se fixam. Somente uma correnteza muito forte pode arrancá-lo. A canarana, também não flutuante, parece um pé de milho, e só á as margens com as raízes presas no barranco".

Dequech não deixa de anotar possíveis ameaças escondidas entre tantas espécies, como o malvado capim-navalha que, ao roçar a pele, produzia um corte que sangrava e ardia muito. Sem contar o capim-tiririca, que ardia sem cortar, ambos abrigando formigas "brabas" e as "aborrecidas" mutucas. O emaranhado de capins era tão resistente que jacarés e sucuris se deitavam sobre ele para tomar sol, enquanto onças, bandos de queixadas e veados o utilizavam para atravessar o Corumbiara de uma margem para outra.

"O escorpião ou lacraia também pode ser encontrado. Às vezes, há caramujos sobre as folhas das plantas flutuantes. As cobras venenosas, como a jararaca e a pico-de-jaca, só aparecem raramente. Frequentes são, além das formigas que estão por toda parte da colcha, os jacarés, e em muito menor porção as sucuris. Por baixo da colcha dificilmente vai o jacaré, e não há peixe, certamente porque há muita matéria orgânica em suspensão, proveniente dos talos e raízes podres e, por isso, há pouco oxigênio. Somente alguns cascudos, como o bodó e o acari, conseguem viver debaixo da colcha e costumam vir à superfície, nos claros da mesma, para tomar um gole de ar".

O incrível é que Victor Dequech trata todas essas informações, ricas em detalhes surpreendentes, como apenas um "parêntesis" em seu relato sobre a expedição. Assim, depois das vívidas descrições sobre a colcha de capim, ele volta a tratar da viagem informando que Giácomo Casara havia prevenido sobre a espinhosa travessia com batelão, já que ele e seus homens não tinham feito a limpeza prévia dos canais do rio, como era de costume. As colchas de capim e as árvores caídas na correnteza do Corumbiara, no entanto, não eram os únicos percalços.

Outra dificuldade era encontrar terra firme que servisse para levantar acampamento — na região, esses locais onde atracavam eram chamados de "pascana". Como hotéis ou pousadas em um roteiro pré-estabelecido, as pascanas tinham nomes e histórias. Podia ser uma homenagem ao Major Aluísio, como na Pascana do Tenente, já que esta era a sua patente quando ele passou por lá na década anterior. Ou podia ser a Pascana da Onça,

que havia assustado o motorista Manoel Bento em uma de suas viagens. Divertido mesmo era o nome da Pascana da Putaria, assim chamada por ter abrigado uma orgia de seringueiros.

GRITO DE ALERTA

As dificuldades começaram logo no primeiro dia, 9 de julho de 1941, quando corredeiras e trechos sujos do rio, com troncos e galhos, fizeram a viagem render pouco. Para não tomar um "tapa" dos galhos de árvores que avançavam sobre o rio, os passageiros eram previamente avisados pelos gritos do proeiro no batelão rebocador. Tal aviso era fundamental para aqueles que, sonolentos ou distraídos pela paisagem, viajavam sentados sobre a carga. Era o sinal para que se agachassem, desviando os galhos com as mãos e defendendo-se como podiam, o que não os livrava de perder um chapéu ou qualquer outro objeto varrido para a água.

Outro incômodo era a fumaça que vinha da cozinha, onde se postava Costa Lima, cearense magro, miúdo e nervoso e, segundo Dequech, um cozinheiro muito eficiente, que cuidava de seu ofício em instalações bem primitivas.

"O fogão era uma caixa de areia, de mais ou menos 70 x 40 centímetros, sobre o qual se colocava uma trempe para apoio das panelas; o fogo era de lenha. Com o avanço do batelão a fumaça movimentava-se para trás, incomodando os lacrimejantes passageiros. Não era possível transferir a cozinha para a popa pois lá era o lugar do motor, do motorista e da gasolina".

EQUIPE PEQUENA E EXPERIENTE

Os melhores mateiros já tinham seguido para a Cascata — a base da expedição — subindo o Rio Machado e o Rio Pimenta Bueno com a carga pesada, para ajudarem no transbordo das cachoeiras e corredeiras. Pelo Corumbiara seguiam apenas três: o Mulatinho, de uns 45 anos, o cozinheiro Costa Lima e o Expedito, já enfraquecido pela pneumonia. O restante era pessoal técnico e da administração. Alguns tinham bastante prática de viagens na mata, ou por água na Amazônia, como era o caso do acreano Nunes, escolhido pelo Dr. Ari porque, além de ser bom mateiro, tinha alguma prática em enfermagem.

O indígena José Aucê, do Serviço de Proteção ao Índio, fora levado pelo Marechal Rondon, ainda menino, para o Rio de Janeiro, onde aprendeu a ler e escrever, mas era nascido no Rio Verde, formador do Corumbiara, e sabia tudo sobre a mata. Na entrevista que deu à Fiemg em 2004, Dequech foi bem explícito: disse que ele trabalhava como escravo para seringueiros da região, quando foi resgatado por Rondon. Aucê viria a se tornar bastante próximo de Dequech, com quem manteria contato muito tempo após o término da expedição.

Completavam a equipe Giácomo Casara e Manoel Bento — este último fora buscar Dequech e a equipe em Guajará-Mirim, no episódio em que foram confundidos com espiões nazistas. Os dois conheciam bem o Rio Corumbiara. Os demais, especialmente os garimpeiros que vieram de Minas Gerais, procuravam aprender a manejar varejão e remo, preparando-se para uma demorada permanência na mata. Entre eles destacava-se o Olegário, um preto alto e forte, mas muito desastrado. Com ele sempre aconteciam as coisas mais absurdas e que faziam o pessoal cair na gargalhada. Era o Olegário, por exemplo, que metia o varejão na água em posição contrária à que era necessária, atrapalhando os outros e provocando uma grande confusão, com cenas típicas de uma comédia ao estilo "pastelão". Numa dessas manobras erradas, conta Dequech, o Olegário caiu no rio, foi arrastado pela correnteza e bebeu um pouco de água, mas conseguiu salvar-se, chegando na margem sem ajuda.

"Às 6 horas da tarde do primeiro dia de viagem, depois de perdermos duas horas para cortar árvores atravessadas no rio, o motor começou a falhar e resolvemos atracar para fazer a "pascana". O lugar era bom. O cozinheiro deu os últimos retoques na comida que já vinha quase pronta. Jantamos. Dois jacarés se aproximaram traiçoeiramente do batelão e foram afugentados a tiros.

A lua nasceu enorme e alaranjada, do outro lado do rio. Enquanto ela estava baixa, seus raios luminosos atravessavam a mata coando-se entre as árvores. Depois ela se levantou, redonda. Era lua cheia. Via-se na água outra lua muito grande. Quando alguém pisava na canoa que estava amarrada ao lado do batelão, formavam-se ondas na água e a imagem se desdobrava em diversas luas achatadas, elípticas".

MANOEL BENTO, MELHOR SER QUE PARECER

O Manoel Bento decidiu consertar o motor ainda de noite, à luz de um lampião. Em seus artigos para o jornal Alto Madeira, Dequech faz questão de definir o "Mané Bento" como um caboclo extraordinário que, naquelas alturas da década de 1980, ainda vivia, e lúcido, em Porto Velho. Em suas cadernetas de viagem, o chefe da expedição contou a história do Mané, a partir de longas entrevistas com ele.

Nascido em Humaitá por volta de 1908, teve que ir para Guajará-Mirim ainda menino, quando seu pai morreu flechado por índios, e foi criado pelo Coronel Paulo Saldanha, diretor da Companhia de Navegação dos rios Mamoré e Guaporé. Aprendeu tudo, mas tudo mesmo, sobre motores de embarcação nas oficinas da companhia e viajou muitos anos pelo Guaporé e afluentes, inclusive o Corumbiara.

Aos 35 anos, Mané foi indicado para a expedição pelo Coronel Saldanha. Este disse a Dequech no início da expedição que "ao levar o Manoel Bento, ele não levava apenas um motorista, ele levava tudo". Dequech repetiu a fala do coronel para Mané no barco e brincou, dizendo que não acreditava naquele "tudo". Ele então respondeu: "É, doutor, é melhor a gente ser e não parecer do que parecer e não ser. O senhor não conhece quem sou eu, o senhor vai conhecer o meu trabalho".

Naquela primeira noite, Dequech estava dormindo quando à meia noite foi acordado pelo ruído do motor, já funcionando. Era o sinal de que Manoel Bento havia dado conta do recado. Aquela foi uma madrugada fria. Logo cedo, depois do café com leite condensado, bolacha e queijo da Ilha das Flores, a expedição retomou a travessia.

Dequech reitera que, naquela época, havia o costume de atirar em qualquer animal que surgia, em geral pelo simples prazer de exercitar a pontaria. Era um passatempo que relaxava o pessoal a custo baixo, já que a munição, toda ela importada, era abundante e barata.

"No fim de um estirão bonito surgiu um pato a estibordo. Aucê, que atira bem, pegou o rifle 22, mas errou o tiro. O pato levantou voo como um hidroplano, raspando ruidosamente a água durante dois segundos ganhando altura.... Adiante, entramos numa curva onde o rio era estreito. Apareceu um jacaré próximo à margem. Deu um tiro de rifle, o jacaré mergulhou e aconteceu o inesperado e inacreditável, de

dentro da água saiu um pato que tratou de alcançar voo, apressado. Certamente coincidiu de ter mergulhado ali, escondendo-se do jacaré".

"Não havia então na Amazônia nenhuma espécie animal em extinção e certamente por isso ainda não se ouvia nenhuma voz em favor da preservação das espécies".

Era apenas o segundo dia da expedição e o motor já demandava atenção especial. Numa parada para avaliação, ainda pela manhã, resolveram pescar alguns mandis e um deles deu uma ferroada no dedão do Nunes. Virou peixe frito para o almoço, após o qual o comboio saiu com o motor consertado. "Surgiu novamente um pato, mas ninguém teve tempo de atirar, e o elegante hidroplano decolou deixando uma esteira na água", escreveu o chefe da expedição, com um toque poético.

O ataque dos peixes continuou, assim como as trapalhadas dos garimpeiros. Em mais uma parada para reparo do motor, Zé Garimpeiro pescou algumas piranhas e uma delas, enorme, cortou o anzol e a chumbada, deixando a marca dos seus dentes na navalha. Ao chegarem a uma pascana, Olegário, o garimpeiro desastrado, mais uma vez não soube manobrar o varejão, caiu sobre as panelas e derrubou os peixes. A trempe caiu no fundo do rio. O gaúcho Clóvis Geloski, filho de poloneses, muito habilidoso e paciente, conseguiu pescá-la em uma hora. Depois de jantar, todos foram dormir.

Na sexta-feira, dia 11 de julho, todos estavam de pé às 6 horas, para partir após o café, por volta das 7 horas. O sol já estava tinindo contra a proa, atrapalhando a visibilidade e ferindo a vista. Atracaram o batelão numa pascana para cortar varejões de cundurú, uma madeira leve e resistente. Giácomo matou um papagaio e, logo em seguida, quatro lontras atravessaram o rio. Às 12 horas, pararam em outra pascana para almoço e banho.

Os galhos de árvores provocavam os mais diversos acidentes. Um deles, mais grosso, raspou a carga e bateu no motor, arrancando-o da base de madeira. O acontecido deu muito trabalho à turma. Manoel Bento e Aucê seguraram o motor enquanto os outros ajudavam a desvencilhá-lo dos galhos. Depois tiveram que tirar madeira da mata e fazer outra base para o motor.

No dia 12, sábado, ainda estava escuro quando a equipe se levantou. Numa volta grande do rio, Giácomo e Dequech desceram para cortar caminho por terra e tentar caçar algum veado, enquanto a embarcação fazia a volta. Giácomo atirou em um pequeno gamo e errou o tiro. Adiante, eles

encontraram um bando com pelo menos dez, que fugiram, ao farejar a presença dos homens. E, com eles, as armas.

"Dizem os caçadores que o veado tem a vista muito fraca e não acredita no que vê, só acredita naquilo que cheira. É fácil aproximar-se do veado e caçá lo estando o vento no sentido dele para o caçador. Mas na aproximação em sentido contrário, quando o cheiro do caçador, já de longe, chega nas ventas do veado, ele arma a carreira e foge dando graciosos saltos sobre as touceiras de capim".

NAVEGAÇÃO INÓSPITA

Na rápida parada de espera, o pessoal tinha pescado piranhas para o almoço. Com apenas três dias de viagem, cresciam as dificuldades de navegação.

"Coube ao Olegário cortar uma enorme árvore que fechava o caminho; deixou cair o machado no fundo do rio e não foi possível encontrá-lo. Quando atracávamos no barranco para o almoço, ali estava uma sucuri, que foi morta a tiros. Após o almoço, o rio voltou a ser estreito e correntoso. O batelão enroscou-se numa ramaria e parou. Era um taxizeiro, nome dado a um grupo de plantas que têm caule me mesmo galhos finos e ocos onde vive grande quantidade de uma formiga pequena chamada taxi, de mordida atroz. Elas caíram sobre o pessoal. Todos pulavam e se coçavam. Na confusão o cozinheiro deixou cair água fervendo no meu pé. Passada a ramaria, alguns se atiraram no rio para aliviar a dor, outros esfregavam álcool na pele; surgiam as brincadeiras".

Logo adiante, em uma corredeira forte, Dequech viu um galho baixo aproximando-se enquanto fazia anotações. Treinado no que poderia vir, atirou a caderneta e a caneta dentro de sua caixa-escritório. Giácomo quis ajudar, tentando cortar o galho com um facão (que ali chamam de terçado), mas escorregou e caiu.

"Ele tinha uma perna um pouco atrofiada, sem firmeza, resultado de uma injeção que lhe aplicaram no seringal, quando menino, e atingiu o nervo ciático. Por algum tempo ele segurou o galho na mão e quando eu caminhei para tentar ajudá-lo ele largou o galho; como este estava muito flectido bateu com força no meu peito e eu fui atirado na água da corredeira com a máquina fotográfica a tiracolo. Fui ao fundo e a correnteza me arrastou. Deixei-me levar rio abaixo. Não tentei nadar contra a corrente. Nadei para a margem e mantive a calma, felizmente Giácomo e o mateiro Mulatinho tinham saltado n'água para o caso de eu precisar

de ajuda. Ao verem-me seguro, voltaram ao batelão, tendo o Giácomo apanhado meu chapéu que ia corrente abaixo. Pedi que me trouxessem a canoa e um pano seco para enxugar a máquina fotográfica. Voltei para o batelão satisfeito por não estar ferido e nem ao menos ter bebido água. A máquina não devia prestar mais; o filme estava todo molhado".

A viagem guardava mais desafios. Ainda naquele sábado, na corredeira seguinte, depois de um solavanco forte, o batelão estacou. Aos brados, o cozinheiro Costa Lima avisou que um tronco havia penetrado na proa e estava entrando muita água, isso enquanto tentava, em vão, vedar a entrada com um pano. A equipe tentou de tudo para tapar o buraco, chegaram a usar até a bandeira da expedição. Com a situação se agravando, Giácomo, Aucê, Mané Bento e Olegário pularam na água para levantar o batelão e livrá-lo do tronco. Dentro do barco, quatro homens trabalhavam freneticamente, com latas, para reduzir a água que insistia em entrar.

Os que estavam na água fizeram uma força brutal e conseguiram desprender o barco, o que fez o volume de água aumentar, atingindo o fundo dos caixotes da carga e obrigando o pessoal a acelerar o trabalho com as latas. Enquanto isso, o restante dos homens virava o motor a toda força para passar a corredeira e chegar à "Pascana do Tenente", nome dado em homenagem ao Tenente Aluízio Ferreira, que se escondeu no Corumbiara como foragido político, depois do fracasso da revolta tenentista em 1924.

"Em poucos minutos atracamos e tratamos de retirar às pressas os volumes de carga e colocá-los em terra de qualquer jeito. Do batelão para a terra houve um vaivém de formigueiro. Retirada a carga, o batelão foi esgotado e puxada a proa, onde estava o rombo, para a terra, para que não entrasse mais água. Todos estavam muito cansados. Depois do banho, jantamos e passamos a comentar os acontecimentos do dia, especialmente o meu mergulho na corredeira e o rombo no batelão".

No domingo, 13 de julho, ficou claro que seria difícil prosseguir com o batelão no rio estreito e com tanta correnteza. A equipe decidiu então mandar a canoa em viagem rápida a Barranco Alto, para levar o Expedito que estava muito mal, tomado pela pneumonia, e trazer canoas e remadores que transportassem o restante do pessoal e da carga.

A canoa partiu com Giácomo no leme, Aucê e Mulatinho remando na proa e, como passageiros, o médico Dr. Ari e seu doente Expedito, abrigado do

calor pelo guarda-sol do teodolito. Giácomo calculou que a viagem de ida e volta duraria cinco ou seis dias. Dequech e os outros que ficaram no batelão aproveitaram o tempo para arrumar a carga, lavar roupa, ou simplesmente pescar e contar histórias.

Neste intervalo de poucos dias, Dequech aprendeu com Mané Bento a pescar em terras baixas alagadas. O processo começava por "incandiar" com a lanterna os peixes, especialmente traíras e carás. Estes ficavam imóveis no fundo d'água e era fácil matá-los com um golpe leve do terçado, o que fizeram com um jacaretinga (jacaré miúdo) e uma arraia. Quando o lugar era muito raso, podia também usar o revólver. Uma cobra ficou tonta com um tiro e foi morta a facão. Uma noite, numa roda de conversa, Mané Bento contou que alguns anos antes, ao viajar com um seringueiro, atracou a canoa ao entardecer perto desse lugar onde estavam. Os acontecimentos que se seguiram acabaram dando nome ao local, contou ele a Dequech.

"Tinham deixado um pedaço de carne na canoa. Pela madrugada foram acordados por um ruído que vinha do porto. Quando Mané foi verificar do que se tratava, sem levar espingarda, somente com uma lanterna elétrica, a luz incidiu nos dois olhos brilhantes de uma onça pintada, que ali veio atraída pelo cheiro da carne. Surpreso e apavorado, Mané Bento armou se com um varejão e batendo forte com o pé no chão gritava: "sai bicho! sai bicho!" e assim conseguiu espantar a onça, que se afastou devagar. "Bati o pé com tanta força que fiz um buraco fundo no chão!" recordou Mané, dando boas gargalhadas. Aquele lugar passou a chamar-se Pascana da Onça. Atento à conversa, num canto escuro, o preto Olegário exibia nos olhos arregalados um brilho de fazer inveja a qualquer onça".

NOTÍCIAS DO BRASIL

Para quem está enfronhado na mata, longe da cidade, o rádio é muito mais que um bom companheiro para as horas de descanso – ele é item vital de sobrevivência. Por isso era preciso garantir um sinal de captação de boa qualidade. A estação de rádio acabou sendo instalada do outro lado do rio, em uma área livre da interferência de árvores, o que facilitava o contato com Porto Velho para transmitir e receber notícias. Todas as noites, o pessoal atravessava o rio para ouvir no rádio a "Hora do Brasil" e as notícias da guerra que se acirrava na Europa, enviadas por uma estação de Londres.

Enquanto isso, os dias corriam lentos. Uma tarde, os garimpeiros Zé Gouveia

e Mulatinho foram ao campo caçar e voltaram bem providos, trazendo as bandas de um veado galheiro nas costas. Fizeram questão de trazer também a cabeça, só para exibir a bela galhada do animal. A carne seca do veado, dormida na vinha d'alhos para umedecer, forneceu deliciosos bifes por alguns dias. Estavam todos fartos de peixe.

E também de ficarem parados. No terceiro dia de espera, o batelão já estava consertado pelo habilidoso Mané Bento, que sugeriu adiantar a viagem até outra pascana, a da Palca ou do Buritizal, indo ao encontro das canoas. Todos gostaram da ideia e carregaram o batelão. Era o dia 17 de julho, uma quinta-feira, quando decidiram sair. Antes tivessem ficado por lá.

"Começou a chover. A viagem tornou-se penosa; rio estreito e correntoso, água coberta por colchas de capim, mata nas duas margens fechando a passagem com seus galhos. O capim emaranhava-se na hélice, impedindo o uso do motor. Todos de calção, descalços, na chuva, utilizavam os varejões de forquilha para transpor as colchas do célebre buritizal, cortando galhos com facão, e paus caídos com machado. Quando o canal ficava mais estreito, o pessoal saltava sobre o capim para empurrar o batelão, que deslizava vagarosamente sobre a colcha. Às vezes, após fazerem uma força brutal durante 10 ou 20 minutos, o batelão mal se movia. Começou a escurecer. Precisávamos encontrar um lugar para pousada. Clóvis, de pé sobre a carga, segurava uma lanterna, atrás do proeiro, para não ofuscá-lo. As 7 e meia da noite, chegamos a um canal tapado por enorme árvore; o tronco estava submerso e para cortá-lo gastaríamos duas horas, no escuro e debaixo de chuva. Desistimos de prosseguir naquele dia. O Mané Bento foi procurar um lugar para armarmos as redes. Ambas as margens estavam alagadas, não havia terra firme. A maioria preferiu passar a noite debaixo da lona que cobre a carga. Após o jantar, Mané Bento, mais dois e eu resolvemos armar as redes altas do chão, entre as árvores da margem alagada. Estendi uma corda sobre o meu mosquiteiro e sobre ela coloquei uma capa e uma toalha de banho. Outros cobriram o mosquiteiro com cobertor e as folhas largas da sororoca. Fui ver como estava o pessoal no batelão. Tinham levantado a lona com varas e se ajeitaram sentados ou deitados sobre a carga. Estavam cansados e aborrecidos com a perspectiva de passarem uma noite mal dormida".

Ao amanhecer de sexta-feira, nono dia da expedição, mesmo sem dormir, a turma já fazia brincadeiras. "Todos descansaram o corpo, estavam com saúde, e prontos para um novo dia de trabalho", anotou Dequech. Após o café, quando o dia clareou, foram desobstruir o canal. Coube a Olegário cortar a árvore com serrote. Trepado sobre o tronco, que tinha uns 40 centímetros

de diâmetro e estava coberto por uma lâmina de água de 50 centímetros, trabalhava agachado, só com a cabeça de fora. "Era um preto muito forte e gastou uma hora para cortar o pau dos dois lados", assinalou Dequech.

UMA CARTA TRISTE

Às 10 horas, o canal já estava limpo e o batelão foi empurrado para fora daquele "maldito lugar", como descreveu Dequech. Acima desse ponto o rio era navegável, mas o motor não quis funcionar. Mais de quatro horas depois, não tinham andado nem 200 metros e uma chuva fina caía sem cessar.

Finalmente, chegaram duas canoas vindas de Barranco Alto, com seis homens: um jovem preto e um indígena brasileiro, o boliviano Don Miguel e três indígenas bolivianos. Traziam uma carta do médico, Dr. Ari, dando a notícia da morte do Expedito no dia 16, quarta-feira. O infeliz desfecho não surpreendeu a equipe, mas todos ficaram muito abalados ao perder um companheiro de expedição.

A estação radiotelegráfica foi instalada numa pascana pouco acima, em tempo de se comunicarem com Guajará Mirim. Dequech pediu que transmitissem um telegrama para Porto Velho e outro para o Rio, pedindo uma nova máquina fotográfica, para substituir a que ficara imprestável com sua queda do barco. Para lá seguiu também o cozinheiro com a caixa de areia que era seu fogão, para preparar o jantar em terra firme.

Finalmente, às 4 horas da tarde, o motor funcionou e eles partiram. No caminho, chegaram a um lugar de curiosa denominação, que mereceu uma menção nas cadernetas de Dequech.

"O rio tornou-se franco, enfeitado pelo belo buritizal das duas margens. Nada mais bonito do que a imagem dessas palmeiras no espelho da água, ao entardecer. Logo chegamos na Pascana, uma pequena ilha de terra firme, cercada pelo buritizal alagado, que recebeu o nome impublicável de Pascana da Pu...aria, porque ali houve outrora uma bacanal de seringueiros com mulheres bolivianas. Jantamos e dormimos".

EQUIPE EM DUAS FRENTES

No dia seguinte, sábado, 19 de julho, o batelão, que era muito grande para navegar neste trecho, foi deixado na pascana. Formaram-se, então, duas turmas. Dequech, os dois telegrafistas e os garimpeiros Olegário e José, necessários ao início imediato dos trabalhos de pesquisa, seguiram com as duas canoas para Barranco Alto. Levavam gasolina, querosene, chumbo, pólvora, medicamentos, alguns mantimentos e a bagagem. A segunda turma, constituída pelo engenheiro Raimundo com Mané Bento, Clóvis, Costa Lima, Nunes e Daniel, ficou no batelão, aguardando a viagem seguinte das canoas.

O buritizal terminou pouco adiante e, no trecho seguinte, o rio corria em terras baixas e alagadiças, todo coberto pelas colchas de capim, salvo em um estreito canal por onde se navegava. Ali de nada adiantavam os remos e os canoeiros usavam os varejões para vencer a forte correnteza, na qual a canoa ia avançando lentamente.

Ao chegar no Canal da Sucuri, viram que a superfície da água era coberta com capim de um metro de altura e junquilho de dois metros. Era difícil achar o caminho, tarefa que demandava dois homens na proa e um na popa, todos com vara de forquilha, para manter a canoa no trilho. Com todos fazendo força ao mesmo tempo, a colcha de capim afundava na água borbulhando, o que fazia a canoa deslizar alguns metros para frente. Os homens se revezavam na posição mais crítica, como descreve Dequech:

"A canoa que vinha atrás encontrava o capim amassado e molhado e, por isso, passava com menos esforço. Quem estava na canoa da frente e via a outra avançando sobre o capim, tinha a impressão de que ela estava navegando em terreno seco. De vez em quando havia um claro no capim, uma espécie de lagoa onde a água aparecia por algumas dezenas de metros. Os canoeiros aproveitavam esses lugares para trocar a posição das canoas, passando aquela que vinha na frente para a retaguarda, que exigia menos esforço".

Num desses claros, que na verdade eram lagos, os canoeiros pararam para descansar um pouco e comer o xibé, uma mistura de melado com farinha e água, que tinham trazido de Barranco Alto. Quando os lagos eram maiores, a equipe experimentava momentos de tranquilidade, uma aragem fresca entre as incertezas de um território desconhecido. Mas que logo era interrompida por novas colchas de capim.

Com breves paradas para fazer fogo e aquecer latas de salsicha, os expedicionários continuaram navegando sobre as colchas. O trecho era ainda invadido pela sororoca, também chamada de bananeira braba e em cujo emaranhado a canoa ficava enroscada a todo momento. "Mucho duro" dizia o boliviano Don Miguel.

MULUNGUZAL, O TRECHO TERRÍVEL

O pior trecho da viagem, porém, ainda estava por vir: o célebre Mulunguzal. O mulungu é uma espécie de gameleira, que tem espinhos como a roseira do tipo "unhas de gato". Ali, o canoeiro tinha que ir na frente com um facão, o "terçado", para cortar os galhos que podiam ferir os viajantes. Quando uma raiz de mulungu barrava a passagem, era preciso parar a canoa para cortá-la a machado. Como se o sacrifício não fosse suficiente para os homens, havia ainda o ataque impiedoso das mutucas e mosquitos. E das abelhas.

"Por azar, em uma dessas paradas encontramos um enxame de abelhas que se alvoroçou à nossa passagem. Os canoeiros mal podiam trabalhar para tirar-nos desse inferno. Eu estava fumando e dei baforadas apressadas para espantar as abelhas. O cigarro logo acabou e passe a abanar-me com o chapéu. Os homens da canoa que vinha logo atrás riram de nosso aperto, mas depois de várias ferroadas saímos dali e foi a nossa vez de rir ao vê-los saracotear".

Superado o Mulunguzal, o que esperar ainda daquele sábado? Para alívio geral, as coisas se acalmaram. No meio da tarde, finalmente chegaram a um trecho do rio mais largo, onde os remos deram boa velocidade às canoas. Pararam na única terra firme que havia por perto, a Pascana do Bom Destino. Estavam viajando em um grande pantanal alagado, com dez quilômetros de extensão, quase todo coberto de capim e onde desembocam os dois formadores do Corumbiara, os rios Guarajus e Verde.

Mas as adversidades não davam refresco aos viajantes. Quando se preparavam para dormir, o atrapalhado Olegário foi buscar algo na canoa e caiu na água com o lampião Coleman. Como não conseguiu resgatá-lo, os homens dormiram ao som do barulho infernal de uma ave chamada carão e dos zumbidos dos pernilongos.

No domingo, 20 de julho, bem cedo, Dom Miguel fez um gancho e pescou o lampião. Após o café, quando ele arrumava a carga das canoas, Olegário

entregou-lhe um saco onde iam os mantimentos e recomendou: — "Este saco não pode molhar". — "Ya está", respondeu Don Miguel. Olegário, zangado, garantiu que o saco não estava molhado. Repetiu sua frase e recebeu a mesma resposta, até que Dequech lhe explicou que o "Ya está" significava "Sim, Senhor" ou "Entendi".

O sol apareceu e todos aproveitaram para estender redes, mosquiteiros, cobertores e peças de roupa que estavam úmidas depois de vários dias sem sol. Os canoeiros informaram que o Barranco Alto estava próximo: se alguém desse um tiro, escutariam. Mas ainda haveria algumas horas de viagem difícil para chegar lá.

Os homens faziam muita força com os varejões de forquilha e as canoas avançavam lentamente no mar de capim. Don Miguel explicou que o Corumbiara é assim em qualquer época do ano, na seca ou nas chuvas. "Quando as águas sobem, o capim também sobe", disse. Somente nos anos excepcionais de muita chuva, a cada vinte anos ou mais, formava-se uma poderosa correnteza capaz de arrancar parte da colcha, abrindo um canal confortável, mas, dois ou três anos depois, ele estaria novamente coberto de capim e assim permaneceria.

A verdade é que as agruras não cessavam. A expedição passou por um pequeno mulunguzal que exigiu trabalho árduo, sem recompensa, pois na sequência chegaram a um novo furo coberto de capim, o pior trecho de colcha que eles tiveram de atravessar na viagem. "Mucho duro" repetia o boliviano, sob um sol escaldante.

"Depois atravessamos outro mulunguzal, tapetado de plantas aquáticas; fizeram mais uma vez muita força. Às 13 horas chegamos num trecho bom de água, que nos levou até a "Pascana do Seringueiro", onde encostamos para almoçar. Vários tapacarés, também chamados alincorne, ave do tamanho de um peru, que tem um espinho na cabeça parecendo chifre, só come folhas e grita como galinha de Angola, fugiram alvoroçados à nossa aproximação".

Após uma baía coberta por um capinzal, a expedição saiu do rio e, 50 metros adiante, encontraram um furo com colchas, que continuaram pelo resto do caminho, porém menos difíceis de vencer. E foi assim, intercalando trechos bons de navegar com o tormento das colchas, que os homens foram chegando ao seu destino, numa viagem cheia de adrenalina e que acabou durando bem mais do que o previsto por Dequech. O reencontro com os companheiros foi caloroso.

"Estávamos nos aproximando de Barranco Alto e, por isso, o capim era bem batido, mais fácil de navegar. Às 15:40, passamos na foz do Rio Guarajus, formador do Corumbiara, toda coberta de colchas. Logo depois entramos no furo do Igarapé Sucuri, de onde avistamos as casas de Barranco Alto. A colcha de capim continuou até o porto. Um grupo de pessoas veio receber-nos, entre eles Giácomo, Dr. Ari e Aucê. Conversamos com todos sobre as peripécias de nossa viagem e sobre o número inesperado de dias gastos com a navegação difícil do Corumbiara".

ENFIM, NO BARRANCO ALTO

Naquele mesmo domingo, 20 de julho, a expedição chega ao Barranco Alto. Foram onze dias enfrentando o Corumbiara e suas defesas contra os navegantes até chegar à sede do seringal dos Casara. As dificuldades foram de toda ordem: o rio e suas corredeiras, com trechos interrompidos por troncos e árvores caídas; as colchas de capim quase inexpugnáveis; as chuvas constantes; as ameaças de bichos selvagens, como onças, cobras, jacarés e até formigas agressivas de picadas atrozes; as avarias constantes nas canoas e a manutenção precária do motor, sem contar com as baixas na própria equipe, incluindo a morte do mateiro Expedito. Depois de um tempo maior do que o previsto e gastos também acima do imaginado, finalmente chegaram a um porto seguro.

A equipe ficou hospedada na casa de Dona Ema, viúva de Américo Casara, que havia falecido em 1940. Com ela, viviam os filhos Giácomo, jovem de 19 anos, que assumiu a direção do seringal, e suas irmãs, Teresa, casada e Yolanda, solteira, além dos meninos Tito e Américo.

UM PERSONAGEM EXTRAORDINÁRIO

Américo Casara era uma dessas figuras épicas, que parecem saídas de uma obra de ficção. Com um grupo de índios civilizados peruanos e bolivianos, ele subiu o Guaporé em 1913 e instalou-se primeiro em Laranjeiras, próximo à foz do Corumbiara. Depois de explorar a região, instalou-se definitivamente em Barranco Alto, onde construiu a sede do seu seringal, depois de desbravar uma vasta região entre os rios Corumbiara e Apediá (ou Pimenta Bueno).

Empreendedor de mão cheia, o italiano explorou recursos naturais da região como a borracha, poaia e também, numa tentativa que lhe deu prejuízo, o

mogno. Formou lavouras de todo tipo de cereais, além de plantar cana para produzir rapadura e cachaça. Casara ainda criou gado nos campos nativos do Corumbiara e em pastos formados na sede da fazenda, além de ovelhas e porcos.

Arrojado em seu pioneirismo, abriu um caminho largo e limpo de duzentos quilômetros na mata, que ia de Barranco Alto até a estação telegráfica de Pimenta Bueno. Ali, vendia charque, boi em pé, queijo, rapadura, farinha, cachaça e cereais para consumo dos trabalhadores da linha telegráfica e dos seringais daquela área. Passada essa fase de comércio, o varadouro foi abandonado e a mata voltou a ocupá-lo.

Como o próprio Dequech, Casara relacionou-se muito bem com os índios que encontrou, sem explorá-los nem maltratá los. E mais: graças ao conhecimento que tinha da região e à estrutura que tinha montado, ele, que era amigo e compadre do major Aluízio Ferreira, deu apoio decisivo a várias missões naquela área. Tal como seu filho Giácomo amparava agora a expedição rumo ao "ouro de Urucumacuan", hospedando em suas terras a expedição de Victor Dequech.

Barranco Alto tinha umas 30 casas. Entre elas, um sobrado que servia de residência à família Casara na parte superior e de armazém no térreo, além de um depósito para borracha. Todas elas eram construídas com armação de grandes troncos, cobertura de palha, paredes de lascas de paxiúba, uma palmeira comum em áreas alagadas, e piso de terra batida.

Os moradores da sede e os que viviam no seringal eram brasileiros ou descendentes dos pioneiros peruanos e bolivianos trazidos por Américo Casara, além de alguns indígenas brasileiros ou bolivianos. Havia fartura de leite, queijo, carne fresca e uma chácara com cajueiros, jaqueiras, abacateiros e muitas laranjeiras que, para alegria dos membros da expedição, estavam carregadas de laranjas.

"No dia seguinte ao de nossa chegada, instalamos a estação de rádio, atração para homens, mulheres e crianças, que todas as noites enchiam a casa e o pátio para ouvirem as notícias e música. Alguns ficavam muito espantados, era a primeira vez que ouviam as vozes e músicas que saiam daquela "caixa".

Parte da equipe ainda esperava no batelão, na Pascana da Putaria. Os mesmos seis canoeiros que trouxeram a primeira turma voltaram na terça-

feira, 22 de julho, com as duas canoas para pegar os que tinham ficado para trás. O momento era de preparar a viagem pelos 100 km do varadouro que ligavam Barranco Alto ao acampamento-base da expedição na Cascata 15 de novembro, no rio Apediá, transpondo a Serra dos Parecis.

ARRANCADA PARA A CASCATA

Dequech e o restante da primeira equipe saíram do Barranco Alto na 5ª feira, 24 de julho de 1941. O feitor Eleutério Silva, o "Bahia", tinha mandado dois homens da Cascata para ajudá-los na viagem: Flávio e "Pedro Rio Grande", que tinha o apelido que se dava aos que vinham do Rio Grande do Norte. Giácomo alugou-lhes cinco cavalos e uma mula. E escolheu os melhores, Caeté e Lourenço, para Dequech e o Dr. Ari.

Os outros animais levariam apenas carga, acompanhando os homens que seguiriam a pé: o cabo Bentes, o radiotelegrafista Moura, José Aucê, Zé Gouveia, Olegário, Mulatinho, Flávio e Rio Grande. Cada um levaria sua bagagem e um pouco de mercadoria em paneiros — espécie de mochila ou cesto de cipós, com capacidade de mais ou menos 41 litros, presos às costas, com dois tirantes cruzados no peito e um passando pela testa, de maneira a viajarem com as mãos livres. Dequech descreveu assim os carregadores:

"Cada um levava um terçado 128, que era um facão de maior tamanho, em geral na mão, às vezes na cinta; alguns carregavam ainda uma arma para caça, que podia ser uma espingarda, um rifle 44 ou 22. A carga compunha-se da estação de rádio, medicamentos e parte dos mantimentos e ferramentas, distribuídas na quantidade que os animais e os homens podiam transportar. O restante seguiria em viagens futuras.

A hora da partida foi assistida pelos moradores como se fosse uma festa, com gritaria e pipocar de foguetes, Eu e Dr. Ari montávamos os cavalos "Caeté" e "Lourenço"; este, muito assustado com os foguetes deu alguns pinotes e derrubou o Dr. Ari; contando com minha prática de montar trocamos de cavalo e foi minha vez de ir ao chão. Felizmente foram quedas sem consequências. Puxei o cavalo para fora daquela confusão e estouros, e então ele deixou se montar sem protestos".

O varadouro era um espaço limpo em meio à sombra da mata, pela qual seguia, como um túnel, largo, plano e limpo na parte inicial, onde era mais utilizado; depois ficava estreito, com 2 a 3 metros de largura. No sábado, os expedicio-

nários chegaram ao divisor das águas dos rios Corumbiara e Pimenta Bueno, um conjunto de serrotes com altitudes da ordem de 400 metros e afloramentos de rochas eruptivas e metamórficas básicas, notou Dequech, com olhar de geólogo. Nesse terreno acidentado encontraram muitos mutuns, cujubins e também macacos para reforço do rancho. Bandos de queixadas passaram perto dos homens e foram denunciados pelo bater das presas e pela catinga característica que impregnava a mata.

"Para acampar à noite escolhíamos um lugar de mata limpa, terra firme, à margem de um córrego. Fazia-se um rancho coberto de folhas de palmeira para a cozinha, que abrigava os mantimentos, o fogo e também o cozinheiro. O pessoal se distribuía em redor, armando as redes entre duas árvores e abrigando-se de uma eventual chuva com uma cobertura de folhas de aricuri ou sororoca. Após as últimas conversas, lá pelas nove da noite, cansados como estavam, todos ferravam no sono.

...nas noites escuras de lua nova era frequente observarmos no chão objetos com uma luz fosforescente, de cores suaves esverdeadas, azuladas, avermelhadas, de efeito belíssimo, enfeitando o solo do acampamento. Levantei da rede muitas vezes com lanterna elétrica para identificar donde provinha — eram paus podres caídos no chão; a fosforescência irradiava de pontos esparsos da casca ou mesmo de certos líquens agarrados a ela. Durante o dia ou mesmo nas noites claras nada se percebia".

Transposto o divisor das águas, os homens seguiram por áreas dominadas pela taboca (uma espécie de taquara com espinho) e por cipós. Nos dois casos, por mais limpo que estivesse o varadouro, as pontas destas plantas ficavam balançando sobre a cabeça dos viajantes e estreitavam a passagem, exigindo o trabalho do facão.

Quem mais sofreu com a viagem foi o Dr. Ari. Além de ter a orelha furada por um espinho de taboca, ainda caiu com o cavalo dentro de um igarapé. O médico se molhou muito e ficou furioso. Ao se aproximar da cascata, Dequech observou que a região de basalto tinha terra roxa da melhor qualidade, lembrança que levou consigo por muito anos e o fez voltar décadas depois à região como investidor.

NA CASCATA, COM OS INDÍGENAS

Vinte dias após iniciarem a viagem da foz do Corumbiara ao Barranco Alto, o grupo chegou ao acampamento-base da Expedição, na Cascata 15 de Novembro, na margem esquerda do rio Apediá ou rio Pimenta Bueno. Era 3ª feira, 29 de julho de 1941.

Com 350 quilômetros de extensão, o rio Pimenta Bueno nascia próximo à estação telegráfica de Vilhena e terminava na de Pimenta Bueno. Ao longo desse percurso, os únicos moradores eram os indígenas.

De suas cabeceiras até a Cascata, o rio corria por cerca de 150 quilômetros. Ali, a turma do Bahia, que viera um ano antes pelo rio Machado por ordem do Major Aluízio, tinha construído os barracões de paxiúba.

Dequech reiterou em uma de suas cadernetas que o terreno era da mesma terra roxa dos cafezais de São Paulo e do seu Paraná natal. Como tal, produzia com fartura café, fumo, cana, arroz, abacaxi, limão, culturas que os indígenas da região não conheciam. Um verdadeiro paraíso, onde a caça era sempre abundante e o rio, piscoso, tinha surubins, curimatãs, jatuaranas e piranhas. A expedição encontrou apenas dois homens no acampamento – um carpinteiro, recuperando-se de malária, e um cozinheiro, este vindo de Barranco Alto, onde tinha família. Posteriormente, foi devolvido para lá a conselho do Dr. Ari, porque tinha paralisia na mão, de origem sifilítica.

Os dois homens informaram que o Bahia e o restante dos seus homens tinham descido o Apediá com duas ubás para trazer mercadorias da estação telegráfica de Pimenta Bueno, que ficava 150 quilômetros rio abaixo. Dequech estranhou o deslocamento dos homens, pois a firma Caetano Costa & Cia., de Calama, tinha o compromisso de entregar as encomendas na Cascata. Para saber o que tinha acontecido, porém, teriam que esperar o regresso do Bahia.

"Esse trecho do rio Apediá ou Pimenta Bueno era muito encachoeirado, de navegação difícil e não havia nenhum morador, além dos índios, em todo o percurso desse rio, desde as cabeceiras em Vilhena, onde moram somente o telegrafista e seu ajudante, e a foz em Pimenta Bueno, onde havia um pequeno grupo de moradores... Enquanto aguardávamos o retorno do "Bahia", tomamos as providências mais urgentes. Instalamos a estação de rádio. Olegário e "Zé Gouveia" cortaram um cedro e fizeram 3 bateias. Começamos o estudo dos arredores da Cascata, pesquisando ouro nos córregos, com bateia".

As primeiras "visitas" não tardaram a chegar. Da tribo Massacá, veio Arué e Enemuín. Chegaram nus, trazendo apenas arcos e flechas. Regressaram para a maloca levando alguns presentes e, dois dias depois, reapareceram com mais companheiros. Entre eles o tuchau Ducariá-Urupú, também conhecido pelo nome de Santiago (ou "Capitão" Santiago – patente adotada para os chefes indígenas no tempo da Comissão Rondon), cuja maloca ficava a uns dez quilômetros do acampamento.

Em seus artigos para o jornal Alto Madeira, Dequech se refere a várias passagens de contato com as populações indígenas da região. Desde o início os Massacá ganharam uma certa preferência do engenheiro, que estabeleceu com eles um relacionamento especialmente amigável. Desta tribo, vieram se apresentar também Ya-Yá, Namuín, Hó hó paín, Babá, quatro filhos do Capitão – Bokeriô, Airú, Cuiú-onpei, Unducã – e o curandeiro Cuirá.

"Traziam presentes — banana, milho, pamonha, batata-doce, amendoim, transportados em pequenos paneiros (cestos) sustentado por uma faixa de embira passada pela testa. Arué vinha na frente; descarregou seu paneiro no chão e, comendo uma banana descascou cerimoniosamente outra e enfiou-a sem prévio aviso na boca do Dr. Ari".

Dequech explica em suas anotações que o significado dessa prática era mostrar, comendo uma, que todas as bananas eram boas, não estavam envenenadas. Faziam o mesmo com qualquer comida ou bebida: provar primeiro na presença das pessoas presenteadas. À noite, quando ouviram músicas no rádio, os indígenas permaneceram impassíveis, sem entenderem de onde vinha o som. Neste primeiro contato, Dequech escreveu várias observações sobre eles, nas quais já incluiu algumas lições do idioma local.

"No sábado, 2 de agosto de 1941, os índios deram adeus ("egana-í" na língua Massacá) e regressaram para sua maloca, felizes com os presentes que lhes demos: — facas, terçados, machados, redes, anzóis, agulhas, fósforos, tesouras, linha de pesca. Vínhamos preparados para distribuir tais presentes em todos os contatos semelhantes com índios, pois a expedição era mista, do DNPM e do SPI — Serviço de Proteção aos Índios".

À tarde o Bahia chegou com oito mateiros. Dequech observou nas suas anotações que o termo era usado impropriamente para designar os trabalhadores contratados para fazer todo o serviço braçal na mata. Na verdade, "mateiro" é aquele que tem o sentido de orientação e não se perde

na mata. "Mesmo viajando em ziguezague por diversos dias, sabe sempre o rumo e a distância do ponto de onde partiu", escreveu o chefe da expedição. Ele destacou ainda que essa qualidade inata aos indígenas – senhores da mata – é rara entre os trabalhadores comuns. "De cada vinte, um ou dois podem ser incumbidos de uma viagem de exploração do terreno sem risco de se perderem, dando depois muito trabalho para serem localizados", observou.

Com o Bahia vieram alguns índios da tribo Salamãi, que auxiliavam nas viagens de ubá no rio Apediá: o tuchau Baket (rebatizado por um dos peruanos de Casara, Panduro, com o nome de Telémaco), Mundé, Aruí, Guablum (que posteriormente se mudaria para um acampamento da Funai, perto de Vilhena, com o nome de "Tubarão"), Mantinã, Aratimun, além de Aué e Iriuã, da tribo Coaiá.

"Adotávamos o critério de pagar o trabalho dos índios na base de 12 mil réis por dia (mesmo salário de nossos trabalhadores); o pagamento era feito com ferramentas, roupas, algum mantimento — o que eles preferissem. Não tínhamos dúvida em entregar armas para quem vivia da caça; com apenas 2 ou 3 espingardas numa tribo não iriam provocar guerras, mesmo porque dependiam de nós para fornecer-lhes munição".

UM PROBLEMA COLOSSAL

Ao voltar ao acampamento, Bahia confirmou o que todos temiam: a carga de 17 toneladas estava sendo deixada pela empresa Caetano Costa na estação de Pimenta Bueno, 150 quilômetros distante do combinado. A alegação era a de que as águas do rio dali para cima estavam muito baixas e, por isso, seria muito difícil e arriscado subir com seus batelões até a Cascata. Para Dequech, não havia dúvida de que este era um grande problema.

"Dispúnhamos de 2 ubás com capacidades de 1.000 quilos cada uma; por ser o rio correntoso cada ubá exigia 8 homens no varejão e mais 1 no leme, e estavam gastando 10 a 12 dias de subida, porque em algumas corredeiras era preciso transportar a carga por terra, subindo com a ubá vazia; descansavam desse esforço 2 dias na Cascata; e finalmente gastavam 3 dias no retorno de baixada até Pimenta Bueno — um total de mais de 15 dias na viagem de ida e volta para trazer somente 1.000 quilos por ubá, consumindo na subida, no descanso e na descida boa parte do mantimento transportado".

Enfim, eles levariam meses transportando a carga para a Cascata com ubás. Não havia outra alternativa: o transporte teria que ser feito como combinado, nos batelões a motor da empresa contratada. Dequech foi firme ao relatar o imbróglio e demandar providências.

"Emiti imediatamente um telegrama nesse sentido para Caetano Costa & Cia e outros para o General Rondon e o Major Aluízio relatando o sucedido e determinei ao Bahia que fizesse uma última viagem a Pimenta Bueno, enquanto tentávamos solucionar o grave problema".

A realidade impunha um desafio dramático: solucionar o problema do transporte da carga ou colocar em risco toda a continuidade da expedição. O desenlace desse conflito Victor Dequech deixou para o artigo seguinte.

O mensageiro
Observações:
TELEGRAMMA — DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAPHOS
Procedente de Copacabana Rio N.º 6202 Pls. 102 Data 10 Hora 14
RECEBIDO de Coh 1210 ás 1210 por Eds
ENDEREÇO Off Eugenhiro Dequech Expedicão Urucumacuan Pimenta Bueno.
PIMENTA BUENO AMAZONAS
Nr 10/9/41 Seria toda vantagem prosseguimento abertura varadouro para Vilhena vg intuito Senhor Presidente Republica visitar seus trabalhos inloco de onde poderia trazer uma lembrança preciosa da prospecão tão prometedora pt O Senhor Presidente chegará Vilhena de Avião tomaria ali um automovel que o conduziria até seu acampamento pt Peço informar me detalhes seus trabalhos vg resultados já alcançados fim transmittir ao Chefe da Nação pt Eu deposito grande esperança nas pesquisas pt Aguardo sua resposta pt Saudações
General Rondon

O VALOR DOS MAPAS

Todo bom viajante jamais dispensa o precioso auxílio dos mapas. Eles são fontes inestimáveis de informação para quem, especialmente, se aventura a desbravar regiões ainda pouco exploradas.

"Tratamos de preparar nossa segunda viagem pelos 100 quilômetros de varadouro que separavam Barranco Alto da Cascata 15 de novembro, no rio Apediá, transpondo a serra dos Parecis. Dispúnhamos de três mapas da região que iríamos palmilhar, fornecidos pelo General Rondon e pelo Major Aluízio:

1) Planta do levantamento dos rios Pimenta Bueno (Apediá) e Corumbiara, executado por sugestão da Inspeção de Fronteiras, sob a orientação da Chefia do 3º Distrito de Mato Grosso. 1931. Desenhado na Inspeção de Fronteiras. Rio de Janeiro, Setembro 1932. Visto: Gal. Rondon — Serviço de conclusão dos trabalhos técnicos da antiga Comissão Rondon. Confere Cel. Jaguaribe de Matos, Junho 1940.

2) Rios Corumbiara e Guarajus. Levantamento expedido em julho de 1931. Secção de Desenho da E.F.M.M. — (assinado) Fco. Erse, Visto — Aluízio Ferreira, Diretor.

3) Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, Exploração do Vale do Rio Guaporé pelos rios Veado Preto e Corumbiara. Pelo Engenheiro de Minas Francisco Moritz. 1912. Visto — Cel. Rondon (No rodapé): Escritório Central do Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1913. Confere — 1º Tte. Jaguaribe de Matos. Serviço de conclusão dos trabalhosa da antiga Comissão Rondon, 17 de junho de 1940. Confere — Cel. Jaguaribe de Matos.

Na avaliação de Dequech, eram mapas bastante satisfatórios, feitos por pessoas que tinham percorrido e batizado todos os igarapés, corredeiras e demais acidentes geográficos. Os dois primeiros, entretanto, tinham um defeito lamentável, que era o de não mencionar claramente os autores. Um erro jamais sanado, já que um militar do escritório central da Comissão de Linhas Telegráficas "segurou" os mapas durante anos, sem tomar as providências necessárias.

"Desde 1911 até 1942, os mapas executados na região de Mato Grosso e Amazonas, onde operou a antiga Comissão Rondon, convergiram todos para as mãos do Cel. Jaguaribe de Matos, a quem Rondon indicou, como homem de sua confiança, para chefiar o "Serviço de Elaboração da Carta de Mato Grosso", instalado no Quartel

General do Exército, Rio de Janeiro. Ao que sei, o Cel. Jaguaribe passou anos tentando sempre aperfeiçoar essa carta, sem fornecer cópias a ninguém, e acabou morrendo sem publicá-la”

Para definir aqueles que, como o Coronel Jaguaribe, tergiversam e deixam passar as oportunidades, Dequech lembrou a frase de Beraldi:

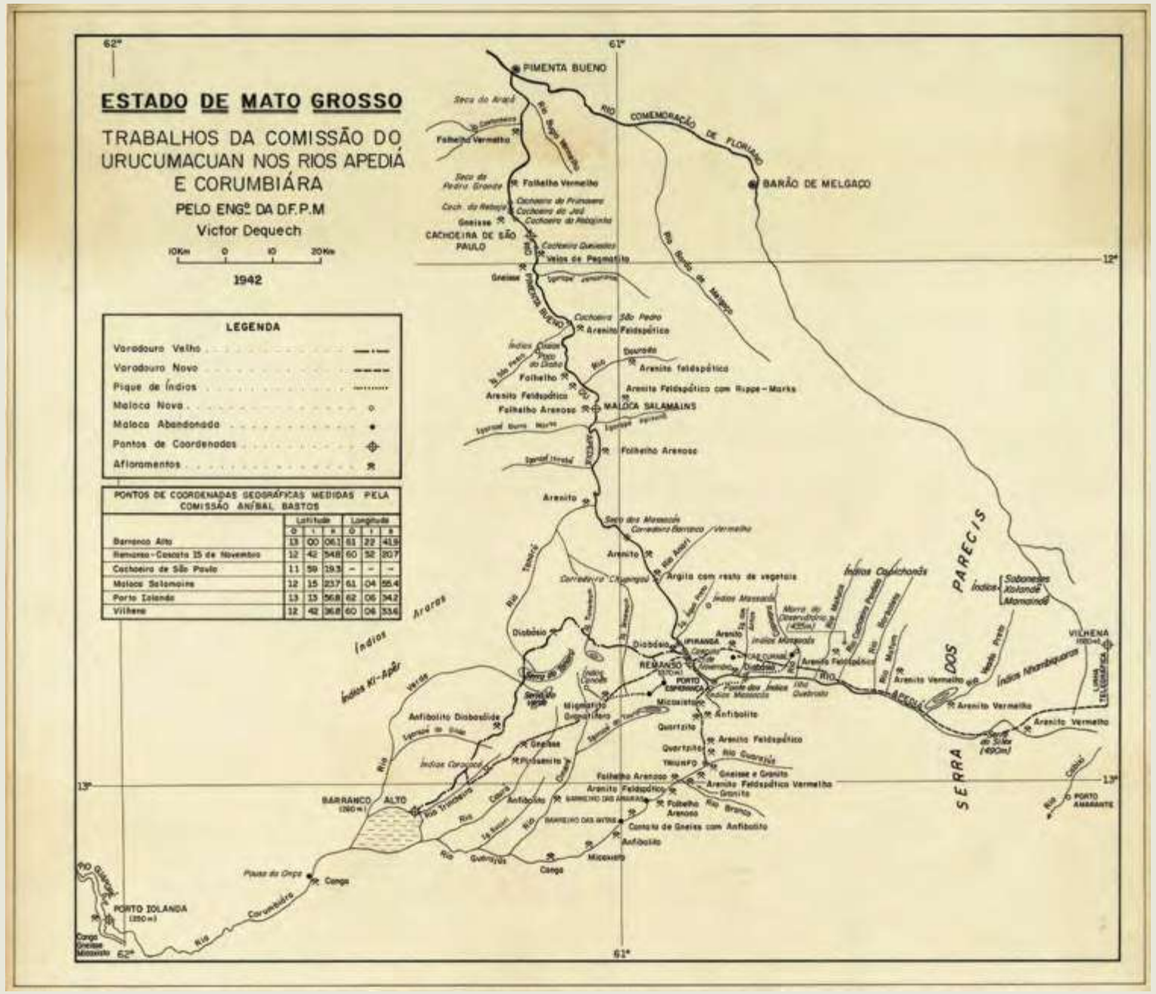
“Há duas espécies de homens. Os que agem rápido, publicam logo, com risco de publicarem imperfeito; e os lentos, que querem publicar perfeito, com o risco de chegarem tarde”.

Ainda segundo o chefe da expedição, a era das fotografias aéreas fez com que o arquivo de mapas do Coronel Jaguaribe passasse a ter importância secundária. Em 13 de janeiro de 1940, a empresa Sindicato Condor Ltda. (depois S/A Cruzeiro do Sul) a pedido do Capitão Aluízio Ferreira, apresentou uma proposta para o levantamento aerofotogramétrico de uma zona entre Guajará-Mirim e Vilhena. Ele seria obviamente muito útil para os trabalhos da Comissão, mas, como o custo era elevado, infelizmente não foi contratado.

“Acredito que parte importante dos levantamentos desses rios deve-se ao Eng. Francisco Erse, quando fez a demarcação das terras da Concessão Guaporé Rubber, em 1927-1928, viajou no Corumbiara em companhia de Manoel Pereira, que tinha sido mateiro da Comissão Rondon e trabalhou com o Tte. Emanuel Amarante em Vilhena. Deve também ter colaborado na confecção dos mapas o Tte. Aníbal Freire, que chegou a Barranco Alto em 1029 somente com o soldado Timóteo, seu cozinheiro, trazendo um motor de popa de rabeta, de 2 ½ H.P. Com o apoio de Américo Casara que lhe cedeu o mateiro peruano Crescencio Panduro e alguns trabalhadores e ainda na companhia do índio Baket (também conhecido como Telémaco, prático do rio Apediá, hoje octogenário, vivendo em Porto Velho), subiram o rio Guarajus até Porto Triunfo e dali passaram para o Apediá o qual desceram até a estação Telegráfica de Pimenta Bueno, e Ji-Paraná, donde o Tte. Aníbal seguiu para Porto Velho e Panduro voltou para Barranco Alto deixando Baket na sua maloca no Apediá. Finalmente em 1930 o então Tte. Aluízio Ferreira por ordem de Rondon, subiu o Corumbiara até Barranco Alto, donde, também, com o apoio de Américo Casara foi pelo varadouro existente até a Cascata, descendo em seguida o rio Apediá até a foz do Tanarú.

Mas é de justiça reconhecer que a mais substancial colaboração na feitura desses mapas se deve ao conhecimento que tinham da geografia dos rios Corumbiara e Pimenta Bueno, Américo Casara e seus principais feitores, Crescencio Panduro e

Juan Zamora, que desde 1913 palmilharam a região dia após dia. Além dos índios que os acompanharam e guiaram, como o grande tuchau Baket (Telémaco) da tribo Salamãi do rio Apediá”.


ESTADO DE MATO GROSSO
TRABALHOS DA COMISSÃO DO URUCUMACUAN NOS RIOS APEDIÁ E CORUMBIÁRA
PELO ENG.º DA D.F.P.M
Victor Dequech
1942
LEGENDA
Varadouro Velho
Varadouro Novo
Pique de Índios
Maloca Nova
Maloca Abandonada
Pontos de Coordenadas
Afloramentos
PONTOS DE COORDENADAS GEOGRÁFICAS MEDIDAS PELA COMISSÃO ANÍBAL BASTOS
Barranco Alto 13 00 06.1 61 22 41.9
Remanso-Cascata 15 de Novembro 12 42 54.8 60 52 20.7
Cachoeira de São Paulo 11 59 19.3 - - -
Maloca Salamaãs 12 15 23.7 61 04 55.4
Porto Iolanda 13 13 56.8 62 06 34.2
Vilhena 12 42 36.8 60 06 33.6
PIMENTA BUENO
BARÃO DE MELGAÇO
CACHOEIRA DE SÃO PAULO
MALOCA SALAMAÃNS
REMANSO
BARRANCO ALTO
PORTO IOLANDA
VILHENA
SERRA DOS PARECIS
Índios Aroras
Índios Ki-Apãr
Índios Cabichonãs
Índios Mondés
Índios Kondéxaxaras
Índios Sabanêses
Índios Jolandê
Índios Mamaindê
Argila com resto de vegetais
Anfibolito Diabásico
Arenito Feldspático
Arenito Vermelho
Folhelho Vermelho
Folhelho Arenoso
Quartzito
Gneisse
Granito
Contato de Gneiss com Anfibolito
Anfibolito
Micaxisto
Congo
Rio Guaporé
Rio Corumbiara
Rio Guarajus
Rio Triunfo
Rio Apediá
Rio Barão de Melgaço
Rio Comemoração de Floriano
Rio Pimenta Bueno
Rio Tanaru
Rio Ji-Paraná
Rio Machado
Rio Muqui
Rio Branco
Rio Colorado
Rio Cabixi
Rio Guaporé
Rio Mamoré
Rio Madeira
Rio Amazonas
Rio Tocantins
Rio Xingu
Rio Tapajós
Rio Paraguai
Rio Paraná
Rio Prata
Rio Uruguai
Rio Paraíba
Rio Pardo
Rio Jacuí
Rio Iguaçu
Rio Ribeira
Rio Paranapanema
Rio Tietê
Rio Paraíba do Sul
Rio Doce
Rio Jequitinhonha
Rio Paraguaçu
Rio Pardo
Rio Jaguaribe
Rio Parnaíba
Rio Tocantins
Rio Xingu
Rio Tapajós
Rio Madeira
Rio Amazonas
Rio Negro
Rio Branco
Rio Uaupés
Rio Japurá
Rio Solimões
Rio Purus
Rio Juruá
Rio Tefé
Rio Jutaí

ESTADO DE MATO GROSSO

TRABALHOS DA COMISSÃO DO URUCUMACUAN NOS RIOS APEDIÁ E CORUMBIARA

PELO ENGº DA D.F.P.M.

Victor Dequech

Escala 1:250000

1942

CADERNETA Nº III - IV

Cad. Nº III

16/8/41 A 19/8/41 - Viagem Cachoeira 15 de Novembro a Pimeta Bueno em canôa.
23/8/41 A 5/9/41 - Viagem Pimenta Bueno a Cachoeira 15 de Novembro em batelão.
9/9/41 A 12/9/41 - Viagem Cachoeira 15 de Novembro a Pimenta Bueno em batelão
13/9/41 A 22/9/41 - Viagem de Pimenta Bueno a Cascata, na companhia do Dr. Anibal, Erichsen, Prof. Queiroz, Pedro Lima e Wilson Portuguez.

Cad. Nº IV

3/10/41 A 4/10/41 - Cascata-Triunfo 30 Km.
6/10/41 - 10/10/41 - Triunfo-Cascata 30 Km.
14/10/41 - 23/10/41 - Cascata-Vilhena 130 Km.
26/10/41 - 5/11/41 - Vilhena-Cascata 130 Km.
12/11/41 - 16/11/41 - Cascata-B. Alto 100 Km.
20/11/41 - 22/11/41 - Cascata-B. Alto 100 Km.
23/11/41 - 5/12/41 - B. Alto a Foz do Quere (Omeré) em canoa.
Foz das Cabeceiras do Quere (Omeré) ida e volta 100 Km.
5/12/41 - 6/12/41 - Boca do Quere (Omeré) a B. Alto.
6/12/41 - 8/12/41 - Preparativos em B. Alto
9/12/41 - 20/12/41 - B. Alto - Guajará Mirim

16/8/41 - Sábado :

As 7 horas após um quebra-jejum partimos do acampamento 18 pessoas remam a "1 e meia".

1 - Victor Dequech
2 - Bateadores: Augusto e José
1 - Motorista : Mané Bento
1 - Cosinheiro
4 - Remadores
8 - Indios Salamãin
__ - Ancê
Total 18

Os indios são: Cap. Mundé, Cap. Telema-cúm, Aruí, Auê (coaiá), Abaitá, Tubar-úm, Dr. Matinã (curandeiro) e Irinã.

As 8,30 hs. chegamos ao Ipiranga. As 9,30 partimos em dois ubás. O aspecto do rio é o mesmo das proximidades da Cachoeira 15 de Novembro. 15 minutos

TERCEIRA ETAPA

O RIO APEDIÁ OU PIMENTA BUENO

Alto Madeira
Caderno 3
Porto Velho, domingo 30; 2ª. feira, 31 de maio de 1993

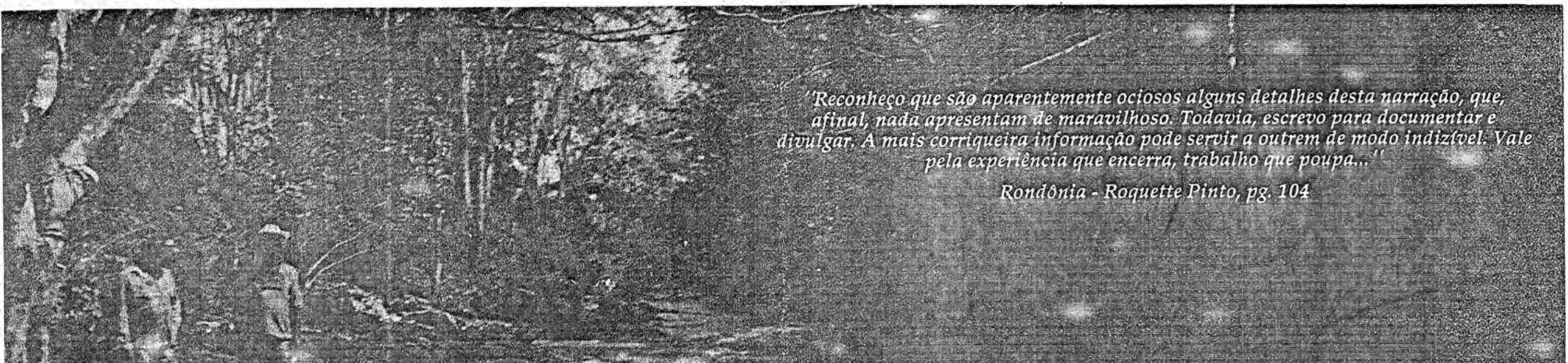
A Expedição Urucumacuan

NOTAS DO DIÁRIO DE VIAGEM 1941 - 1943

VICTOR DEQUECH, Engenheiro-Chefe da Expedição

3ª Parte do Resumo

O rio Apediá ou Pimenta Bueno



"Reconheço que são aparentemente ociosos alguns detalhes desta narração, que, afinal, nada apresentam de maravilhoso. Todavia, escrevo para documentar e divulgar. A mais corriqueira informação pode servir a outrem de modo indizível. Vale pela experiência que encerra, trabalho que poupa..."

Rondônia - Roquette Pinto, pg. 104

2. ESPECIAL — Alto Madeira — Porto Velho, domingo 30; 2ª. feira, 31 de maio de 1993

A Expedição Urucumacuan

Transporte de 17 toneladas de carga

Conforme descrito no artigo anterior, o bom andamento dos trabalhos da Expedição estava seriamente ameaçado desde que a firma Caetano Costa & Cia., sediada em Calama, foz do Ji-Paraná, contratante do transporte de nossas 17 toneladas de carga, desde Calama até nosso acampamento-base na Cascata 15 de Novembro, médio rio Pimenta Bueno, estava deixando a carga na Estação Telegráfica de Pimenta Bueno, 150 quilômetros abaixo do destino combinado, sob a alegação de que o "Pimenta" estava seco demais tornando difícil a navegação com seus batelões a motor e pretendendo que nós nos incumbíssemos do transporte da carga com ubás de Pimenta Bueno para cima.

A carga calculada para um ano de trabalho com 40 pessoas, estava dividida em pequenos volumes de até 30 quilos, para facilitar seu transporte, transportada nas costas pelos trabalhadores nos piques internos das corredeiras; era constituída por 528 volumes, sendo: - 75 volumes com peso de 2.500 quilos, contendo 1 sonda para aluvião, tipo "Empire", ferramentas de pesquisa e de trabalho na mata; mais 83 volumes pesando 3.100 quilos, com gasolina e querosene, embalados em caixas de madeira, contendo cada uma 2 latas de 20 litros e mais óleo lubrificante; e ainda 370 volumes com 12.000 quilos, contendo mantimentos, medicamentos e munição. O açúcar, bolacha, café, que não podiam melhar-se eram acondicionados em latas com solda contínua no tampo. Uma parte da carga era de material a ser distribuído aos índios em pagamento do seu trabalho, no mesmo valor que se pagava os trabalhadores; não eram bugigangas ou quinquilharias, somente aquilo que lhes seria de grande utilidade como machados, facões, facas, tesouras, agulhas, anzóis, linhas, fósforos, redes, mosquiteiros, material de carpintaria como enxó, formões, martelos, serrotes, tracadores para serrar toras de madeira, e, para alguns, só controle, espingardas de caça e alguma munição que se entregues aos poucos.

O transporte de tão volumosa carga com vida, pela sua fertilidade e grande número de remadores que exige, ocuparia quase todo nosso pessoal durante alguns preciosos meses de verão, justamente os mais indicados para executar os trabalhos de pesquisa nos afluentes dos rios e igarapés; precisávamos manter nosso feitor Eleotério Silva, a "Bahia", para Pimenta Bueno, no dia 4 de Agosto, afim de que ele insistisse na vinda dos batelões a motor contratados, até outro pide.

A Viagem do engenheiro Moritz em 1912

Durante alguns dias, ficamos ocupados em estudar a geologia dos arredores da "Cascata", uma área de rocha basáltica, que se decompõe em terra rosa muito fértil. Os igarapés da área, pesquisados com batela, revelaram-se pobres em ouro, contrariando as afirmações do engenheiro de minas norte-americano Francisco Moritz, o qual, contratado por Rondon em 1912, tinha pesquisado o rio Pimenta Bueno desde as nascentes nos arredores de Vilhena até a Cascata que batizou com o nome de 15 de Novembro, dali tendo regressado porque desorientou-se (pensava estar descendo o rio Cerumbiara no rumo do rio Guaporé, mas percebeu seu erro quando observou que o rio, a partir da "Cascata", inflecta para o Norte) e porque seus homens cansados e doentes, não tinham condição de prosseguir, mal conseguindo regressar para Vilhena.

Em nossos trabalhos, respeitamos e mantivemos os nomes dos accidentes geográficos do rio Pimenta Bueno no trecho Vilhena - "Cascata", tal como foram batizados por Moritz; e da "Cascata" para baixo até a foz na Estação Telegráfica de Pimenta Bueno, mantivemos também todos os nomes dos igarapés, corredeiras e cachoeiras, tal como foram batizados pelos homens do pioneiro Casara, especialmente seus feitores - o peruano Crescencio Pandoro e o colombiano Juan Batista Zamora, ambos trazidos do Perú por Casara.

O pioneiro Américo Casara

O valor e a audácia de Casara, merecem destaque. Tendo chegado ao Cerumbiara em 1913, instalou-se em Barranco Alto, a 100 quilômetros da foz desse rio na Guaporé, com um grupo de famílias de cauchéiros peruanos e bolivianos. Expulsos de início seringa, caucho e poaia nos rios Verde e Guaratiá, formadores do Cerumbiara. Entre 1920 e 1935 passou a trabalhar também intensamente no rio Pimenta Bueno, entre a "Cascata" e a foz do rio Tanaré, quando fez um varadouro de quase 200 quilômetros de extensão, ligando Barranco Alto - cabeceiras do Tanaré - Estação de Pimenta Bueno, por onde trafegava com tropas de burro para vender charque, queijo, farinha, cereais, rapadura e cachaça, para o pessoal da Linha Telegráfica e ferroviários das Comemoração de Floriano e Machado. Nesse período extraía na região do rio Tanaré algumas toneladas de borracha que transportou pelo rio Pimenta Bueno em "calapes" - um estrado flutuante constituído de toras de madeira forte e leve, dispostas em malha retangular, amarradas com cipó, sobre ela eram colocadas as peles de borracha de forma ovoide e com furo segundo seu eixo, pelo qual passava um cipó permitindo amarrar as peles entre si em cordões circulares concêntricos, presos também por cipós radiais. O calapo viajava de bubuia, com a velocidade limitada à força da correnteza, e com seu volume quase todo dentro d'água; algumas hamens viajavam na flutante com varejão para desengarrafar de eventuais obstáculos. O mantimento e as redes dos homens, que no calapo se molhariam, em geral eram levados em canoa auxiliar.

Mais arrojado ainda foi Casara nessa mesma época, quando colhia na região entre a "Cascata" e o rio Tanaré, 1.000 toras de Ipê (mogno), pretendendo levá-los flutuando até Manaus, onde chegou somente com 90 toras! O restante ficou encravado nas galhadas das praias e ilhas, onde foram arrastadas pela força das correderas! Ainda vimos, em 1941 alguns desses toros desgarrados, de mais de 1 metro de diâmetro e 3 a 4 metros de comprimento, com as grampos e com pedaços das correntes que os prendiam entre si, abandonados nas ilhas e margens dos trechos correntosos do rio.

Respeito à Toponímia

Em nossos trabalhos respeitamos as denominações geográficas dos que nos antecederam; lamentavelmente outros viajantes mais recentes, para se evidenciarem, mudaram nomes já consagrados, trazendo confusão geográfica; outros transferiram nomes conhecidos, como no caso do "Projeto de Assentamento Corumbiara", localizado fora desse rio batizado há três séculos, cujo nome foi empregado certamente porque foi julgado um nome bonito, de impacto.

Esclarecida a paternidade toponímica do rio Pimenta Bueno, prosseguimos na descrição da viagem.

Viagens no rio Pimenta Bueno

No dia 16 de agosto de 1941 partimos da "Cascata" para a Estação Telegráfica de Pimenta Bueno, afim de ajudar na solução do problema de transporte, aproveitando o percurso para iniciamos o estudo do trecho inferior do rio Pimenta Bueno, marcando, se possível, algum local onde fosse recomendado instalar a sonda para pesquisar os cascalhos profundos. Partimos do acampamento às 7 horas, seguindo pela varadouro que margeia a corredeira para juntos numa extensão de 5 quilômetros, até o ponto batizado com o nome de Porto Ipiranga, onde se inicia o trecho navegável do rio, e onde estavam nossas duas ubás.

Após a arrumação da carga que tratamos, partimos às 9 horas, eu, os 2 barqueiros Olegário e José, o motorista Manoel Bento para ajudar na operação ou conserto de algum motor de popa se fosse preciso, 5 trabalhadores e 8 índios da tribo Salamãi de "Capitão" Batiká, dividindo-se pessoal nas 2 ubás, cada uma, com capacidade para 1.000 quilos mais ou menos, impulsionada por 6 remadores e um piloto. Como o rio nesse trecho é bastantemente navegável, remávamos a "uma e meia", isto é, em ritmo cadenciado médio, com uma remada forte, mergulhando n'água toda a pá circular do remo, e outra leve, impulsionada por meia-pá somente. O rio estava com nível médio, nem cheio nem seco, e tinha em ambas as margens um pequeno barranco, onde se viam quando em quando os sulcos por onde as antas passavam para atravessar o rio.

No lado de dentro das curvas do rio, em geral vimos praias e em continuação terras baixas parcialmente encobertas por vegetação rala estendendo-se até terra firme afastada do rio; na margem oposta, lado de fora da curva, a terra firme, coberta com sua mata exuberante, encosta no rio, formando paredões, em geral de 2 a 5 metros de altura, alguns com camadas de cascalho visíveis pouco acima do nível d'água.

Procurávamos sempre testar os cascalhos com a haste especialmente nas paradas obrigatórias quando se podia demorar mais nas pesquisas; sempre encontramos algum ouro, mas em quantidade insignificante.

Às 10 e 30 passamos por um porto da margem direita que conduz à maloca próxima do "Capitão" Mundê, e logo em seguida pela foz do rio Anari, afluente da margem direita; pouco abaixo descemos a Corredeira do Chupingás, onde a água corre com muita velocidade e portanto os canoeiros tiveram que remar com força e rápido, para que a velocidade da ubá fosse maior que a da água, assegurando dessa maneira o domínio de nome com a ajuda do remo de piloto que ia na popa; sem essa providência, a ubá desceria desgovernada e poderia atravessar-se na corredeira e virar.

A presença de cascalho de seixos grossos no barranco da margem direita dessa corredeira, era um ponto interessante para pesquisar com a sonda no regresso, ou talvez mesmo para testar com nossa sonda de aluvião. Pouco abaixo, numa rápida parada para um lanche, encontramos afloramento de um arenito amarelo-avermelhado, mais nova que os basaltos da Cascata. Na margem direita há uma canada de cascalho cuja espessura visível, acima da água é de 2 metros.

Tratamento de "Capitão"

Às 12 e 30 os índios mostraram na margem direita o caminho que leva à maloca do "Capitão" Aruã da Tribo Mawaré. (O tratamento de "Capitão" para os chefes indígenas foi um hábito adotado no tempo da construção da linha telegráfica pelos membros da Comissão Rondon para prestigiar sua autoridade e ao mesmo tempo identificar o interlocutor que podia falar pelo grupo. Em contrapartida, o General Rondon tinha o tratamento de "Papai Grande", por ser entre os civilizados a autoridade a quem os índios deviam se dirigir para solicitar providências ou receber presentes. Por extensão, recebiam também o tratamento de "Papai Grande" os oficiais que comandavam as turmas de exploração que entravam em contato com os grupos indígenas e também os chefes de grupos civis - empreiteiros, seringalistas). Saímos-se um trecho do rio Pimenta Bueno com alguns estirões de 800 metros ou mais. Uma árvore parecida com gamaleira aparece de vez em quando na margem, debruçada sobre o rio, soltando uma fruta tinha que os índios Salamãi chamam "quarulí", muito apreciada pela paca, tomando-se a sombra dessa árvore um bom pesqueiro desse peixe, que aprecia também a fruta do murici a que os índios chamam "kapiçá"; os índios colheram muita quarulí para levarem como isca.

A partir das 15 horas começou a trovejar, ameaçando chuva. O índio Mantiná, da tribo Salamãi, que é curandeiro, numa sequência de gestos, [illegible] gritos de comando e um chiado de cusperadas, que demorou alguns minutos, "curou", isto é, exorcisou o trovão para não chover. Esse curandeiro apresentava uma doença de pele observada nos índios da Serra do Morte por Requeto Pinto e por ele classificada como "dermatose esclerosante"; seu corpo era todo coberto de "escamas arrepiadas" que lhe davam um aspecto "repulsivo" - um reforço ao seu poder de magia na tribo.

Passamos a corredeira do Barranco Vermelho onde há um paredão de arenito vermelho de 15 metros de altura, em camadas horizontais, situado na margem direita e depois a Corredeira das Cabas.

No final da tarde começou a chover, apesar do esfôrço e desperdício de saliva do "Dr." Mantiná. Encostamos na ubá na margem direita, defronte à foz do rio Tanaré - o maior afluente da margem esquerda do "Pimenta".

No domingo, 17 de agosto, partimos às 6.30 percorrendo uma sequência de estirões com mata alta nas duas margens; o tempo estava encoberto, e quando o Sol prometia aparecer surgia das nuvens, o "Dr." ficou enfurecido e fez um benzimento de boas-vindas ao "Astro-Rei", que mais uma vez resultou em efeito contrário - o Sol desapareceu de vez.

Passado o Igarapé Urunmum, encontramos ao meio-dia, muito de propósito, embaixo de um pé de "quarulí" de qual caíam frutas atraindo os peixes. Pescamos alguns pacú que fazem assados para o almoço com farinha. Continuando, passamos uma pequena ilha e em seguida, na margem esquerda, surgia a foz do igarapé Itiitabí, em cujas cabeceiras moravam os índios Coatá do "Capitão" Tiá, até que se mudaram para a margem oposta do "Pimenta", juntando-se aos Salamãi do cacique Bakét.

Estirões para hidroavião

Depois do Igarapé Apixuná, afluente da margem direita, há um belo estirão de 1 quilômetro com 25 metros de largura, com mata baixa e rala nas margens. Nesse dia anotei que ali podia descer com segurança um hidroavião, influenciado pelo fato de que naquela época o transporte aéreo era feito em hidroavião em toda a Amazônia-Belém, Manaus, Porto Velho, Guajará-Mirim, Rio Branco, Imperatriz, e mesmo no rio Parnaíba - em Teresina, Floriano, etc. Quando chegava em Porto Velho para descer no rio Madeira (o rio das madeiras) tinha que ficar sobrevoando por alguns minutos até que o agente da Condor, hoje Cruzeiro do Sul, usando uma sassa a motor, verificasse se não havia nenhum tronco boiando nas proximidades da faixa de pouso balizada com duas linhas de boias, quando enchiam um sinal para o piloto. Ao descer, o avião batia n'água com estrondo e afundava seus poucos até que a água ficava à altura das janelas, assustando os passageiros não habituados. Não havia pista de pouso e nem se julgava necessário investir na sua construção pela [illegible]dade de aterrisar nos grandes rios.

Maloca Salamãi

Prosseguindo rio abaixo, chegamos às 17 horas na maloca do cacique Bakét - o "Tiãmaco, da Tribo Salamãi, situada próxima à margem direita do rio "Pimenta". Acompanhe na margem, armamos as redes e enquanto o cozinheiro cuidava do jantar, fomos a conversa dos índios em visita à aldeia próxima. Eram duas moradias - uma do "Capitão" Bakét e outra do "Capitão" [illegible], ambas de base circular. Um mastro vertical fincado no centro sustentava a cobertura hemisférica formada por um conjunto de varas flexíveis dispostas segundo paralelos e meridianos, amarradas entre si com cipó e embira e cobertas de palha. O paralelo que ficava na altura de dois metros, era sustentado por umas dez escoras com forquilha na ponta, inclinadas e dispostas em círculo em torno do mastro central. Na periferia ficavam as redes dos [illegible] - uns 6 ou 8. Havia um giraú de um lado para depositar milho, macaxeira, batata doce, cará, amendoim, etc., mas ao lado da rede cada um tinha uma pequena quantidade desses produtos para uso imediato. Na base da cobertura de palha, junto ao chão, colocavam uma cinta de tecaçu, de 1 metro de altura, feita com a casca grossa resinosa de jatobá previamente tratada pela exposição à fumaça de certas madeiras que dão [illegible] fuligem preta, betuminosa - uma proteção contra a umidade, respingos da água da chuva e - o mais importante, e redigo é uma proteção contra flechadas na altura em que deitam nas redes. O pátio entre as duas moradias hemisféricas é grande e mantido sempre muito limpo; ali passam grande parte do dia, fazem seus

CONTINUA...

Afloramento do conglomerado glacial no Sítio da Pedra Grande, rio P. Bueno. 1941.

Cacique BATIAK (Tiãmaco) da tribo Salamãi. Foto tirada no Dema, P. Velho, 1938. (Faleceu há 2 anos).

Acampamento - base na Cascata 15 de Novembro. 1941.

CONÃ, filha do cacique TIÃ, tribo Salamãi. 1941.

O autor na Cascata com 2 índios Mawaché - à esquerda, POLÃ-CASSUÃ, à direita, CASSUPÃ (Alonso); este falecou no DEMA, P. Velho, há um ano. 1941.

O pioneiro Américo Casara (sitia), utilizando serrilho improvisado para arrastar tábas de mogno. Foz do rio Tanaré, foto de 1921.

UMA TRAVESSIA ÉPICA

O terceiro artigo de Dequech para o jornal Alto Madeira foi publicado cinco anos depois dos dois primeiros, na edição de domingo, 30 e segunda-feira, 31 de maio de 1993. Começava com as preocupações do engenheiro sobre como transportar 17 toneladas de carga pelo rio Pimenta Bueno, compromisso que a empresa contratada se recusava a honrar.

"O bom andamento dos trabalhos da Expedição estava seriamente ameaçado desde que a firma Caetano Costa & Cia., sediada em Calama, foz do Ji-Paraná, contratante do transporte de nossas 17 toneladas de carga, desde Calama até nosso acampamento base no Cascata 15 de Novembro, médio rio Pimenta Bueno, estava deixando a carga na Estação Telegráfica de Pimenta Bueno, 150 quilômetros abaixo do destino combinado, sob a alegação de que o "Pimenta" estava seco demais tornando difícil a navegação com seus batelões a motor e pretendendo que nós nos incumbíssemos do transporte da carga com ubás de Pimenta Bueno para cima".

Para se ter uma ideia, a carga parada fora calculada para um ano de trabalho com 40 pessoas. Se tivesse que ser buscada na estação, consumiria no traslado a maior parte dos mantimentos.

Dividida em volumes de até 30 quilos, para facilitar seu transporte, era constituída por 528 volumes, a saber:

- 75 volumes com peso de 2.500 quilos, contendo uma sonda para aluvião, tipo "Empire", ferramentas de pesquisa e de trabalho na mata;
- 83 volumes pesando 3.100 quilos, com gasolina e querosene, embalados em caixas de madeira, contendo cada uma duas latas de 20 litros e mais óleo lubrificante;
- 370 volumes com 12.000 quilos, contendo mantimentos, medicamentos e munição.

Uma parte da carga era de material a ser distribuído aos indígenas em pagamento do seu trabalho e, garantia Dequech, não eram bugigangas ou quinquilharias. Ou seja, nada de espelhos e sim artefatos úteis como machados, facões, facas, tesouras, agulhas, anzóis, linhas, fósforos, redes, mosquiteiros, material de carpintaria e, para alguns deles, de maneira controlada, espingardas de caça e munição entregue aos poucos.

Outra desvantagem de transportar tanta carga em canoas — chamadas de ubás — seria ocupar boa parte do pessoal durante os preciosos meses de verão,

justamente os mais indicados para executar os trabalhos de pesquisa nos aluviões dos rios e igarapés. Ansioso, Dequech esperava a volta do feitor Bahia de sua importante missão em Pimenta Bueno: insistir na vinda até o acampamento dos batelões a motor e sua carga, como contratado em Calama. Enquanto isso, ele aproveitou o tempo para pesquisar.

"Durante alguns dias, ficamos ocupados em estudar a geologia dos arredores da "Cascata", uma área de rocha basáltica que se decompõe em terra roxa muito fértil. Os igarapés dessa área, pesquisados com bateia, revelaram-se pobres em ouro".

RESPEITO À TOPONÍMIA

Assim, as primeiras impressões e descobertas da equipe contrariavam as afirmações sobre a existência de ouro no local, feitas pelo engenheiro de minas norte-americano Francisco Moritz, contratado por Rondon em 1912 para pesquisar o rio Pimenta Bueno desde as nascentes nos arredores de Vilhena até a Cascata — que o próprio Moritz batizou com o nome de 15 de Novembro. É bom lembrar que as versões do engenheiro americano eram conflituosas: em uma expedição anterior, ele havia negado a existência de ouro no local.

O trabalho de Dequech na região teve como uma de suas características o profundo respeito à toponímia. Assim, ele manteve os nomes dos acidentes geográficos do rio Pimenta Bueno no trecho Vilhena — "Cascata", tal como foram batizados por Moritz. Da Cascata até a foz na Estação Telegráfica de Pimenta Bueno, a expedição preservou os nomes dos igarapés, corredeiras e cachoeiras, tal como foram batizados pelos homens do pioneiro Casara, especialmente seus feitores – o peruano Crescencio Panduro e o colombiano Juan Batista Zamora.

"Em nossos trabalhos respeitamos as denominações geográficas dos que nos antecederam; lamentavelmente, outros viajantes mais recentes, para se evidenciarem, mudaram nomes já consagrados, trazendo confusão geográfica; outros transferiram nomes conhecidos, como no caso do "Projeto de Assentamento Corumbiara", localizado fora desse rio batizado há três séculos, cujo nome foi emprestado certamente porque foi julgado um nome bonito, de impacto".

CASARA, O PIONEIRO

Em suas anotações, Dequech frequentemente reafirma sua admiração por Américo Casara, a quem atribui "o valor e a audácia" dos pioneiros. Sendo assim, é natural que, ao escrever suas impressões sobre a expedição, o engenheiro volta e meia destacasse a epopeia do italiano que prosperou na selva brasileira. A começar por sua chegada ao Corumbiara em 1913 com um grupo de famílias de caucheiros, como eram chamados os peruanos e bolivianos que trabalhavam na extração da borracha.

Entre 1920 e 1935, já instalado em Barranco Alto, Casara passou a trabalhar intensamente no rio Pimenta Bueno, entre a Cascata e a foz do rio Tanarú. Além dos produtos que comercializava, extraiu na região algumas toneladas de borracha que transportou pelo rio Pimenta Bueno em "caiapós", um estrado flutuante feito de varas de madeira, dispostas em uma malha retangular e amarradas com cipó.

"Sobre ele eram colocadas as peles de borracha de forma ovoide e com furo segundo seu eixo, pelo qual passava um cipó permitindo amarrar as peles entre si em cordões circulares concêntricos, presos também por cipós radiais. O caiapó viajava de bubuia, com a velocidade limitada à força da correnteza, e com seu volume quase todo dentro d'água; alguns homens viajavam no flutuante com varejões para desenganchar de eventuais obstáculos. O mantimento e as redes dos homens, que no caiapó molhariam, em geral eram levados em canoa auxiliar".

Em seu relatório final ao DNPM, escrito quando voltou de Rondônia — então Território do Guaporé — Dequech comenta o êxodo dos seringalistas, que abandonaram a região a partir de 1930, afugentados pelo baixo valor da borracha.

"Somente Barranco Alto continuou sendo habitada por gente civilizada. E os índios volveram às suas condições primitivas de donos da terra".

Dequech observa ainda que os indígenas do rio Apediá ou Pimenta Bueno aprenderam a usar ubás e a remar somente depois que tiveram contato com Américo Casara e seus homens, isto é, depois de 1920. O arrojo de Casara era tamanho que, na época, ele colheu na região 1.000 toros de águano (mogno), que pretendia levar flutuando até Manaus. Um de seus poucos projetos que, literalmente, naufragaram no rio.

"... chegou somente com 90 toros! O restante ficou enroscado nas galhadas das praias e ilhas, onde foram atirados pela força das corredeiras. Ainda vimos em 1941 alguns desses toros desgarrados, de mais de 1 metro de diâmetro e 3 a 4 metros de comprimento, com os grampos e com pedaços das correntes que os prendiam entre si, abandonados nas ilhas e margens dos trechos correntosos do rio".

NAS ÁGUAS DO PIMENTA BUENO

No dia 16 de agosto de 1941, a equipe de Dequech partiu da Cascata para a Estação Telegráfica de Pimenta Bueno, disposta a achar uma solução para o transporte da carga. Os técnicos aproveitaram a viagem para iniciar o estudo do trecho inferior do rio Pimenta Bueno, marcando locais onde posteriormente pudessem instalar a sonda para pesquisar os cascalhos profundos. Cinco quilômetros depois do acampamento, eles chegaram a um ponto batizado como Porto Ipiranga, início do trecho navegável do rio e onde estavam as duas ubás.

A equipe era composta por Dequech, os dois batedores Olegário e José, o motorista Manoel Bento – essencial se fosse necessário consertar um motor – cinco trabalhadores e oito indígenas da tribo Salamãi do "Capitão" Batiák. Com o rio francamente navegável, seguiram em ritmo cadenciado, com uma remada forte. Nem cheio nem seco, o Pimenta Bueno tinha em ambas as margens um pequeno barranco, onde se viam os sulcos por onde as antas passavam para atravessar o rio.

"No lado de dentro das curvas do rio, surgiam praias e terras baixas parcialmente encobertas por vegetação rala estendendo-se até a terra firme afastada do rio; na margem oposta, a mata exuberante encostava no rio, formando paredões de dois a cinco metros de altura, alguns com camadas de cascalho visíveis pouco acima do nível d'água... Procurávamos sempre testar os cascalhos com a bateia, especialmente nas paradas obrigatórias quando se podia demorar mais nas pesquisas; sempre encontramos algum ouro, mas em quantidade insignificante".

Seguindo viagem, passaram pela foz do rio Anarí, afluente da margem direita e, logo abaixo, desceram a Corredeira do Chupingáu, onde a água corria com muita velocidade. Ali, os canoeiros tiveram que remar com força e rápido, de maneira que a velocidade da ubá fosse maior que a da água. Sem essa providência, temia Dequech, "a ubá desceria desgovernada e poderia atravessar se na corredeira e virar"

No meio do dia, os indígenas que acompanhavam a expedição mostraram na margem direita o caminho que levava à maloca do "Capitão" Aruí da Tribo Massacá. O tratamento de "Capitão" para os chefes indígenas foi um hábito adotado no tempo da construção da linha telegráfica pela Comissão Rondon para prestigiar sua autoridade e ao mesmo tempo identificar o interlocutor que podia falar pelo grupo.

Em contrapartida, o General Rondon tinha o tratamento de "Papai Grande", por ser a autoridade a quem os indígenas deviam se dirigir para solicitar providências ou receber presentes. Também recebiam o tratamento de "Papai Grande" os oficiais e chefes de grupos civis, como engenheiros e seringalistas que entravam em contato com os grupos indígenas.

NA COMPANHIA DOS ÍNDIOS

A viagem por terras indígenas seguia com tranquilidade, em linhas retas do rio, os estirões, que chegavam a 800 metros ou mais.

"Uma árvore parecida com a gameleira aparece de vez em quando na margem, debruçada sobre o rio, soltando uma frutinha que os Salamãi chamavam de queruli e era muito apreciada pelo pacu. Em consequência, a sombra da árvore era um bom pesqueiro desse peixe, também apreciador da fruta do murici a que os índios chamavam iapiçá".

No local, os indígenas que acompanhavam a expedição aproveitaram para colher os queruli, que usariam como isca. Quando a chuva deu os primeiros sinais, Dequech se pôs a observar com curiosidade e ironia os rituais do curandeiro do grupo.

"A partir das 15 horas começou a trovejar, ameaçando chuva. O indígena Mantinã, da tribo Salamãi, era curandeiro e começou um ritual. Numa sequência de gestos, resmungos cantarolados, alguns gritos de comando e um chuveiro de cusparadas, depois de alguns minutos ele "curou", isto é, exorcizou o trovão para não chover".

O curandeiro apresentava uma doença de pele já observada nos indígenas da Serra do Norte pelo médico e antropólogo Roquete Pinto, e por ele classificada como dermatose escamosa. O antropólogo participou da comissão Rondon, antes de se tornar o pai da radiodifusão brasileira, fundando a primeira emissora do país. O corpo de Mantinã era todo coberto

dessas "escamas arrepiadas" que lhe davam um aspecto repulsivo e, ao mesmo tempo, reforçavam seu poder de magia na tribo. Um poder que não impressionava Dequech.

"No final da tarde começou a chover, apesar do esforço e desperdício de saliva do "Dr. Mantinã". Encostamos as ubás na margem direita, defronte à foz do rio Tanarú — o maior afluente da margem esquerda do "Pimenta".

No domingo, 17 de agosto, partimos às 6:30, percorrendo uma sequência de estirões com mata alta nas duas margens; o tempo estava encoberto, e quando o sol prometia aparecer atrás das nuvens, o "Dr." ficou entusiasmado e fez um benzimento de boas-vindas ao "Astro Rei", que mais uma vez resultou em efeito contrário, o sol desapareceu de vez".

O grupo encostou ao meio dia embaixo de um pé de "queruli", do qual caíam frutas atraindo os peixes. Os homens pescaram alguns pacus, que foram assados para o almoço e comidos com farinha. Seguindo pela margem esquerda, depararam-se com a foz do igarapé Itirabé, em cujas cabeceiras tinham morado os Coaiá do "Capitão" Tiá, antes de se mudaram para a margem oposta do rio Pimenta Bueno, juntando-se à tribo Salamãi do cacique Bakét.

"Depois do igarapé Apixunã, afluente da margem direta, há um belo estirão de um quilômetro com 25 metros de largura, com mata baixa e rala nas margens. Nesse dia anotei que ali podia descer com segurança um hidroavião, influenciado pelo fato de que naquela época o transporte aéreo era feito em hidroavião em toda a Amazônia-Belém, Manaus, Porto Velho, Guajará-mirim, Rio Branco, Imperatriz, e mesmo no rio Parnaíba, em Teresina, Floriano, etc. Quando chegava a Porto Velho, para descer no rio Madeira (o rio das madeiras), tinha que ficar sobrevoando por alguns minutos até que o agente da Condor, hoje Cruzeiro do Sul, usando uma canoa a motor, verificasse se não havia nenhum tronco boiando nas proximidades da faixa de pouso balizada com duas linhas de boias, quando então dava um sinal para o piloto. Ao descer, o avião batia n'água com estrondo e afundava aos poucos até que a água ficava à altura das janelas, assustando os passageiros não habituados. Não havia pista de pouso e nem se julgava necessário investir na sua construção pela facilidade de amerissar nos grandes rios".

NA MALOCA SALAMÃI

Às 17 horas, o grupo chegou na maloca do cacique Bakét — o Telémaco, da tribo Salamãi, que ficava na margem direita do rio Pimenta Bueno. Os expedicionários montaram o acampamento na margem e, enquanto o cozinheiro cuidava do jantar, foram convidados a fazer uma visita à pequena aldeia, que tinha duas moradias: uma do "Capitão" Bakét e "Capitão" Mundé e outra do "Capitão" Aruí. A descrição de Dequech do cotidiano dos indígenas é detalhada e revela uma genuína curiosidade do engenheiro sobre os costumes dos povos da floresta.

"Um mastro vertical fincado no centro sustentava a cobertura hemisférica formada por um conjunto de varas flexíveis dispostas segundo paralelos e meridianos, amarradas entre si com cipó e embira e cobertas de palha. O paralelo que ficava na altura de dois metros, era sustentado por umas dez escoras com forquilha na ponta, inclinadas e dispostas em círculo em torno do mastro central. Na periferia ficavam as redes dos casais — umas 6 ou 8. Havia um girau de um lado para depositar milho, macaxeira, batata doce, cará, amendoim, etc., mas ao lado da rede cada um tinha uma pequena quantidade desses produtos para uso imediato.

Na base da cobertura de palha, junto ao chão, colocavam uma cinta de reforço, de um metro de altura, feita com a casca grossa resinosa do jatobá, previamente tratada pela exposição à fumaça de certas madeiras que dão uma fuligem preta, betuminosa — uma proteção contra a umidade, respingos da água da chuva — e o mais importante, o rodapé é uma proteção contra flechadas na altura em que deitam nas redes.

O pátio entre as duas moradias hemisféricas é grande e mantido sempre muito limpo; ali passam grande parte do dia, fazem suas festas com danças, praticam o esporte a que os Salamãi chamam de "batiacá", um jogo de boia somente com a cabeça, que (o presidente norte-americano) Roosevelt, na sua viagem com Rondon em 1914, batizou com o nome de "head-ball" para diferenciá-lo do "foot ball". O índio Iruã e alguns companheiros fizeram uma pequena demonstração desse esporte".

PREPARO DA BEBIDA MÃ-ÍN

À noite, depois de jantar, a turma de Dequech voltou à maloca para ver os indígenas dançarem. Oito homens e seis mulheres tomaram parte na dança:

eles avançavam e recuavam a passos cadenciados, cantando e batendo forte com um dos pés no chão para marcar o compasso.

"Nos intervalos da dança servem-se de uma bebida fermentada feita de milho a que chamam mã-ín — a conhecida "chicha" que os moradores do Guaporé, na fronteira Brasil/Bolívia, costumam beber até hoje. É um tipo do cauim largamente usado por todos os índios do Brasil. No caso dos índios do rio Pimenta Bueno, é feita de milho — entre as variedades que cultivam inclusive uma de grãos coloridos, escolhem aquele em que os grãos ficam moles o ano todo e dão uma goma consistente".

O processamento do milho é objeto de meticulosa descrição nos escritos do engenheiro. Ele observa, por exemplo, que os grãos de milho, quando mais duros, são cozidos antes de serem colocados nos grandes pilões de cumaru de cheiro enterrados no chão, nos quais as mulheres indígenas processam a mistura.

"4 ou 5 mulheres, distribuídas em torno do pilão, seguram com as duas mãos e em alturas diferentes, uma pesada "mão de pilão" de itaúba a qual vão rodando, com movimento cônico, espremendo a massa com o corpo do soquete ou mão de pilão, juntando de quando em quando um pouco d'água e rodando sempre num movimento de balanço que parece uma dança, até obter uma papa. O milho não é socado, pois a mão de pilão é muito pesada. Ele é esmagado. Durante esse processo vão juntando pequenas quantidades do "fermento" — que é uma massa feita de milho torrado, pilado e peneirado para separar uma espécie de farinha, que as mulheres vão pondo aos poucos na boca para mascar durante meia hora, depois do que cada mulher cospe a massa mascada e insalivada numa cuia e põe na boca outro punhado de farinha para mascar"

As mulheres que mascavam o milho eram as mais velhas. "Sua saliva deve ter maior poder de fermentação", brincou Dequech no artigo para o jornal. Com meia hora de rotação, a papa ficava pronta; aí elas retiravam a mão do pilão, recolhiam a papa com uma cuia, juntavam mais água e iam peneirá-la numa peneira de talo de tarumã, um tipo de taquara.

"O caldo era então passado para potes de barro, os "tirip", de cerca de 50 litros. Dois ou três em cada moradia, eles eram tampados para o líquido descansar e azedar durante 2 ou 3 dias. Alguns já tomavam a bebida desde o primeiro dia, quando ainda não azedou bem. No segundo dia de fermentação ela atinge o grau de acidez considerado ótimo; com três dias já fica muito azeda e poucos apreciam".

Nas festas, os indígenas bebiam essa chicha até estufar a barriga, já que seu pequeno teor de álcool não os embriagava. Eles gostavam tanto que alguns deles, quando enjoavam da bebida, enfiavam o dedo na garganta para vomitar e voltar a beber.

Durante a fermentação no pote, flutuava na superfície uma camada mais leve, oleosa, a que os Salamãi chamavam mãin-cap. Este óleo, que todos apreciavam, era retirado com cuidado e colocado em gamelas. "Dizem que além de gostoso, fortalece e rejuvenesce, sendo por isso reservado para os velhos e velhas", registrou Dequech. Em compensação, era voz corrente na tribo que ele fazia mal para a vista dos jovens, podendo até mesmo causar cegueira. Talvez para sobrar mais mãin-cap para os idosos.

"É interessante mencionar que o bagaço do caldo de milho retido na peneira de tarumã é aproveitado para preparar outro alimento muito apreciado; colocam-no numa vasilha cilíndrica feita de talo do mamuí que chamam bulu-áp, e ali um tipo de mutuca — a bulup, põe ovos e então se desenvolve uma infinidade de larvas brancas, miúdas, que se alimentam do bagaço. Depois de alguns dias não há mais bagaço, só se veem as larvas, que depois de lavadas, põem para assar em panelas de barro e comem torradinha, da mesma maneira como fazem com a saúva ou a larva gorda dos coqueiros".

DESPEDIDA DA MALOCA

Após essa profunda imersão na cultura salamãi, o grupo se despediu das malocas no dia seguinte, 18 de agosto. Os expedicionários saíram para o porto bem cedo, acompanhados de alguns indígenas. Entre os que ficaram, alguns choravam e Dequech, em suas anotações, se mostra confuso: não entende se aquilo era saudade antecipada dos parentes que continuariam a viagem ou um costume nas despedidas. Às 7 horas, já estavam navegando.

Com olhos de geólogo, Dequech analisa todas as formações do caminho, fossem elas de arenito feldspático na boca do Igarapé Txubutxi, ou do arenito vermelho ferruginoso que dá cor às águas de uma pequena cachoeira na boca do Igarapé Dourado. Descendo no Poço do Diabo, Dequech vê um paredão de 10 metros de altura, constituído de arenito feldspático. Encostam na margem para almoçar e uma ilha com cascalho é testada para sondagem, mas a bateia mostra pouco ouro.

Às 14 horas, pouco acima da Cachoeira São Pedro, passam na boca do Igarapé São Pedro, em cuja margem direita, acima da foz, estava a maloca do "Capitão" Tiá. A região era de muita caça, mas não conseguiram abater sequer uma capivara. A paisagem, sempre exuberante, mudava a cada nova formação, cada uma com um nome mais interessante que a outra, fosse ela o igarapé Jatuaranas, o Seco do Apertada Hora ou a Cachoeira da Queixada. Ao pé desta queda d'água, encontraram em duas ilhas alguns troncos desgarrados do mogno perdido de Casara, ali guardados por mais de vinte anos.

Um teste nos cascalhos das ilhas mostrou que estes também eram pobres em ouro. Os trabalhos de pesquisa e o exame das rochas tinham que ser rápidos pois Dequech tinha pressa de chegar em Pimenta Bueno e resolver o problema da carga. Na volta, pensava, os estudos poderiam ser feitos com mais atenção. Às 18 horas, eles acamparam à montante da Cachoeira São Paulo e, na falta da capivara, jantaram pacú com farinha.

Na 3ª feira, 19 de agosto, partiram às 6 horas. Alguns foram por terra no trecho de corredeiras, para aliviar a carga das embarcações. Dequech ficou com um dos grupos de remadores que desceria a corredeira com ubá. Por precaução, ele tirou as botas, pois a canoa podia bater em uma pedra e virar.

"O cacique Batiák, que Panduro e os seringueiros de Casara batizaram com o nome de "Telémaco", era nosso guia nas corredeiras, conhecia o rio como a palma da mão; na aproximação de cada corredeira, ficava de pé na proa da ubá para indicar ao piloto a passagem mais segura entre as pedras, que variava conforme o nível das águas — o melhor canal de um dia já não era o melhor no dia seguinte. Batiák (Telémaco) só indicava uma vez. Numa ocasião em que o piloto Leonel insistia em perguntar se outra passagem ao lado não seria melhor, Telémaco saltou n'água antes que a ubá chegasse nas pedras e foi nadando para a margem enquanto o piloto indeciso descia aos trancos batendo com a ubá nas rochas e recebendo água. Não há melhores guias do que os índios. Eles conhecem a mata, os barreiros de anta, de paca, sentem a aproximação da caça desde muito longe, sabem onde há os pés de "iapiçá" cuja fruta é isca para pescar pacú. Com a ajuda de Batiák, como sempre, descemos bem".

Às 7 horas, o pessoal que veio por terra contornando a cachoeira retornou e a expedição continuou a descida do rio. O céu estava limpo e o sol da manhã, muito inclinado no horizonte, entrava pela margem direita iluminando somente as copas das árvores da margem esquerda. Como tudo na Amazônia, era uma paisagem de cinema. Em cores, o que ainda não existia no Brasil — o primeiro filme colorido produzido no país data de 1953.

"Uma anta apareceu atravessando o rio. Os caçadores da expedição atiraram com espingarda 16 e revólver. Ela saiu da água sangrando, entrou na mata e fugiu. Eram apenas 9 horas e, para espanto nosso, os índios já estavam comendo macaco moqueado que trouxeram para a viagem".

ENFRENTANDO AS CORREDEIRAS

O que não faltava no caminho eram quedas d'água, que se sucediam após corredeiras cada vez mais perigosas. Na Cachoeira do Rebojo, onde chegaram às 9 horas, repetiu-se a operação de mandar alguns homens por terra para descer as ubás na corredeira com menor peso. À montante da Cachoeira Primavera, a turma do Bahia tinha feito um rancho para guardar mercadorias - era o início do trecho mais encachoeirado do rio Pimenta Bueno e que exigiria frequentes transbordos de carga.

Ali foi deixada uma das ubás, enquanto desciam com a maior delas para Pimenta. O processo foi o mesmo que em outras corredeiras – grande parte dos homens foi por terra e Dequech, com os melhores remadores, foi na ubá.

"Cabe desde logo registrar que Batiák, como os demais índios do rio Apediá ou Pimenta Bueno, aprenderam a usar ubás e a remar somente depois que tiveram contato com Américo Casara e seus homens, isto é, depois de 1920, conforme relataremos com detalhes em próximo artigo".

A corredeira é perigosa; desce-se com muita velocidade. Reunida a turma do lado de jusante, almoçamos e embarcamos na ubá grande. Vão 16 pessoas com suas bagagens; destes, 8 vão no remo e 1 de piloto. A ubá ficou com 10 cm de fora d'água somente; com qualquer movimento ela alagaria. Era arriscado viajar assim mas viajamos com cuidado, apertados como sardinha.

Na corredeira seguinte — o Seco da Pedra Grande, nome proveniente de um grande bloco de pedra, isolado no meio do rio, saliente 2 metros acima da água, chamou nossa atenção o contraste com o aspecto das lajes horizontais e rasas de gnaisse que se estendem uma margem à outra nas corredeiras vizinhas de montante; encostando a ubá verifiquei que a rocha é um conglomerado de tipo especial, merecendo um estudo mais demorado, a ser feito no regresso, pois precisávamos chegar naquele mesmo dia em Pimenta".

Passadas as correntes, os homens que estavam remando esgotaram a água que entrara na ubá e embarcaram o pessoal vindo por terra. Eles remavam

depressa, mas ninguém podia fazer qualquer movimento brusco, pois a ubá oscilava de lado, fazendo a água entrar novamente. Isso acontecia principalmente quando o "desastrado Olegário" se movia com seus 90 quilos.

NO POSTO DE PIMENTA BUENO

Às 16 e 30, a expedição chegou à Estação Telegráfica de Pimenta Bueno, localizada no encontro dos rios Pimenta Bueno e Comemoração de Floriano para formar o rio Machado. Dequech se instalou na estação com o telegrafista Moura. Os remadores e indígenas acamparam num barracão utilizado pelo Bahia, que tinha descido o rio Machado para encontrar-se com o Zé Pires, motorista do batelão que estava fazendo o transporte da carga que vinha de Calama.

"A Estação Telegráfica de Pimenta Bueno tinha 18 homens, 17 mulheres e 20 crianças, na maioria índios. Tinha um depósito da firma Caetano & Cia., que comerciava a borracha dos rios Comemoração e Machado. O aneroide registrou a altitude de 250 metros; clima bom. Havia pium durante o dia mas não havia borrachudo e, o que é importante, à noite não vimos (nem ouvimos) carapanã — o terrível pernilongo com sua música aborrecida".

Ali Dequech recebeu pelo rádio a comunicação de que uma expedição, chefiada por Aníbal Bastos, diretor da Divisão de Geologia e Mineralogia do DNPM, estava chegando. Vinda do norte de Mato Grosso, chegara em Porto Amarante, de onde seguiria para Vilhena, Comemoração e Pimenta Bueno. Dali, aproveitando as embarcações disponíveis e o varadouro Cascata-Barranco Alto, sairia pelo Corumbiara para o Guaporé, regressando ao Rio de Janeiro via Porto Velho.

Dequech já sabia da vinda do grupo por seu chefe Glycon de Paiva e pelo General Rondon. Ambos determinaram por telegramas que fosse dado todo o apoio logístico ao Dr. Aníbal e sua comitiva. Dequech garantiu a Aníbal Bastos – também por telegrama – que, entre 6 e 10 de setembro, estaria à sua espera em Pimenta Bueno para subirem até a Cascata. Ou seja, tinha tempo para ir até lá, entregar e carga e voltar.

A RETENÇÃO DO BATELÃO

O Bahia chegou a Pimenta Bueno somente no dia 21 de agosto, acompanhando o motorista Zé Pires, da Caetano Costa, em um batelão de mais ou menos 5 toneladas, com motor de popa, carregado de mercadorias. O motorista pretendia descarregar ali a carga e regressar a Calama. Dequech protestou energicamente, brandindo sua autoridade de representante do governo federal, o que, em tese, lhe dava poderes para apreender o barco.

"Quando declarei que o não cumprimento do contrato iria prejudicar seriamente ou mesmo inviabilizar os trabalhos de pesquisa naquele ano e que eu estava decidido a reter seu batelão e motor, concordou em subir o Pimenta "até onde fosse possível" com seu batelão de 5 toneladas".

O posto telegráfico de Pimenta Bueno emprestou um batelão pequeno, de 3 toneladas, equipado com um motor de popa Motogodyle, de 8 cavalos, precisando de alguns reparos – tarefa a cargo, naturalmente, do Mané Bento. Após o jantar, os moradores locais e os visitantes se reuniram para ouvir música.

"Havia um violeiro muito bom, um cavaquinho e dois ou três cantores de sambas e modinhas que se revezavam; outros cantores encabulados com minha presença, se recusaram a cantar. Ouvimos alguns tiros. Um seringueiro falou: — a "mulher descansou afinal". Habituado com o sentido dessa expressão em Minas Gerais, perguntei se tinha morrido; explicaram que tinha tido uma criança e completaram: — São três tiros, portanto é homem, se fosse mulher seriam dois tiros. Acabara de nascer em Pimenta Bueno um varão, filho de índio Tupi com mulher Nhambiquara".

Na sexta-feira, 22 de agosto de 1941, o Mané Bento terminou o conserto do motor e, para experimentá-lo, convidou alguns indígenas para um passeio. O motor estava bom e o batelão, com pouco peso, cortava a água com velocidade. Dequech quis saber o que os indígenas acharam da experiência. "Na volta perguntamos aos índios que nos têm acompanhado se gostariam de voltar para a "Cascata" no batelão em lugar de ubá. O "Capitão" Mundé riu com olhos brilhantes e falou: – "Canoa, hup! hup! hup!, muito remá, não presta – Motor, pu... pu... pu aqui (e bateu no peito, porque se referia a si próprio) sentando, bom!"

No fim do dia, o Zé Pires ameaçou novamente não subir até a Cascata. Insistia em voltar para Calama, mas Dequech deixou claro que precisava da embarcação. Mostrou a ele o telegrama que acabara de redigir para Geraldo Costa, reprovando-o por não cumprir os compromissos do contrato. "Não permiti que Zé Pires voltasse daqui estando vosso barco e motor a nosso serviço até conclusão deste transporte", dizia a comunicação.

O motorista ficou muito zangado, mas nada falou. A essa altura, Dequech já sabia que aquela firma funcionava principalmente como regatão – ou seja, o vendedor que usa barco para percorrer uma região. A Geraldo Costa vendia mercadorias e comprava borracha dos seringalistas dos rios Machado e Comemoração, que eram seus clientes de muitos anos e davam mais lucro. Este era o verdadeiro motivo da pressa do Pires em regressar.

COM A CARGA TODA

No dia 23 de agosto, iniciou-se a viagem de volta e o transporte da carga. Em suas anotações, Dequech previu que o local onde estava instalada a estação telegráfica de Pimenta Bueno prosperaria no futuro. "Isto será uma boa cidade", escreveu, exaltando sua posição privilegiada, no encontro de dois rios num lugar plano. O engenheiro confirmaria suas impressões 40 anos depois, quando voltou a Rondônia. A pequena estação tornou-se cidade em 1977. Hoje, com cerca de 37 mil habitantes, é o sexto município mais populoso do estado e vive do comércio, extrativismo e serviços, em especial de turismo.

Naquele dia, às 9h, logo após o café e com o batelão carregado de véspera, o pessoal embarcou. Zé Pires não teve outra alternativa senão ir junto, já que temia deixar o barco na mão dos expedicionários – além de não ter rancho para esperar a volta deles. Estavam todos satisfeitos, afinal subiam o rio com 2 batelões carregados com oito toneladas de carga, inclusive uma sonda – o suficiente para os primeiros trabalhos de pesquisa.

Após cerca de 4 quilômetros de viagem, chegaram ao Seco do Araçá, onde o rio raso e com muita correnteza trouxe grandes dificuldades para o batelão grande, o da Geraldo Costa, no qual Dequech viajava. Foi necessária a força de oito homens manejando varejões. Ao meio-dia, o batelão pequeno, do Mané Bento, que transportava a cozinha, encostou no batelão grande. Diminuindo a velocidade, um foi amarrado ao outro e assim, sem interromper a viagem, foi servido o almoço.

Finda a refeição, as embarcações foram desatracadas e prosseguiram em velocidade normal. O Zé Pires continuava zangado e não quis almoçar. Reclamava de seu patrão, que considerava responsável pela "humilhação" sofrida, mas operava o barco normalmente. A partir do dia seguinte, mais conformado, resolveu comer sem reclamar. Pequenos e grandes problemas mecânicos eram sempre resolvidos pelo Mané Bento, o que granjeava cada vez mais simpatia por parte de Dequech.

"De quando em quando ocorria algum desarranjo num dos dois motores, problema sempre resolvido pelo Mané Bento — um dos melhores mecânicos de barco de todo o Guaporé. As paradas para conserto eram aproveitadas para examinar rochas dos barrancos ou testar os cascalhos com bateia".

VESTÍGIOS DE UMA GELEIRA

As águas rasas exigiam muito trabalho dos homens, ora ajudando com vara, ora, quando o fundo era muito liso, pulando na água para empurrar o barco. Às 15 horas, chegaram ao Seco da Pedra Grande, que era um local ainda mais raso. Ali, foi necessário encostar na margem para descer o pessoal e descarregar parte da carga até que ela pudesse ser reembarcada. Dequech aproveitou o tempo da manobra para estudar melhor as rochas do local, que já haviam chamado sua atenção na ida. Com razão: apesar de não conter ouro, era um sítio geológico importante.

"Verifiquei que tinham todas as características de um tilito — um conglomerado cujos blocos e seixos foram transportados por geleiras — prova de ter havido uma glaciação nessa região há cerca de 300 milhões de anos. Foi um achado muito importante do ponto de vista da geologia; — testados os cascalhos desse local, não apresentaram teores apreciáveis de ouro".

No domingo, 24 de agosto, partiram cedo do acampamento, sempre usando o varejão ou puxando os batelões a cabo nas corredeiras. Pouco abaixo da Cachoeira Primavera, toda a carga teve que ser descarregada, para ser transportada por terra nas costas dos homens. Puxar os batelões no tombo da cachoeira foi uma operação que demorou 3 horas – tempo que Dequech mais uma vez usou para pesquisar.

"Aproveitei a parada para batear os cascalhos das redondezas, que mostraram pouco ouro. Deixamos os batelões carregados e prontos para a partida no dia seguinte. À noite, alguns homens pescaram um jaú de metro e meio e outro menor.

Quando pegava no sono ouvi estrondos parecendo tiros distantes — era esturro de sucuri".

SOB O ATAQUE DE FERROADAS

No dia 25 de agosto, os homens voltaram a subir o rio Pimenta no trecho de corredeiras, retomando a rotina de enfrentamento. A carga ficava na margem para ser transportada por terra, nas costas dos homens, pelos varadouros já preparados. Já o batelão, vazio ou com carga reduzida, tinha o motorista e mais dois ou três homens com varejão para vencer a força da corredeira. O motor era acelerado ao máximo e só não funcionava nos pontos muito rasos ou com pedras que pudessem danificar a hélice.

O restante de homens disponíveis caminhava pela água rasa puxando um cabo amarrado na proa, todos fazendo muita força. Não se podia deixar o batelão recuar arrastado pela força da água porque, fora de controle, corria o risco de alagar e naufragar.

Mas era justamente aí que ocorriam os ataques de marimbondos, escondidos no meio da folhagem das margens. Um acontecimento "tragicômico", como definiu Dequech. Isso porque, quando os homens esbarravam nas "cachopas de caba" (casas de marimbondo), os insetos imediatamente baixavam sobre eles. Cônscios de sua responsabilidade, os homens não podiam largar o cabo de maneira alguma: pelo contrário, redobravam a força para saírem logo daquele inferno, assim descrito por Dequech.

"As partes descobertas, orelhas, pescoço, braços, eram as mais atingidas pelas terríveis ferroadas. Gritos e palavrões ecoavam na mata, acompanhados das palavras de comando que vinham do motorista para que não deixassem o batelão retroceder, ao mesmo tempo que se ouviam os risos e gozações dos homens do varejão — mesmo sabendo que logo chegaria sua vez de passagem com o batelão pela mesma galhada das cabas assanhadas, quando então os homens de vanguarda, que puxavam o cabo, já fora do inferno, retribuiriam rindo do aperto da turma que ia no batelão.

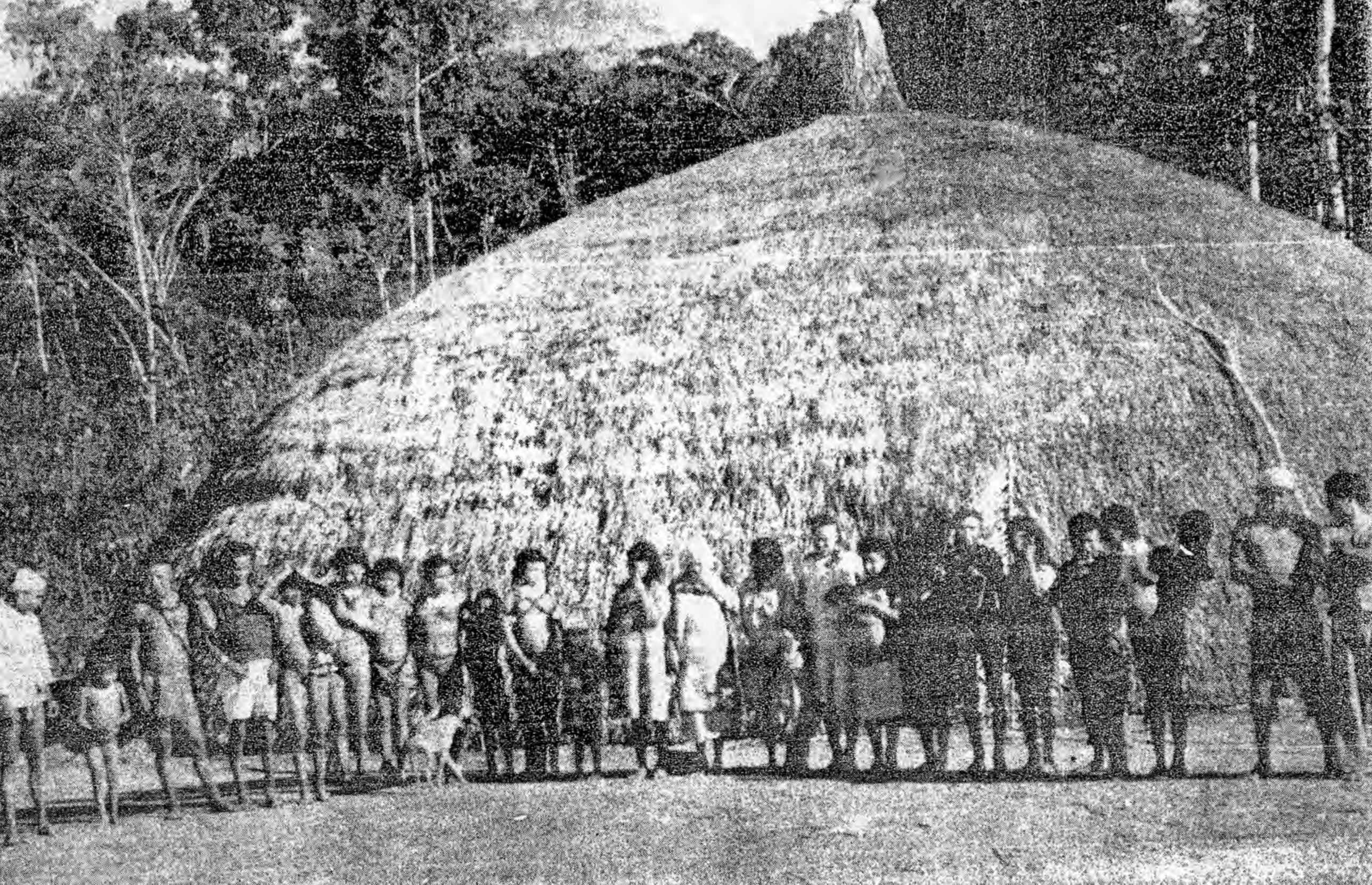
Passada a corredeira, atracado o batelão em porto seguro os homens tratavam logo de pular n'água para refrescar as orelhas e lábios inchados e arroxeados, as partes expostas do pescoço, braços, pernas, cobertas de ferrões, e ao mesmo

tempo para catarem dúzias de marimbondos emaranhados no cabelo e barba, sem poderem sair, mas já tendo deixado na pele da vítima sua contribuição de ferro".

Após alguns minutos de banho refrescante, mas ainda com a cabeça fervendo, os homens passavam álcool nas partes afetadas e a viagem prosseguia – até a próxima corredeira com ninhos de cabas. Estes, aliás, ficavam cada vez mais fáceis de enfrentar. Afinal, depois de algumas ferroadas, os homens adquiriam uma imunização crescente, que os fazia sofrer menos com os ataques tanto de marimbondos quanto de formigas e abelhas.

As baldeações sucessivas e o peso das cargas cobraram seu preço dos indígenas integrantes da expedição, que reclamaram de dor nos ombros. Para aliviar o incômodo, Dequech ensinou-os a usar uma almofada de estopa entre os ombros e as caixas. Naquele dia, eles almoçaram na Cachoeira de Jaú, onde Aucê matou um mutum e foram pescadas diversas piranhas de até 30 centímetros, seguramente as maiores da região. Dequech se divertiu colocando uma vara podre na boca de uma das piranhas, que ela ia cortando com seus dentes afiados.

"À noite pescaram mais piranhas, curimatãs, jundiás e um poraquê (peixe elétrico) de mais de metro. Registre-se que nesta região as piranhas não atacam os animais ou o homem que transitarem na água, salvo se estiverem sangrando por algum ferimento. Era hábito alguns homens pescarem piranha com isca de carne enquanto outros tomavam banho tranquilamente no mesmo local".



12/9/41 - 6ª Feira Partimos cêdo. O Pedro Amaral ficou com os indi- Telemaco, Tubar-um, Aruí e os dois novatos para passarem a carga na ubá at a Cachoeira dos Queixadas. Nesta noite pescaram dois jahús para o almoço. A viagem correu normal. As 11 chegamos em Pimenta Bueno. A turma do Dr. Anibal já estava a nossa espera. A tarde fizemos os preparativos para a volta. Meu furúnculo está piorando. O enfermeiro do Dr. Anibal fez um furo de canivete e pôs remédio.

13/9/41 - Sábado Cêdo o batelão pequeno estava pronto. O grande será levado pelo Zé Pires, sem gasolina, porque levaremos as cinco caixas restantes. Partimos. Viagem normal. Ao chegarmos na Ilha do Panduro encostamos para abrir um vala de 4 mts. de comprimento. Achamos algumas pintas de ouro e um pequenomdiamante. Dormimos perto da Ilha do Panduro.

14/9/41 - Domingo Viagem da Ilha do Panduro à Cachoeira Primavera. O Ancê vai chamar o Pedro Amaral e os indios que estão na Cachoeira S.Paulo Estão aparecendo novos furúnculos na áxila. O enfermeiro aplicou compreças e injeção antipigênica. A carga é transportada para a parte superior da Cachoeira.

15/9/41 - 2ª Feira O Pedro Amaral chegou com os indios. O batelão foi passado na Cachoeira Primavera. Foi filmada a apassagem. Proseguimos. Passamos a Corredeira do Rebojo e a do Rebojinho. Dormimos abaixo da Corredeira dos Veados.

16/9/41 - 3ª Feira Partimos cêdo. Passamos a Corredeira dos Veados e chegamos a hora do almoço na Cachoeira São Paulo. Depois do almoço o batelão e a carga foram passados para o lado de cima da Cabhoeira S. Paulo. Eu e o cinematografista filmamos a passagem do batelão. O Dr. Dalmy Lima, fez os preparativos para determinar as coordenadas da Cachoeira S. Paulo. Escolheu o ponto baixo da união dos dois braços que formava uma ilha na Cachoeira. Á noite o Dr. Dalmy conseguiu apenas determinar a latitude porque não foi possivel ouvir o cronômetro junto da Cachoeira. Foi fincado um marco para marcar o lugar.

17/9/41 - 4ª Feira Partimos cêdo da Cachoeira São Paulo e fomos dormir na Cachoeira São Pedro..

18/9/41 - 5ª Feira Partimos bem cêdo. As 15,30 chegamos na Maloca do Salamãin. O Dr. Dalmy instalou os aparelhos para determinar as coordenadas, o que fez á noite. Foi cravado um marco sobre cacos de vidro de uma garrafa. Recomendei ao Telemaco que não deixasse ninguém tocar no marco. Á noite tive 40º de febre em virtude do furúnculo.

QUARTA ETAPA

TRANSPORTE DE CARGA NO RIO APEDIÁ

Alto Madeira
Caderno 3
Porto Velho, quinta-feira, 10; sexta-feira 11 de junho de 1993

A Expedição Urucumacuan

Notas do Diário de Viagem 1941 - 1943

VICTOR DEQUECH, Engenheiro-Chefe da Expedição

4ª Parte do Resumo - Transporte da Carga no Rio Apediá

Nas corredeiras do rio P. Bueno, a tripulação ajuda o motor. 1941.

"Para decifrar os enigmas de um povo selvagem é preciso o concurso de muitos observadores. E há enigmas que ficarão eternamente na sombra".

Rondônia - Roquette Pinto, pg. 20.

(colorida) Cascata 25 de Novembro. Rio P. Bueno. 1987

Aposta de flechas antes de começar o jogo de bola com a cabeça "OOTIÑ-CALLÉ". Maloca Massacá. 1941.

A FORÇA DA SUCURI

Publicado na edição dos dias 10 e 11 de junho de 1993, o quarto artigo de Dequech para o jornal Alto Madeira começa no dia 26 de agosto de 1941, uma terça-feira, primeiro dia da viagem de volta à Cascata. Para retornar ao acampamento-base, os homens embarcaram cedo nos batelões carregados. À montante da ilha onde, no dia anterior, examinavam um cascalho em caldeirões, eles acham uma sucuri em um dos buracos de rocha. Avisado, Dequech desce do batelão.

"Fui ver e como estava com o revolver 38 e ela completamente indefesa dentro do buraco, encostei a arma no corpo da cobra e dei-lhe um tiro: depois enquanto ela tentava se desenrolar para sair do caldeirão, matei-a com mais dois tiros. Os nossos homens puxaram a sucuri para fora. "Ela tinha cerca de cinco metros e ainda se movia, apesar de morta... essa sucuri pode ser considerada grande; a maior que vimos nos rios Pimenta Bueno e Corumbiara, avaliamos que teria no máximo oito metros".

FENÔMENOS DE RESSONÂNCIA

"Sempre com as mesmas dificuldades, passamos a boca do Igarapé Rebojinho e a Corredeira do Veado, onde almoçamos. Em seguida, havia um bom estirão de rio, por isso fomos com dois batelões lado a lado. O garimpeiro Olegário chamou a atenção do pessoal do seu batelão , dizendo que o motor do batelão vizinho estava falhando. De fato, o ronco combinado dos dois motores de quando em quando apresentava o fenômeno da ressonância, anulando ou reforçando o som do conjunto. Observando o movimento ondulatório da água nas esteiras formadas pelos batelões e recordado princípios da Física, aproveitei a semelhança para explicar o fenômeno aos homens — quando o movimento das duas esteiras se combinavam, a água cessava de ondular".

Os batelões, porém, não tardam a dar problema.

"Foi preciso ajudar os motores, puxando os batelões com cabo. Nessa manobra, com o batelão menor os homens que esticavam se distraíram e foram arrastados pelo batelão corredeira abaixo; felizmente um deles conseguiu passar o cabo em torno de uma pedra, e o batelão parou no meio da corredeira".

Em uma nova corredeira, quebra uma hélice, que logo foi substituída — vantagem de ter um mecânico diferenciado como o Manoel Bento. Chegam

afinal na Cachoeira São Paulo e, lá, Dequech nota e anota que a rocha era de gnaisse, cortada por veios de permangatito. Aucê mata um porco do mato e, como faz com todas as caças, separa o fígado, que prepara malpassado. Segundo o intérprete da expedição, o petisco era bom para enfrentar a malária.

ESFORÇO RECOMPENSADO

Na quarta-feira, 27, todos levantam cedo e passam a carga do batelão para a parte superior da queda d'água. Analisando a cachoeira, Dequech vê que a passagem é realmente difícil: além de estreita, tem uma pedra no meio do filete d'água. O obstáculo vai obrigar o batelão a fazer uma curva que ele, muito comprido, talvez não consiga completar. Felizmente, as dificuldades que se anteciparam não se tornam realidade. Após duas horas de esforço, os dois batelões estavam do lado de cima da cachoeira, o que agradou Dequech, que não economizou elogios à atenção e à firmeza que viu na ação dos homens.

"O que deu mais trabalho foi carregar novamente o batelão, principalmente porque o barranco é muito alto. Fiquei satisfeito com esse serviço. Os homens também estão alegres. Mesmo os empregados do Caetano estão satisfeitos, creio que pelo tratamento e alimentação que lhes damos, certamente melhor que o que costumam ter no rio Machado".

A expedição prossegue. Há um trecho bom e, às 14 horas, chegam à Cachoeira das Queixadas. Abrem um varadouro de 500 metros no lugar em que há apenas vestígios do que foi feito na época do Major Aluízio. A comida é farta: José e Aucê trazem duas queixadas, um mutum e três jacus de suas caçadas. Um marinheiro pescou grandes piranhas e uma pirapetinga gorda.

Dequech já havia notado a tristeza de um jovem indígena, Auê, de 16 anos, com dor de cabeça e febre há dois dias. Ele havia chamado sua atenção justamente por ser muito inteligente e um dos poucos que sabia cantar as canções de sua tribo e de outras tribos da região. Interpelado por Dequech, Auê disse que tinha visto uma sucuri enorme dando rabanadas no rio, fato negado por Batiák, que viajava com ele.

"Não havia dúvida que estava delirando, talvez ainda impressionado com a sucuri que matamos ontem. Mandei que lhe dessem um chá de mate com quinino e que o levassem para dormir no batelão, embrulhado em meu cobertor. Tenho observado

que os índios têm uma tendência a considerarem os sonhos e as alucinações como uma extensão da vida real"

Aos poucos, Auê melhora da febre e quer devolver o cobertor, mas Dequech não aceita.

GARIMPEIROS VERSUS PROSPECTOR

"Eu, Aucê e Zé Garimpeiro atravessamos o rio e fomos na ilha das Queixadas, onde abrimos uma valeta no cascalho para batear. Não deu ouro".

A sucessão de insucessos desanima os garimpeiros de Minas Gerais. Contando que participariam da descoberta de grandes minas de ouro, achavam que não valia a pena escavar e batear em área tão pobre. Dequech teve que explicar a eles o papel do prospector, aquele que busca uma informação verdadeira, independente dela ser lucrativa ou não.

"Quando o geólogo faz uma pesquisa mineral e utiliza os métodos de investigação adequados, ele encontra ou não encontra minério. Em qualquer desses casos, ele faz uma pesquisa bem-sucedida, porque revela a verdade, sua meta primordial".

Às 11 horas, os dois batelões já tinham passado a cachoeira e estavam carregados para seguir viagem. Ao beber água usando a mão em concha, Dequech é admoestado pelo mineiro Zé. Ele diz que assim não se mata a sede; quando a mão fica enxuta, a sede volta, dizem na terra dele. Em suas anotações, Dequech tenta entender a superstição:

"Talvez seja uma crença proveniente do hábito de se usar copo. Fácil de improvisar na mata utilizando uma folha larga, especialmente da sororoca ou bananeira-brava, dobrada em cone".

Às 14 horas, foi preciso empurrar o batelão pelo Seco da Apertada Hora. Chegam na corredeira São Pedro, onde a rocha é um arenito feldspático; o trecho de gnaisse fica para baixo. Como ameaçava chover, encostam numa pascana. Alguns aproveitam as folhas da bananeira-brava para fazer um telhado — uma planta versátil, como se pode ver.

“OLHO NÃO PRESTA, CORAÇÃO TEM MEDO”

No dia seguinte, 29, estavam todos prontos para partir às 5 da manhã. O “Capitão” Mundé diz que está doente: “olho não presta, coração tem medo”, repete, deitado na rede. Dequech confirma que seu coração está acelerado, ele tem a vista turva e sente tonteiras. Tranquiliza o chefe indígena, dizendo que o Dr. Ari, lá na Cascata, irá curá-lo.

A viagem continua cheia de atribulações: erram o canal, encalham o barco e depois demoram um tempão para sair. Olegário vai até a ubá buscar o Aucê para ajudar e a canoa roda. Quando o caminho fica livre, aumenta a velocidade do batelão, mas também o desconforto com a fumaça que vem da cozinha. Em meio a tantas perturbações, Dequech desfruta de um prazer inesperado, possível apenas naquele paraíso tropical.

“Passei para a proa quando me convidaram para tomar refresco feito com o assaí que os índios tinham colhido na pascana. Estava ótimo, feito com a água fria da manhã”.

Ao passarem o Poço do Diabo, o barco do Mané Bento apresenta uma falha no motor. Eles esperam o conserto no Igarapé Dourado e Dequech, aproveitando o intervalo, anda uns 500 metros para testar os cascalhos do local. O igarapé corre sobre uma laje de arenito vermelho ferruginoso e cai com reflexos dourados. Mas nenhum ouro é encontrado.

“Esse igarapé, raso, de água muito límpida, corre sobre uma laje de arenito vermelho ferruginoso que numa pequena cachoeira dá reflexos cor de ouro – daí o nome impróprio dado pelos homens de Casara, Igarapé do Ouro, depois modificado para Igarapé Dourado".

O Mané volta e o batelão maior vai na frente. Tudo corre bem até a embarcação agarrar no fundo de uma corredeira, o que obriga todos os homens a se juntarem para desencalhar a embarcação maior.

“Foi amarrado um cabo numa árvore da margem e reunidos todos os homens para puxar, uns dentro do batelão com varejões, fazendo uma força tremenda; outros dentro d’água balançando de um lado para outro e movendo ora a proa ora a popa para desencalhar, o que só conseguimos depois de uma hora de trabalho”.

Dequech fica impressionado com a resistência do cabo de manilha, com uma polegada de diâmetro, que não arrebentou. Na época, a peça era fabricada no Brasil com a fibra de uma bananeira de Manilha, nas Filipinas, daí a origem de seu nome.

O chefe da expedição lembra que a Sociedade Espeleológica de Ouro Preto, que ele fundou nos tempos de faculdade, possuía uma escada de corda feita em 1938 com esse "cabo de manilha" e que mantinha a mesma resistência até então.

O segundo batelão passou com menos esforço e todos pararam para almoçar. Os indígenas mostravam-se ansiosos para chegar em sua maloca.

“O “Capitão” Mundé confessou o motivo de ter dito essa manhã “coração tem medo” — é porque dormimos na margem esquerda do rio Pimenta, justamente do lado onde vivem os índios Araras, que comem cabeças, são valentes e temidos pelos Salamãi. Menos pelo chefe Batiák — este fala que não teme “índio brabo” ”.

A GUERRA E AS AMOSTRAS PERDIDAS

Prosseguindo a viagem, passaram pelo igarapé Ikira e por uma corredeira muito rasa. Novamente, foi preciso aliviar grande parte da carga para passar os batelões puxados a cabo, trabalho que demandou duas horas. Enquanto isso, Dequech e os garimpeiros deram uma bateada no cascalho da corredeira, que não revelou ouro.

Eles colheram, porém, duas amostras miúdas de um mineral preto, pesado, um deles com macla, um tipo de defeito cristalino. Dequech revela, no quarto artigo para o jornal Alto Madeira, que tais amostras, remetidas ao laboratório do DNPM, faziam parte das caixas perdidas no torpedeamento do navio Afonso Pena. Este navio de carga e passageiros, comandado por Euclides de Almeida Basílio, consta como afundado na costa brasileira, em 2 de março de 1943, ao largo de Porto Seguro.

Também em março de 1943, Victor Dequech mandou despachar cinco volumes do porto de Belém do Pará para o Rio de Janeiro. O endereço era o da avenida Pasteur, 404 – Praia Vermelha. Quatro meses depois, a companhia transportadora (SKF do Brasil) informava que a carga tinha seguido ao seu destino. Carta enviada ao destinatário “Sr. Victor Dequech”, em 16 de julho de 1943, dava conhecimento do embarque e que o seguro foi feito cobrindo riscos de guerra e por isto teve sua taxa elevada.

Teria havido duas remessas no mesmo ano e no mesmo mês, mas por navios diferentes e ambos naufragados? Entre 1941 e 1943, após o Brasil romper relações com as forças do Eixo, 34 navios brasileiros foram torpedeados por submarinos no Atlântico Norte, no mar do Caribe e na costa nordeste brasileira. Só no ano de 1943, quando as cargas de Dequech foram despachadas, aconteceram oito afundamentos. Um deles, em 31 de julho de 1943, foi o do cargueiro Bagé, torpedeado ao largo da foz do rio Real, divisa de Sergipe e Bahia, com registro de 28 mortos.

VENENO DE ARRAIA

A Amazônia era um território inexplorado, que guardava maravilhas. Vivendo esta verdadeira aventura, Dequech tinha uma percepção extrema da beleza que testemunhava e, todo dia, se encantava com alguma coisa. De vez em quando, é claro, algo não agradava: achou que a arraia, servida em um dos almoços, tinha um aspecto repugnante e a carne, apesar de macia, não era saborosa.

"Tem na cauda um ferrão serrilhado, que os índios copiam em certos tipos de ponta de flecha. Pedi para tirarem o ferrão para minha coleção, mas ao raspar o limo que cobre o ferrão e que dizem conter veneno, feri-me levemente no dedo no contato com o serrilhado lateral; foi o suficiente para arder bastante o lugar ferido e para os gânglios da axila reagirem por algumas horas com uma íngua. Enquanto isso, o "Capitão Mundé" dormia tranquilo, porque já estava longe dos araras".

BICHOS DE SAIA

Era sábado, 30 de agosto de 1941, quando os expedicionários chegaram à maloca Salamãi do "Capitão" Batiak. A tripulação ganhou presentes: banana, cará, batata-doce, amendoim e beiju de milho. Alguns dos indígenas que faziam parte da expedição continuaram a viagem, mas fizeram questão de levar suas mulheres e curumins para conhecer o acampamento na Cascata.

Após o almoço, o motor do batelão do Mané Bento começou a falhar e como o conserto atrasava a viagem, Dequech resolveu deixá-lo para trás e seguir com o barco do Zé Pires. Queria chegar logo à Cascata, onde dois magnetos sobressalentes poderiam ser remetidos ao Mané. A viagem trabalhosa logo arrumou culpados: "bicho de saia, mulher e padre, dão azar", diziam os

homens, repetindo uma superstição recorrente na mineração. Dequech escreveu sobre o inusitado da situação – afinal foram eles que vestiram (pouco) as mulheres a bordo.

"De fato, algumas índias, que geralmente viviam nuas, estavam usando vestidos que o Bahia tinha trazido de Pimenta Bueno, sendo que uma delas vestia apenas uma camiseta do tipo que tínhamos dado aos homens — uma minissaia que não cobria além da cintura".

UMA IGUARIA AMAZÔNICA

No jantar daquele dia, um cardápio bem diferente: gambá e piranha com farinha. No dia seguinte, 31, partiram cedo e logo ouviram o ronco do motor do Mané, que tinha desmontado e consertado o magneto. E só não os tinha alcançado antes porque topou com um bando de queixadas e perdeu tempo tentando matar alguma, sem conseguir. Tinham visto uma grande sucuri na popa do batelão e, na tentativa de abatê-la, acabaram acordando todo mundo com os tiros, mas a cobra fugiu rio acima fazendo ondas como se tivesse um motor.

Mané Bento trouxe pelo menos trinta peixes que tinha tarrafeado à noite e que valeram um bom almoço de surubi, curimatã e piranha moqueados. Na sobremesa, uma verdadeira iguaria: beijú da maloca com melado comprado em Manaus.

Numa área mais rasa do rio, Mundé pulou na água para ajudar a empurrar o batelão. A mulher dele, Bilcué, ria a mais não poder, ao mesmo tempo em que tapava a boca, encabulada. "Talvez porque nunca tinha visto o marido fazer aquele tipo de serviço", escreveu Dequech. Aprendiz desajeitado, mas estimulado pela presença da mulher, o Mundé se esforçou ainda mais.

Dequech revela aí uma preocupação genuína com a saúde dos indígenas, inclusive quanto ao perigo dos hábitos adquiridos no contato com os brancos. Ele, assim como seus homens, tenta evitar, por exemplo, que repitam com o fogão e com a roupa molhada o hábito que têm de se esquentar junto às fogueiras.

"Quando terminou o trecho raso e a viagem foi retomada, o índio Iruã, com a roupa toda molhada, foi para o lado do fogão se aquecer. Insistimos sem resultado para

que tirasse a roupa e saísse da beira do fogo para não adoecer. Os índios são assim: quando sentem frio, vão para a beira do fogo; em seguida, se têm febre, mergulham no rio".

SORОROCA LOOONGE…

Os expedicionários estranham a indolência de quem vive naquele paraíso, mas onde nem tudo está à mão. Numa parada, começa a chover e todos tratam de preparar seu abrigo com a folha de bananeira-brava (sororoca), que era encontrada em toda parte. Dequech insiste com o indígena Auê, ainda convalescente, que enfrente a preguiça atávica e não arme sua rede ao relento. "Mas o índio só trabalha em última instância. Imóvel na rede, Auê respondeu preguiçosamente: "sororoca loooooonge". Amanhã virá queixar-se de catarro", registra o chefe da expedição.

O chefe Batiak, porém, fez um bom telheiro para sua família, que abrigou inclusive sua filha, Mariazinha. A garota ganhou um anel de cobre feito pelo Manoel Bento e não o largou mais. Para tristeza de Dequech, o cuidado do chefe era uma exceção, quando comparado à displicência de outros membros da tribo.

"No café da manhã do dia 1º de setembro, segunda-feira, o índio Iruã, que tinha comido peixe com farinha no quebra-jejum, devolveu o prato ao cozinheiro e este mandou que o índio fosse à beira do rio e entregasse o prato lavado, como todos faziam. O índio olhou desanimado para o rio avaliando a distância (uns 30 passos, se tanto...), passou o prato sujo de gordura e farinha na farta cabeleira da cabeça e devolveu-o "limpinho", para desespero do cozinheiro. Este, em tom enérgico, exigiu que o índio fosse ao rio lavar seu prato com areia e sabão".

A viagem seguia lenta no rio raso de setembro, tempo de estiagem máxima. O ideal teria sido navegar no fim das chuvas — abril e maio — quando todos os troncos cortados na ida estariam cobertos por mais de um metro d'água. Os batelões passariam livremente, sem encalhar, reduzindo o tempo da viagem à metade.

Com o atraso na liberação de verbas, porém, estavam gastando no transporte da carga um tempo precioso e deixando passar a estação mais indicada para os trabalhos de pesquisa. Para adiantar os trabalhos, Dequech aproveita a demora com o transporte nesse trecho para testar os cascalhos da margem oposta. Mais uma vez, sua pesquisa resultou em teores mínimos de ouro.

UM TRONCO NO MEIO DO CAMINHO

Enquanto isso, o trabalho com os troncos encalhados não dava descanso ao pessoal.

"Logo no início da tarde paramos para cortar um pau e, pouco depois, outro. Um dos homens soltou o machado na água, em lugar fundo. Um homem ficou em pé sobre o pau caído, no lugar onde o machado caiu, segurando um varejão escorado no fundo do rio, que servia de guia para o mergulhador; depois de três tentativas, voltou trazendo o machado. Continuou então a cortar até que o pau quebrou-se inesperadamente e o machadeiro foi para o fundo, mas já tinha ouvido a recomendação: "Não largue o machado", que ele atendeu, voltando à tona com o machado na mão".

Alguns desses troncos eram muito difíceis de serem deslocados. Caso de um enorme pau-d'arco, de 80 centímetros de diâmetro e 15 metros de altura, que a expedição encontrou atravessado por toda a largura do rio. Um emaranhado de galhos quebrados fixava o tronco na areia do fundo, sendo impossível arrastá-lo dali. Para piorar, o corte com machado seria difícil porque o tronco estava quase todo mergulhado na água.

A expedição não tinha naquele tempo um guincho portátil para movimentar o tronco, ou uma motosserra para cortá-lo. Foi necessário juntar um grupo de bons machadeiros para fazer entalhes por toda a superfície do tronco submerso. Com um detalhe: no caso do pau d'arco, a madeira era duríssima.

"Era exasperante ver o contraste entre o esforço do machadeiro, impulsionando o machado para atravessar um ou dois palmos de água e depois atingir a madeira, e a recompensa avarenta: um cavaquinho de madeira que descia na correnteza a cada machadada."

Exausta com tanto esforço, às 6 da tarde a equipe interrompeu o serviço e acampou ali mesmo. No dia seguinte, 2 de setembro, mais trabalho duro: voltaram a cortar o tronco e, quando ele começou a ceder, dez homens subiram nele, balançando, até que se partisse. Às 9, voltaram a viajar. O rio tinha muitas voltas, era estreito, fundo e com muitas correntes, o que exigiu o uso do varejão para ajudar o motor. Dequech nota que o "Capitão" Mundé maneja o varejão de maneira bastante prática, revelando uma sabedoria milenar.

"Com uma das mãos na parte superior, empurra o varejão verticalmente para baixo; com a outra mão, na parte média horizontalmente, procura encurvar o varejão para que a ponta que toca no fundo do rio fique em posição próxima da horizontal, impulsionando a embarcação rio acima. O varejão reto fica transformado em arco."

A expedição para às 11 horas com um problema no motor do batelão grande, logo reparado pelo competente Mané Bento. Dequech observa que, sempre que um motor voltava a funcionar, as índias e curumins, assustados, colocavam as mãos nos ouvidos. "Agora as mulheres já estão se acostumando, mas as crianças ainda ficam amedrontadas com o ronco no momento da partida dos motores", observa o engenheiro.

Depois de cortar com facilidade uma gameleira de 50 centímetros de diâmetro atravessada no rio, eles chegam, já no fim da tarde, a uma corredeira e a um novo tronco. Desta vez é um aguano, um tipo de mogno de 20 metros de comprimento e 70 centímetros de diâmetro, atravessado sobre o rio. A madeira não é tão dura quanto a do pau d'arco, mas está em grande parte submersa, dificultando o corte. Como o serviço será demorado, eles apenas iniciam o corte e, às 18 horas, vão jantar e dormir.

No dia seguinte, 3 de setembro, Dequech, o garimpeiro Zé Gouveia e mais três homens deixam os machadeiros cuidando do corte e descem com a ubá até uma corredeira, onde aflora uma camada de cascalho.

"Limpamos uma frente de trabalho e passamos a testar o cascalho com bateia, nos diferentes níveis, de cima para baixo. Deu raras pintas de ouro, pouco esmeril e nenhum satélite de diamante. O cascalho é constituído de seixos de quartzo, ágata e algum basalto".

BRINCADEIRAS SOBRENATURAIS

Enquanto aguardavam o corte do aguano, Dequech e Mané Bento improvisaram mágicas para impressionar as índias e curumins que ficaram no acampamento. Uma delas consistia em colocar dois montes de limalha de ferro sobre uma folha de cartolina. Um ímã por baixo atraía a limalha, que se movimentava no papel. Desta maneira, Dequech simulou um combate entre os dois montes de limalha, dizendo que eram os Massacas contra os Araras. No final, os Araras fugiram e, as índias, "magnetizadas" pela ação do ímã sobre a limalha, ficaram satisfeitas com a derrota dos velhos inimigos.

Em seguida, com uma lente que invertia a imagem, Dequech mostrou a uma espantada Maripui, mulher do Batiak, a figura do marido de ponta-cabeça. Com uma lente de aumento, mostrou a ela o olho da filha fortemente aumentado. A indígena imaginou que o engenheiro tivesse realmente o poder de dilatar o olho dela e, assustada, tirou a criança de sua frente. Passou amorosamente a mão no olho e na testa da menina, convencida de que ela deveria estar sentindo alguma dor.

O cuidado dos machadeiros em não perder seu instrumento de trabalho não evitou que um machado caísse na água, suspendendo o corte do aguano.

"Sempre insistimos com os homens para recuperarem os machados que escapam das mãos quando o pau que está sendo cortado balança. Também recomendamos para não esquecerem ferramentas nos acampamentos e locais de serviço, do contrário em pouco tempo estaríamos na mata sem ferramenta alguma".

"FRIAGEM" NA MATA

"Durante o jantar começou a formar-se uma friagem — queda brusca de temperatura com ventos fortes, que acontece nessa época do ano na Rondônia, caindo a temperatura em três ou quatro horas de 30 graus para 15 graus até menos."

Dequech armou seu toldo "encauchado", um pano impermeabilizado com o leite da seringueira. Colocou a rede bem baixa, quase no chão, aproveitando uma depressão do terreno. Sobre ela, o toldo foi esticado por estacas no chão e, para evitar a entrada do vento frio, ele tapou as laterais e cabeceiras com galhos e folhas secas. Enfiado nessa cova e vestindo toda a roupa que tinha, conseguiu enfrentar a noite fria.

Na 5ª feira, 4 de setembro, Dequech resolve pegar uma ubá e sair na frente para a Cascata, levando mantimentos para o pessoal e, ao mesmo tempo, aliviando a carga do batelão. Enquanto isso, os homens tentavam resgatar o machado que tinha caído no rio. Como a água estava muito fria, fizeram uma fogueira na margem para aquecer os mergulhadores que se revezavam e acabaram achando a ferramenta. Aucê, José Gouveia e Aruã foram caçar e trouxeram duas araras, dois macacos-prego, um mutum e um nhambu-galinha. Dequech, como sempre, estava atento às formações minerais.

"Logo chegamos na corredeira do Chupingáu (nome alterado recentemente para Chupinguaia). Enquanto faziam limpeza de algumas galhadas que atrapalhavam a

passagem, eu e dois garimpeiros fomos examinar os cascalhos das margens. Nessa corredeira, vamos executar os primeiros furos com a sonda "Empire", que temos no batelão... não descarregamos a sonda, pois estávamos chegando na Cascata, onde organizaríamos o material de sondagem e os mantimentos que seriam deixados nessa corredeira, em nosso regresso para Pimenta Bueno".

No dia 5 de setembro, fez um frio na madrugada que gelou as redes. O pessoal levantou muito cedo e foi para a beira do fogo aquecer-se e aguardar o clarear do dia. Ao seguir viagem, encontraram outro tronco caído, mas este não precisou ser cortado. O batelão menor passou e rebaixou o tronco, liberando a passagem do batelão grande.

Nos barrancos afloravam arenitos, encobertos em alguns pontos por seixos e blocos de basalto. A comitiva passou a fraca corredeira de Santa Rosa e chegou perto das dez horas no porto Ipiranga, à jusante da Cascata 15 de Novembro, ponto final da navegação com batelões. Dequech deixou o pessoal descarregando e abrigando as mercadorias no barracão do porto. Com Aucê e os garimpeiros José e Olegário, seguiu o varadouro que contornava a longa corredeira por cinco quilômetros, até chegar no acampamento-base.

"Encontrei o pessoal e nosso médico Dr. Ari, com boa saúde e bem-dispostos, depois de receber os mantimentos que mandei pela ubá. Recebi a correspondência que veio pela lancha do rio Guaporé, via Barranco Alto. O Clóvis relatou-me o andamento do programa de trabalhos de pesquisa que eu tinha deixado para ele executar no varadouro Cascata-Barranco Alto, parte desses trabalhos era afeta ao engenheiro Raimundo, que estava para os lados de Barranco Alto".

No entanto, o cozinheiro Costa Lima não compartilhava do bom humor geral. Ele ficava zangado toda vez que chegava um grupo de indígenas e Dequech os tratava como a quaisquer outros membros da expedição. Costa Lima não concordava, por exemplo, que o chefe os convidasse para se sentarem na ampla mesa do barracão da cozinha e mandasse que todos fossem servidos.

"Dizia que não gostava deles porque não tinham "boas maneiras": catavam borrachudos no próprio corpo, ou no corpo dos outros, e comiam, o mesmo fazendo com os piolhos; comiam com as mãos sujas de terra, desprezando os talheres; passavam de um lado para o outro por cima da mesa; riam e gritavam, arrotavam e "soltavam traques" sem cerimônia".

"Índio só a bala" repetia o Costa Lima, um cearense muito magro, de cabeça grande, que tinha muita experiência como cozinheiro de embarcações na região de Manaus. Os trabalhadores se divertiam com a ira de Costa Lima; chegaram a inventar que os indígenas gostavam de carne humana e que um deles tinha dito: "Costa Lima magro, carne ruim, não presta; mas cabeça grande, miolo moqueado bom!"

Daquela vez, a irritação foi maior e, à tarde, o cozinheiro avisou Dequech que queria ir embora. Não ficaria ali nem mais um dia!

"Insisti para que ficasse; era um cozinheiro eficiente e organizado e ocupava um dos postos mais importantes em trabalhos na mata. Pensei que tivesse concordado em ficar, mas pouco depois informaram que ele tinha partido pelo varadouro de Barranco Alto, com mochila nas costas e avisando: "Só vou parar em Manaus!" Não levou mantimentos nem se despediu de ninguém e previ que, passando uma noite na mata, sozinho, haveria de se acalmar e voltaria".

E como já estava previsto no planejamento feito em Porto Velho, naquela tarde todo o pessoal disponível foi para Porto Ipiranga, para transportar nas costas a carga dos batelões, organizada em volumes de 30 quilos, pelos cinco quilômetros até o acampamento.

No sábado, 6 de setembro, o transporte da carga recomeçou com o clarear do dia e, como tinha previsto, Dequech encontrou o cozinheiro Costa Lima no acampamento. Cansado, mal dormido, ele foi logo dizendo: "estou bombardeado, doutor"! Contou que tinha caminhado na véspera somente até o primeiro córrego do varadouro, pois sua mochila estava muito pesada. Escureceu cedo e ele estava sem querosene. Quando viu que ia ficar no escuro em plena mata, Costa Lima voltou e, enquanto todos dormiam, abrigou-se envergonhado debaixo do assoalho de um dos barracões.

"Falador como todo cozinheiro, queria dar-me longas explicações. Propus que esquecesse o passado e pedi que reassumisse seu posto na cozinha, o que fez satisfeito".

No domingo, 7 de setembro de 1941, prosseguiu o transporte da carga. No depósito de Ipiranga, ficaram a sonda, ferramentas, utensílios e alguns mantimentos que a equipe levaria até a Corredeira do Chupingau, local das primeiras sondagens. Alguns trabalhadores e indígenas passaram por uma revisão médica com Dr. Ari, a começar pelo índio Aruã. Um dos tripulan tes

do Zé Pires tinha um abcesso no dente que doía muito. O médico deu um corte de bisturi e, além de pus e mau cheiro, veio também muito alívio para o homem.

"Naquele dia, Dr. Ari tinha combinado com o Cabo Bentes, telegrafista, para operá-lo de fimose. Preparadas as ferramentas cirúrgicas, não acharam o cabo Bentes no acampamento — tinha fugido para a mata! O médico ficou muito aborrecido pelo trabalho que teve e o gasto inútil de produtos desinfetantes. (E talvez também por ter perdido a oportunidade de operar mais um, para se manter em forma como cirurgião)".

"À noite, Dr. Ari falou-me que sua hérnia estava incomodando e que tinha decidido ir embora, para operá-la em Belém. Má notícia para nós, que iríamos ficar sem médico quando os trabalhos da expedição estavam apenas começando — chegamos na base da Cascata em 29 de julho e estávamos na região dos trabalhos há 40 dias somente. O enfermeiro Nunes, seu devotado auxiliar, permaneceria".

No documentário "Nas trilhas de Urucumacuan", Dequech diz que a decisão do médico não foi surpresa. "O Ari só ficou um mês porque, para um médico, não é interessante ficar num lugar onde ele não tenha casos para se exercitar", afirmou o chefe da expedição. "A mata não correspondeu ao que ele sonhava, não era aquele negócio romântico porque tinha o pernilongo, a mutuca, então ele acabou ido embora", acrescentou.

Ao contrário do que Dequech pensava, porém, o médico, que contava então 30 anos, já tinha bastante experiência na selva. Médico da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, quatro anos antes ele foi combater endemias em Guajará-Mirim, na fronteira brasileira com a Bolívia. Chegou à expedição Urucumacuan por indicação de Aluísio Ferreira, que era seu primo.

Bacharel em Ciências Físicas e Naturais, formado pela Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, Ari Pinheiro é um nome lendário em Rondônia. Por mais de meio século, foi o mais produtivo cirurgião da região. O ex-governador Jorge Teixeira Oliveira o homenageou, dando seu nome ao Hospital de Base, então o maior da Amazônia.

Ao final do quarto artigo, Dequech anuncia uma quinta reportagem sobre sua expedição na selva rondoniense. Ela, porém, não chegou a ser publicada: os relatos de Dequech publicados no jornal Alto Madeira terminam com o regresso à Cascata.

RUMO À ESTAÇÃO TELEGRÁFICA

O ENCONTRO COM A EXPEDIÇÃO ANÍBAL FREIRE

OS MESES FINAIS DE 1941

A EXPEDIÇÃO PROSSEGUE

Quando o grupo voltou ao acampamento, no dia 5 de setembro, chegou também a notícia de que a comitiva do engenheiro Anibal Bastos já estava se aproximando de Pimenta Bueno. Ou seja, era hora de voltar para buscá-los, já que os técnicos queriam subir até a Cascata para sair pelo Guaporé.

Tratava-se de um grupo importante. A chamada Comissão Aníbal Bastos fez um trabalho fundamental na determinação de vários pontos geográficos da região, além do levantamento a telêmetro e bússola do varadouro entre a Cascata e o Barranco Alto. Eram de Bastos, inclusive, alguns mapas que o próprio Dequech usava na expedição.

Na segunda, 8 de setembro, Dequech organizou o pessoal que ia trabalhar na sonda na Cachoeira do Chupingáu — o Clóvis seria o responsável pela Empire e teria indígenas como auxiliares. Segundo Mané Bento, em um longo depoimento feito a Victor Dequech, os indígenas "gostavam muito do doutor e tinham muita consideração com ele". No entanto, os mais jovens, sempre disciplinados diante dos chefes, nem sempre o obedeciam.

"O Abaitá, Auê e Irinã devem ficar. Os dois últimos não querem ficar. O Irinã está zangado, não quer almoçar e está sentado no batelão por detrás da carga. Chamo-o várias vezes e ele finge que não ouve... por isso falei ao Telemaco que mandasse eles ficarem. O Telemaco apenas disse ao Tubar-um que chamasse os dois e cinco minutos depois os dois rebeldes estavam em terra caladinhos... Numa ocasião, o Capitão Mundé deixou cair um sabão da borda do batelão no fundo do rio. Mandou o Auê mergulhar e o índio mergulhou por baixo do batelão e não voltou à tona antes de achar o sabão. E entretanto, na véspera, quando perdemos o machado dentro d'água, o Auê não quis mergulhar, dizendo "não sabe".

Dequech atribui a má vontade dos jovens indígenas ao fato de que ainda não haviam chegado as roupas que prometera a eles. Negam-se a trabalhar por não confiarem em suas promessas. Deixando-os lá, a expedição continua a viagem até a estação de Pimenta Bueno.

No caminho, Dequech matou outra grande sucuri e fez uma visita à maloca do Telémaco, no Seco do Manacá. Lá, defrontou-se com um ritual obrigatório. Para entrar na maloca, tinha que cheirar rapé, coisa que o engenheiro não quis fazer de jeito nenhum, quando viu o Mané espirrando sem parar, a ponto de lhe saírem lágrimas dos olhos. "Cê tá doido, eu que

não vou tomar um negócio desses; se ele quiser que eu vá lá, eu vou assim mesmo sem tomar", disse Dequech que, graças ao respeito que tinha junto aos chefes indígenas, foi dispensado do ritual.

UM PADECIMENTO E TANTO

No dia 9, ele retomou a viagem pelo rio Pimenta Bueno rumo à estação telegráfica, na companhia de Manoel Bento e do motorista Zé Pires, com seus respectivos batelões. E se não pegou malária, naquele momento o engenheiro não escapou da gripe e de dois furúnculos na axila. O pessoal da expedição diz que são provocados pela carne do macaco preto. Para enfrentar as infecções, valeu-se de pílulas de bronco-quinino e injeções de onadina, medicamento muito antigo e já inexistente no mercado, e seguramente sem a eficácia da penicilina, que só chegou ao Brasil ao final da Guerra.

O Zé Pires empacou num trecho estreito e o Mané, com sua proverbial destreza, tirou os dois da enrascada. Desta vez, a chuva ajudou os batelões a passarem com facilidade pelo rio. A viagem durou quatro dias e seguiu do mesmo jeito: se não passa pela água, passa por terra. As cachoeiras eram um obstáculo constante a ser enfrentado. Vazios, os batelões não precisavam ser descarregados, mas continuava sendo necessário carregá-los por cima do "tombo".

Na quarta-feira, 10, cai uma chuva torrencial durante três horas. Os índios Ancê e Daniel vêm para baixo de seu toldo. Dequech está com febre e o braço dói muito com as ínguas na axila. Dirigem-se ao Igarapé Dourado, local onde socorrem o batelão da comissão, cujo motor estava com o eixo partido — uma tarefa para o competente Mané Bento. Dormem por ali mesmo.

No dia seguinte, almoçam na Cachoeira São Paulo, onde é feito o transbordo da carga por terra. Às 15:30, chegam à Cachoeira Primavera.

"Os batelões desceram o tombo. Desci no batelão grande. Ele deu um raspão numa pedra, levantou de um lado, o telheiro sacudiu. Vários objetos que estavam dependurados caíram no chão. Foi preciso fazer um conserto num esteio do telheiro. Filmei a descida do batelão pequeno. O eixo deste está torto. São 16:30 hs. É preciso endireitar e por isso não podemos mais chegar a Pimenta hoje. Dormimos na pascana à jusante da Cachoeira Primavera".

No dia 12 de setembro, sexta, Dequech chega com os garimpeiros nas cabeceiras do rio Pimenta Bueno e lá, na estação telegráfica que virou cidade em 1977, ele se encontra com o Dr. Anibal e sua comitiva: Erichsen, Prof. Queiroz, Pedro Lima e Wilson Português.

"À tarde, fizemos os preparativos para a volta. Meu furúnculo está piorando O enfermeiro do Dr. Aníbal fez um furo de canivete e pôs remédio".

A volta à Cascata demorou bem mais: nove dias, de 13 a 22 de setembro. A viagem transcorreu normalmente e, na ilha de Panduro, encostaram para abrir uma vala de quatro metros de comprimento. Os expedicionários acham algumas pintas de ouro e um pequeno diamante. Dormiram por ali mesmo e, no dia seguinte, domingo, chegaram à Cachoeira Primavera. Dequech sofria com a infecção.

"Estão aparecendo novos furúnculos na axila. O enfermeiro aplicou compressas e injeção antipigênica. A carga é transportada para a parte superior da cachoeira... O batelão foi passado e prosseguimos. Passamos a corredeira do Rebojo e a do Rebojinho".

E assim, de cachoeira em cachoeira, carga e homens vão subindo o rio. Terça-feira, 16, na hora do almoço, estão na Cachoeira São Paulo, onde o batelão é passado para a parte de cima. A equipe enfrenta dificuldades peculiares: os técnicos não conseguem medir as coordenadas no local porque o barulho da cachoeira não deixa ouvir o aparelho. A febre de Dequech chega a 40 graus.

Na quinta-feira, 18, chegaram à maloca salamãi, de onde partiram na sexta. Os índios que acompanham a expedição — entre eles Matiã, Aruí, Telémaco — vão pescar e trazem 65 curimatãs, dez piranhas e dois surubis. No domingo, pegam um trecho difícil, estreito, com voltas, troncos e muitas correntes. Às 9 horas, avistam um indígena no barranco, entre a folhagem.

"É o Capitão Aruí, massacá, que tem maloca perto. Convidamos-lhe para embarcar e ele veio conosco. Estava caçando. Tem arcos e flechas, mas não tem rede. É o índio mais forte que ví neste rio. Nenhum salamãi ou massacá compara-se a ele".

Às 14 horas, eles chegaram na área de sondagem, na Cachoeira do Chupingáu. Alguns homens tinham ido à Cascata buscar rancho e voltaram com o sondador Raymundo. A colheita foi parca: acharam pouco ouro e um pequeno diamante. Dequech não reclama mais dos furúnculos — ao que

parece, as compressas fizeram efeito. Na segunda-feira, 22 de setembro, saem cedo, às 5:45. Menos de três horas depois, chegam à Cascata.

Dali, no dia 24 de setembro, o Dr. Anibal partiu para Barranco Alto, fazendo o levantamento do varadouro. O Mané Bento o acompanhou até a foz do Corumbiara — habilidoso como era, funcionava como um seguro contra qualquer estrago de motor. Seguiram com eles o Dr. Ari — que abandonava a expedição — e o Raymundo para pegar a lancha.

EXPLORANDO A REGIÃO DE VILHENA

Entre os dias 3 de outubro e 6 de dezembro de 1941, a expedição percorreu mais de 700 km entre as localidades de Vilhena, Pimenta Bueno, Triunfo, Cascata, Barranco Alto e Cachoeira 15 de novembro, em canoas, batelões e por terra, conforme suas anotações.

3/10/41 a 4/10/41 — Cascata-Triunfo — 30 kms
6/10/41 a 10/10/41 — Triunfo-Cascata — 30 kms
14/10/41 a 23/10/41 — Cascata-Vilhena — 130 kms
26/10/41 a 5/11/41 — Vilhena-Cascata — 130 kms
12/11/41 a 16/11/41— Cascata-Barranco Alto — 100 kms
20/11/41 a 22/11/41 — Cascata-Barranco Alto — 100 kms
23/11/41 a 5/12/41 — Barranco Alto — Foz do Queré em canoa (foz das cabeceiras do Queré ida e volta) — 100 kms
5/12/41 a 6/12/41 — Boca do Queré a Barranco Alto
6/12/41 a 8/12/41 — Preparativos em Barranco Alto
9/12/41 a 20/12/41 — Barranco Alto-Guajará Mirim

No relatório final da expedição, encaminhado ao DNPM em 1943, Dequech descreve o trabalho feito na região naqueles últimos meses de 1941. Ele confere destaque ao trecho entre Cascata e Vilhena, com 130 quilômetros de picadas feitas pela equipe do engenheiro. Este caminho, que acompanhava o rio Pimenta Bueno, ou Apediá, foi minuciosamente estudado, assim como os que seguiam por seus afluentes. O trabalho foi descrito no relatório encaminhado ao DNPM.

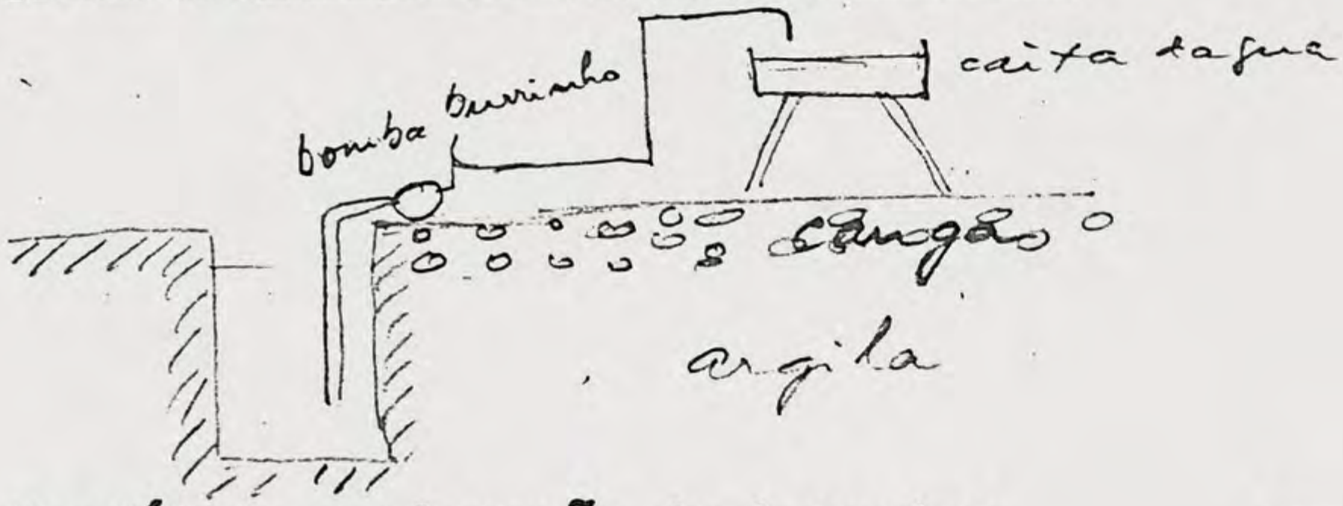
"Nos primeiros dias de outubro, fizemos nós o levantamento expedito a telêmetro e bússola do varadouro Cascata-Porto do Triunfo, com 32 quilômetros de extensão. Em seguida partimos com uma turma no rumo de Vilhena. Um pequeno grupo ia na

frente, abrindo um pique, acompanhava o rio. Nós íamos na retaguarda, fazendo um levantamento grosseiro a podômetro e bússola. Examinamos cuidadosamente o Apediá e afluentes, que foram objeto dos trabalhos de Moritz. Chegamos em Vilhena com 130 quilômetros de pique contados a partir da Cascata. O rio mostrou-se sempre pobre em ouro, mesmo nos pontos apontados por Moritz como sendo ricos. Chegamos de regresso ao acampamento em princípios de novembro. Partimos para Barranco alto, subimos o Guarajús e passamos a examinar o Omeré, acompanhando-o por terra numa extensão de 50 quilômetros, para o que íamos abrindo um pique. Mas já então entramos no mês de dezembro e com as chuvas cada vez mais frequentes o Omeré estava cheio e não foi possível examiná-lo".

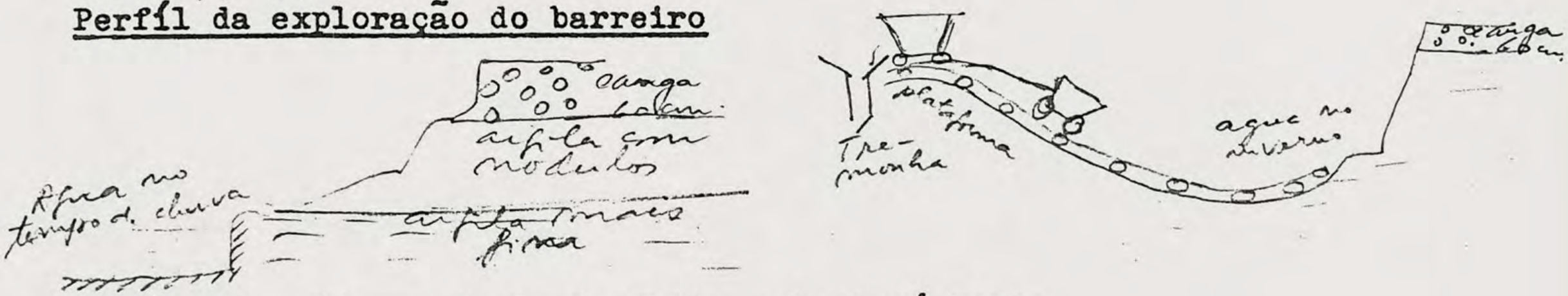
Como em toda a região amazônica, em Rondônia se observavam apenas duas estações: de maio a novembro é a estação seca ou verão; de novembro a maio é a estação chuvosa ou inverno. Naquele final de 1941, dezembro chegou com muita chuva e Dequech encerrou os trabalhos, dispensando os trabalhadores e voltando ao Rio de Janeiro para descansar e planejar o trabalho para o próximo ano.

No acampamento, ficaram três homens, zelando pelo material e fazendo plantações numa área de 2,5 hectares, cuja produção seria fundamental caso os trabalhos tivessem prosseguimento.

Abastecimento de aguas p/ caldeiras



Perfíl da exploração do barreiro



5/5/1.941 - Viagem de Porto Velho a Guajará-Mirim.

Porto Velho - Argilas vermelhas ferruginosas c/ nódulos brancos.

Sto. Antonio - Km. 7

Biotita granito c/ 2 feldspatos. Rocha nº 15.

Km. 14 - Rocha ferruginosa (pórfiro?) alterado.

O SEGUNDO ANO DA EXPEDIÇÃO — 1942

Na capital do país, o entusiasmo pela expedição continuava. Edição do jornal carioca O Globo, do dia 18 de junho de 1942, exagerava no otimismo. Para o redator da matéria, não se tratava de verificar a existência do ouro — isso era garantido, segundo a crônica da época — mas sim de estabelecer a capacidade das minas e se sua exploração compensaria os sacrifícios que forçosamente acarretaria.

Em março de 1942, Victor Dequech encaminhou ao DNPM um relatório parcial; segundo ele "escrito com o intuito de informar a respeito dos nossos trabalhos em 1941, afim de se poder decidir sobre o prosseguimento ou não em 1942".

No documento, ele observa que o relatório não está completo. Ainda estão sendo calculadas as coordenadas geográficas determinadas pela Comissão Anibal Bastos, que subiu o rio Apediá, passou pelo acampamento e saiu pelo rio Corumbiara. Falta também o resultado do estudo petrográfico das rochas colhidas pela equipe na região. Os dois documentos foram posteriormente anexados ao relatório final.

A expedição voltou a Rondônia apenas no início de setembro de 1942 e esse grande intervalo tem explicação, segundo correspondência encaminhada ao DFPM por Dequech. Naquela região, o período das chuvas vai de novembro a março. Nessa época, os rios enchem e as terras baixas das margens são alagadas, o que provocaria a interrupção das sondagens e escavações.

"A época melhor, mais econômica e menos penosa para a realização desse programa é a que vai de abril a novembro, porque as chuvas diminuem. Fora desse período, as chuvas não permitem o trabalho".

CHEGADA A GUAJARÁ-MIRIM

De volta a Porto Velho, a equipe reiniciou sua jornada no dia 8 de setembro, uma terça-feira, pelos trilhos da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. No dia seguinte, 9 de setembro, os homens chegaram à Guajará-Mirim. Lá cuidaram de carregar a lancha e dos preparativos em geral, partindo no dia 11, sexta-feira, às 15 horas. Mais uma vez, a viagem de lancha é a parte mais agradável da viagem e o fim de semana é pura diversão para Dequech e sua turma.

"Numa parada da lancha próxima à foz do Rio Negro, pegamos uma canoa e vamos até uma praia próxima. Atiramos em diversos patos que estavam na praia, aos

bandos... n'água há dezenas de jacarés, esquentando a cabeça ao sol. Quando levam um tiro de 22, ora afundam lentamente como submarino, ora dando rabanadas. Um deles ao ser baleado, adernou de flanco. Apareceu a cor amarela de lado. Aproximamo-nos com a canoa pensando que ele estivesse morto. Cuidado! É mãnha de jacaré! De fato, quando chegamos bem perto, ele torceu o corpo e empinou de cara para o fundo d'água".

Na areia quente, que os obriga a correr para não queimar a sola dos pés, o grupo recolhe ovos de tracajá, uma tartaruga de água doce encontrada nos rios amazônicos. Seus ovos são muito apreciados pelo povo da região. Além de preparados no jantar, os ovos de tracajá viram um doce que todos gostam e, no dia seguinte, são servidos como farofa no café da manhã. Dequech aprende a receita do mojanguê.

"(O cozinheiro) tomou dez ovos de tracajá, atirou fora suas pequenas claras e colocou as dez gemas em um prato. Bateu bem com um garfo e em seguida juntou duas colheres de açúcar. Bateu mais e juntou uma xícara de farinha d'água. Bateu novamente e serviu um pires para que provássemos. É uma delícia".

NOS BATELÕES, NOVAMENTE

No dia 29 de setembro, terça-feira, os expedicionários chegam à casa de Amador Nery e desembarcam a maior parte da carga, como tinham feito no ano anterior. Nos batelões, segue um quinto das provisões e equipamentos. O que fica, cerca de dez toneladas, fica empilhado no barracão, o que até "arqueia" a construção. A equipe dorme na mata e um dos membros, Pedro Mendes, fica doente. Ele fica para se tratar – decisão certamente ditada pelo trágico episódio do Expedito, que resultou em sua morte no ano anterior.

Na quarta-feira, 30, começam os preparativos para a partida. Viajarão dois batelões com 2.500 quilos cada e três canoas que transportarão cerca de 1.000 quilos. Ali próximo à Foz, o rio é seco e, de vez em quando, os homens são obrigados a saltar do barco.

"Às dez e meia, chegamos em La Cruz, foz do Corumbiara, lado boliviano, onde fomos receber o Pastor, que nos guiará nas colchas... logo depois do almoço, o rio melhorou e nós pudemos emendar as embarcações por ordem de tamanho, uma no chicote da outra, de modo a formar uma verdadeira cobrinha. Encostamos às cinco e meia em uma boa pascana. Jantamos e depois jogaram algumas linhas. Pescaram diversas piranhas e duas pirararas".

ABELHAS E JACARÉS

No dia 1º de outubro, partem assim que clareia, depois de um desjejum com mingau, café, bolacha e queijo. Na viagem, aparece um jacaré, que toma dois tiros de rifle de um membro da expedição, o João Manoel. Dequech censura o rapaz, pois acha que foi arriscado fazer aquilo numa embarcação tão frágil. Passam por uma revoada de patos e um veado, que não conseguem acertar. Pior sorte tem um tamanduá, que é filmado por Dequech antes de ser morto pela equipe.

"Ao tirar o couro, reparei que o antebraço é muito curtinho, o restante é o braço. Mas é um braço possante, que nenhum homem tem igual. Os músculos são desenvolvidos e isso faz crer que ele tenha força até para agarrar uma anta ou outro qualquer animal de porte semelhante, talvez mesmo uma onça".

O rio começa a ficar difícil de ser trilhado em meio a fortes correntes, nas quais troncos atravancam o caminho. No dia 3, a situação se complica ainda mais. O leito pedregoso do rio machuca os pés quando os homens arrastam os batelões. A situação se agrava no buritizal, pior trecho enfrentado por eles até agora. Dequech resolve botar um sapato de borracha para poder pisar os troncos rugosos sem ferir a sola dos pés. Mas para as canelas não há proteção.

Quando o terreno melhora e pode ser varejado, eles passam por um canal onde um emaranhado de troncos retinha areia e capim. O material tem que ser tirado "com a unha", já que as enxadas estão encaixotadas. Ao cortar galhos da margem com o facão, Dequech alvoraça um ninho de abelhas que o atacam pelas costas e pelo nariz. Ele se atira na água, enquanto um companheiro apanha o ramo com as abelhas e joga-se na água com ele, matando-as afogadas.

"Saindo do buritizal, pegamos um trecho de água parada, larga, com estirões e com buritis à margem e alguma borda de tarope e capim, com flores de tarope. A paisagem é bonita. É meio-dia. A paisagem vem satisfazer a vista depois do sacrifício de uma hora atrás".

MULUGUNZAL QUE MALTRATA O CORPO

Às 13 horas, estão de volta à famosa Pascana de nome obsceno, a da Putaria.

"À tarde, fizemos um trecho pequeno, porém péssimo, que é o mulugunzal, canal estreito, tortuoso, atravancado de galhos de mulungu, que têm espinhos que nos ferem a sola dos pés quando estamos n'água e, quando varejando, nos rasgam os corpos, e além disso rasgam os sacos encanchados e se vier alguma chuva estaremos com a roupa molhada".

Na saída, está a Pascana de Buenos Aires, onde resolvem ficar, já que a próxima é muito longe para chegar no mesmo dia. No domingo, 4 de outubro, saem bem cedo para que a viagem renda.

"Saimos muito cedo para fazer render a viagem. Pegamos um trecho muito ruim. Os batelões caminham às polegadas, ao compasso das varas acompanhados dos gemidos do pessoal e palavras de ânimo. Já estava chegando a hora do almoço, mas não há no capinzal nem uma sombra e nem água limpa, ao menos para beber porque a que se tira debaixo do capim é cheia de raízes podres".

Já são cinco horas de viagem. A cozinha vem atrás, na popa do segundo batelão, e arranca suspiros de quem está perto a cada chiado de peixe na frigideira. Dequech tem uma ideia:

"... mandei passar a canoa da cozinha para diante dos dois batelões. E o cheiro e o ruído do peixe frito, derramado pela proa do batelão, deu novas forças ao pessoal, que queria por toda a força seguir de perto a cozinha. Assim, às 13 horas, chegamos na pascana. Almoçamos".

No dia 5 de outubro, estão próximos a Barranco Alto, mas, antes de chegar lá, são obrigados a passar por um trecho dificílimo, cheio de troncos e praticamente impossível de vencer com a carga. São obrigados a desviar onde é possível e cortar galhos enormes, ao mesmo tempo em que são atacados por formigas vorazes.

"Fui para o charco ajudar o pessoal. Todo mundo com água pela cintura, pisando num charco atapetado de paus, garranchos e espinhos, com terçado em punho a procurar, abrir e limpar o caminho. Com esse serviço, muitas formigas caíram n'água e cravavam em nós seus ferrões na cintura, nos pés e os braços, além de outras que os caíam pela cabeça e pescoço".

Um cenário trágico, cheio de dificuldades, mas que incentiva o pessoal a ir mais rápido. Às 15 horas, eles avistam os barracões de Barranco Alto.

RETORNO À CASCATA

"6 de outubro de 1942-3ª feira. Passamos o dia descansando o pessoal, lavando roupa e também separando no depósito o rancho para três turmas:

1º) 1 turma de 6 homens que vai com 2 canoas subir o Guarajús até Porto Triunfo, em 12 dias mais ou menos, onde eu irei encontra-los para descer com eles a Barranco Alto.

2º) 1 turma de 8 homens que irá para a foz do Corumbiara buscar mais rancho com 1 batelão de 2 toneladas.

3º) 1 turma que vai para a Cascata e daí para as ilhas Quebrada e Grande fazer a sondagem com 17 ao todo, contando comigo e Murilo.

Mandei preparar os animais para esta turma. O Domingos de Barranco Alto irá conosco. São 5 animais mas hoje só encontraram 4.

7 de outubro de 1942 – 4ª feira (partida para a Cascata)

Às 6 horas estava toda a carga das 3 turmas pronta para a partida. O pessoal tomou café e mandei procurar o animal que anda perdido. Meu desejo é que as 3 turmas partam de Barranco Alto ao mesmo tempo, e já preparei um tiroteio para as despedidas".

Saem às 11 horas do dia 7 de outubro. No dia seguinte, os animais andam melhor pelo varadouro e a carga também. Os homens matam um porco, um caetetú, e param numa pascana no Igarapé de Guaratira. No dia 9, passam pelo Tabocal, o pior trecho do varadouro. As tabocas, um tipo de bambu, caem no caminho e exigem constante limpeza. Este trecho do varadouro foi muito abalado por ventanias, que espalharam galhos grossos de árvores com grandes copas, o que dá um trabalho danado ao pessoal do comboio para limpar.

"Como não temos roladeira, somos forçados a fazer muitos arrodeios. Ao ver a primeira clareira que apareceu no caminho, de árvores reviradas ou decepadas

pelo vento, lembrei-me do que aconteceria a alguém que por aí morasse. A seguir veio-me a lembrança do que li quando estudava Geofísica, sobre um bólido que caiu sobre certa região da Rúsisia e, num círculo de vários quilômetros, derrubou as árvores, seus troncos indicando pela convergência o centro do círculo, isto é, a posição do bólido, verdadeira jazida de ferro que os russos localizaram por processo gepofísico".

Ali os troncos em desordem indicavam ventania. E a limpeza do trecho deu muito trabalho ao pessoal do comboio.

"Fomos almoçar no Igarapé Tunumum. Logo na chegada o Leonel matou aí um porco e o problema de carne para o almoço ficou resolvido. Às 14 horas, partimos. O trecho agora é melhor. Às 16 e ½ chegamos no Igarapé Ienemain, onde fizemos pascana".

DOMINGO, 11 DE OUTUBRO

"Fizemos uma marcha puxada desde o Igarapé Ienemain até o Igarapé Cascata, onde resolvi almoçar para reunir o pessoal, afim de chegarmos todos juntos na cascata. O trecho tem alguns igarapés auase todos secos, daí sentirmos sede".

Os homens estão próximos da Cascata e ansiosos para chegar. Querem saber o que aconteceu no período em que estiveram fora: se as plantações vingaram, o estado dos barracões, do depósito, da sonda e se os indígenas ainda estão por lá.

"Perto do Igarapé Castanha, encontramos vestígios de terem os índios tirado mel — o conhecido vaso de folha de sororoca, dobrada, lambuzado de mel. Há índios na cascata, pensamos".

Às 14 horas, eles chegam ao acampamento e o panorama é animador.

"O roçado está bonito e cheio de plantas. Não há mais onde plantar qualquer coisa. Descarregamos as nossas armas e lá apareceu no barracão o Sr. Simon e o Paraíba. O 1º estava só com o rosto de fora, envolvida a cabeça em mosquiteiro. O 2º barbado e cabeludo. O Sr. Simon, ante a emoção da nossa tão esperada chegada ficou branco, e falava com dificuldade".

Ao vistoriar o depósito, Dequech encontra apenas sal. Os homens estavam vivendo exclusivamente de vegetais e da caça que os índios traziam. Eles forneciam arma, chumbo e pólvora, o índio matava a caça e lhes dava a

metade. Para o almoço e o jantar, tinham feito uma panelada, um cozido de mandioca, cará, abóbora, banana, batata doce, berinjela, mangarito, tudo cozido na água e sal.

"É disso que se alimentam nos dois últimos meses, quando acabou o resto de tudo que tinham. Desde então (e algumas coisas há mais tempo) não tem café, banha, açúcar. Tem mel para comer com batata doce ou cará. Mandei fazer imediatamente um café que os dois saborearam com avidez".

Dequech vê que o acampamento está limpo e o material da Comissão está todo em ordem, inclusive a estação meteorológica, que funcionou o tempo todo e guarda todas as leituras. Fica sabendo que, dois dias antes, 25 índios estiveram no acampamento e limparam tudo antes de sair. "Agora eles foram educados", surpreende-se.

"A folhinha deles está marcando 12 de outubro, segunda-feira. Eles custam a acreditar que ainda é domingo, 11. Teimam e resolvi desistr de convencê-los"

VIAGEM ATRIBULADA

No dia 12, todos descansam, lavam as roupas e se preparam para o serviço que começará na terça. Os animais vão transportar a sonda para o Remanso e, no dia 15, o comboio vai para Barranco Alto. No dia 13, Dequech e mais dois homens vão para as ilhas Quebrada e Grande, encontrar com Murillo. Levam roladeira, serras, machado e rancho para três dias, que inclui uma feijoada com carne de porco, levada pronta. A viagem é atribulada e Dequech narra cada acontecimento.

"Logo depois da primeira volta do rio, há uma forte corredeira... é difícil varejar. Frequentemente um cai na canoa e quase vai à água ou perde a vara... À tarde, logo pelas 13 horas, começou a chover. Às 14, apareceu uma lontra no rio e eu matei. Depois o Leonel matou um mutum. Como chovia muito, fizemos pascana às 15 horas. Jantamos arroz, batata, macaxeira e mutum. Choveu durante toda a noite. A lenha está molhada".

14 de outubro – O café tem batata e macaxeira e o almoço é uma panelada de arroz com mutum e carará. Aparece uma anta, mas Dequech não tem balas no rifle. O revolver, por sua vez, está no saco de roupas. A anta foge antes que ele consiga uma arma em condições de atirar. Não há carne no jantar.

Nesta pascana felizmente não há mosquito como no lugar de almoço, onde todos comiam se abanando com lenço ou folha de mato e com boa velocidade para não comer mosquito. Aqui nesta pascana só há borboletas e estas caem sobre o feijão. Só vou iluminar a panela com a lanterna para retirar as borboletas. Aí elas vêm em maior quantidade cair dentro da panela e quando caem no caldo do feijão, os olhinhos "milimúltiplos" do inseto ficam vermelhos como fogo".

A dieta vegetariana é mantida durante praticamente toda a viagem até as ilhas – basicamente feijão e batatas em todas as refeições. Eles até tentaram caçar, mas não conseguiram acertar nem um pato que, mesmo ferido, conseguiu escapar. A chuva só parou no dia 15 de outubro. Dequech se encanta com o couro da lontra que ele matou. Já está seco e o pelo é muito sedoso.

"Já estou pensando o que irei fazer ... A quem irei presentear?"

DOIDO PARA CHEGAR

No dia 16 de outubro, Dequech não se aguenta de ansiedade.

"Após um mingau com batatas e café, partimos. Essas batatas do roçado dão-nos uma boa alimentação que no ano passado tanta falta fez. Desde ontem que ando desesperado com a demora em chegar na ilha. Fumo um atrás do outro os meus cigarros de palha com fumo amarelinho lá do sul"

Os homens varejam com dificuldade o rio, vencendo as correntes e seguidos por "um miserável cortejo de piuns", como se refere Dequech aos mosquitos. O chefe da expedição se confunde com o caminho.

"O rio que vem pelo lado direito e que deveria ser o Capivara, não se parece com ele... creio que aí é o começo da ilha e o que o Capivara deságua no braço direito do rio e por isso não o encontramos até agora".

A ALEGRIA DE REENCONTRAR A PASCANA

Eles optam pelo braço esquerdo do rio e, além de grandes correntes, encontram troncos grossos para cortar. A viagem não rende e eles decidem almoçar. Ao procurar pelo pique, têm o prazer de reencontrar a pascana do ano anterior.

"Depois do almoço fui com Leonel acompanhando o braço para baixo, e ver se encontrávamos o pique. E encontramos 100 metros abaixo de onde almoçamos! A alegria foi geral. Mandei trazer as canoas para este lugar, mas eles levaram quase 1 hora para avançar, tão sujo está esse braço. Quase 15 horas e resolvi apascanar nesta pascana tão nossa conhecida do ano passado. Lá está a data: 1.11.41. Gravei 16.10.42 na mesma árvore. Mandei o pessoal descer pelo braço direito limpando até o fim da ilha e o Leonel foi pelo pique até a entrada no varadouro de Vilhena".

No dia seguinte, depois do café da manhã – mais batatas – a equipe parte para concluir a limpeza do braço direito da ilha. Deixam uma lona de pascana para o pessoal que vem para a sondagem. Agora, todo o caminho até esta ilha e em redor dela está limpo. Concluída a tarefa, Dequech e seus dois companheiros, Leonel e Macena, querem voltar logo à Cascata e fazem "voar" a ubá. Numa corredeira, a canoa vai no rumo de um arbusto no meio do rio e Dequech não consegue se desviar.

"Fiquei dependurado nos galhos e a ubá desceu para longe. Meu chapéu caiu n'água e o Macena foi buscar. Lembrei-me que meu relógio estava no meu bolso e como eu estava seguro aos galhos com as mãos e pés, como um macaco, e com o corpo dentro d'água, o relógio estava molhando. A ubá demorou a chegar, subindo a forte correnteza. Abri o relógio e sequei um pouco da umidade ao sol. Mas ele está adiantando muito. Varejamos como nunca para chegar na Cascata. Às 18 e ½, passamos a corredeira que fica logo acima da Cascata e a canoa trepou numa pedra, tal era a pouca luz. Mas felizmente não virou. Chegamos na Cascata às 19 horas, extenuados como nunca. Era tão grande o cansaço que a fome perdeu a importância que normalmente tem".

No dia 18, domingo, todos descansaram. Na segunda-feira, 19 de outubro, partiu o Murillo com o pessoal que ia por terra ao local de sondagem. O programa traçado por Dequech para 1942 previa o estudo das águas do Corumbiara e incluía uma sondagem na Ilha Quebrada como última atividade no rio Apediá.

NOVOS RESULTADOS RUINS

A Ilha Quebrada era uma pequena ilha fluvial a 27 quilômetros da Cascata. O caminho era por picada e demandava um dia de viagem a pé – com carga, um homem demorava dois dias para fazer o percurso. Uma ubá foi

destacada para levar o equipamento e alimentos, mas naufragou. O material foi salvo, mas as provisões molharam e se perderam. Os seis furos abertos no local tiveram resultados decepcionantes, tanto para ouro quanto para diamantes. Em seu relatório dirigido ao DNPM, Murillo descreveu assim os apuros passados por sua equipe:

"O pouco alimento que pudemos dispor foi conseguido com os índios de uma pequena maloca existente a duas horas de viagem do local, cujo tocháua chama-se Domingos e é filho de Massacá. Esses índios, durante as sondagens, nos ajudaram muito fornecendo alimentos nos momentos de falta total, mas não quiseram ajudar nos trabalhos de sonda".

Ainda no dia 19 de outubro, chegaram o Aucê e o Lourival, vindos do Triunfo. O combinado era que Dequech os encontrasse lá, mas eles vieram antes para seguirem juntos. Não há rancho quase nenhum na Cascata. O novo cozinheiro, o Parahyba, inventa uma "panelada à moda Urucumacuan", com tudo o que foi plantado na Cascata: inhame, cará, batata, berinjela, tomate, folhas. É a única alimentação da turma.

Dequech segue com Aucê para Porto Triunfo no dia 21, bem cedo. Às 4 horas, estavam carregando a ubá com a sonda e, às 11 horas, já tinham feito 18 quilômetros. Pescaram muito, mas almoçaram feijão em lata com batatas na folha de sororoca. Quando chegaram ao Triunfo, porém, já tinham carne, da caça abatida pelo Aucê. Dequech tira a barriga da miséria.

"Chegamos no Triunfo às 16 horas, com 1 mutum e 1 que o Aucê matou. O pessoal aqui tem muito rancho e muita carne de porco moqueada. Mande fazer 1 café. Tomei tanto para matar a saudade, que perdi o sono à noite".

LEVANTAMENTO A OLHO E BÚSSOLA

No dia 22, um dos homens, Osmar, parte de volta para a Cascata, levando uma perna de porco moqueada para o pessoal. Enquanto Murilo Abreu fazia os serviços de sondagem, Dequech desceu o Guarajús, um dos formadores do Corumbiara, em canoa, estudando-o até o Barranco Alto.

"Vamos iniciar o estudo de levantamento do Guarajús a telêmetro e bússola. Partimos às 8 horas, iniciando o levantamento pelo Marco do Triunfo. O rio apresentou de início alguns estirões, mas logo se mostrou tal como é — cheio de

voltas e garranchos. Resolvi por isso fazer o levantamento a bússola e relógio. Depois do almoço, resolvi ainda mudar de método porque não é possível viajar com o relógio na mão. A canoa penetra a todo instante num pequeno furo aberto a terçado na galharia e de vez em quando é arrastada por cima de um pau. Não há uma velocidade constante em virtude das múltiplas paradas. E corro o perigo de derrubar o relógio na água. Passei por isso a avaliar as distâncias a olho e, de 100 em 100 metros, fazer 1 leitura na bússola. Encostamos cedo na pascana — 15 horas — pois a chuva já está começando a cair"

UM ATAQUE FEROZ

23 de outubro – sexta-feira. O pessoal parte cedo, às 6 e 20.

"Continuo o levantamento a olho e bússola. O rio sempre péssimo. Não sei que valor pode ter o levantamento que estou fazendo. Em rigor deveria levantá-lo fazendo um pique pela margem".

A carne do porco acaba e matam um macaco – o primeiro que o engenheiro come naquele ano. Porém, sem prazer: a carne está dura e não entusiasma. Aucê e Clodoaldo abatem um mutum e 4 cujubins, uma ave muito comum nas selvas de Rondônia, da qual apreciam especialmente o fígado. No dia 24, sábado chegam a uma pascana bonita, coisa rara naquele território quase sem terra firme. O rio é bem mais navegável, mas de vez em quando o mato fecha a passagem e é preciso abrir um túnel. Numa dessas passagens, os marimbondos atacam e Dequech sofre como nunca antes.

"Avançaram pela minha cabeça, emaranhando-se nos meus cabelos e nas minhas barbas. Pedi para tirarem depressa a canoa dali, mas ela estava enganchada e demorou uns três minutos para sair. Fui atrozmente mordido. Senti a cabeça ferver. Parece que pela primeira vez no Mato Grosso perdi completamente o bom humor quando saí dali. Passei álcool na cabeça, rosto e nuca. Mal posso mover os maxilares de tanto que fui mordido. Minha cabeça, rosto e queixo ardem".

SÓ PIRITA NA BATEIA

O trabalho de pesquisa é registrado por Dequech a partir do dia 25, domingo, quando começam a batear numa corredeira próxima à pascana onde passaram a noite, uma antiga colocação de seringueiros. "Deu cinco piritas

de ouro", escreve o chefe da expedição. Mais adiante, param novamente para batear um cascalho na margem direita. Ali, é encontrada apenas uma pirita. Às 11 horas, param para almoçar e, desta vez, o cardápio é bem mais variado: feijão, arroz, peixe frito e os pássaros mutum e cujubim.

"Encontrei folhelho sobre anfibolito alterado, talvez o folhelho de Sepotuba sobre um arenito mais antigo. Esparsos por perto encontrei seixos de biotita, granito e de quartzo. No folhelho encontrei alguns seixos dominantes que não se reconhece. Mas reconheci 1 seixo de granito alterado e um seixo de sílex, ambos de 1 centímetro apenas. O anfibolito apresenta-se verde (certamente só a parte superficial). É bem feldspático. E o folhelho, vermelho tijolo".

Às 17 horas, estão procurando uma pascana, quando encontram duas antas.

"Fugiram ambas porque o Clodoaldo atirou afobado. Resolvemos apascanar por ali mesmo. Comemos os pássaros e mais algumas piranhas fritas. E temos um mutum para amanhã. Fizemos o tapiri (uma cabana de folhas) apressadamente. Choveu quase toda a noite".

Depois de um bom mingau de aveia, a equipe parte às 6 da manhã com as redes molhadas. Em viagem, matam mais três mutuns e um cujubim, cuja carne será moqueada – defumada no fogo – para ser comida na parte baixa do rio, onde a caça é mais rara. No começo da tarde, Dequech está na canoa estudando uma ocorrência de micaxisto, quando ouve vários tiros. Desce o rio com pressa, imaginando que o Aucê está atirando em um bando de queixadas.

"Logo abaixo encontramos uma anta dentro d'água, muito ferida e o Aucê perto com o rifle, esperando por mim para fotografá-la viva. Quando a anta queria subir o barranco, ele dava-lhe mais um tiro. E assim deu 18. Fotografei a anta diversas vezes e decretei feriado".

A viagem segue com Aucê aumentando as provisões de carne, que não faltará por um bom tempo. O intérprete mata dois patos, um de manhã e outro à tarde, na terça, 27.

"À noite, banqueteamo-nos com peixe moqueado, pássaro e anta. Fizemos novo moquém para acabar de secar a carne da anta".

CHEGADA EM BARRANCO ALTO

No dia 28 de outubro, os expedicionários chegam à foz do Omeré e continuam descendo o Guarajús, em direção a Barranco Alto, onde as três expedições marcaram de se encontrar no dia 30. Dequech chega no dia 29, assim como o Mané.

"E ele trouxe de presente para nós muito surubim e jatuarana salgados e secados ao sol, além de um veado campeiro salgado. Para não deixar de retribuir com alguma coisa, demos-lhe a anta moqueada, da qual nada tínhamos comido, pois sempre tínhamos pássaro para comer, o que é melhor".

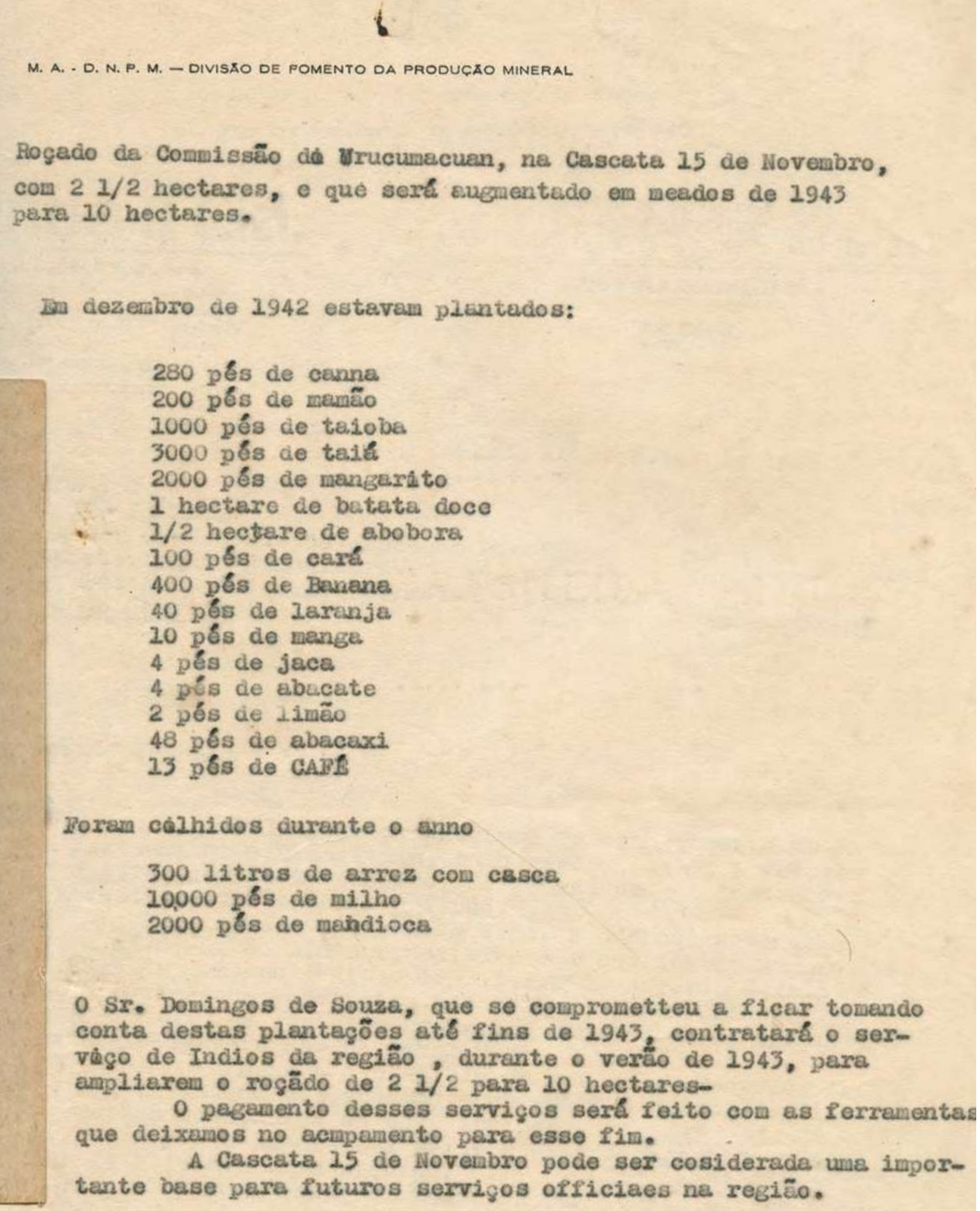
O pessoal descansa no fim da semana, até a chegada do comboio que vem da Cascata. O grupo só chega no dia 31. Os animais estão muito feridos e um dos membros, o Domingos, está doente. O pessoal descansa alguns dias, antes de reiniciar a jornada.

03 DE NOVEMBRO DE 1942

"Hoje partiu cedo o Manoel da Correspondência e mercadoria. Eu com a turma do Guarajús vou hoje ao Trincheira para iniciar um novo pique para a Cascata. O comboio vai depois, quando os animais estiverem melhor"

UM NOVO CAMINHO NA MATA

ABERTURA DO NOVO PIQUETE
BARRANCO ALTO – CASCATA



M. A. - D. N. P. M. — DIVISÃO DE FOMENTO DA PRODUÇÃO MINERAL

Roçado da Commissão do Urucumacuan, na Cascata 15 de Novembro, com 2 1/2 hectares, e que será augmentado em meados de 1943 para 10 hectares.

Em dezembro de 1942 estavam plantados:

280 pés de canna
200 pés de mamão
1000 pés de taioba
3000 pés de taiá
2000 pés de mangarito
1 hectare de batata doce
1/2 hectare de abobora
100 pés de cará
400 pés de Banana
40 pés de laranja
10 pés de manga
4 pés de jaca
4 pés de abacate
2 pés de limão
48 pés de abacaxi
13 pés de CAFÉ

Foram colhidos durante o anno

300 litros de arroz com casca
10,000 pés de milho
2000 pés de mandioca

O Sr. Domingos de Souza, que se comprometteu a ficar tomando conta destas plantações até fins de 1943, contratará o serviço de Indios da região , durante o verão de 1943, para ampliarem o roçado de 2 1/2 para 10 hectares-

O pagamento desses serviços será feito com as ferramentas que deixamos no acmpamento para esse fim.

A Cascata 15 de Novembro pode ser cosiderada uma importante base para futuros serviços officiaes na região.

LOGÍSTICA AMAZÔNICA

Para pesquisar melhor os afluentes do Guarajús e para futuras necessidades dos moradores, como a possível abertura de um posto indígena na região – hipótese que Dequech sugere ao SPI – a equipe construiu um novo varadouro entre Barranco Alto e a Cascata, com 78 quilômetros e quatro metros de largura, cortando os principais afluentes do rio. Desta maneira, Dequech pode estudar os igarapés Trincheira, Água Preta, Caurá e Omeré, bem próximos às suas cabeceiras.

No documentário "Nas trilhas de Urucumacuan", Dequech conta uma história bem curiosa, se não engraçada, que aconteceu durante a expedição. Um dia, ele estava na selva fazendo picada de Cascata a Vilhena, quando um mensageiro chegou do acampamento-base na Cascata, trazendo um telegrama do General Rondon, dizendo que o presidente Vargas queria visitar as minas. Segundo Rondon, o presidente chegaria em Vilhena de avião e pedia para fazer uma estrada da cidade até as minas, de maneira que ele pudesse chegar lá.

Getúlio já estivera na região em 1940 e fora recebido com pompa e circunstância nas poeirentas ruas de Porto Velho. "Eu li o telegrama e fiquei assombrado. Ele dizia que o presidente deveria ser presenteado com uma bela pepita. Acendi meu paieiro e fiquei pensando. Não tinha encontrado mina nenhuma. Rondon está sonhando, aqui não tem ouro nenhum, mina nenhuma", diz Dequech no filme.

A situação era estapafúrdia. "Eu tinha uns homens para abrir picadas para eu passar. Para abrir uma estrada para o presidente vir de carro, era preciso ter tratores, topografia, operário especializado, levantamento prévio do traçado. Então vi que era uma caduquice do general Rondon e o melhor era não dar resposta nenhuma. E ele acabou esquecendo".

MUITO TRABALHO, POUCA COMIDA

O novo varadouro entre Barranco Alto e a Cascata levou dois meses e uma semana para ficar pronto. As anotações de Dequech mostram um trabalho árduo nas picadas e minucioso no mapeamento do local. O trabalho corre bem durante todo esse tempo, mas a equipe é acossada por chuvas intermináveis e insegurança alimentar. Ao mesmo tempo em que a selva

oferece caça, mel e frutos em profusão, as dificuldades de deslocamento fazem faltar grãos ou açúcar, por exemplo. Na chuva, não é possível caçar e a combinação de trabalho pesado com alimentação racionada faz com que a equipe chegue a passar fome.

O trabalho começou no dia 3 de novembro. A equipe formada para o trabalho é composta por Dequech, Aucê, Clodoaldo, Benjamin, Novaes, Osvaldo e Mercado. No primeiro dia, eles dormem na margem do igarapé Delfino. E no dia 4, Dequech começa a explorar a região para definir a área de trabalho.

"Eu peguei um pique de castanheiros que existe logo adiante do Delfino e fui por ele até perto do lugar onde ele atravessa o Trincheira. É um varadouro bom. E depois de 4 km atravessa um igarapé. Adiante passa o Trincheira e a Maloca do Coró Coró, mas eu não fui lá. O Aucê voltou à tardinha trazendo informações sobre o Trincheira..."

No dia 5 de novembro, quinta-feira, Aucê traz mamão e bananas da maloca do Coró Coró. A equipe decide iniciar o varadouro de modo a não atravessar o rio. Eles andam uns dois quilômetros em direção ao Barranco Alto e ali deixam a bagagem para iniciar o trabalho. O Aucê "tira" no rumo da nascente, até o rio Trincheira, e é seguido pelo pessoal fazendo a limpeza. Trabalham durante todo o fim de semana.

8 DE NOVEMBRO

"Prosseguimos no serviço de varadouro com a falta do Mercado, que foi ontem à tarde a Barranco Alto por queixar-se de não ter podido dormir com o mosquiteiro furado. Deverá chegar hoje trazendo um mosquiteiro novo e um bocado de rancho".

Choveu toda a noite de sábado e o pessoal ficou acordado no único lugar protegido, que era o tapiri da cozinha. À tarde, Dequech vai com Aucê ver o lugar onde o varadouro irá atravessar o rio Trincheira e no qual pretendem construir uma ponte. Decidem que ali será a nova pascana que irá abrigar a equipe e erguem um tapiri.

Na volta, o engenheiro encontra o Mercado que, além de frutas e ferramentas, traz quatro toldos encalchados — uma proteção que o pessoal precisava. Agora cada um tem seu toldo e todos dormiram bem.

UM VINHO BEM DIFERENTE

Na segunda, dia 9, a chuva continuava e, às 5:30 da manhã, a turma saiu para começar o serviço. Na hora do almoço, o cozinheiro ofereceu a todos um vinho de pataná. Esta fruta pode ser o patauá, fruto comestível rico em óleo, que também é usado como medicação e cosmético. Dequech aprendeu a fazer o vinho e garante que é muito saboroso.

"Estando o pataná maduro, tira-se o cacho derrubando a árvore (proibido nas zonas onde se explora o pataná, em que os homens trepam nas árvores para tirar o cacho e dizem que um homem pode tirar por dia 50 cachos por esse processo). Colhido o cacho, retiram-se as frutas e põe-se n'água fria ou morna para amolecer. A casca externa solta-se e então machucam-se os cocos com a mão, esfregando um contra os outros, dentro d'água. A água vai engrossando. Já é o vinho. Dissolve-se em um pouco mais de água e bebe-se com açúcar e farinha".

LEVANTAMENTOS A PODÔMETRO – VARADOUROS DELFINO, PAU DE MEL E COMISSÃO

10 DE NOVEMBRO – 3ª FEIRA

"O dia amanheceu bonito e às 5 horas o pessoal foi trabalhar o varadouro e eu fui com o Aucê concluir o levantamento do Delfino ao "Pau de Mel" Terminei esse serviço e iniciei o levantamento do Varadouro da Comissão".

À tarde, Dequech vai com o Aucê preparar a pascana onde será feita a ponte. No dia seguinte, bem cedo, os dois deixam o pessoal trabalhando nas picadas e vão concluir o levantamento do rio Delfino, no "Pau de Mel", como Dequech denominou o marco inicial do varadouro. À tarde, fazem a mudança para nova pascana. O Aucê pegou saúvas. As formigas são um acepipe muito apreciado pelo pessoal da região e Dequech as come sem titubear, torradas com farinha.

"Ao voar elas fazem um ronco que se ouve longe e cheiram a queixada"

As formigas são um acepipe muito apreciado pelo pessoal da região e Dequech as come sem titubear, torradas com farinha.

No dia 11 de novembro, quarta, o pessoal levanta cedo debaixo de uma chuva torrencial, que cai desde uma da manhã. Dequech faz o levantamento, a podômetro e bússola, do varadouro entre o Pau de Mel a a pascana às

margens do rio Trincheira. Em suas anotações, o engenheiro discorre longamente sobre o hábito de animais e homens da região se alimentarem das formigas.

"Ao jantar, comemos os últimos pedaços do porco que o Aucê matou há quatro dias... Ainda temos um estoque das saúvas que o Aucê apanhou... a tanajura tem no abdômen uma couraça fina e dentro uma bolinha de uma massa gordurosa, como requeijão... é um animal tão saboroso quanto o camarão. E é mais limpa, porque o camarão é necrófogo. Hoje, quando eu vinha fazendo o levantamento, encontrei um tamanduá com o focinho todo barrento. Certamente andou comendo saúva nalgum formigueiro. Ele aproximou-se a uma distância de 4 metros. Como eu não tinha outra arma, atirei-lhe a faca com força, mas errei e ele saiu tão vagarosamente como veio".

OBRAS DO VARADOURO ATÉ O TRINCHEIRA

Chegam três indígenas de Barranco Alto (Jocariá, José e Domingos) para trabalhar na abertura do varadouro. Dequech se anima, porque assim conseguirão chegar com a "nova estrada" ao rio Trincheira no dia seguinte, sexta-feira, 13 de novembro. De manhã, Dequech e Aucê seguem pela picada antiga dos castanheiros até a maloca do Coró Coró: são 5,5 quilômetros, fazendo o levantamento do varadouro a podômetro e bússola. Na maloca, há muito mamão e bananeiras, mas nada de bananas. Dequech traz sementes de algodão e um jabuti que encontrou no caminho. A chuva caiu com força, mas o pessoal conseguiu chegar com o varadouro até o rio Trincheira, onde o grupo está acampado.

"Na margem do rio Trincheira encontramos quartzito Itabirítico e canga dele proveniente"

No sábado, 14 de novembro, Dequech sai às 7 horas para o Barranco Alto e deixa o acampamento entregue ao Aucê. O objetivo é encontrar o Manoel Bento, que traz correspondência da Foz do Corumbiara.

"O Manoel Bento chegou trazendo o 1º Correio. Recebi algumas cartas do meu pessoal e 1 mapa do Rio Cabixi. O comboio da Cascata não veio"

Manoel Bento prepara o pessoal para ajudar no varadouro e parte cedo para o local dos trabalhos. Na segunda, 16, Dequech espera até o meio-dia e quando já está em marcha, montado no cavalo Ceará, encontra o comboio,

que trazia correspondência da Cascata. Entre as cartas, estão demandas do Murillo e, para atendê-las, ele volta, deixando para seguir no dia seguinte para a área de trabalho.

"Parti de Barranco Alto às 7 horas e cheguei às 10 no rio Trincheira. Há muita falta de rancho. Mandei o Jesus Mendes para o Barranco Alto para trazer o Caeté carregado com rancho. À tarde, fui ver o varadouro. O Manoel Bento começou a dirigir a construção da ponte no rio Trincheira".

A ponte e o varadouro estão com os trabalhos avançados. No dia 19, quinta, Aucê caça e Dequech faz os levantamentos. "A orientação no novo varadouro Barranco Alto-Cascata é seguir sempre no rumo 60 graus NE", anota o chefe da expedição. À tarde, voltam à pascana com duas queixadas que o Aucê matou. Chegam mais trabalhadores. No dia 20 de novembro, sexta-feira, Dequech vai até a picada e traz dois jacus que o Aucê pegou. O comboio passou hoje no Pau de Mel.

No dia 21 de novembro, Dequech passa o dia no acampamento do pessoal que está construindo a ponte. Chegam farinha e pregos do Barranco Alto, com ao quais o incansável Mané Bento termina o pregamento da ponte grande. Restam ainda uma ponte pequena e um pontilhão para concluir.

"O pessoal cortou pachiuba e assaí suficientes para todo esse serviço. À tarde, tivemos no jantar café com leite de castanhas. Há muitas castanheiras por aqui".

A dieta dos trabalhadores fica mais diversificada. Para espanto de Dequech, o cozinheiro Parayba coloca uma coruja para cozinhar junto com um jacú. No jantar, vinho de patauá com farinha e um macaco-prego, recém-caçado, vai ser preparado no leite de castanha.

ANIMADO COM O LEVANTAMENTO

No dia 23, segunda-feira, Dequech vai com o Aucê até a Estaca 23, para corrigir o rumo do pique de exploração. Ele manda o Osvaldo a Barranco Alto para trazer o cavalo carregado com feijão e farinha, que já estão sendo racionados. Ele volta no dia seguinte, trazendo também algumas bananas e amendoins.

Aucê vai ao Igarapé Yana Yaqua fazer um tapiri para nova pascana. Enquanto isso, Dequech e Benjamim fazem o levantamento a telêmetro e bússola da Estaca 3 ao Rio Trincheira.

24 DE NOVEMBRO

"Fui com o Aucê até a estaca 24 que já é bem distante do varadouro. O Aucê e Moysés mataram na ida 4 macacos pregos e uma queixada. O pessoal foi todo para o serviço do varadouro. O almoço foi no serviço e eu na volta almocei com o pessoal. Fizeram até o almoço 1,100 metros, chegando ao marco 60, eixo da Cascata".

25 DE NOVEMBRO

"O Aucê chegou ontem no Igarapé Yana Yaqua e hoje foi lá fazer um tapiri para nos mudarmos amanhã. O pessoal foi para o varadouro e o Manoel Bento foi terminar a ponte com os pregos que chegaram ontem. Foi Lua cheia anteontem e o dia amanheceu ameaçando chuva. Eu e o Benjamim fomos fazer o levantamento a telêmetro e bússola do acampamento do Rio Trincheira para diante. Atingimos hoje:

Pique de exploração:
Igarapé Yana Yaqua — km 25 + ou -
Varadouro — Km 22
Levantamento — km 19

O índio José trouxe-me um bocado da frutinha tequêra-naunté. É uma frutinha rugosa, gomosa, roxa por fora e avermelhada por dentro. É pegajosa e postas num prato, pegam uma na outra. Os índios abatem as árvores e colhem a fruta ainda verde para amadurecer dois ou três dias depois. Ou então cortam a árvore e três dias depois voltam ao lugar para colher a fruta".

A diversidade é imensa. Dequech descreve outras frutas que o indígena lhe traz, como a "mão de onça". Os índios Ki-Apir chamam-na Kiakub, que quer dizer sol. Uma outra tem um gosto que lembra a uva. Em canoê, chama-se Itopó.

"Hoje atingimos:
Pique de exploração — km 25
Varadouro — km 22
Levantamento — km 19".

No dia 26, mudam o acampamento do Rio Trincheira para o Igarapé Água Preta. Para abrigar os trabalhadores, é erguida uma barraca com palhas de 6 por 4 metros. Dequech e Benjamim prosseguem no levantamento.

No quilômetro 22, encontram o Osvaldo, que trazia arroz, açúcar, aveia e leite, além de cigarros, bananas e mangas para Dequech. O engenheiro faz novo pedido de rancho para o dia 28 e despacha o Osvaldo de volta para Barranco Alto.

"Os rapazes e o índio José trouxeram um jacamim, um nambu assú e um bocado de fumo de cachimbo que o Aucê encontrou no varadouro. O pessoal ao cortar palha tirou três cachos de pataná, de modo que tivemos vinho de pataná ao jantar".

CAÇA DE HOJE

"Hoje:
Pique km 25 — Igarapé Água Preta
Varadouro — km 22
Levantamento — Km 21 ½".

27 NOVEMBRO

"Mandei o Clodoaldo de volta para Barranco Alto orque há muitos dias que não faz nada. Por coincidência, a melhor travessia do Água Preta é aqui no acampamento. À hora do almoço, tivemos novamente vinho de pataná.

Caça de hoje:
3 macacos de cheiro (mico estrela)
1 macaco zog zog
2 macacos prego
1 queixada

Mandei preparar a cabeça e o couro dos 3 macacos, um de cada tipo".

As picadas avançaram 25 quilômetros, o varadouro 22 e o levantamento está com 21, 5 km. No dia 28 de novembro, todo o pessoal se desloca para concluir o pedaço que falta antes do Água Preta. O Aucê foi sozinho explorar a região e voltou trazendo dois filhotes de quati. O comboio chegou às 2 da tarde, trazendo farinha, chocolate e aveia.

Às 3 da tarde, chegaram Rio Grande e Venâncio, vindos da Cascata e trazendo correspondência remetida por Murillo.

"Caça de hoje:
2 porcos queixada, 2 filhotes de coati
Serviço:
Pique — 26 km
Varadouro — 25 km
Levantamento — 21 ½ km"

29 DE NOVEMBRO

Eles vão para Barranco Alto no dia seguinte, domingo. Dequech planeja se encontrar com Murillo – que diz vir com o comboio - no Pau de Mel, mas ele não aparece.

Dequech vai para Barranco Alto, encontra os homens que vieram da sondagem, mas continua à espera de Murillo. Ele só chega no dia 1º de dezembro, porque um cavalo morreu no caminho e outro ficou para trás, arriado. Os dois conversam longamente à sombra das mangueiras de Barranco Alto e combinam a dispensa de nove homens.

SESSÃO DE CINEMA PARA OS INDÍGENAS

A lancha deve passar na Foz do Corumbiara no dia 5. Murillo irá no dia 3 e o Barroso segue junto, porque eles não farão mais sondagens naquela região. À noite, o colega de Dequech em Ouro Preto mostra o que filmou na expedição, fazendo uma sessão cinematográfica em Barranco Alto – coisa que a população local e os indígenas viam pela primeira vez. Dá para imaginar a surpresa dos indígenas diante das imagens em movimento.

"O Murillo e Barroso partiram com o pessoal em duas canoas às 6 horas. Às 7 eu parti para o km 25 com o Jesus Mendes. Em caminho, encontrei o índio Tocary. Topei com um bando de queixadas e pude acompanhar o bando pelo varadouro, dando tiros de revólver. Mas não matei nenhum. Comi no caminho muitas tekera naunté. Cheguei ao meio dia e encontrei o acampamento enfeitado de couros: um veado roxo, quatro porcos, um bicho preguiça e um bugio vermelho".

No dia 4 de dezembro, Dequech e Benjamim saem cedo para fazer o levantamento, que agora está atrasado. No caminho, ele pensa ouvir o estalo de uma queixada, mas é de um pássaro, chamado de "espírito de porco", talvez por anunciar os animais. Dequech mata o pássaro para ver como ele é. Quando os dois chegam à pascana, ouvem o barulho das queixadas no igarapé Água Preta.

"Fui com o Benjamim — eu com a espingarda 20 e ele com meu revólver. Acompanhamos a porcada durante algum tempo no cipoal e, ao chegar numa palheira, eu atirei num porco e matei... Trouxemos o porco — o primeiro que eu matei e no mesmo dia em que matei o "espírito de porco".

SERRA DO AUCÊ

Chega da Cascata o pessoal que tinha ido buscar a sonda que o Murillo usou na Ilha Quebrada. Genésio, Macena, Lourival e João Manoel vão para o varadouro e Dequech continua fazendo o levantamento, para além da Pascana da Fortuna. O varadouro já está pronto até o pé da Serra, onde será instalada a próxima pascana. Domingo, 6 de dezembro, é o dia da mudança. Quando a turma chega, vai logo fazer o tapiri.

"Às dez horas eu fui com o Aucê ver a Serra e a melhor maneira de contorná-la. O pique transpõe a crista da Serra... é uma subida forte e tive que deixar as botas cá embaixo e subir de gatinhas. Na beira do igarapé há gneiss, bem como na crista da Serra. Mas num tope que existe no meio da subida encontrei anfibolito e piroxenito. Na crista, há fragmentos de um veio de pegmatito pequeno. Trepei em duas árvores para observar dos dois lados da serra. A vista é bonita, principalmente porque estamos metidos há tanto tempo dentro da mata, onde o horizonte é forçosamente estreito sempre".

Dali, Dequech vê também o vale do Guarajús e de seus afluentes. Do outro lado da Serra, está o vale do Apediá e examinando todos os lados, Dequech conclui que, tal como Aucê afirma, só é possível a passagem contornando pelo lado esquerdo. "Esta é uma verdadeira serra e nada tem a ver com o Chapadão dos Parecis", exclama, e resolve batizá-la com o nome de Serra do Aucê.

A homenagem não foi gratuita. Aucê, assim como o Mané Bento, foi essencial para a sobrevivência da equipe na mata. A convivência em condições tão desafiadoras criou não somente uma admiração recíproca entre Dequech e o guia da expedição, como também uma amizade que perdurou por décadas.

Jacy Parana 29 de Abril de 1943

Amigo Deguech Saude.

Venho por intermedio desta para communicar que ainda estou aqui só agora que vou trabalhar na quela Empreza do Jacy Paraná, com Barrozo que é o gerente. Felizmente, eu tenho tido saude por-aqui eu só tenho saudade do Rio, bonito de mar, passeio, não é mesmo preciso estareis no rio junto moramente na queles logares. Eu quando você saio daqui esquesis de falar com figo, sobres os retratos, a gora quero que-me mandem os retratos para mim, principalmente a queles que tireis fantasiado de Indios e minhos que eu estiver. O Tenente esta no Ribeirão com Meireles não sei, vai ficar firmando contas, ate agora o Meireles não se meixem na quele ~~geito mesmo~~ geito mesmas. Finis esta

Aceita um abraço forte

~~Fa~~ lembrança a todo dai

Horiso é outro

José Gruê

Porto Velho 14 de Abril de 1944.

Amigo Deguech. Saude.

Eu escrevo-lhe para você, dar minha noticia. Eu recebi a carta do Domingo de Souza. Dizendo que continua na Cascata, lutando com a dificuldade por falta de mercadurias e munições e a asúcar, café i fim todos que é preciso. E disse que ia experimentar trabalhar Caucho é seringas com os Indios para ~~comprar~~ comprar as mercaduria. E disse que elle disses muito coisas do material que tinha na cascata para conseguir alimento. E disse que tinha já a panha milho, e arroz por isso ia trabalhar seringa. Indios que estão lá com elle é Domingo Tanani e Otaviano, o Baitá estava tambem mais tinha ido para malóca ~~tal~~ talvez não voltava. Alem do panco tinha morredo mais 11 Indios, mais não disse os nomes dos que morreras. O que provocou a a morte destes Indios, foi sarampo, o panto estava com esta bronça, e foi tomar banho e sarampo recolheu para a garganta e ficou varios dias sem comer sem falar. e o veizo paleser. Eu aqui continuo, vou entrar na mata neste mes a serviço do Territorio. para fazer reconhecimento do terreno para continuar rodovia que os americano tinha iniciado e deicharas ramo Jaci Paraná, começa no Km. 50 E.F.M.M. Eu pindo este. Aceita um Abraço

JOSÉ AUCÊ

A GUERRA DISTANTE

Dequech fica sabendo que Murillo encontrou Giácomo no Corumbiara e ele lhe informou que a lancha já havia passado no dia 28 para Guajará-Mirim. Murillo pede o batelão a motor para seguir viagem. Para Dequech, mergulhado na selva amazônica, as notícias da guerra parecem vir de Marte.

"Veio alguma correspondência, cartas da família e jornais. A guerra está na mesma coisa. Fala-se em Sebastopol, India, Ilhas Salomon, tudo como há meses atrás".

No dia 7 de dezembro, Dequech manda o Oliveira para Barranco Alto e faz do Barroso o feitor do varadouro, função para a qual terá que treinar. À tarde, o engenheiro segue com o Benjamim para adiantar o levantamento e, ao passar em um igarapé, vê porcos do lado de baixo. Como já é rotina, ele atira em dois. Mas desta vez acerta e mata os dois.

"O Benjamim levou um dos porcos para o acampamento no Pé da Serra e depois que fizemos o levantamento até a pascana, mandei buscar o outro. Já estamos cansados de comer porcos.

Caça — 2 porcos
Pique — Km 31
Levantamento — km 29,600
8 de dezembro de 1942 — 3ª feira
Os serviços de pique, varadouro e levantamento prosseguiram hoje um atrás do outro, a pequena distância".

No dia 9 de dezembro, Dequech manda uma turma ao Barranco Alto para levar o batelão para Murillo. Seguem Manoel Bento, Barroso, Benjamim, Oliveira e Amorim. Eles demoram a sair, porque têm que esperar Dequech escrever uma longa carta ao colega. Enquanto isso, Olegário assume a direção do Varadouro, que já está próximo do quilômetro 34.

"Caça:
1 macaco preto, 1 macaco prego, 1 jacú

Pique — Km 35
Varadouro — Km 34
Levantamento — km 34".

NOMES E HISTÓRIAS INDÍGENAS

Dequech fica sabendo pelos indígenas que Tocary, Arapairé, Coró-Coró, entre outros, já tiveram uma maloca no Pé da Serra, perto do atual acampamento. As histórias contadas por eles parecem lendas, mas são reais. Uma delas envolve um dos trabalhadores.

"Uma índia teve aí um filho e, para não criá-lo, matou a criança. O marido indignado combinou com os companheiros um meio de punir o crime. Uma velha convidou a mulher para ir apanhar mamão no roçado e quando ela se ocupava nisso, o marido e os demais caboclos que estavam escondidos mataram a criminosa a flechadas. O Tocary tomou parte, embora negue".

Domingo Tanarú também tem uma história na maloca, que cercaram para matar um indígena canoê. Ela começa de madrugada quando Guaratira e outros de seu grupo cercaram a maloca, enquanto ele e outro indígena avançaram com uma espingarda velha e flechas. O Tanarú acompanhou os homens por diversos dias na mata.

"... aproximaram-se da maluca e foram recebidos pelo Tiaré. O Tiaré trouxe xixa para o terreiro e ofereceu aos 2, mas eles não aceitaram. O Tiaré ficou desconfiado e ia entrando na maloca quando o tanaru apontou a espingarda, mas esta engasgou. Ao mesmo tempo, o companheiro do tanarú largou uma flecha que pegou no Tiaré. Foi dado o alarme e o Guaratira com os outros índios, uns 20 ao todo, invadiram o terreiro flechando o pessoal do Tiaré (os Canoês), que fugiram. O Tiaré fugiu ferido e morreram dois índios canoês. O pessoal do Guaratira deixou os 2 mortos no mesmo lugar e se retirou".

Na quinta-feira, 10 de dezembro, Domingo Tanaru pediu ao cozinheiro para guardar sua saca, alegando que a mulher do Mundé – a Teniantsô – e a Mazerip roubaram seu milho. As duas mulheres estão há três dias visitando a área de trabalho e devem voltar logo para o Barranco Alto. Dequech anota alguns termos indígenas em suas cadernetas, incluindo os nomes dos que participam da expedição.

"Os verdadeiros nomes desses índios que trabalham conosco são:

Domingo Tanarú (tribo Ki-Iapir) — Kiakub-Kiakueré; Dommingo Canoê — Taptsirangan; Tocary (tribo Caurá) — Pacanô; José — Tsimiquêum. O nome de Domingo Tanaru vem de fato, de ter trabalhado com caucheiros no Tanarú.

Telemaco (Tribo salamãi) — Icúm; Mulher do Mundé — Tenitautsê; Pedrinho — Tanéáp (o pai do Mundé tinha o mesmo nome. Foi comido por um jacaré)

Outros nomes salainãi — Mulheres: Mazerip, Berná-Cu-ábá; Codá; Maripú; Sebái Oroá; Iamãi

Homens — Tubar-um; Abaitá; Arué; Mantinã; Bi-Caué; Paiqueré".

No dia 11 de dezembro, o serviço prossegue e Dequech tenta reduzir o atraso de treze quilômetros nos desenhos. Um dos homens, Moysés, saiu para caçar e perdeu-se na mata. Foi encontrado três horas mais tarde, já no escuro, trepado numa árvore para se defender de onça.

Chega um novo "secretário", o menino Cantante. A expressão parece se referir à função de caçador, já que, mandado por Dequech, retorna com um macaco zog-zog e um nambú. A equipe está mal de caça, contando apenas com um pedaço do porco que Dequech abateu. O varadouro já está a seis quilômetros da atual pascana. Hora de mudar e o local escolhido é uma margem do Caurá.

"Avanço até hoje:

Pique — km 36; Varadouro — km 36; levantamento — km 34; desenho - km 34".

NOVO DIA DE MUDANÇA

No sábado, o pessoal faz a mudança. O Mundé manda a mulher e Mazerip de volta ao Barranco Alto. De lá, elas irão para a Cascata pelo varadouro velho. Dequech e Aucê vão percorrer a crista da Serra.

"Levamos farofa e passamos o dia na Serra. É muito grande e são vários morros que se sucedem. Achamos um pau com mel que o Aucê tirou com o terçado. Os favos estavam no pé de uma árvore. O Aucê alargou o buraco da entrada e meteu a mão no oco do pau. Saíram primeiro os filhotes e depois os favos com saburá e mel. Bebemos litros de garapa num igarapé que nasce na serra".

De lá chegam à nova pascana, onde o pessoal fez um grande tapiri. Há uns quinze dias que não chove, o que Dequech estranha. O serviço começa no domingo, 13, com a passagem feita no Caurá.

"Aproveitei a manhã para desenhar. À tarde, fui fazer o levantamento do 34 à Pascana do Caurá (km 36)
Caça — 0
Avanço:
Pique — km 38
Varadouro — km 37
Levantamento — km 36
Desenho — km 34

O dia foi desagradável — já não temos mais café, que para mim é essencial".

CADÊ O CAFÉ?

No dia 14 de dezembro, segunda-feira, o comboio chega à área de trabalho. Nele estão o José Costa Lima e o Carmello, que trouxeram notícias da Cascata e rancho. Infelizmente, não há mais farinha e arroz em Barranco Alto. E, para tristeza de Dequech, também não veio café, que, junto ao quinino, ele considera indispensável na expedição.

Ela escreve ao Giacomo Casara pedindo mais rancho da Foz e manda homens ao Barranco Alto para trazer uma lata de café. O indígena José, escalado para caçar, não trouxe nada e voltou ao machado – ou seja, para o serviço do varadouro.

No dia 15, Dequech vai cedo avaliar o andamento do serviço. O varadouro terá que subir uma serra, o que o engenheiro não aprova e propõe contornar.

"... passei o resto da tarde com o Aucê vendo o melhor lugar de passagem. Parece que do outro lado dessa serra está o rio Omeré. À tarde, os caboclos trouxeram meio litro de mel. Fizemos dez litros de xixa e todos tomaram depois do jantar em lugar do café que não há".

PASCANA DO MACACO SEM RABO

"Passei a manhã como Benjamim, bateando o Igarapé Caurá I e II. Não deram mais que 3 pintas de ouro, os 2 juntos. Tirei um filme sobre as diversas fases deste serviço: colheita de cascalho, lavagem nas peneiras, bater peneira, bateação e apuração do ouro".

Às 15:30, chega de Barranco Alto o Lourival, que andou 36 quilômetros. No 33, ele matou dois porcos que Dequech manda buscar.

Dequech e Benjamim chegam com o levantamento ao quilômetro 39 na quinta-feira. Aucê já escolheu o lugar para a próxima pascana, num igarapé que corre para o Omeré. O Cantante busca castanha no 33 para fazer leite. A mudança para o novo acampamento é feita no dia 18. Às 3 da tarde, chega o Giácomo com dois homens e dois animais. Estão explorando poaia.

"Deixei o levantamento no 41 e vim para a pascana. O pessoal matou hoje seis macacos e, com um que eu matei, são sete. Fizeram na nova pascana um tapiri pequeno devido à falta de palha".

No sábado, 19 de dezembro, a equipe já está instalada na nova pascana. Giacomo foi para a Cascata. Tem gente trabalhando no varadouro antes e depois da pascana – no último caso o Aucê, que espera chegar ao Omeré ainda no sábado.

"À tarde, o Aucê voltou dizedo que tinha atravessado 1 igarapé grande e já estava com o pique numa serra da margem esquerda. Trouxe dois macacos pretos, um deles com o rabo cortado, certamente por algum civilizado. Presumo que o macaco tenha fugido de algum seringal e para registrar melhor a coincidência, resolvi batizar o igarapé onde estamos acampados com o nome de IGARAPÉ MACACO SEM RABO".

Os dois macacos vão ser moqueados pelo Domingos, que é especialista na prática. O varadouro fica pronto até a Pascana do macaco sem rabo e, mais tarde, chega o Carmello de Barranco Alto com dois cavalos cheios de provisões.

No dia 20, Carmello volta ao Barranco Alto, levando o Cantante como ajudante.

"Fui ver o igarapé que o Aucê supõe ser o Omeré e achei-o muito estreito, pelo que devemos estar bem longe da foz e do lugar onde estive no ano passado. À tarde, fui desenhar. Temos encontrado uma grande quantidade de macacos nesta região".

NATAL SEM RANCHO

No dia 21, a chuva chega e com vontade. Caiu sem parar até a noite. O Aucê volta contando que encontrou outro grande igarapé e este sim é o Omeré.

O outro, segundo ele, devia ser o Curimatú. Na terça, 22, Dequech recebe a notícia de que vários indígenas – sete homens, cinco mulheres e quatro crianças – vinham para o acampamento. O chefe da expedição fica alarmado, pois não haverá comida para alimentar tanta gente. Tranquiliza-se quando Leonel e Paulo matam três queixadas e Aucê chega com vários pássaros. A carne, pelo menos, está garantida. A quarta-feira, 23 de dezembro, é um dia de sol.

"Mandei o Leonel avisar o Telemaco que levasse as mulheres e crianças para o Barranco Alto e de lá viesse com cinco homens apenas, trazendo parte do rancho que vem da Foz e ferramentas para trabalharem conosco. Fui fazer o levantamento da Pascana do Macaco sem rabo em diante. À hora do almoço, chegou o Giacomo de volta para Barranco Alto. Acampou aqui para prosseguir amanhã... À tarde, fui batear no Curimatú, que corre sobre filito. Achamos algumas pintas de ouro... mandei o Benjamim passar o dia no Curimatú bateando para ter uma ideia de quanto ouro pode colher num dia um garimpeiro".

No dia 24, aparecem indígenas canoês na frente de serviço. Aucê pede o velho Domingos para ir conversar com eles. Um fugiu, mas o outro era conhecido do Domingos, Xexoá, e prometeu aparecer com os companheiros.

Dequech esperava a chegada de um cavalo com arroz, aveia, leite e doce para a turma comemorar o Natal. No entanto, José Costa Lima e o Cantante trazem a má notícia de que o animal fugiu de volta para Barranco Alto e só dá para trazê-lo depois do dia 26.

"Esta notícia é das piores, pois nosso rancho está praticamente esgotado. Temos esperança de que os índios nos tragam alguma coisa".

25 DE DEZEMBRO – UMA NOVA PASCANA

"O pessoal foi fazer a mudança e eu com o Benjamim ficamos atrasados afim de fazer o levantamento do km 46 para diante. Iniciei o levantamento, mas o tempo está desfavorável. Nosso almoço foi um bocado de carne com milho torrado. À tarde choveu e tivemos que interromper o levantamento. Fomos dormir na nova pascana, à margem de um pequeno igarapé a que denominei Igarapé dos Índios. Os índios não apareceram hoje. Não mataram caça alguma hoje".

COMEÇAMOS A PASSAR FOME

Sábado, 26 de dezembro. A situação no acampamento é angustiante. De provisões, só sobraram aveia e feijão, mesmo assim em pouca quantidade. "Começamos hoje a passar fome", escreve Dequech, que leva apenas um pedaço de carne assada para o trabalho de levantamento com Benjamim. Quando voltam, não há novidades. Não chegou o comboio e os indígenas não apareceram. Alguém matou um mutum e o jantar restringe-se a feijão com sopa de aveia e um pedaço diminuto de carne. No dia 27, a fome aperta ainda mais.

"Temos nos alimentado nestes dias de porções racionadas de feijão, aveia, carne e esperanças... mas hoje tomamos pela manhã apenas café. E apesar de estar chovendo, mandei o pessoal para o serviço. Destaquei o índio Domingos Tanarú para ir procurar mel e palmito. Mandei o Manoel caçar. Fui com o Tenente ver o serviço pela manhã. Na volta encontrei num alto perto da pascana um índio que se aproximava de mim, trazendo um maço de flechas e dizendo caboclo bom. Aproximamo-nos e conversei com o índio alguma coisa. É o Xaxoá, o mesmo que o Aucê encontrou no dia 24. Convidei-o para irmos à ponta do varadouro a fim de ele conversar com o Velho Domingos. Ele veio. Eu vinha na frente e o índio, para dar prova de seus propósitos pacíficos, quis deixar as flechas no caminho. Mandei que ele trouxesse."

A um outro indígena que aparece, Dequech pede que traga milho, amendoim e macaxeira em troca de um terçado. Mataram cedo um macaco e colheram alguns palmitos.

"Os três acontecimentos do dia foram chuva, fome e o encontro com os índios Tsatsoá e Tivô.O velho Domingos foi com os 2 índios dormir no Tapiri deles."

O almoço foi feijão, macaco e palmito, o que não mata a fome do pessoal. Palmito e café é o cardápio do café da manhã do dia 28, uma segunda-feira. Está acabando o feijão e já não há farinha nem arroz.

"O Senhor Domingos voltou hoje cedo trazendo os dois índios Tsatsoá e Tivô e mais o Capitão Tiará. Eles fugiram da maloca velha e fundaram uma nova na cabeceira do Omeré. Agora estão acampados mais abaixo, caçando para a Festa do Milho. Quando tiverem bastante caça, vão à maloca curar o milho e só depois deste dia de festa começar a beber xixa. Se comerem o milho antes de curar, as crianças nascem fracas. O Capitão vai trazer-me milho amanhã. Trouxe hoje um bocado de amendoim que mandei distribuir. Estamos ansiosos pela chegada do

milho pois temos ainda alguma coisa graças ao rigoroso racionamento. Sofremos fome, apesar de comermos 3 vezes ao dia, pois a comida é sempre pouca".

A situação melhora à tarde, quando o Paulo traz bastante caça. Há também mel em quantidade, mas o palmito de assaí já está rareando. O senhor Domingos ensina como cortar o de aricuri, que não é tão gostoso. Carmello vem com Telemaco, Tubarão e Mundé, trazendo a carga nas costas. Eles trouxeram aveia, leite, arroz e doce.

No dia 29, já há mingau no café e por isso o pessoal não quer saber do palmito. Os indígenas trouxeram finalmente o milho verde, além de amendoins. Pediram um pouco de sal para a carne da Festa do Milho. Um deles recomenda a Dequech que não coma o milho com sal, porque isso secaria o milho. Com desprezo, ele anota: "isso é invenção certamente de curador da maloca".

SURPRESA SABOROSA

Dequech continua envolvido no levantamento. À tarde, confere uma ocorrência no quilômetro 52, mas trata-se de mineral formado por intemperismo. A frente de serviço recebe alguns conhecidos.

"Chegaram hoje do Barranco Alto o Leonel com os índios Matinã, Auê, Arui, Salamãi e Aucá. Trouxe a correspondência, fumo amarelinho do Rio Grande e rancho – feijão, arroz e farinha. Mas temos no acampamento 25 pessoas e o racionamento continua apertado".

No dia 30 de dezembro, quarta-feira, Dequech manda alguns indígenas para o Barranco Alto, para diminuir o número de bocas a alimentar no varadouro. O pessoal está trabalhando longe e já é necessária uma nova pascana. Na quinta-feira, enquanto a equipe faz a mudança, Dequech e o Benjamim vão fazer o levantamento do varadouro. Eles têm uma grata surpresa que, ao que parece, restabeleceu o bom humor do chefe da expedição.

"Ao meio-dia, encontrei os índios que tinham ficado no caminho tirando mel. Bebi garapa à vontade. Almocei na sororoca com colher de pau – farofa de carne de porco. Deixei o serviço já bem tarde no quilômetro 56 e fui para a nova pascana, junto de um igarapé quase seco, que corre sobre lama. É péssimo o lugar para se tomar banho e por isso tomou o nome de Copacabana".

ANO NOVO, MUITA ÁGUA, POUCO RANCHO

1º de janeiro de 1943 — Ano novo, nada de celebração. O trabalho precisa continuar. O terreno do varadouro a partir da nova pascana é bem melhor, já que não há serras. Mas Dequech ainda precisa fazer o levantamento a partir do km 56, que é o pior trecho do varadouro. É onde ele acompanha a crista do divisor de águas entre o Pimenta Bueno e o Corumbiara. Ele passa num lugar que tem 405 metros de altitude. Bom e que o pessoal está chegando ao fim do varadouro — já limpam o quilômetro 60.

No dia 2, choveu tanto durante a noite que, apesar de todos terem toldos encauchados, ninguém conseguiu dormir a partir de uma certa hora. As redes ficaram encharcadas e o pessoal saiu debaixo de chuva para o trabalho.

"O pessoal trabalhou como de costume apesar da chuva. Trouxeram muita castanha que já existe por aqui e isto é ótima notícia para quem vê o rancho desaparecer. Temos apenas um bocado de feijão para quatro dias e arroz e aveia em quantidade insignificante. E com esse tempo chuvoso, não há caça".

3 DE JANEIRO

"A chuva que principiou na noite de 1º de janeiro e que parou somente às 5 horas ontem à tarde, caiu durante toda a noite. Amanheceu chovendo, mas o pessoal foi para o varadouro. Precisamos chegar o mais breve possível na Cascata porque o nosso abastecimento tem sido cada vez pior. Passei o dia desenhando, pois com a chuva não posso avançar no levantamento".

O pessoal se vale do palmito de aricuri como alimento cotidiano. Leonel mata quatro macacos de cheiro, que são preparados no leite de castanha.

VIVA O FEIJÃO!

Na segunda-feira, 4 de janeiro, procede-se a mudança para o Igarapé dos Dois Irmãos. Dequech manda indígenas para colherem castanha e tirar palmito de aricuri. Os outros índios foram recolher palha de assaí e pataná, enquanto o pessoal fazia a armação para o tapiri que, na hora do almoço, já estava pronto. As perspectivas eram as piores possíveis para aquele grupo esfomeado.

"Estávamos preparados para comer o feijão com palmito (e um jacú para 20 pessoas) quando chegaram da Cascata dois comboieiros trazendo um saco de feijão, um saco de farinha, uma lata de chocolate, uma de café e dez de aveia. Temos agora feijão à vontade. Mas teremos que tomar café e o chocolate amargos por falta de açúcar. O Sr. Domingos garante que o mel, sendo fervido, não azeda o café nem o chocolate. Mandei tirar mel para adoçar o chocolate amanhã. Preparamos leite de castanha para o jantar. O feijão com leite de castanha é muito bom. E o café, mesmo amargo, com o leite de castanha fica bom".

No dia 5 de janeiro, terça-feira, o café tem mingau e chocolate com leite de castanhas, adoçado com mel de abelhas. A chuva só para na hora do almoço, quando Dequech sai e faz o levantamento dos quilômetros 60 ao 62.

Ele se encanta com uma fruta que parece bombom – é a fruta do pau de breu. É uma cápsula vermelha que ao cair se abre e saem de dentro dela alguns caroços brancos. O caroço tem dentro uma semente e a parte comestível, branca, é doce como um bombom. O varadouro corta um pique que ia para a maloca abandonada dos canoês. O Aucê esteve lá e trouxe algumas bananas verdes.

No dia 7, Aucê encontra outro pique, que vai da maloca principal dos canoê para o varadouro velho e, desta vez, a colheita é prolífica: bananas, mamão e pimenta. No dia 8, Dequech prossegue o levantamento com o Tenente.

"O pessoal está se esforçando para terminar o varadouro talvez hoje. Mas a maior parte dos índios abandonou o serviço e foi à maloca, donde trouxeram uma boa provisão de bananas. O Aucê chegou hoje no pique perdido do Bahia, que sai no varadouro velho. Vamos aproveitar esse pique de modo a terminar o levantamento amanhã. Preparamos à noite a castanha para o mingau e o chocolate de amanhã. Os índios agora que há banana, não tiram mais palmito de aricuri".

OS ÚLTIMOS DIAS NA MATA

No dia 9 de janeiro, a abertura do novo varadouro é finalizada. Às 3 da tarde, o serviço estava pronto. Os homens pegaram suas bagagens e foram para a Cascata. Dequech e o Tenente ainda têm que voltar para terminar o levantamento até o Igarapé da Cascata.

"Ao chegarmos na Cascata, estava lá o índio Aratimun, o Alonso e os 2 curumins do Santiago. Tinham matado seis porcos. Já não se fala mais em varadouro"

10 e 11 de janeiro. Descanso na Cascata. Há cerca de 40 pessoas no acampamento. No dia 12, Dequech deixa a Cascata em direção ao Barranco Alto, trazendo teodolitos, miras e outros equipamentos. Os salamãi deixam as mulheres e seguem com ele. Dorme na pascana dos índios e no Igarapé do Pé da Serra. Chegam no dia 14 e, no dia 15, ele prepara a carga que deve voltar à Cascata com Olegário e os índígenas.

"... preparei também o batelão do Giacomo para a nossa baixada até a Foz. Levarei nossas duas canoas e o batelão do Giacomo porque o nosso está viajando no Corumbiara".

Dequech parte no dia 16. Troca de batelão com Giacomo na Pascana da Putaria. No dia 17, dormem na pascana dos Pretos e, no dia 18, saem no Guaporé. Passam 4 dias acampados esperando a lancha vindo de Guajará-mirim, que chega no dia 22. Ela traz o Manoel Bento, o batelão motor e provisões que o Murillo mandou de Guajará.

"Recebi um aviso do Murillo por intermédio da estação do forte, dizendo que eu fosse urgente para tratar da prestação de contas. Mas só vou no próximo mês, quando tiver tomado todas as providências para o transporte da sonda no rio Apediá".

24 DE JANEIRO DE 1943

"Partimos com o batelão a motor levando 1 batelão pequeno a reboque. O Leonel ficou à espera da lancha, com o remanescente dos trabalhadores. Encontramos perto da foz o Giacomo que baixava num batelão com borracha. Fomos dormir no chibonal, repetindo a nossa viagem de baixada".

25 DE JANEIRO

"Partimos bem cedo, pois queríamos ir até a Pascana da Putaria. Mas à tarde vimos 3 veados à margem direita. O Manoel deu 2 tiros de 44 e eu 2 com o 22. Matamos 1 veado galheiro, que chamam de cervo. Perdemos uma hora com a filmagem do veado e partimos. Mais adiante, perdemos novamente 1 hora para consertar o motor".

Dormem na pascana da Raia, abaixo da pascana do Tenente. Os mosquitos não dão sossego nas pequenas áreas de parada.

"É preciso andar descalço e os carapanãs aproveitam as morder as pernas. Tem-se a impressão de que vêm em massa com o propósito de devorar quem encontrar".

26 DE JANEIRO

"Varejamos como nunca e no momento em que o sol se punha no horizote, encostamos no Porto da Comissão em Barranco Alto, batendo um recorde que deixou todos aqui estupefatos. Vir em 3 dias até aqui não é brincadeira".

27 A 30 DE JANEIRO

Permanecem 4 dias em Barranco Alto. O Paulo Capichana, doente, não pode ir com Dequech a Pimenta Bueno. O engenheiro decide ir na frente.
31 de janeiro

"Parti de Barranco Alto com os índios José, Tocary e Truan e mais o Benjamim, Manoel e Jesus. Cada homem traz 20 quilos de carga de modo que a viagem será feita em 4 dias. Fomos dormir na Fartura".

1º DE FEVEREIRO

O grupo dorme no quilômetro 44. Dequech anda com dificuldade, sentindo dores de reumatismo. No dia 2, encontram o Aucê com 3 índios, indo para Barranco Alto trazer carga e notícias.

"Mandei os índios para diante e fiz o Aucê voltar comigo. Almoçamos no 58 e no km 61, o Aucê matou uma queixada (eu dei também 2 tiros de revólver para acabar de matar). A porca estava muito gorda. Foi moqueada no km 64, onde dormimos".

Chegam à Cascata no dia 3. Nos dias seguintes, Dequech transporta equipamentos, pesa e marca a carga, enquanto espera o Manoel Bento para a viagem de baixada.

O FIM DA AVENTURA

O relatório final, encaminhado por Dequech ao DNPM, termina com a seguinte frase: "concluindo o varadouro, já nos primeiros dias de janeiro de 1943, nada mais tínhamos que fazer. Tratamos, pois, de recolher todo o material para Porto Velho". Na verdade, neste período ele ainda faz uma viagem recorde a Barranco Alto – três dias da Foz até lá com o batelão carregado. Depois vai a Pimenta Bueno e novamente à Cascata.

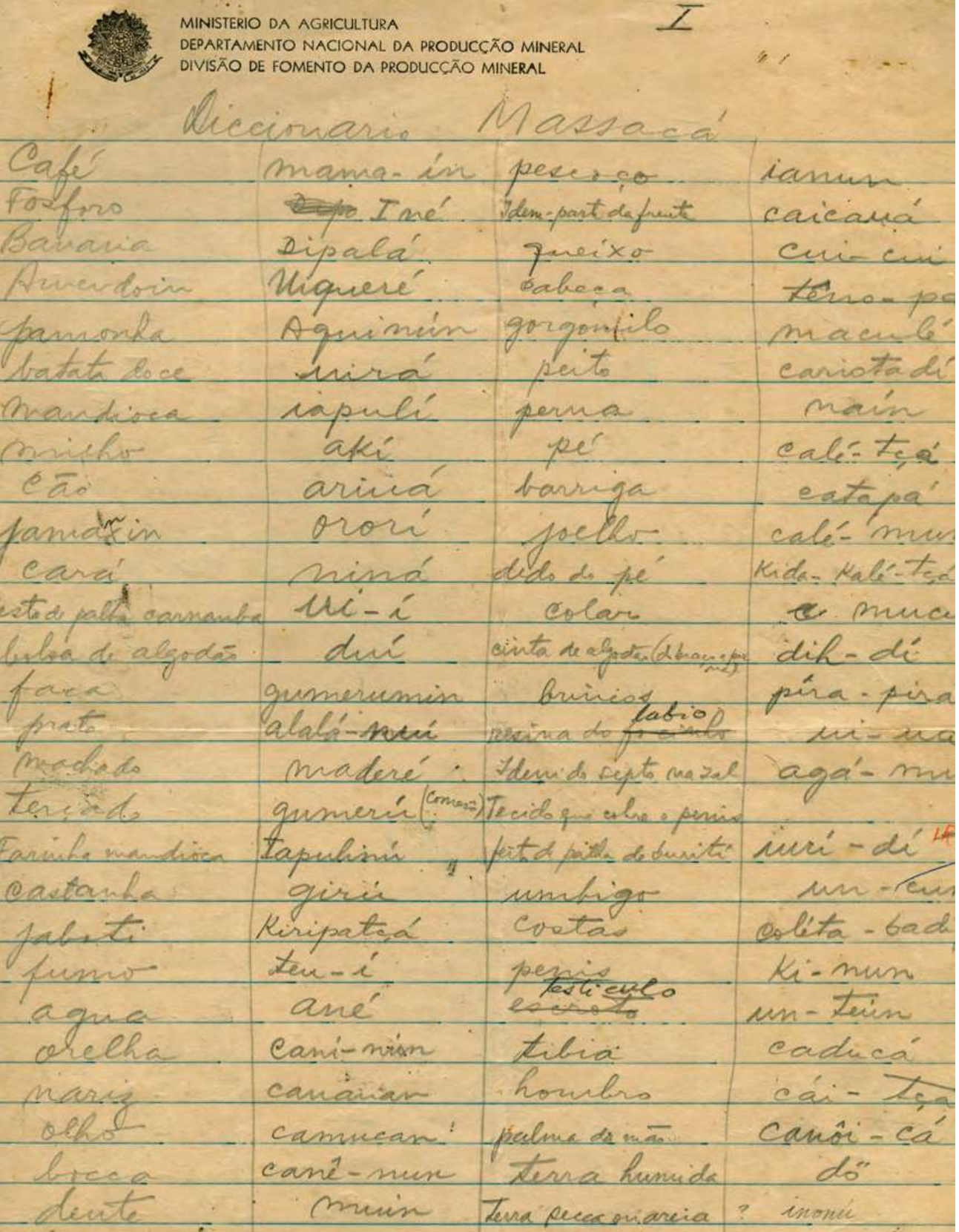
Neste intervalo, suas únicas companhias são os indígenas. E é deles que Dequech fala na última anotação de sua última caderneta:

"9 de fevereiro de 1943 — terça-feira — Chegaram no acampamento cerca de vinte índios massacás, enfeitados e pintados. Vão à maloca do Santiago fazer festa e dançar. Trazem mulheres, curumins, macacos e cães. Convidei-os para irem a Barranco Alto trazer carga para nós. Alguns querem ir".

VICTOR DEQUECH E OS INDÍGENAS

OS SENHORES DA FLORESTA

CCM
8A-7



MINISTERIO DA AGRICULTURA
DEPARTAMENTO NACIONAL DA PRODUCÇÃO MINERAL
DIVISÃO DE FOMENTO DA PRODUCÇÃO MINERAL

I

Diccionario Massacá

Café	mama-ím	pescoço	ianun
Fosforo	~~Papo~~ Iné	Idem-part. da frente	caicaná
Banana	Dipalá	queixo	cui-cui
Abacaxi	Uiqueré	cabeça	terno-pa
pamonha	Aquimín	gorgomilo	macuí
batata doce	uirá	peito	cariotadí
Mandioca	iapulí	perna	main
Milho	aki	pé	calé-tçá
Cão	ariná	barriga	catapá
pamonzin	ororí	joelho	calé-mun
Cará	nimá	dedo do pé	Kida-Kalé-tçá
esteira palha carnauba	Uí-í	colar	a-muc
bolsa de algodão	duí	cinta de algodão (d. braço e perna)	dik-dí
faca	gumerumin	brincos	pira-pira
preto	alalá-~~mirí~~	pedra do ~~fo~~ labio	ui-na
machado	maderé	Idem do septo nasal	agá-mu
terçado	gumerú (Comer.)	Tecido que cobre o pennis	
Farinha mandioca	tapulinú	peito de pitta de burrito	iuri-dí
castanha	giriú	umbigo	un-cu
jabuti	Kiripatçá	costas	colita-bad
fumo	Ieu-í	pennis	Ki-mun
agua	ané	testículo ~~escroto~~	un-teun
orelha	cani-nim	tibia	caducá
nariz	canaiar	hombro	cái-tçá
olho	camucan	palma da mão	canôi-cá
bocca	canê-mun	terra humida	dó
dente	muin	Terra peca ou areia	? inomú

A CULTURA DOS POVOS ORIGINAIS

No relatório final ao DNPM, encaminhado em junho de 1943, Dequech destaca a boa relação com os indígenas com os quais conviveu na região. Segundo o engenheiro, eles nunca os molestaram

Ele calculou que, só em torno da Cascata, viviam 500 índios, a maior parte massacás. Ainda no Apediá, estavam salamãis, coaiás, canoês e Nhanbiquaras. Em Vilhena, sabanezes, xolondês e mamaindês, além dos Ki-Apir nas cabeceiras dos rios Verde e Mequens.

No mesmo relatório, elogia os salamaiês como hábeis canoeiros e construtores de ubás fundamentais para a expedição, além de servirem de guias. Já os massacás auxiliaram na abertura de picadas e na derrubada da mata para os varadouros.

O chefe da expedição Urucumacuan se debruçou profundamente sobre aspectos da cultura indígena. Além de observar, perguntava e, assim, conseguiu registrar informações importantes, como um dicionário de expressões mais usadas, além da descrição de rituais das várias tribos, suas festas, jogos e canções.

A descrição da Festa da Maioridade ocupa mais de três laudas e é feita nos mínimos detalhes. Começa pela definição do chefe quanto aos rapazes que vão participar, passando pelo convite às tribos aliadas, as pinturas obrigatórias, bebidas e comidas consumidas, papel das mulheres e do curandeiro, exibições de ataque e defesa, danças, enfim, tudo o que acontece no ritual de três dias.

"Quando o chefe determina que a festa está acabada, os curandeiros na presença de todos curam os rapazes e tiram-lhe a máscara. Então eles podem agora comer na presença de todos. Estão aptos a casar quando quiserem. Os visitantes ao se retirar, recebem presentes de comida e flechas para pagar as que deixaram ali...".

Dequech também comenta rituais como a consulta aos espíritos, o juramento de vingança e até uma simulação de roubo. Para grande parte das traduções, Dequech teve o auxílio de uma das indígenas, Zerip. E com a ajuda valiosa do guia indígena José Aucê, do SPI, conseguiu reunir tribos que eram inimigas entre si para "cerimônias tocantes", nas quais os chefes concordavam em fazer as pazes. Como no caso dos Massacá, no evento descrito por Dequech em uma de suas cadernetas.

"Eram cerca de 150 massacás, espalhados em diversas malocas, a maior com 40 pessoas. Interessante é que eles não se entendiam, nem entre si, nem com outras tribos, como as dos salamães e coaiás. Graças ao intérprete José Aucê, conseguimos atrair os índios para o nosso acampamento, onde os diversos chefes fizeram as pazes, o que decerto durará algum tempo até que a falta de mulheres numa maloca leve os índios a roubá-las numa maloca vizinha".

Clóvis Cassupá, presidente da Associação do Povo Indígena Cassupá e Salamãi, deu o seguinte depoimento sobre a vida dos Massacá depois de finalizada a expedição:

Caso é que, ao abandonarem a expedição, o médico Ari Pinheiro e Murillo Abreu — o antigo colega de Ouro Preto também foi embora antes dele — deixaram Dequech praticamente sozinho com os indígenas na floresta. "Literalmente sozinho", destacou o amigo e colega Naldo Torres. "Fora o pessoal na sede do seringal, ele era o único branco na mata", acrescentou.

No capítulo que dedicou aos indígenas no relatório ao DNPM, Dequech demonstra toda a sua consideração pelos "senhores da floresta" que o acompanharam em todos aqueles meses. E reitera a importância da ideia de instalar na Cascata 15 de novembro um posto de assistência aos indígenas, aproveitando os barracões e plantações lá existentes.

"... é louvável em vista dos recursos que a região efetivamente tem e da assistência que merecem as tribos de índios que ali vivem uma vida primitiva e rude, invejosos de nossa civilização, gente para a qual uma caixa de fósforos representa um conforto extraordinário. Os índios vão trabalhar na Cascata durante o verão de 1943 a fim de aumentarem o roçado para 10 hectares. A pessoa que ficou no acampamento guarda grade cópia de ferramentas e algumas armas de caça para fazer o pagamento desse último serviço dos índios para a comissão. Se não for criado o Posto até dezembro de 1943, o acampamento será abandonado".

COMISSÃO PARA O ESTUDO DAS JAZIDAS AURIFERAS DO URUCUMACUAN

R E L A T O R I O

APRESENTADO PELO ENGº DE MINAS E CIVIL

VICTOR DEQUECH

TECHNOLOGISTA XXI DA

DIVISÃO DE FOMENTO DA PRODUÇÃO MINERAL

Junho de 1943.

IMPRESSÕES FINAIS DA EXPEDIÇÃO

IMPORTANTES CONTRIBUIÇÕES DE DEQUECH

M. A. - D. N. P. M. – DIVISÃO DE FOMENTO DA PRODUÇÃO MINERAL

INTRODUÇÃO.

Apresento neste relatorio o resultado final dos trabalhos da Commissão para o Estudo das Jazidas Auriferas do Urucumacuan, que operou em Matto Grosso durante dois annos, com uma interrupção de alguns mezes.

Vou principiar por um breve historico que esclarece os motivos que determinaram a creação desta Commissão:

HISTÓRICO

O historiador João Severiano da Fonseca, no seu livro "Viagem ao redor do Brasil", edição de 1880, diz o seguinte sobre as minas do Urucumacuan: Vol. I, pg 142 - "na bifurcação da Parecis com a Cordilheira do Norte há as encantadoras minas do Urucumacuan, descobertas e não mais encontradas quando voltaram a explora-las os aventureiros que as haviam topado".

Vol. II, pg 67 - "Em 1754 descobriram-se as minas de Urucumacuan, no entroncamento das Cordilheiras do Norte e dos Parecis, perto das origens do Jamary, Galera e Camararé, para cuja exploração partiu do arraial de Sant'Anna (no rio Galera), em 5 de Junho do ano seguinte uma bandeira, - a mais bem preparada que tem visto estes sertões, - diz o intendente do ouro, Felippe José de Carvalho Nogueira, ... minas de cujo sitio se perdeu completamente a tradição".

Vol. II pg 80 - "Em 1776 Luiz d'Albuquerque (Luiz de Cáceres) fez explorar inutilmente, as origens do Jamary, Galera e Camararé no planalto dos Parecis, em busca das afamadas minas do Urucumacuan, que passavam por muito ricas e terem sido exploradas pelos missionarios de Santo Antonio do Madeira".

Tambem refere-se Severiano da Fonseca á existencia de minas no Rio Corumbiára.

Vol. II, pg 51 - "Em 1743 descobriram-se as minas do Corumbiara, rio que desce da escarpa ocidental da Parecis para o Guaporé, as quais, ápesar de copiosas e terem sido povoadas desde 1745, tres anos mais tarde foram abandonadas pelas extraordinarias calamidades que sofreram os mineiros".

RESULTADOS DECEPCIONANTES

Um importante documento encontrado no acervo Dequech e certamente incorporado ao relatório enviado por ele ao DFPM/DNPM, é um mapa da região pesquisada pela expedição, datado de 1942 e assinado pelo chefe, com o título "Trabalhos da Comissão Urucumacuan nos rios Apediá e Corumbiara pelo engenheiro do DFPM Victor Dequech".

Nele está registrado todo o percurso da pesquisa mineral feita desde Porto Iolanda, a Oeste, na confluência dos rios Guaporé e Corumbiara, até Vilhena, a Leste, atravessando a Serra dos Parecis, e daí subindo o rio Apediá até Pimenta Bueno, ao Norte.

No mesmo relatório, Dequech deixa claro que as rochas encontradas ao longo dos rios e varadouros são o arenito, diabásio, gneiss, granito, pegmatita, anfibolito, canga (sobre a qual estava assentada a Fazenda do Barranco Alto), micaxisto, filito, quartzito – nunca diamantes ou ouro, pelo menos em quantidades que pudessem prenunciar uma grande descoberta.

"O Apediá apresenta no seu trecho inferior depósitos de cascalho em algumas ilhas e cachoeiras. Mas todos os depósitos, sem exceção, são pobres em ouro. Encontramos na região apenas dois diamantes, menores que um grão — um na corredeira do Chupingáu e outro na ilha de Panduro. O Apediá não tem praias, mas tem nos barrancos alguns depósitos de cascalho soterrado, consequência da mudança do seu leito. O mais espesso, e que apresentava maiores possibilidades é o da corredeira do Chupingáu. Transportamos para lá a sonda e fizemos uma seção nesta corredeira. Bastaram 6 furos para convencer-nos de que não devíamos prosseguir por ser muito pobre o cascalho. Juntamos a este os "logs" de sondagem. Não fizemos a pesada das pintas e nem a avaliação dos teores por ser desnecessário. Em todos os furos o teor é inferior a 0,05 grs. de ouro por m.c. Em alguns furos não se encontrou sequer uma pinta (amostra de jazida aurífera). Este conglomerado é estéril, e aí está a explicação da pobreza do rio Apediá."

A denominação "pinta" se refere a uma amostra de jazida aurífera. Dequech acrescenta um comentário sobre os resultados obtidos no estudo de fundos de bateia, afirmando que, por aquela técnica, encontrava-se ouro bom, mas muito fino, e que não "flutuava na água". Entre as longas paradas para corte e retirada de troncos do leito do rio e consertos do motor, a equipe aproveitava para testar alguns depósitos de cascalhos nas margens das corredeiras, sempre com resultados decepcionantes: raras pintas de ouro e nenhum diamante, apenas "seixos de quartzo, ágata e algum basalto".

Não existia um 'mapa da mina'. Dequech andava pela mata fazendo mapeamento geológico, coletando amostras, comparando e pesquisando. Como a sua base era no Rio Guaporé, ele veio caminhando na direção das linhas telegráficas do Marechal Rondon, que existiam entre Cuiabá e Porto Velho.

"O rio mostrou-se sempre pobre em ouro, mesmo nos pontos apontados por Moritz como sendo ricos", reiterou Dequech no relatório final.

Não havia mais o que procurar.

A jornada em busca do ouro lendário foi encerrada sem fogos de celebração ou pompas oficiais.

O RETORNO DE DEQUECH

Com o fim da Expedição Urucumacuan, Victor Dequech voltou ao DNPM. Relatório do Departamento de 1943 registra que "a Comissão para o estudo das jazidas auríferas de Urucumacuan, chefiada pelo engenheiro Victor Dequech, dera por concluídos os trabalhos, mostrando que a região era pobre em ouro e diamantes, não apresentando tampouco jazidas de outras substâncias minerais que despertassem maior interesse".

"Estudamos a região com o necessário rigor e podemos afirmar que é muito pobre em ouro. As minas de Urucumacuan não estão situadas nem no rio Apediá, nem no Corumbiara", registrou Dequech no documento.

No entanto, o relatório fez questão de ressaltar que "se os trabalhos foram negativos quanto ao seu principal objetivo, isto é, o redescobrimento das faladas minas de Urucumacuan, trouxeram valiosa contribuição à cartografia e geologia da região percorrida, que hoje faz parte do território do Guaporé".

Ainda naquele ano, o governo suspendia as pesquisas de ouro que vinham sendo feitas em várias regiões do país desde 1934. Apresentava como argumento "a insuficiência de nossos recursos em pessoal e material para atender conjuntamente a todas as pesquisas minerais imperativas da época anormal que atravessamos". Naquele momento, o DNPM tinha muito em que pensar e muito o que fazer. O mundo enfrentava então os piores momentos da Segunda Grande Guerra, conflito que, previsivelmente, acelerou as atividades minerárias no Brasil.

Exemplo disso está na criação da Vale do Rio Doce, em 1942, com o objetivo de explorar e exportar minério para o esforço de guerra. Foi também naquele ano que Getúlio finalmente declarou guerra ao Eixo, com o qual, até então, tinha suas simpatias. Mas isso só aconteceu depois do ataque a navios brasileiros por submarinos alemães — no arremedo de Pearl Harbor brasileiro, foram afundados cinco navios em apenas cinco dias, resultando em mais de 600 mortes.

Por uma ironia do destino, os caminhos da guerra e da expedição se cruzavam nesse triste episódio. Victor Dequech não atestou a ocorrência do ouro de Urucumacuan, contrariando as expectativas de Rondon e do DNPM, mas reuniu um precioso acervo de amostras e relatórios sobre a constituição geológica da região. Parte desse acervo ele conseguiu resgatar em sua bagagem de volta; outra parte — e aí a reside a ironia — teria naufragado junto com o vapor torpedeado pelos alemães na costa nordeste brasileira, durante os anos da guerra.

TÉCNICO X HISTORIADOR

No documentário "Nas trilhas de Urucumacuan", do cineasta gaúcho Berto Bertagna, o professor, escritor e historiador Emanuel Pontes Pinto abre uma polêmica com Dequech, sustentando-se na lenda. Paraense que, além de político, foi dono de um dos maiores seringais de Rondônia, ele garante que as jazidas existiam.

Fato mais uma vez negado por Dequech. "São lendas, que passam de uma pessoa a outra", decretou o engenheiro no mesmo filme, encerrando qualquer especulação. "Sempre aparece alguém com imaginação fértil, que cria uma lenda, cochicha para um, espalha para outro e no fim, ele mesmo acredita que é verdade", acrescentou.

O embate entre o técnico e o escritor se aprofunda em evidências. Para Pontes Pinto, históricas: a maior prova da existência do ouro seria o manuscrito de Rondon que certifica a existência das minas. Ele também questiona o porquê do presidente Roosevelt, explorador e caçador de rinocerontes, ao visitar a Amazônia, subir o rio Paraguai rumo ao Guaporé. "Esteve lá na Serra do Norte, nas proximidades de Vilhena e lá desceu o rio da Dúvida. O interesse dele era outro", especula o historiador, referindo-se à Expedição Científica Rondon-Roosevelt, que ocorreu entre 1913 e 1914. O rio da Dúvida, inclusive, passou a se chamar rio Roosevelt.

Um argumento que não sensibilizou Dequech. “Esses mesmos lugares, eu fui lá com garimpeiros. Batearam, batearam e não tinha nada. E nem podia ter, porque as rochas da região não eram de natureza a conter jazidas de ouro”, respondeu o engenheiro, no mesmo documentário.

E acrescentou: “são fantasias, sonhos, não existe nada disso. Ficamos lá dois anos e meio trabalhando na área, levamos sonda, fizemos com toda a técnica a pesquisa, usamos de todos os recursos e não foi encontrado nada. E depois que saímos de lá, em 1943, até hoje, 60 anos depois, ninguém descobriu ouro. Por um fato simples: não tem ouro lá, como eu afirmei em 1943. Isso incomodou algumas pessoas em Porto Velho, que achavam que eu tinha obrigação de descobrir. Ora, descobrir uma coisa que não existia?”

UMA EXPEDIÇÃO VITORIOSA

Victor Dequech tinha apenas 25 anos quando, em 1941, se embrenhou na desconhecida selva amazônica para pesquisar a ocorrência de ouro no território que viria a ser o estado de Rondônia. Com tão pouca idade, aliava a coragem e a audácia da juventude a competências bem mais maduras, que o acompanhariam por toda a vida, como chefe de família, geólogo e empresário.

Habilidade, tenacidade, sabedoria e diplomacia foram qualidades fundamentais para lidar com as adversidades das jornadas e os perigos da selva, além de tornar possível a convivência com os povos originais da floresta, naquele momento longe de qualquer contato com o chamado mundo civilizado.

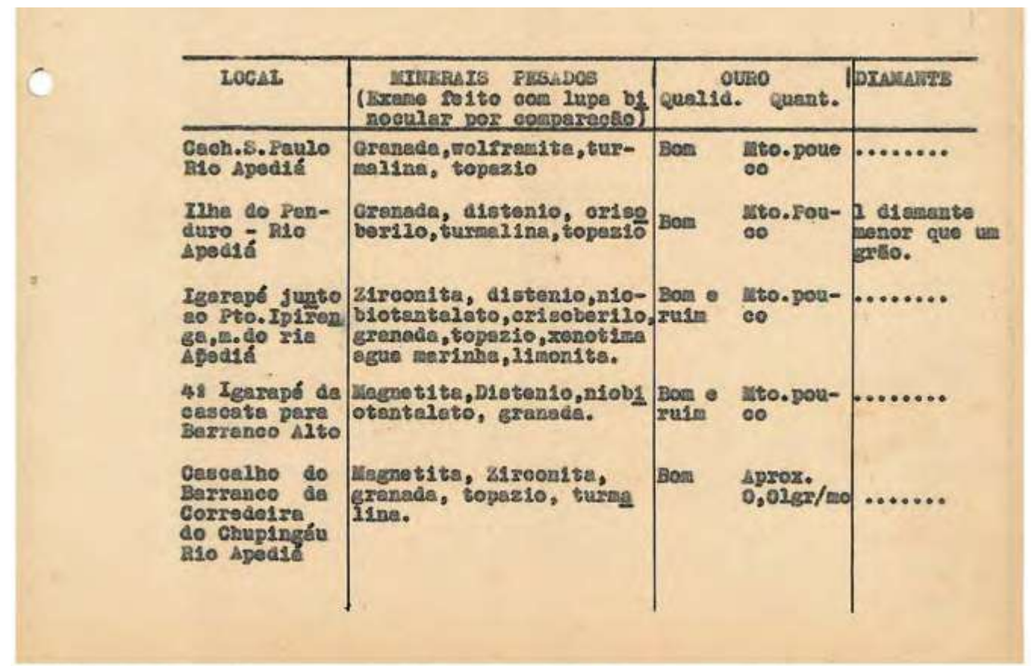
A determinação e o foco que fizeram de sua empresa de sondagem, a Geosol, uma das maiores do mundo, já o acompanhavam naquela expedição. Ele não se deu por satisfeito enquanto não concluiu o propósito da expedição. Como bom prospector, definiu a ausência de ouro como o melhor resultado, já que ele espelhava a verdade.

Verdade que o levou a escrever os artigos que embasam boa parte deste livro, já que narrativas descomprometidas não eram de seu feitio. “Alguns dos que erraram são meus amigos, mas “Amicus Plato, sed magis veritas”, diz Dequech no primeiro artigo escrito para o jornal Alto Madeira, deixando claro seu apreço pela exatidão e fidedignidade dos fatos.

Sua jornada prediz o grande líder que se tornaria. Na mata, era aquele

que ia na frente, para dar o exemplo aos outros. Mostrava aí claramente a capacidade de reunir pessoas e conduzi-las aos melhores resultados – talento que o acompanhou por toda a sua carreira profissional.

E se, na busca por Urucumacuan, Dequech não encontrou jazidas abundantes de ouro, trouxe de sua expedição aos confins do Brasil informações valiosas em vários campos da ciência, como a antropologia, a geografia e, naturalmente, a geologia. Seus relatos, ainda hoje, são um guia seguro para pesquisas minerais naquela região, como demonstra a própria experiência de Dequech em Carajás, cujas reservas foram pioneiramente sondadas pela Geosol.



LOCAL	MINERAIS PESADOS (Exame feito com lupa binocular por comparação)	OURO Qualid.	OURO Quant.	DIAMANTE
Cach.S.Paulo Rio Apediá	Granada,wolframita,turmalina, topazio	Bom	Mto.pouco	.....
Ilha do Penduro - Rio Apediá	Granada, distenio, crisoberilo,turmalina,topazio	Bom	Mto.Pouco	1 diamante menor que um grão.
Igarapé junto ao Pto.Ipirenga,m.do rio Apediá	Zirconita, distenio,niobiotantalato,crisoberilo, granada,topazio,xenotima agua marinha,limonita.	Bom e ruim	Mto.pouco	.....
41 Igarapé da cascata para Barranco Alto	Magnetita,Distenio,niobiotantalato, granada.	Bom e ruim	Mto.pouco	.....
Cascalho do Barranco da Corredeira do Chupingáu Rio Apediá	Magnetita, Zirconita, granada, topazio, turmaline.	Bom	Aprox. 0,01gr/m3	.....

LOCAL	MINERAIS PESADOS (Exame feito com lupa binoculo por comparação)	OURO Qualid.	OURO Quantid.	DIAMANTE
Cascalho do leito Corredeira do Chupingáu	Magnetita, zirconita, granada, turmalina, niobiotantalato.	Bom	Mto. pouco	1 diamante menor que u grão.
Igarapé do Militão, Varadouro Bco. Alto.	Almandita, ilmenita	Bom	Mto. pouco	.....
Igarapé Castanha	Magnetita, niobiotantalato.	Bom	Mto, pouco	.....
Igarapé Grande junto a Cascata 15 de Novembro, m, d. do rio Apediá	Limonita, magnetita, topazio, Xenotima.	...	.....	.....
Cascalho do Alto do Mdo do Observatorio	Zirconita, niobiotantalato, Xenotima.	...	.....	.....
Igarapé da base do Mdo Observatorio	Magnetita, Zirconita, Xenotima.	...	.....	.....
Ig. afl. do Rio Mutuca	Xenotima, niobiotantalato topazio.	Bom	Mto. pouco	.....
Cascata 15 de Novembro	Magnetita, Xenotima, martita niobiotantalato, disten nio, Ilmenita, topazio, turmalina, espainelas, berilo e crisoberilo.	Bom	Mto, pouco	.....
Rio Omeré afl. do Guarajús	Granada, limonita, niobiotantalato, topazio, columbita.	Bom	Mto. pouco	.....
Cabeceiras do Omeré	Magnetita, martita, limonita, granada, topazio,	Bom	Mto. pouco	.....
Ig. Curimatú	Magnetita, martita, ilmenita, granada, crisoberilo.	Bom	Pouco	.....
Ig. Macaco Sem Rabo, afl. do Curimatú	Martita, zirconitas, granada, turmalina, agua marinha.			

LOCAL	MINERAIS PESADOS (Exame feito com lupa binoculo por comparação)	OURO Qual.	OURO Quantid.	DIAMANTE
Rio Guarajús proximo foz Ig. Italia	Magnetita, martita, granada, zirconita, topazio	Bom	Mto. pouco	.....
Rio Guarajús proximo do Barreiro de Arara	Magnetita, martita, topazio, granada, zirconita, monazita, agua marinha.	Bom	Mto. pouco	.....
Rio Guarajús acima da Foz do Omeré	Martita, granada, zirconita, agua marinha	...	.....	.....

CONSIDERAÇÕES FINAES

Devemos fazer uma apreciação sobre o relatorio de Moritz, do qual annexamos uma copia.

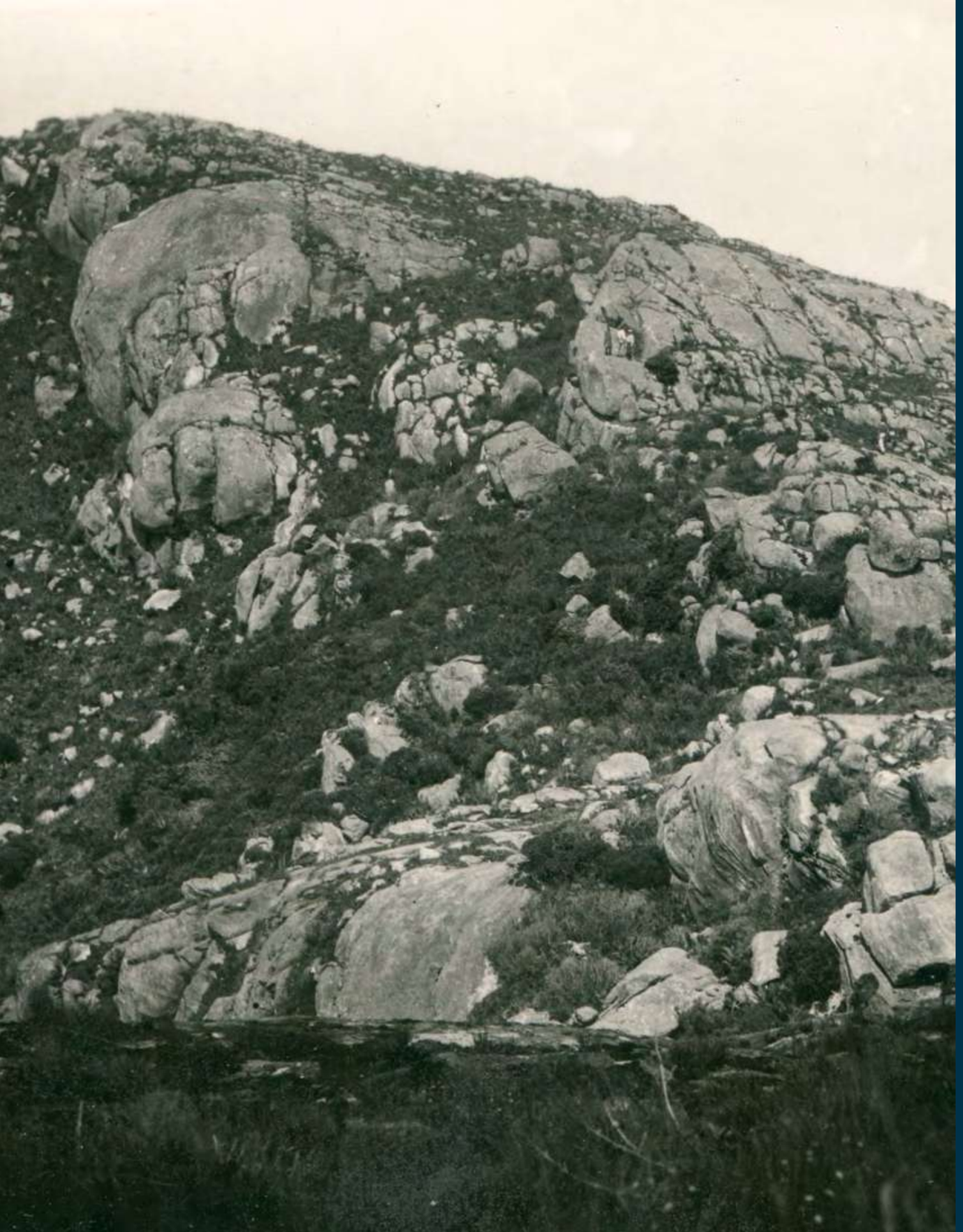
Moritz percorreu o Apediá apenas até a Cascata 15 de Novembro; fez uma viagem accidentada e com poucos recursos. Entretanto localisou bem no seu mappa os afluentes importantes que o rio Apediá recebe proximo ás cabeceiras.

O serio erro geografico de Moritz foi admittir que o Apediá era afluente do Guaporé. É verdade que, partindo das cabeceiras, enquanto o Apediá corria para o poente a hypothese se justificava.

Mas na Cascata 15 de Novembro o Apediá faz um cotovello e passa a correr para o Norte. Moritz deveria então ter percebido o seu engano; mas subiu a um ponto elevado, situado um pouco abaixo da Cascata e avistou um valle que se dirigia para ONO. Era sem duvida o estreito valle do Rio Tanarú, simples afluente do Apediá, mas Moritz admittiu ser o valle do Guaporé e assim representou-o no seu mappa.

Os seus trabalhos de mineração apresentam falhas serias, pois não incontramos cascalho em alguns logares onde Moritz refere ter encontrado.

Assim, refere elle que encontrou na Igarapé da Anta, cascalho com pepitas do tamanho de um grão de arroz, Nós abrimos uma picada acompanhando o citado igarapé desde a foz até proximo das cabeceiras, sem encontrar cascalho algum.



A VIDA PÓS-URUCUMACUAN

A JORNADA VITORIOSA DE UM VISIONÁRIO

DESCOBRINDO UM BRASIL ESCONDIDO

Victor Dequech trabalhou doze anos no DNPM, de 1940 a 1952. Neste período, participou intensamente de trabalhos de campo de geologia, pesquisa mineral e inspeção de serviços de mineração em quase todos os estados e territórios do Brasil. Assim que chegou da Amazônia, em 1943, ele foi designado para verificar jazidas em várias regiões. Com sua experiência de campo e o fato de ser solteiro, estava sempre de malas prontas: foi mandado para o Amapá, Maranhão, Amazonas, Bahia, Pernambuco, entre outros estados.

No período de guerra, foi um dos brasileiros indicados para acompanhar técnicos norte-americanos em áreas como o Amapá e estados do Nordeste. "Eram da comissão americana de compras e estavam loucos atrás de minérios estratégicos como titânio, cassiterita, mica, berilo", disse Dequech na entrevista à Fiemg. Para ele, o presidente sabia o que estava fazendo. "Era uma coisa do Getúlio. Esse pessoal não podia andar por aí sem ser acompanhado por geólogo brasileiro. Então eu fui".

Com Dequech, seguiu Aluízio Licínio Barbosa, seu contemporâneo na Escola de Minas de Ouro Preto. Esses minerais estratégicos só eram encontrados na região do Seridó, no Rio Grande do Norte e no Leste de Minas, em torno de Governador Valadares, em rochas de pegmatitos, que constituem importante fonte de metais raros como lítio, nióbio, tungstênio e tântalo.

A aquisição de minério brasileiro era parte da negociação entre Brasil e Estados Unidos, que incluía ainda a cessão da Base Aérea de Natal em troca do financiamento da Usina Siderúrgica de Volta Redonda. Ou seja, aquele velho sonho de Rondon que o ouro de Urucumacuan poderia realizar, acabou sendo efetivado através de minérios menos preciosos, mas naquele momento mais necessários.

Um dos locais onde Dequech trabalhou foi Criciúma, na qual conheceu a esposa Geny em 1944. Na cidade catarinense, ele foi trabalhar em pesquisas e sondagens para a mineração de carvão. Geny, por sua vez, era secretária do escritório do DNPM em Criciúma – o pai dela, Elias Angeloni, era o prefeito da cidade. "Lá tinha uma secretária muito atrevida que acabou se casando comigo", brincava Dequech, quando falava sobre como conheceu a esposa. No vai e vem da vida de explorador, ele só veio a se casar com Geny quatro anos depois que a conheceu, quando Dequech tinha 32 anos e ela, 24. Ficaram noivos à beira do "arroio", um córrego na praia do Rincão, perto

de Criciúma. Ali se comprometeram só os dois, sem festa, mas o "evento" rendeu uma foto. Nessa época, Victor viajava muito e os dois trocavam muitas cartas. Apaixonado, ele escrevia que a "saudade era uma cascavel", "uma carrasca".

VIAJANDO PARA CONHECER O BRASIL

Quando se casaram, em 1948, Dequech pesquisava minérios no Piauí, onde trabalhou com Wilheim Kegel e Manuel Teixeira da Costa em estudos de trilobitas. Durante algum tempo, ele continuou rodando o país: assim, teve uma passagem pelo Ceará antes de retornar a Criciúma, para assumir a chefia do escritório em 1949. Dos cinco filhos que Dequech teve com Geny, três nasceram na cidade catarinense: Jurema, César e Moema. Iracema nasceu em Fortaleza e Iara, em Belo Horizonte.

A mãe cuidava de todos, enquanto o pai viajava pelo país. "Eles sabiam que eu topava qualquer serviço. Até 1948, principalmente se era algum lugar na Amazônia, era comigo mesmo", disse Dequech sobre as missões para o DNPM.

Com o tempo, ele foi notando que quem ficava nas sedes tinha muito mais do que conforto e cafezinho: ganhava mais facilmente promoções e aumentos de salários. O contrário acontecia com quem era pau para toda obra, como ele. "O cara que tava no mato, não recebia nada não", disse, na entrevista à Fiemg. Porém sem mágoas: "o que eu queria do departamento eu tive e acho que não tem preço. Aprendi muito, viajei, conheci Brasília...."

A NOVA CAPITAL

O projeto de transferir a capital do Brasil do litoral para o interior é bem anterior ao governo JK, quando Brasília foi construída. Já existia desde o período colonial, mas só ganhou estudos mais concretos após a proclamação da república, durante o governo de Floriano Peixoto. Naquela época, o presidente nomeou uma comissão de cientistas para explorar o Planalto Central e demarcar uma área para instalar a futura capital.

O primeiro contato de Dequech com o futuro Distrito Federal aconteceu em 1948, ainda no DNPM, quando seu ex-professor de Geologia em Ouro Preto, Odorico Rodrigues de Albuquerque, o convidou para participar da

Comissão de Estudos para localização da nova capital no Planalto Central. Eles estudaram a região entre as nascentes do São Francisco e o rio Parnaíba, elaborando um minucioso relatório sobre as seções geológicas daquela bacia.

Dequech voltaria a Brasília em 1959, já à frente da empresa que fundou em 1953, a Geosol. A convite de Israel Pinheiro, que era presidente da Companhia Urbanizadora da Nova Capital, a Novacap, no governo de Juscelino Kubitschek, ele executou as primeiras sondagens na região onde finalmente seria construída a capital federal.

Na inauguração de Brasília, em abril de 1960, Dequech levou toda a família para conhecer o apaixonante projeto de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa — lembrança que a filha Moema, na época muito criança, guardou por toda a vida.

A RIQUEZA DO SOLO BRASILEIRO

Na Coleção DNPM, sob a guarda da CPRM/Serviço Geológico do Brasil, é registrada a participação do engenheiro Victor Dequech em pesquisas geológicas em quase todos os Estados do Brasil — Piauí, Maranhão, Rio Grande do Norte, Ceará, Pará, Amazonas, Acre, Rondônia, Minas Gerais, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul. São missões que ele cumpriu entre o seu retorno de Rondônia, em 1943, e a sua saída do Departamento, em 1952.

ESTUDOS DE TRILOBITAS DO PIAUÍ E DO AMAZONAS

Além dos fósseis colhidos na área do Piauí, a pesquisa incluiu perfis geológicos realizados por Dequech, com considerações sobre a idade dos calcários de Contendas e Mocambo. Numa dessas incursões, a equipe deparou-se com o primeiro anfíbio fóssil encontrado no Brasil.

BACIA SEDIMENTAR DO MEIO-NORTE

Em 1948, Victor Dequech participou de excursões geológicas na zona central do Piauí, percorrendo as regiões entre Teresina, Amarante, Floriano, Oeiras, Picos, Ipiranga, Berlonga, Campo Maior, Periperi e José de Freitas.

Nestes locais, foram colhidas amostras e testemunhos para o estudo petrográfico e paleontológico da região, que compreendeu viagens também ao Maranhão e ao Ceará, localizados na mesma bacia sedimentar.

ESTUDO DE FÓSSEIS NO ARARIPE

Pesquisa realizada por Victor Dequech na chapada do Araripe, no Ceará, junto com o engenheiro Moacyr Vasconcelos, compreendeu o levantamento de quatro seções geológicas para verificar se haveria sedimentos pré-cretáceos correspondentes aos da bacia Piauí – Maranhão, como também para orientar os trabalhos de pesquisa de matérias-primas para fabricação de cimento.

Da sede de Teresina, o DFPM recebeu em 1949 fósseis acondicionados em 20 caixotes, em especial uma coleção de peixes.

PESQUISA DE DEPÓSITOS ESTANÍFEROS NA REGIÃO DE SÃO JOÃO DEL REI

Victor Dequech participou dessa pesquisa liderada pelos engenheiros Djalma Guimarães e Sylvio Guedes, em 1943. Nas amostras do granito pegmatóide de Nazaré, ele colheu blocos de particularização de lepidolita, destacados da matriz pela erosão. A pesquisa se estendeu até 1944, quando Victor Dequech voltou à região para analisar pegmatitos no rio das Mortes, em Nazareno, avaliando depósitos de Cassiterita em aluviões no leito de afluentes do rio das Mortes, nos municípios de São João Del Rei, Resende Costa, Lavras, Tiradentes e Bom Sucesso.

MANGANÊS NO ESTADO DO AMAZONAS

Em 1949, Victor Dequech foi designado pela Divisão de Fomento da Pesquisa Mineral – DFPM para chefiar a pesquisa de manganês no Estado do Amazonas, na região do alto rio Sucunduri, afluente da margem direita do rio Madeira.

CALCÁRIO, GIPSITA, ARGILA E XISTO BETUMINOSO NO CARIRI

Em 1948, Dequech participou dos estudos realizados por Moacyr de

Vasconcelos e José Lino de Melo Junior sobre as jazidas de calcário, gipsita, argila e xisto betuminoso na região do Cariri, visando o estabelecimento de uma indústria de cimento. A contribuição de Victor Dequech consistiu nos estudos geológicos comparativos da bacia carbonífera do Piauí, correlacionados aos sedimentos ocorridos na Serra do Araripe, no Ceará.

Vasconcelos e Dequech concluíram que as camadas de folheto betuminoso nesta região do Ceará correspondiam ao folheto de Codó, na bacia Piauí-Maranhão, sendo portanto de idade cretácea. Para decidir a questão, Dequech coletou aí várias amostras fossilizadas de peixes, insetos e conchas, que foram enviadas para análise na Escola de Minas de Ouro Preto.

BACIA CARBONÍFERA DO PIAUÍ – MARANHÃO

A pesquisa de carvão levou Dequech também ao Estado do Piauí: uma série de estudos geológicos realizados em 1945, na bacia sedimentar Piauí – Maranhão, indo das cabeceiras do rio Capivara até Teresina, num total de 140 km de extensão. As oito seções geológicas feitas nesse percurso resultaram em um empilhamento de 200 metros de sedimentos carboníferos da formação Poti.

Ele também pesquisou carvão na bacia do rio Parnaíba, em grandes percursos pelos estados do Piauí, Maranhão e Ceará. A pesquisa na bacia carbonífera do Piauí havia sido interrompida nos anos finais da Segunda Guerra Mundial, sendo deslocada para o Estado de Santa Catarina, que já era um campo produtor ativo, importante para garantir o fornecimento de carvão para a usina de Volta Redonda. Terminada o conflito, a equipe retomou os estudos no Piauí.

Até 1949, os relatórios do DNPM se referem a uma equipe permanente de campo na região, "à frente da qual se encontrava o engenheiro Victor Dequech".

OCORRÊNCIA DE TÍTARAS EM TERESINA / PI

Títaras são plantas fósseis derivadas de espécies de palmeiras da Amazônia, pesquisadas por Victor Dequech em José de Freitas e Curral das Pedras, no município de Teresina, capital do Piauí, para investigar a possibilidade de jazidas carboníferas na região.

CARVÃO NO SUL DE SANTA CATARINA

No decorrer do ano de 1947, Victor Dequech se dedicou a estudos geológicos dentro e fora da região carbonífera do sul de Santa Catarina. Esses estudos abrangeram os municípios de Orleans, Lauro Muller, Urussanga, Cocal e Criciúma, dimensionando com precisão as camadas de exploração do carvão e suas potencialidades de produção, em qualidade e quantidade. Seu relatório faz menção à moderna usina de lavagem de carvão, montada pela CSN-Companhia Siderúrgica Nacional em Tubarão, o que estimulou sensivelmente a mineração de carvão na região.

FONTES TERMAIS NO LITORAL SUL CATARINENSE

Um dos relatórios de Victor Dequech ao DNPM conclui os estudos que ele realizou sobre as fontes termais no litoral sul de Santa Catarina, que ele pesquisou no ano de 1947. O geólogo visitou 20 das 40 fontes já descobertas pelos habitantes da região, ainda não estudadas, mas com algumas delas já exploradas, a maioria de maneira rudimentar.

Como sempre, seus relatórios primam pela acuidade e precisão de detalhes sobre as condições geológicas de ocorrência dessas fontes: "As fontes termais do litoral sul-catarinense ao que parece estão localizadas num sistema de fratura que se dirige no rumo SW-NE, quase S-N, cortando as bacias dos rios Uruçanga, Tubarão e Cubatão", registra o documento.

O relatório de Dequech sugere ao governo, em sua conclusão, um programa de sondagem com sondas de percussão nas principais fontes, a fim de localizar seus "griffons", permitindo uma captação racional e não às cegas como vinha sendo feita, o que traria aumento da temperatura e da vazão das águas das fontes, com melhoria da sua qualidade e logística de aproveitamento.

ATIVIDADES NA BORBOREMA

No boletim n. 79, publicado em 1946, o relatório da diretoria do DNPM / DFPM publica o resumo das atividades do engenheiro Victor Dequech na Borborema, entre 14 e 26 de junho de 1945, ainda durante a guerra, incluindo pesquisas de estanho, manganês, ferro, magnesita, mica, ouro, pirita e quartzo no Amapá, Minas Gerais, Goiás e Bahia.

Nessa pesquisa, Dequech esteve acompanhado do engenheiro norte-americano M. R. Klepper. O objetivo da viagem era coletar dados para um programa de cooperação entre o serviço geológico dos Estados Unidos — U. S. Geological Survey — e o Departamento de Fomento da Pesquisa Mineral, no Brasil, na avaliação de reservas de tantalita, berilo, scheelita (minério de tungstênio) e outros minerais importantes no contexto estratégico nacional e internacional.

ESTANHO NO TERRITÓRIO DO AMAPÁ

Na mesma trilha da cooperação Brasil — Estados Unidos, Victor Dequech e M. R. Klepper visitaram, em julho de 1945, o território do Amapá, onde examinaram amostragens das ocorrências de ouro, tantalita e diamantes, associados a depósitos auríferos aluvionares dos rios Amapari e Vila Nova.

CONTRIBUIÇÃO À CIÊNCIA

A diversidade e amplidão desses roteiros — e mesmo seu caráter estratégico, como as missões na Borborema — vão ao encontro do que disse o historiador José Murilo de Carvalho, sobre os funcionários do DNPM serem os primeiros a serem convocados para as missões mais espinhosas pelos sertões do Brasil:

"Os engenheiros desse órgão salientavam-se pela disposição de enfrentar os incômodos de palmilhar o país, fosse na região mineratória do centro, fosse nos campos carboníferos do Sul, fosse na área das secas no Nordeste".

Foi como funcionário do departamento que Victor Dequech iniciou sua coleção de minerais e rochas, reunida durante quase seis décadas. O expoente geocientista Djalma Guimarães deixou registrado, nos arquivos do DNPM, seu agradecimento a Dequech pela remessa de amostras de rochas de diferentes localidades brasileiras, que o ajudaram no estudo da cronogeologia de rochas vulcânicas mesozóicas, desde o Sul até o Nordeste do Brasil.

Engenheiro civil e metalúrgico egresso da Escola de Minas de Ouro Preto, Guimarães foi consultor da Geosol durante a década de 60. Não são poucas as suas credenciais: funcionário do DNPM até 1938, foi considerado o maior petrólogo brasileiro, além de dirigir o setor de Geologia e Geoquímica do Instituto de Tecnologia Industrial durante 18 anos.

Ainda nos relatórios do DNPM, Dequech é citado por sua contribuição à datação da idade das rochas vulcânicas alcalinas na Serra dos Doze, em Santa Catarina, onde colheu "amostras de basalto em contato com arenito Botucatu compacto endurecido pelo cozimento", datando sua origem no período Triássico inferior. Outras determinações da idade de rochas ígneas foram feitas com base em testemunhos de sondagens realizadas por ele em Forquilhinha e Jaguarana / SC.

Como geólogo e engenheiro de minas do DNPM, Dequech foi um servidor público zeloso e ético. Seu espírito público transparece em vários episódios de seu percurso profissional como funcionário da instituição, criada no primeiro governo Vargas, em 1934, sendo a primeira agência reguladora do país.

No rastro da nova constituição que separava as propriedades do solo e do subsolo, a função primordial do DNPM era analisar requerimentos de autorização de pesquisa, lavra, registro de licença e extração minerária em todo o território brasileiro. Funcionou até 2017, quando foi criada a Agência Nacional de Mineração.

Exemplo do empenho e rigor de Dequech está no relatório, encaminhado durante a expedição Urucumacuan, no episódio em que a transportadora Caetano Costa e Cia se recusou a levar até a Cascata os equipamentos necessários ao trabalho de campo. Nele, o engenheiro alerta seus superiores para os "graves prejuízos à Fazenda Nacional" provocados pela quebra do contrato. Aliás, todos os arquivos da expedição trazem minuciosa prestação de contas sobre as despesas.

O DESEJO DE MUDAR

Em 1950, com dez anos de serviço no DNPM, Victor Dequech tirou uma licença-prêmio de seis meses que foi essencial para redefinir o rumo de sua trajetória profissional. Ele precisava de uma pausa para refletir sobre possíveis novas experiências. A vida de funcionário público era pouco estimulante financeiramente e o fato de estar sempre em trabalho de campo o deixava longe das compensações. No mato, ele dificilmente poderia garantir aumentos ou ajudas de custo, a que se candidatava o pessoal de escritório. E ele queria mais. "Meu ciclo estava completo. Já era hora de mudar" — ele explicaria, anos mais tarde.

A licença lhe conferia seis meses de descanso remunerado e ele ainda tinha direito de tirar dois anos para tratar de negócios particulares. Foi o que ele fez sem titubear.

Inicialmente, ele foi trabalhar com Estevão Pinto, da Mineração Geral do Brasil, numa mina de carvão em Criciúma, parte da bacia carbonífera do Paraná. Estevão precisava de um geólogo para apontar soluções para a lavra, que enfrentava dificuldades: o carvão desaparecia em falhas geológicas. Um trabalho básico de sondagem diamantada testemunhada.

"O trabalho por lá andava empacado, a sonda não funcionava, estava sempre parada, me pediram para dar um jeito nisso. Então eu me instalei na cidade de Criciúma para estudar o sistema de galerias, fazer um relatório de pesquisa das jazidas da empresa e traçar o plano de lavras das minas de carvão. Aquilo era uma facilidade para mim e comecei a pensar em trabalhar também para terceiros".

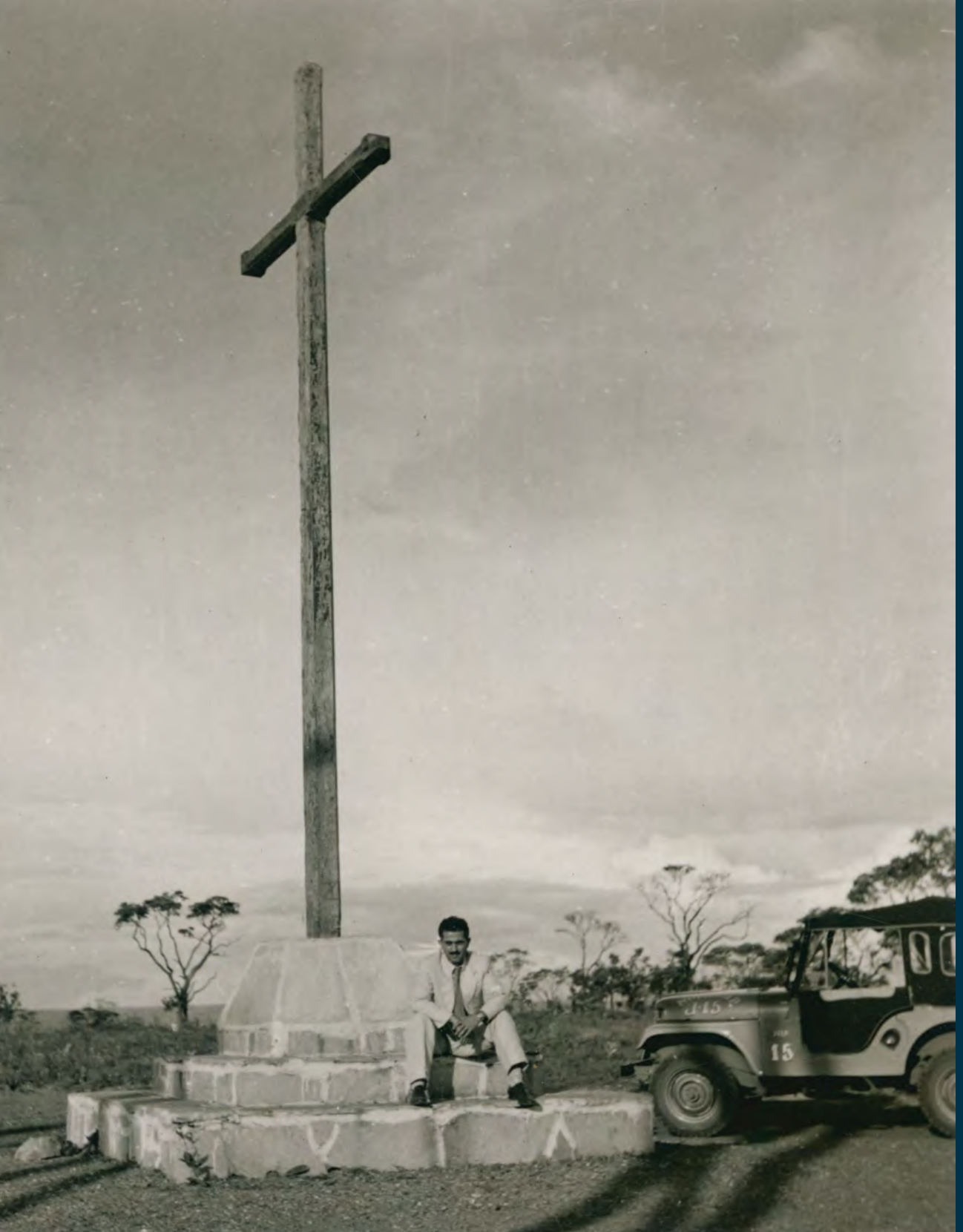
O dono da mineração era Ricardo Jafet, advogado, banqueiro e industrial que foi presidente do Banco do Brasil em 1951, no segundo governo de Getúlio Vargas. A certa altura do trabalho, Jafet sugeriu a Dequech que abrisse uma empresa em sociedade com o irmão Isidoro, topógrafo também formado em Ouro Preto, para prestar serviços no campo da pesquisa de carvão. Jafet estava disposto, inclusive, a emprestar-lhes o equipamento necessário ao início das atividades.

"Me ofereceram duas sondas Sullivan. Eu comprei e paguei com serviço. Depois comprei uma sonda de percussão para atravessar cascalho, e também paguei com serviço".

Assim foi criada a Victor Dequech Engenharia, precursora da Geosol. A pequena empresa de Victor e Isidoro foi a responsável pelo levantamento topográfico e o projeto de construção da estrada da Serra do Rio do Rastro, em Santa Catarina. Mais um trabalho pioneiro, esta é uma estrada que fica entre os municípios de Bom Jardim da Serra e Lauro Muller. Repleta de curvas e paisagens estonteantes, ainda hoje é considerada a estrada mais bonita do Brasil.

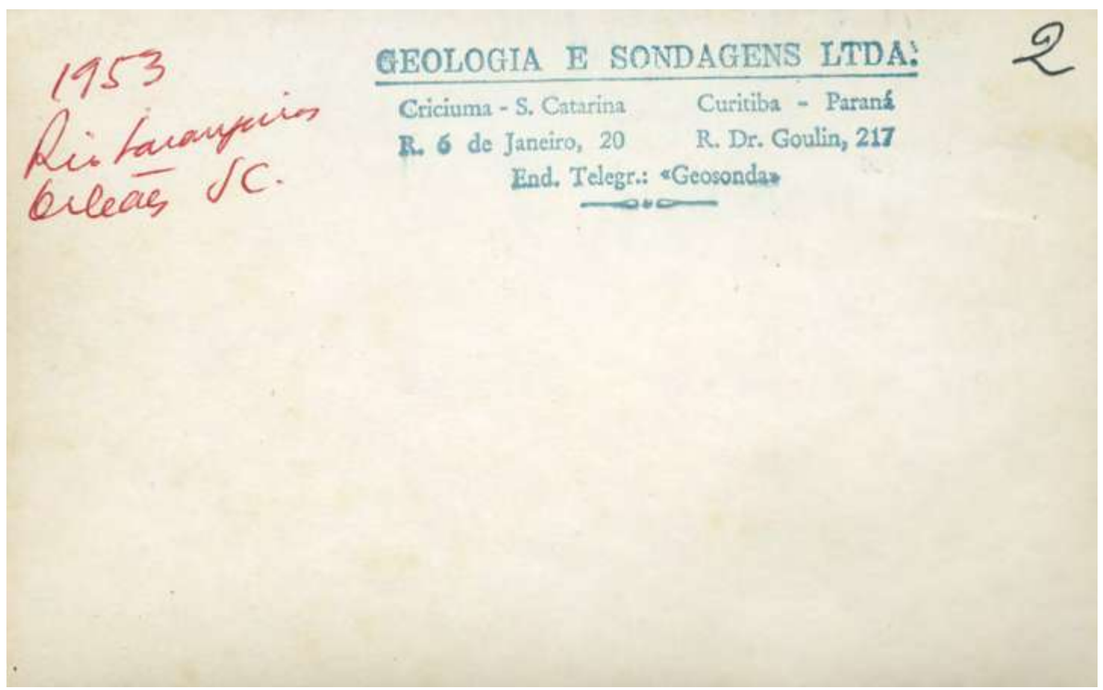
Essa curta experiência como empreendedor contagiou definitivamente o visionário geólogo. Victor Dequech estava absolutamente tomado pela ideia de empreender um negócio próprio, capaz de atender às muitas oportunidades que ele enxergava em um país que tinha ainda muito a explorar. O Brasil lhe acenava com um futuro de crescimento e modernização,

no qual seriam inevitáveis os investimentos capazes de potencializar as nossas riquezas. Victor, definitivamente, não cabia mais no corpo de uma instituição pública. Ele nunca mais voltou ao DNPM. Sim, ele queria ser o dono de seu destino, voar mais alto. As portas se abriam para o empresário que iria mudar o percurso da sondagem mineral no país.



GEOSOL

UMA HISTÓRIA
DE PIONEIRISMO



GÊNESE DE UMA LÍDER

A Geosol foi fundada em 10 de dezembro de 1953, em Criciúma / SC. Associação entre Victor e os irmãos Izidoro e Napoleão, a Geologia e Sondagens Ltda, primeira empresa brasileira na área de prospecção mineral, nasceu com capital zero. "Nosso capital era o nosso trabalho", definiu Dequech. Neste início de atividades, o maior investimento da Geosol foi para captar adeptos, convencendo as empresas mineradoras sobre a necessidade de se fazer pesquisa de sondagem orientada por geólogos.

"Eu sabia que tinha que ser um trabalho de catequese, para convencer essas empresas de que, sem pesquisa, sem sondagem, elas não poderiam nunca alcançar o estágio de grandes empresas de mineração. Iam perder muito dinheiro. Essa noção cresceu na minha cabeça quando eu trabalhei na mina de carvão em Criciúma-SC, na empresa Mineração Geral do Brasil. Lá só tinha engenheiro civil com pouca prática, faltava geólogo especialista. Saí de lá com a ideia de criar a Geosol".

Em 1959, a empresa foi para o Nordeste, atuar na pesquisa de fosforita no estado de Pernambuco. Nessa mesma época, a Geosol fez sondagens na região de Brasília, pesquisas pioneiras de zinco em Minas Gerais e de xisto, no Paraná e Rio Grande do Sul, para a Petrobras. Foi nesse período que os irmãos Izidoro e Napoleão decidiram deixar a empresa e trilhar seus próprios caminhos. Victor Dequech prosseguiu com seu projeto.

No início da década de 1960, o governo lançou um plano com o objetivo de impulsionar o desenvolvimento da mineração brasileira e a Geosol firmou vários contratos com o DNPM. Para tal, teve que ampliar o seu parque de equipamentos, adquirindo novas sondas. Os destaques foram os projetos *Rochas Alcalinas* e *Minério de Ferro*, que envolviam não apenas sondagem, mas também muito trabalho de geologia.

O DNPM se tornou um dos grandes clientes da Geosol. Naqueles primeiros anos de 1960, Dequech chegou a comandar uma equipe de 40 técnicos em projetos da Petrobras. Em seu quadro de colaboradores e consultores, pontificaram ícones do segmento como João Henrique Grossi Sad – que depois se tornou diretor da empresa – Aluísio Licínio de Miranda Barbosa, Eduardo Antônio Ladeira, Djalma Guimarães, entre vários outros.

Claret Rodrigues da Cunha, que foi presidente da Geosol entre 2003 e 2008, lembra que as reuniões na empresa para discutir projetos eram verdadeiras

aulas de investigação científica. Ele lembra de uma delas, que tratava sobre pesquisa geológica em Goiás e na qual estavam presentes Djalma Guimarães, Manoel Teixeira da Costa — inteligência rara e professor de geociência em Ouro Preto —, Benedito Paula Alves e a equipe da Geosol. “Eram reuniões mensais que reuniam os geólogos que estavam em campo fazendo serviços de mapeamento, sob a coordenação do professor João Henrique Grossi, junto a luminares da ciência geológica brasileira”, conta Claret.

O geólogo Eurípedes Palazzo, que entrou na Geosol em 1965 e viria a ser diretor da empresa, observa que Grossi, professor da UFMG, era uma espécie de “cartão de visitas”, um relações-públicas da Geosol. Sumidade da Geologia brasileira, ele representava a empresa em congressos e palestras, trazendo para ela uma dimensão científica ainda mais respeitável.

A contratação de Eurípedes mostra claramente que Dequech, se não era de esquerda, também não era reacionário. O jovem geólogo havia sido expulso da Petrobras um ano antes, em 1964, por suas ligações com o PCB. Mas, garante Palazzo, Dequech queria em sua empresa o bom técnico; no caso dele, o geólogo que fazia relatórios "padrão Petrobras", de estilo americano, já que a geologia brasileira, recém-criada, ainda tinha grande influência dos EUA.

Antes de mandar Eurípedes para sua primeira missão — sondagens de xisto no Rio Grande do Sul — ele consultou um general gaúcho, que era superintendente da área na Petrobras. "Nada obsta", disse Dequech a Eurípedes. Dequech foi lá algumas vezes, ficou satisfeito com a equipe, que produzia bem, era bem administrada e trouxe a turma para Araxá, onde o trabalho era pesquisar nióbio para o DNPM. Lá, no Triângulo Mineiro, Naldo Torres, que chegara à Geosol em 1962, era o chefe.

Os projetos da Petrobras levaram à descoberta das reservas de fosfato em Minas Gerais (Araxá, Tapira e Salitre), Goiás (Catalão e Ouvidor), bem como dos depósitos de urânio em Poços de Caldas e principalmente das imensas reservas de nióbio em Araxá. Também se ampliou o conhecimento sobre as reservas de minério de ferro do Quadrilátero Ferrífero de Minas Gerais.

Nesta época, os contratos firmados pela Geosol estavam se acumulando na sede de Santa Catarina, alguns em locais bem distantes como o de Recife, para sondagem de fosforita — um insumo agrícola — em uma área de 40 mil metros. Naquele momento, a logística de grandes distâncias ainda era muito limitada no Brasil e, para se expandir, a Geosol procurou uma posição mais central para sua sede.

Os diretores pensaram primeiro em Brasília, recém-inaugurada e, por isso mesmo, ali nada funcionava, fosse telefone, telégrafo ou banco. São Paulo, apesar de ser uma grande cidade, não era um centro mineral. As sedes das mineradoras ficavam no Rio de Janeiro, onde não havia sequer uma mina. “Mas tinha a praia de Copacabana e suas frequentadoras”, brincava Dequech.

Minas Gerais veio como uma opção natural: centro de mineração da época e perto da Escola de Minas, era um manancial dos técnicos de excelência que a empresa precisava. A Geosol passou por alguns endereços em Belo Horizonte antes de se fixar na avenida do Contorno, que tornou-se um centro de negócios. Tendo Criciúma como filial, a sede foi finalmente transferida para Belo Horizonte em 1971, quando a Geosol se tornou praticamente uma empresa “mineira”, embora atuando no Brasil inteiro.

O PRIMEIRO LABORATÓRIO

Um pouco antes, os trabalhos para o DNPM motivaram Dequech a criar o primeiro laboratório do Brasil especializado em análise geoquímica. Afinal, as pesquisas geravam muitas amostras, que precisavam ser investigadas. Para isso, importou equipamentos valiosos, os mais avançados naquela época. Na época, isso queria dizer com capacidade para analisar 80 amostras por dia, um número insignificante perto das 800 mil análises anuais que são feitas hoje no laboratório.

Dequech entregou o comando do laboratório — batizado de Geolab — ao engenheiro químico Cláudio Vieira Dutra, um dos poucos brasileiros entendidos em Geoquímica. Mais uma iniciativa transformadora da geologia brasileira, o Geolab passou a atender inclusive clientes externos, colaborando em quase todos os programas geoquímicos de empresas e universidades do país.

Dutra trabalhava no Instituto de Tecnologia Industrial (ITI), na equipe do geólogo Djalma Guimarães quando, prestes a se aposentar, foi convidado por Victor Dequech. “Nosso plano previa a importação de equipamentos dos EUA, como um Espectrógrafo para análise multielementar. Mais tarde fomos o primeiro laboratório a instalar um equipamento com a nova tecnologia de absorção atômica e a espectrometria a plasma. O laboratório foi se sofisticando com o tempo e passou a atender também o interesse científico da universidade”, testemunhou Dutra.

Neste processo de evolução científica e empresarial, até a concorrência se beneficiou. “A atuação da Geosol em desenvolvimento tecnológico fez crescer o mercado da perfuração como um todo. Hoje passamos a ditar regras e procedimentos para o mercado”, apontou Marciano Macedo, diretor da Geobit, empresa do grupo voltada para a pesquisa e o desenvolvimento de produtos avançados para as atividades de perfuração e sondagem.

Este período marcou a expansão no campo da sondagem, levando a empresa a adquirir várias sondas importadas. Em 1971 iniciou trabalhos de pesquisa mineral na região de Carajás, no Pará, de onde partiu para pesquisa pioneira de cassiterita em Rondônia. A Geosol passou então a se dedicar mais fortemente à área de sondagem, além de prosseguir com o Geolab, que foi também laboratório pioneiro, na América do Sul, a fazer análise de terras raras, na década de 1980.

INICIATIVA REVOLUCIONÁRIA

Na década de 1970, Victor começa a refletir seriamente sobre uma forte mudança a ser feita na empresa. "Empresas de serviços de engenharia são os seus profissionais importantes, necessários. Se eles não tiverem uma participação na empresa, há a tendência deles se partirem por cissiparidade", dizia, usando o termo genético. E explicava: o geólogo sai para criar sua própria empresa, levando o melhor técnico de sondagem e o pior, leva também o cliente".

Em 1971, ele promoveu a primeira alteração do estatuto, que passou a conter um capítulo revolucionário. Numa antevisão dos métodos hoje comuns nas bigtechs como Microsoft e Google, Dequech adotou a distribuição meritocrática de ações para os empregados que se destacavam no exercício de suas funções.

Três anos depois, ele deixou a Geosol na mão dos diretores e começou a se afastar para fazer as coisas que gostava. Como contaram alguns ex-diretores, Dequech ficou, por exemplo, um bom tempo no Rio de Janeiro, montando o setor de Sondagem da CPRM, criado pelo Ministério das Minas e Energia durante o “milagre econômico”, quase como concorrente da Geosol.

Em meados da década, Victor Dequech começou a transferir o comando da

empresa, afastando-se da direção e formando para substituí-lo um time de experts, constituído por Naldo Torres, João Henrique Grossi Sad, Eurípedes Palazzo e Arnaldo Gramani. Ele saiu da presidência em 1980, passando o cargo para Naldo Torres.

No início da década de 1980 e detendo então uma pequena participação no capital da empresa, Dequech assumiu o compromisso de administrar três fazendas em Rondônia para a Geosol. A maior delas, com cerca de 70 mil hectares, ficava na região de Vilhena; a outras duas eram em Bom Futuro (17 mil hectares) e Ariquemes, com 7 mil hectares.

Foi nesse período, mais precisamente em 1986, que Victor Dequech se retirou totalmente da sociedade, transferindo a totalidade de suas cotas para a empresa. Uma iniciativa pioneira na história empresarial do Brasil. “A empresa aqui não tem dono. Tem dono, sim, todos aqui são donos, não apenas os diretores. O operário, o sondador, o motorista, todos têm parte na empresa. Essa socialização do capital é um fator muito importante”, definiu seu fundador.

Naquela época, ele se afastou mesmo. “Depois de sua saída da sociedade, nem palpite dava”, testemunha Eurípedes Palazzo.

A VOLTA A RONDÔNIA

Dequech jamais se esqueceu das férteis terras roxas ao longo do rio Pimenta Bueno, um solo cuja qualidade foi atestada pelo ex-ministro da Agricultura, Alysson Paolinelli, que foi convidado para o projeto. Dequech desbravou, cercou, regularizou e titulou as terras, tanto é que, quando Paolinelli chegou, dois anos depois, o trabalho já estava bem adiantado. “Ele tinha construído a sede e o campo de aviação, sem o qual não se fazia nada na região”, contou o ex-ministro, morto em julho de 2023.

Não foi um trabalho fácil. Paolinelli fez um projeto envolvendo Agricultura e Pecuária integradas, que foi aprovado pela Sudam. O ex-ministro foi testemunha da resistência de Dequech em desmatar, o que só fazia na mata mais rarefeita. “Era um sujeito extraordinário, criou a maior empresa de sondagem do Brasil, uma das maiores do mundo e estava ali, no meio da mata”, disse. Dequech tinha 65 anos, mas não havia perdido o espírito desbravador. Pelo contrário, trabalhou no norte por quase dez anos e

construiu um grande patrimônio.
Dequech foi o responsável por trazer as primeiras linhagens Nelore para a região. Ele e Paolinelli trouxeram duas mil novilhas do Mato Grosso, numa epopeia de cerca de 800 quilômetros entre Pontes e Lacerda e Ariquemes, em que uma parte do gado veio em comitiva e o resto de caminhão. Dequech só interrompeu o projeto quando as áreas começaram a ser invadidas e vieram as desapropriações.

Amir Lando era o melhor advogado de Rondônia e amigo de Dequech. Como tal, liderou os processos da Geosol contra o Incra para conseguir preços e condições justas nas desapropriações. Ganharam no STJ e Lando ganhou o apoio da Geosol em suas incursões posteriores na política. Em 1982, ele foi eleito deputado estadual. Suplente do senador Olavo Pires, assumiu a vaga em 1990 e foi relator da CPI que desaguou no impeachment de Collor. Foi ainda ministro da Previdência de Lula.

As fazendas em Rondônia acabaram se revelando um grande investimento da Geosol, que contribuiu efetivamente para o equilíbrio financeiro da empresa. Aliás, a aquisição de ativos imobiliários foi uma estratégia permanente da Geosol para manter o caixa saudável e uma das principais garantias para enfrentar momentos difíceis.

Quarenta anos antes, quando chefiou a expedição de Urucumacuan, Victor Dequech provou que não havia ouro no vale do Corumbiara e Apediá. Mas sabia que a região guardava potencial para produzir outro tipo de riqueza — o agronegócio no qual ele apostou e que hoje é uma das principais cadeias produtivas da economia brasileira.

Mesmo à distância, porém, Dequech nunca deixou de acompanhar os passos da Geosol. Afinal, a maior parte de sua trajetória profissional tinha sido dedicada à construção e consolidação da companhia. Sendo assim, seu afastamento não trouxe muitas mudanças na cultura interna. Os novos dirigentes mantiveram o espírito empreendedor do fundador da empresa no enfrentamento dos novos desafios que o mercado apresentava.

Desafios estes bem diferentes dos originais. Dequech teve que ensinar o mercado a precisar da Geosol, já que, nos anos 50, os empresários da mineração consideravam os estudos geológicos e sondagens como gastos e não investimentos. Além do trabalho insano de "catequese", ele teve que lidar com as intempéries de uma economia instável, os longos prazos de pagamento dos clientes estatais e o desafio de desenvolver ciência e

tecnologia para sustentar a qualidade dos serviços. Enfim, foi um longo caminho, e cheio de percalços, até a empresa se tornar líder em seu segmento de atuação.

É bom lembrar que a Geosol nasceu com uma tremenda vantagem competitiva: todo o seu pessoal especializado veio da Escola de Minas de Ouro Preto. A empresa chegou a ter 18 geólogos em sua equipe na década de 1960, coisa rara até nas empresas públicas. "Nós estudamos numa escola única, respeitada em todo o Brasil, a Escola de Minas de Ouro Preto, onde fomos preparados para fazer um trabalho sério, sem enganação", sustentava o empresário.

"A Geosol sempre foi uma empresa-escola. O papel da Geosol foi muito importante nesse aspecto didático. Éramos uma empresa constituída por um corpo de geólogos e engenheiros de minas que entendiam tudo o que acontece no subsolo e a gente transferia esse conhecimento para os clientes e o pessoal do mercado. Inclusive na parte de máquinas e equipamentos, tínhamos as máquinas mais sofisticadas da época".

RAZÕES DO SUCESSO

A Geosol passou por várias crises, mas como e por que conseguiu atravessá-las? A principal razão está no fato de que a empresa conseguiu ganhar a confiança dos clientes. Atuando em sintonia com os valores de seu fundador, o segredo era transformar o problema do cliente em problema da empresa, numa verdadeira relação de parceria, competitiva mas ética. Sobre isso, Dequech sempre dizia: "nunca pense só no dia de hoje. Tudo o que você faz vai ficar marcado".

Outro pilar fundamental da longevidade da empresa é a manutenção de um quadro de permanente equilíbrio financeiro. Com o caixa sempre positivo e o capital preservado, a empresa garante a tranquilidade necessária para suas múltiplas atividades, mesmo nos frequentes momentos de crise econômica a que o país está sujeito.

A integridade de seu fundador, emanada para a empresa que criou, é também uma razão que explica esse sucesso. As empresas sabem com quem estão lidando. Um exemplo foi a relação com a Vale, até hoje o maior cliente da empresa, que começou em 1970, quando foi assinado o primeiro contrato entre as empresas, para sondagens nas minas de Itabira.

Para Eurípedes Palazzo, o que aproximou a empresa da Vale quando estatal e continuou depois de privatizada, foi a postura ética que Victor Dequech imprimia às atividades da Geosol. "Desde o início, ele insistia em que a empresa deveria ser absolutamente honesta e nunca falsear relatórios de sondagens. Se desse errado, furava de novo", garante o geólogo.

Para seu fundador, os fatores que concorreram para o sucesso da Geosol começavam pelo país e seu enorme manancial de riquezas, passavam pela formação de excelência de seus técnicos em Ouro Preto e se consolidaram no conhecimento do potencial mineral brasileiro.

A tudo isso se associou um diferencial raro: a confiabilidade de uma empresa séria e honesta. A Geosol tinha o "mapa da mina", mas nunca requereu uma área para explorar – aliás, até requereu uma na Bahia em 2007, mas não levou adiante o projeto, que envolvia a jazida de um insumo da perfuração, a bentonita. Para Dequech, não concorrer com as minerações era uma cláusula pétrea.

"Tínhamos relações permanentes com o Departamento Nacional de Pesquisa Mineral, portanto em condições de estudar toda a riqueza mineral do Brasil. A gente sabia onde estava a riqueza mineral do Brasil. E nem por isso fazia uso dessa informação em proveito próprio. Eu nunca pensei em ser concorrente de nenhuma mineração".

Eurípedes Palazzo reforça as palavras do fundador, com a mesma ênfase. "Nós montamos a empresa utilizando sempre pessoal da mesma escola, de Ouro Preto, profissionais que tinham essa mentalidade. Não enganar ninguém, fazer a coisa real. A empresa de pesquisa é a primeira a saber de tudo e a confiabilidade é fundamental. Ela tem que ser séria e honesta".

VISÃO SOCIAL E HUMANISTA

Em 1953, quando Victor Dequech fundou a empresa, as ações de responsabilidade social protagonizadas por empresas brasileiras eram bastante modestas. Mesmo assim, ao longo do ciclo de vida da empresa, Victor criou e fortaleceu uma cultura inovadora de investimento no capital humano e científico. Essa cultura acabou por constituir o alicerce das atividades da Geosol.

Ao seleto grupo de luminares da atividade mineral brasileira se juntou

uma linha de frente composta por sondadores, mecânicos e todos os demais empregados, dos quais muitos se tornaram cotistas da empresa. Com o crescimento da Geosol, aumentou também a demanda por uma instituição capaz de se reunir em torno de uma causa social que trouxesse desenvolvimento a todos os empregados, de forma eficiente e democrática, além de promover os estudos relacionados à atividade mineral.

Em 2002, a diretoria que substituíra Victor Dequech no comando da Geosol se retirou da sociedade e uma nova diretoria assumiu, tendo como presidente Claret Rodrigues da Cunha. Um pouco antes, em 07/11/2001, foi criada a Fundação Victor Dequech, que ficou com as cotas da empresa que estavam em Tesouraria. Assim, a FVD passou a ser sócia da Geosol, da qual detém uma participação de aproximadamente 30%. A Fundação é que elege o presidente da Geosol e autoriza ou não a mudança de estatuto, que precisa de 75% dos votos para ser alterado.

LEGADO QUE PERMANECE

Com sua parte nos lucros da empresa, a FVD financia projetos de desenvolvimento técnico e científico da atividade mineral, além de ações de melhoria da qualidade de vida dos profissionais da empresa. Através da fundação, os empregados têm acesso a programas de moradia, por meio dos quais prédios residenciais são construídos e financiados a preço de custo. A eles também são oferecidos planos de saúde, complementação à aposentadoria e muitos outros programas de bem-estar social.

A FVD investe, ainda, em aprimoramento profissional, financiando cursos de idiomas, informática, universitários e de pós-graduação. Tudo isso sem nunca deixar de lado o desenvolvimento tecnológico, oferecendo bolsas de mestrado e doutorado para os pesquisadores que se envolvem com atividades relacionadas ao setor mineral.

A biblioteca da Fundação mantém um vasto acervo sobre geologia, em sua maior parte doado pelo próprio Dequech. Leitor voraz e de uma curiosidade insaciável, ele tinha pilhas de livros em casa, dos quais lia de dois a três de cada vez. Nunca romances ou ficção, sempre livros de História e de Ciência, reunindo títulos que vão da filosofia aos tratados da ciência mineral, da antropologia a ensaios técnicos. Todos eles devidamente marcados e grifados, com anotações do próprio punho nas margens.

A FVD criou e mantém um museu aberto ao público na sede da Geosol, o Museu de Mineralogia Victor Dequech, onde é exibida toda a coleção de rochas reunidas pela empresa ao longo de sua história. Ali estão as amostras reunidas por Dequech, que as procurava não só no ambiente de trabalho como também nas viagens de lazer com a família. Segundo sua filha Moema, nestas ocasiões ele estava sempre atento à paisagem natural e, de vez em quando, parava o carro, pegava o martelinho e ia para as pedras, retirar alguma amostra para analisar.

UM ENTUSIASTA DA CIÊNCIA

O apreço pela Ciência é um dos alicerces principais da própria Geosol, que a herdou de seu fundador, um entusiasta da divulgação científica. Entre outras ações neste sentido, Dequech colaborou financeiramente em diversas ações do Cenpaleo/Museu da Terra e da Vida, vinculado à Universidade do Contestado, em Santa Catarina. Sua contribuição aos projetos de várias universidades inclui o patrocínio de perfurações de testemunhos minerais e, no caso específico do Cenpaleo, o cercamento da área de coleta de campo, piso e cobertura da ala dos Grandes Répteis, além de apoio a excursões de campo.

Na década de 70, Dequech recebeu da Sociedade Brasileira de Geologia a Medalha Pandiá Calógeras, pela importante contribuição ao desenvolvimento da geologia e engenharia de minas no Brasil, prêmio que fez questão de compartilhar com o competente corpo técnico da Geosol.

Tal vocação está no DNA da Geosol, que aos 70 anos de existência, completados em 2023, segue propiciando um ambiente de estudo e pesquisa. A empresa faz isso através de convênios com instituições de ensino e parcerias com núcleos de inovação, além de agregar com competência talentos e cabeças pensantes dedicadas ao desenvolvimento científico e tecnológico da engenharia de Minas e da geologia.

ADMIRAÇÃO PROFISSIONAL

A admiração por Victor Dequech é percebida em cada profissional que o conheceu ou que deu continuidade ao seu trabalho na empresa. São pessoas que atestam sua inteligência, visão de futuro e sensibilidade social.

Para o atual presidente da Geosol, João Luiz Nogueira de Carvalho, Victor Dequech possuía alma nobre e pura, aliada a uma inteligência privilegiada, surpreendente visão e senso de realidade. “O que lhe permitiu adotar uma filosofia empresarial diferenciada, muito além do seu tempo, que foi a da distribuição meritocrática de ações para os empregados, que se destacavam no exercer de sua função, filosofia essa evoluída e mantida com o passar dos anos”, afirma João Luiz.

Com 65 anos e aposentado, Fábio Jacob Ferreira entrou na Geosol aos 18 anos, para varrer as oficinas. Chegou a gerente e, como todos os que se destacaram, a sócio da empresa. Do Dr. Victor ele tem as melhores lembranças: “Era um homem de uma educação fora de série. Muito inteligente, que inspirava todo o nosso respeito. Ele confiou em mim e me colocou como acionista: eu tive 3% da empresa, quase como um diretor. Foi tão bom que consegui dar casa e carro para as minhas filhas, melhor seria impossível. Se eu pudesse, estaria lá até hoje”.

Cláudio Dutra, que o acompanhou na criação do Geolab, destaca a pessoa admirável que ele era. “O Dr. Victor Dequech era um profissional com extrema capacidade de trabalho e, ao mesmo tempo, uma pessoa jovial e bem-humorada… Quando ele me chamou, pela primeira vez, para uma reunião na sede da Geosol, na Rua dos Aimorés, encontrei sua porta semiaberta e ao ver-me ele exclamou jocosamente: “Between, Citibank! Foi o início de uma longa e proveitosa colaboração e amizade”.

Para o terceiro presidente da empresa, Claret Rodrigues, a Geosol aprendeu com Victor Dequech a ser otimista. “Ele sempre afirmou que, em relação ao Brasil, não cabia outro sentimento senão o otimismo”, revela. “O “velho” (Victor Dequech) dizia o seguinte: “nunca pense só no dia de hoje. Tudo o que você faz vai ficar marcado”, acrescenta.

Outra qualidade, diz Rodrigues, era a capacidade de Dequech encontrar gente boa de serviço. “Para uma empresa ter sucesso, você precisa de um bom faxineiro, um bom sondador, um bom engenheiro. Ele identificava as qualidades de um profissional e fazia ele dar o melhor de si”.

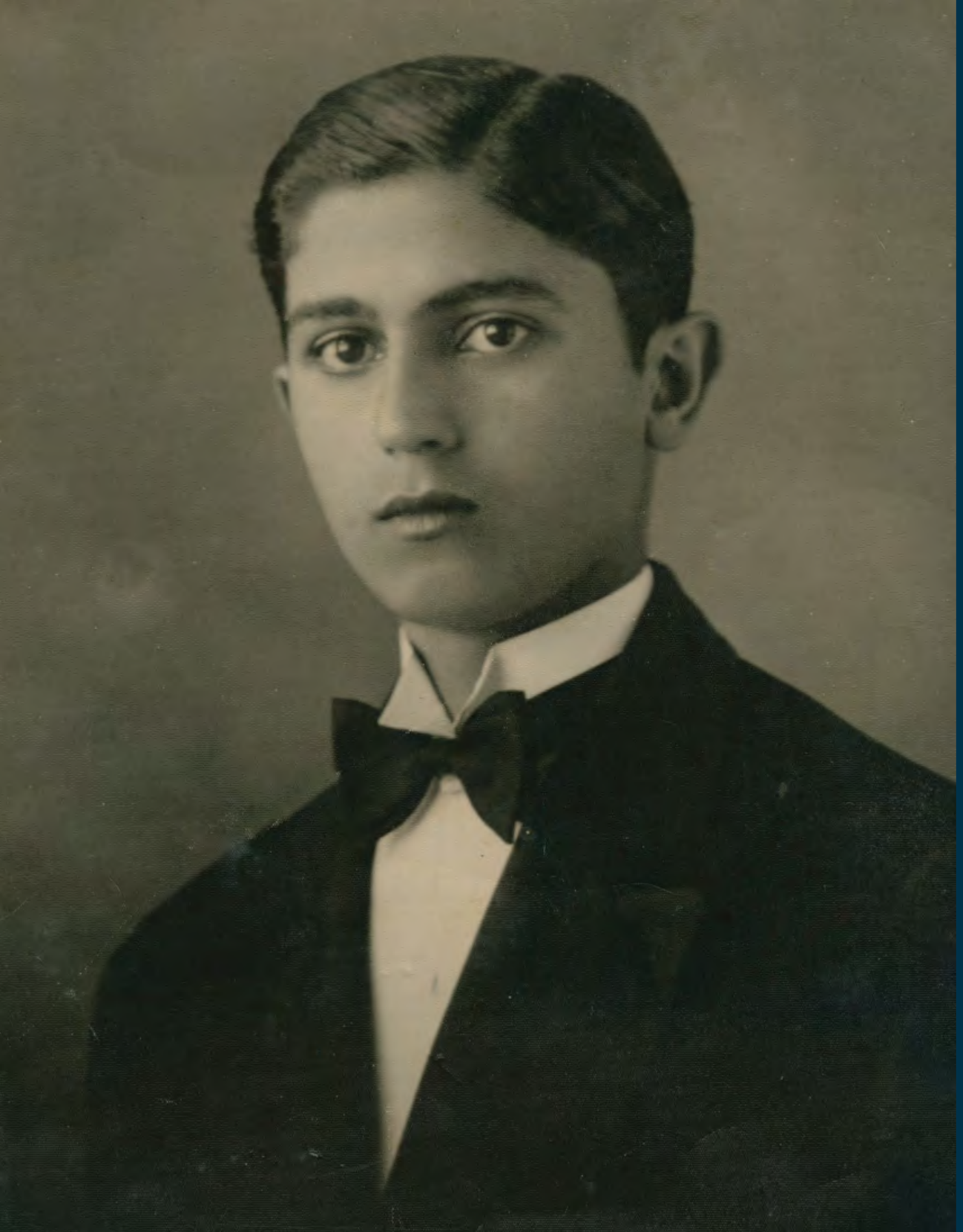
O ex-diretor Eurípedes Palazzo aponta outro aspecto importante. “A Geosol mantém a filosofia de que não basta lucrar. É preciso participar da vida da sociedade e tentar melhorar, com inovação. É uma lição que Victor Dequech criou e continua com seus sucessores”, diz.

À frente da Geobit, empresa caçula do grupo Geopar, holding da Geosol, o diretor Marciano Maciano faz coro à afirmação de Palazzo. "A turma toda aqui é apaixonada por inovação. A Geosol é uma empresa inovadora desde a época de Victor Dequech e buscou, através disso, estar na liderança de seu setor", afirma Macedo.

Diretor da Geosedna, Marsol de Oliveira Sol não conviveu com o fundador da Geosol, mas é seu grande admirador. "Chegamos aos 70 anos com uma diretriz definida por Victor Dequech, que é um ideal de vida. Nós temos um olhar de dono que faz a gente investir na empresa. Isso cria uma energia catalisadora que faz a Geosol crescer e se desenvolver", finaliza.

Naldo Torres, o presidente que sucedeu Victor Dequech no comando da Geosol, coleciona momentos marcantes ao lado do parceiro e amigo. Em uma das ocasiões em que o visitou, quando Dequech já se encontrava adoentado, Torres perguntou a ele: eu teria vindo visitar o patrão, o colega ou o colaborador? "Até hoje me orgulho da resposta a mim dirigida por este homem extraordinário, Victor Dequech: 'melhor dizer você veio visitar o amigo'", revela.

"Ele foi excepcional nos sonhos, desejos e objetivos, nos caminhos encontrados e trilhados para transformá-los em realidade. Admirado, respeitado e idolatrado por todos nós que com ele convivemos e trabalhamos", completa Torres.



VICTOR DEQUECH

O HOMEM,
SUA FAMÍLIA
E SEU PAÍS

PERFIL AGREGADOR

A disposição desbravadora sempre foi um traço da personalidade em Victor Dequech e definiu não só o geólogo e o empresário, como também o homem. Acostumado aos acampamentos em verdadeiros fins de mundo, sem o menor conforto, o engenheiro sempre foi chegado em coisas simples. No guarda-roupa, as calças e camisas que ele mandava fazer, no cabide, pareciam todas iguais. Vivia bem, sem luxos, priorizando conforto, praticidade e bem-estar, mas sempre cuidou para que os filhos estudassem nos melhores colégios e tivessem curso superior.

A filha Moema conta que ele bebia cerveja todos os dias e, de vez em quando, uma cachaça, porém de forma muito controlada. Tanto é que administrava muito bem uma diabetes que contraiu na velhice, assim como um câncer de próstata, que não o abateu. Fumava e não tragava um cigarro de palha em boa parte do tempo — hábito que deixou cedo.

Como bom libanês, adorava ficar horas em uma boa mesa com boa companhia. “Suas três refeições demoravam pelo menos uma hora cada; comia muito bem e sem pressa”, relata a filha. Certa vez, ele convidou seu médico para almoçar e o ritual demorou horas. “O médico disse que foi desesperador”, atesta Moema.

Na casa de Dequech, todo domingo tinha churrasco, acompanhado da cervejinha da qual ele não abria mão e para o qual toda a família era convidada. Quando se mudou para um apartamento, passou a promover o encontro na casa de Moema, por vários anos. Ele também gostava de ir a restaurantes com a família, sempre para comer comida mineira ou brasileira — a comida árabe ele preferia feita em casa. Geny cozinhava muito bem e ele comia de tudo, menos carne moída e arroz misturado.

Nunca foi de sair com colegas de trabalho para restaurantes e bares. A festa do 12 de outubro, em Ouro Preto, porém, era sagrada: era quando ele se reunia com os ex-colegas da Escola de Minas. Estes, por sua vez, respeitavam a opinião de Dequech e o consultavam sempre. Quando decidiram criar a Fundação que levou seu nome em 2001, Naldo Torres e Eurípedes Palazzo foram até sua casa expor os planos para a entidade. Sabendo que aquilo contribuiria para dar sobrevida à “empresa de 150 anos”, Dequech gostou muito da ideia. Aliás, ele gostava muito de Naldo e Eurípedes. “Mais de Naldo”, declina Eurípedes.

Quando saía com a família, Dequech não economizava em nada, pagava tudo pra todos. Junto aos seus, ele fazia questão de proporcionar o que havia de melhor, mas sem ostentação. "Ele sempre arranjou maneiras de agregar as famílias, a dele e a de minha mãe. Juntava filhos, netos, sobrinhos, cunhadas e promovia as férias de todos na fazenda da praia, em Corumbau. Chegou a juntar cem pessoas no Ano Novo", conta Moema.

Victor repetia assim um hábito da sua própria família, os Dequech que se reuniam para a Invernada em Mafra desde o início do século XX. Evento a que muitas vezes ele faltou quando estudava em Ouro Preto, devido às dificuldades de deslocamento. Quando passou a promover os encontros de família, eles aconteciam na casa de campo em Mafra, onde os irmãos Dequech emendavam o final do ano com longas férias.

PÉ NA ESTRADA

O gosto por viajar virou um hábito constante na vida de Victor Dequech. Quando ele e Geny completaram 50 anos de casados, o presente que se deram foi uma viagem por todas as cidades onde tinham morado — na Amazônia, no Piauí, no Ceará, repetindo os roteiros da época de engenheiro e geólogo do DNPM.

Quando a família ia para as festas em Mafra, viajavam de carro, um modelo Chevrolet Brasil. Eram três dias de viagem, uma verdadeira aventura, para a qual levavam dois baús enormes de couro e madeira, com roupas suficientes para três meses na praia do Rincão. Os cinco filhos iam no banco de trás e o pai dirigia tranquilo, sempre cantando. De vez em quando parava para almoçar a comida trazida de casa, já que, naquela época, quase não havia restaurantes na beira da estrada. Após o almoço, estendia na beira da estrada uma rede e dormia por uma hora — hábito certamente trazido das expedições de trabalho.

Em certo momento Dequech se cansou da Invernada. Ele decidiu, então, que queria um lugar onde houvesse espaço para as pessoas fazerem outras coisas, e não apenas comer e beber. A ideia de uma casa na praia surgiu desse desejo. Para escolher onde faria a obra, estudou as condições climáticas e geográficas do sul da Bahia e decidiu que lá compraria a terra.

Acabou se fixando na Barra do Cahy, na região do Corumbau, município de Prado, na Bahia, local paradisíaco e intocado, de grande relevância histórica.

A CARTA DE CAMINHA:
PRIMEIRA PRAIA ONDE APORTOU CABRAL

No ano 2000, quando se comemorou os 500 anos do Descobrimento do Brasil, Victor, após ter meticulosamente estudado a Carta de Caminha, escreveu o documento "DESCOBRIMENTO DO BRASIL – esclarecimentos sobre a carta de Caminha ", que assim se iniciava:

"Aproxima-se a data de comemoração do quinto centenário do descobrimento do Brasil – ato heroico dos portugueses. A festa será, acima de tudo, da brava gente brasileira. Arquivos e bibliotecas têm sido vasculhados por pesquisadores portugueses e brasileiros sobre os termos da célebre carta de Caminha…

Há dúvidas, merecendo estudo para correta interpretação do que está escrito, em especial sobre o trecho percorrido na costa brasileira- e isto compete a nós brasileiros esclarecer. A Associação PRO-CORUMBAU, de Prado-Bahia, está empenhada em recolher as informações necessárias e fazer observações " in loco" para esclarecimento dessas dúvidas, em tempo para as comemorações do ano 2000…"

Dequech encabeçou o movimento para comprovar que o primeiro contato dos portugueses com os indígenas ocorreu na foz do rio Cahy. Ao avistar alguns índios, Cabral enviou Nicolau Coelho em batéis para verificar se o rio tinha calado para abrigar suas naus. Portugueses e índios se comunicaram pacificamente e houve trocas de presentes: barrete, carapuça e sombreiro por cocar de penas e colar.

"Com a pisada dos portugueses em terra, estava consumado o descobrimento do Brasil naquele dia – 23 de abril de 500, e naquele local – foz do rio Cahy, Prado, Bahia."

Dequech organizou junto a autoridades regionais a festa de comemoração dos 500 anos na praia da Barra do Cahy. Foram fixadas no local uma cruz e uma placa batizando a "Praia Nicolau Coelho". Os índios pataxós da aldeia Barra Velha, no Corumbau, vieram em peso, cantaram e dançaram sob a batuta de Dr. Victor. Da parte dos índios, a matriarca Maria Coruja, fiel amiga do Dr. Victor, comandava o evento juntamente com sua prole.

No ano de 2017 a Barra do Cahy recebeu oficialmente o título de "1ª praia do Brasil", e lá foram instaladas uma cruz e uma placa com uma alusão a um pergaminho.

Um retrato mais acurado de Victor Dequech é desenhado por sua filha Moema:

"Era um agregador em sua essência: ao trabalhar em equipes, ao incluir e se importar com seus funcionários, empregados domésticos, empregados da fazenda. Conversava, convidava à mesa, brincava muito, ajudava nas necessidades. Na fazenda, pescadores e prestadores de serviço não saíam sem uma prosa na varanda e uma cachacinha. Com a família, igualmente os Dequech como os familiares de minha mãe, liderava os encontros. Sempre com muita alegria e prazer, organizava tudo. Aos domingos, o churrasco em sua casa em BH era religioso.

Na praia do Rincão, próxima a Criciúma, em Santa Catarina, onde veraneavam os parentes de minha mãe - os Angeloni, os Costa e os Scheidt - todo domingo tinha churrasco no icônico "Barracão". A casa antiga da praia, que era de madeira, deu lugar a outra de alvenaria. Com as madeiras da demolição, ele construiu um galpão, o Barracão, onde por muitos anos todos se reuniam, desde os tempos de meus avós maternos e seus filhos e netos, até os tempos das novas gerações, incluindo os bisnetos de meus avós maternos, Elias e Rosa.

No Barracão, ele guardava suas tralhas, ferramentas, mesas velhas e cadeiras de palha; tudo no seu estilo, simples mas funcional. A estética definitivamente não importava pra ele. E lá ele guardava alguns pares de tamancos, seu único calçado na praia, que por lá ficou por muitos anos.

O Barracão deixou lembranças a todas as gerações: muito churrasco, os " vira-vira" de cerveja com cantoria (até minha avó virava), a criançada com as rodadas de picolé Kibon, uma novidade, ao final, e, principalmente muita alegria, onde ele sempre comandava a festa. Mesmo depois que nossa família parou de frequentar a Praia do Rincão, depois que os avós partiram, e mesmo depois que o Comandante das festas também nos deixou, o Barracão continuou sendo palco das reuniões das tias, dos primos e seus netos.

Em 1974, começou a fase das férias na Bahia, etapa que durou até sua partida, enquanto ele deu conta de viajar. Seu espírito visionário, estudioso e agregador o fez escolher a dedo um lugar perfeito para as férias de verão da família. Local idílico ao sul da Bahia, estudado com cautela: mar quente e tranquilo devido à quebra das ondas pelos recifes de corais, e, como era seu estilo, vista deslumbrante e a tranquilidade de uma praia intocada. Foi comprando terras dos pescadores e organizando 3 fazendas, na região do Corumbau, município de Prado-BA.

Na Barra do Cahy, com vista de tirar o fôlego para o mar e para a boca do rio, ele construiu seu recanto, a fazenda Boa Vista: casarão principal, bangalôs, escritório e oficinas. Tudo no chamado "padrão Victor Dequech", casinhas brancas com janelas azuis, telhado de amianto, varanda com rede. Energia por gerador, ar condicionado à direção dos ventos (e como era quente naqueles bangalôs!!) E por alguns anos, curral e estrutura para criação de gado, como também para plantação de coco.

Se ele não dava bola pra beleza estética, o mesmo não acontecia com a fartura: apesar da falta de energia elétrica de rede, a estrutura funcionava com total eficiência para não faltar muita cerveja gelada, peixes, camarões, lagostas; tudo do bom e do melhor que a Bahia oferecia. Para isto, ele sabia cativar e manter as melhores cozinheiras de moqueca, os melhores pescadores da região, a baiana das cocadas, a do dendê, a do doce de caju, a que torrava as castanhas… tudo da região, tudo natural. E lá ele passava até 2 meses com minha mãe, e de jeito nenhum lá ele comia " bicho de pena ou bicho chifrudo!

Nas férias iam os filhos e netos, e meu pai fazia questão de agregar seus sobrinhos Dequech como também as famílias das irmãs de Geny. Com a mesma alegria, otimismo e eficiência, ele comandava tudo; até os carros que saíam de BH, motoristas, designava os restaurantes de parada e hotel para pernoitar. E ninguém podia " colocar a mão no bolso". Era um mão aberta difícil de encontrar igual.

As viagens eram uma epopéia, com as péssimas estradas de terra de acesso à fazenda, atolando as duas rurais (carro dele tinha que ser " tração nas quatro"), os carros chegavam do outro lado do rio Cahy, tínhamos que atravessar o rio na canoa do Seu Manezinho, já a postos, e as malas eram carregadas pelos índios trabalhadores da fazenda; andávamos à pé mais 1 km. E logo a gente se esquecia das penúrias da viagem; o clima local só inspirava alegria e bem estar.

Até sua partida, nos reuníamos com ele e Geny todo ano, às vezes duas ou três vezes por ano. Antes das refeições, a hora da cerveja e do tira-gosto era demorada. As 20 ou 30 pessoas, adultos e crianças, se reuniam na varanda com mesas e bancos toscos de madeira, onde ele era o centro.

Ali ele contava seus causos de índios, da sobrevivência na floresta, dos bichos, e à noite dava aulas de Astronomia, usando seu telescópio. Momentos memoráveis para os filhos e para os netos; todos tinham adoração pelo pai e pelo avô e por este lugar paradisíaco, onde mais uma vez ele comandava a festa e não media esforços para que todos desfrutassem das férias com o que havia de melhor. E Geny, sua companheira sempre, lá ficava com ele por semanas e recebia as turmas com igual alegria".

E se queria estar sempre perto da família nos momentos de lazer, outra era a disposição de Dequech quanto à participação de familiares na empresa.
"Desde o começo eu percebi que a firma familiar não funciona e logo tratei de acertar com os irmãos-sócios para se afastarem da empresa. Parente sem especialidade não dá certo, não conhece a atividade. Esse tipo de sócio só quer saber do resultado do lucro no fim do ano. E nós aqui sempre tivemos a preocupação de reinvestir os lucros. Então eu vi que o melhor caminho seria uma empresa inteiramente livre da influência de familiares".

O talento natural de Dequech para reunir bons profissionais em sua empresa se repetia nos encontros familiares. “Todo mundo adorava ele. Ele nunca se lamentava, estava sempre feliz, realizado, otimista, cheio de projetos e sonhos mirabolantes”, atesta Moema.

Além disso, estava sempre disponível para contar suas muitas histórias para os netos. Relatos que impressionavam e abriam trilhas para suas vidas. Caso de Eduardo Dequech, que seguiu o caminho profissional do avô como engenheiro de minas.

“Vovô Victor é um dos melhores exemplos de vida que tenho. Em todos os sentidos que consigo pensar.

Homem íntegro, respeitoso, simples e extremamente dedicado ao que acreditava. Me lembro de almoçar com ele um dia de semana em seu apartamento e ele, aos 94 anos, preparando as malas para ir ao sul do país trabalhar. Teve notícias de alguma descoberta de fósseis por lá e dizia que precisavam dele. Minha mãe e a família penando pra tirar isso da cabeça dele, pois ele não tinha condições de fazer uma viagem dessas. Esse é apenas um exemplo cotidiano de vários outros que demonstravam o apreço dele pelo trabalho. Além disso, como avô, era muito atencioso e dedicado. Fazia questão de dar explicações sobre fenômenos naturais, astronomia, geologia e todas as áreas que ele conhecia, que não eram poucas! Gostava de jogar baralho e gamão, convites que eram impossíveis de recusar após o almoço ou jantar na fazenda.

Depois de formado e trabalhando na área de engenharia de minas foi que tive melhor noção da importância dele como profissional. Além da Geosol e toda a relevância de seu conhecimento técnico, todos que reconhecem o sobrenome Dequech têm relatos muito positivos sobre experiências com Dr. Victor, como também admiração na maioria dos casos.

Sou muito feliz de ter a figura dele na família, servindo de referência não só para nós, como para qualquer pessoa que conheça parte do seu legado”.

Filho de Moema e irmão de André, Eduardo é um dos nove netos de Victor Dequech. Os outros são Clara e Cauê (filhos de Iara), Henrique e Rodrigo (de Iracema), Tatiana, Bruno e Luisa (de Jurema) e Alexandre e Marcelo, filhos de César.

Os sobrinhos também guardam as melhores lembranças de Victor. Paulo, filho de Izidoro Dequech, destaca, em especial, as preocupações do tio com a família do irmão.

João Thomaz de Aquino e Paiva, Escrivão de Policia do Municipio de Ouro Preto, na forma da lei.
(Para fim Federal)
DELEGACIA DE POLICIA Estado de Minas Geraes OURO PRETO
Certifico usando da faculdade que me confere a lei, que revendo o archivo desta Delegacia, delle nada consta nem pró e nem contra o Doutor Victor Dequech, engenheiro de minas e civil, diplomado pela Escola Nacional de Mina e Metallurgia, domiciliado e residente cidade, ha seis (6) annos; pelo que, passo a presente, afim de que possa gozar das vantagens que a lei lhe concede. Eu João Thomaz de Aquino e Paiva, Escrivão de Policia, o escrevi.
Ouro Preto, 3 de Julho de 1940
João Thomaz de Aquino e Paiva
DELEGACIA DE POLICIA Estado de Minas Geraes 3-VII-1940 OURO PRETO
Escrivão de Policia
Firma Tabellião Roquette ROSARIO, 115 - RIO
Reconheço verdadeira a firma de João Thomaz de Aquino e Paiva. Dou fé.
Ouro Preto, 3 de Julho de 1940
Em testemunho de verdade
O Tabelião,
CARTORIO BRITO FILHO MANOEL FELIPE RIBEIRO BELLO SUBSTITUTO Comarca de Ouro Preto — Minas
Reconheço a firma

"Desde pequeno convivi com o Tio Victor, quando ele dormia alguma vezes na nossa casa em São Paulo, ainda no pequeno sobrado da Rua Francisco Leitão no bairro de Pinheiros, fazendo escala em suas viagens, não sei pra onde.

Depois, quando eu tinha uns 12 anos ou mais, peguei algumas "caronas" para ir antes que meus Pais para Mafra, nas reuniões de final de ano da familia, em voos da Vasp, que era a sua preferida. Ele buscava sentar-se bem na frente, para ser atendido primeiro e dar tempo de comer com calma o bom serviço de bordo que era servido na época. De lá íamos de táxi para Mafra, com parada para lanche no Quitandinha.

Nestas reuniões em Mafra, Tio Victor era muito afável com todos, chegando a dar aula de paleontologia para os sobrinhos-netos em nossos encontros. Particularmente fui muito próximo, porque tinha uma relação com ele também em Criciúma, onde ele visitava a família da Tia Geni, com quem tenho contato até hoje.

Esta proximidade se deve também ao fato de meu pai ter sido seu socio na Geosol e tambem na Sondeq, que eles fundaram juntos em 1960.

Quando meu pai faleceu em 1989, ainda em Mafra no dia seguinte ao enterro, ele reuniu alguns irmãos e me chamou, em uma espécie de conselho consultivo. Me fez várias perguntas sobre a empresa e se eu tinha condições de seguir sustentando minha mãe e irmãos. Ele se colocou sempre à disposição para qualquer ajuda.

Em várias oportunidades, em anos seguintes, sempre mostrava esta preocupação. Sempre agregador, convidava os sobrinhos para temporadas na sua casa no sul da Bahia onde tive oportunidade de ir. Sentar-se perto do Tio Victor em Mafra era certeza de papo bom! As vezes sérios, mas também muito divertidos".

Saudades eternas!

OTIMISMO PRAGMÁTICO

O otimismo sempre esteve presente em sua visão do Brasil e da política, à qual associava um certo pragmatismo. Nunca foi comunista, longe disso, mas também não tinha simpatia pelo integralismo, quando, no início do século passado, essa polarização era quase obrigatória, como nos tempos atuais. Volta e meia revelava certa desconfiança dos interesses americanos em torno de nossas riquezas naturais. Deixou isso claro ao descrever a postura dos técnicos americanos nas expedições de compras de minerais durante a Segunda Guerra.

"Eles fazem o que querem... bobagem pensar em soberania", desabafou na entrevista que deu à Fiemg em 2004. Para proteger a Amazônia, já na década de 40 defendia a instalação de uma unidade do DNPM na região. Prevendo as jazidas minerais que posteriormente seriam descobertas na região, dizia: "a Amazônia é metade da superfície do Brasil. Fazendo a abstração da mata, o volume de riquezas que tem aqui é repetido lá", dizia.

O cidadão Dequech não era inclinado a reverências para militares e religiosos. Detestava padres, aliás, não cultivava religião alguma. O Dequech agnóstico vem, muito provavelmente, da infância sem sapatos em Mafra. Para ir à missa o garoto tinha que calçar sapatos, o que para ele era um suplício, já que machucava os pés. Ele se revoltava com a história de ir à missa. Quanto aos militares, não desfrutavam de seu apreço. "Eram corruptos também. Quando eles tomaram conta do país, apareceu lá na nossa empresa um coronel que nos propunha uma 'parceria', argumentando que eles tinham informações de primeira mão e poderiam facilitar a aceitação dos contratos, garantir o pagamento em dia, esse negócio todo. Eu caí fora", disse, em entrevista. Na ditadura militar, era MDB e não Arena.

Entre os políticos, Getúlio, JK e Tancredo Neves foram os únicos que o encantaram. "Para mim, o Juscelino que tanta gente combate foi o maior presidente que o Brasil já teve. Inibidor e tal, mas meteu os peitos pra fazer Brasília. E o Getúlio acreditou no brasileiro, deu qualificação para o brasileiro". Sua simpatia por Getúlio envolve também outro aspecto: foi este presidente que criou o CREA e regulamentou no Brasil a profissão de engenheiro.

De modo geral, Dequech raramente manifestava suas preferências político-partidárias, mas não omitia sua opinião sobre o momento que o país vivia: "Os marajás do Brasil têm que saber que tem brasileiro trabalhando no porão do barco, botando fogo na caldeira, e que têm o mesmo merecimento deles", sustentou em carta ao jornal Estado de Minas, escrita em março de 1994. Sobre Lula, que acompanhou em seus dois primeiros governos, também não tinha boa opinião. Pelo contrário, na entrevista à Fiemg o chamou de presidente "prometedor". Mesmo assim, sempre participou de eleições e nunca deixou de votar, mesmo quando a idade já o dispensava da obrigatoriedade.

COMPROMISSO COM O BRASIL

Quando os Dequech vieram para Belo Horizonte, foram morar na rua Guaxupé, na Serra, de onde se mudaram para a rua Capelinha, no mesmo bairro. Mais adiante, se fixaram na rua Santa Rita Durão, no Funcionários. Apreciador de futebol, Victor virou torcedor do Cruzeiro e adorava os jogos da seleção brasileira. No escritório, mantinha uma bandeira do Brasil.

Os pais, segundo Moema, viviam em harmonia, mesmo com uma ou outra briga. "Ele mimava muito a minha mãe", ela diz. Nos últimos cinco anos de vida, Geny sofreu com o Alzheimer. Foi piorando até não reconhecer mais ninguém e não poder se comunicar.

Todos os dias, Victor recitava poesias e cantava para ela músicas que faziam parte do repertório do casal. Momentos em que, muitas vezes, ela conseguia se reconectar com a realidade. Quando Geny faleceu, Victor ficou perdido durante algumas semanas, como se ele próprio tivesse perdido a conexão com a vida, mas voltou a se aprumar.

Quando voltou, o câncer apareceu na omoplata e atingiu o pulmão. Desta vez, a luta foi dura, mas ele nunca se lamentou. Morreu e foi sepultado em Belo Horizonte no dia 25 de novembro de 2011, aos 95 anos. Era um otimista incorrigível. Gostava de dizer que num país como o nosso "o único sentimento viável é o do otimismo".

Nacionalista, Dequech acreditava no futuro do Brasil, inclusive porque conhecia como ninguém suas riquezas e potencialidades. Ao referir-se à "Lei dos 2/3" promulgada por Getúlio Vargas em 1930, que obrigou as empresas a contratar técnicos e operários brasileiros nessa proporção em todos os níveis, Dequech conclui: "Como era de se prever, surgiu um outro Brasil, este sim, brasileiro".

Falava então como paraninfo na Escola de Minas, quando sustentou que a medida tomada pelo Ministério do Trabalho valorizou o trabalhador brasileiro, até então preterido diante do estrangeiro. "A Lei dos 2/3 obrigou as Cias. Aéreas da época — Varig, Cruzeiro e Panair — a contratar pilotos que foram fazer cursos no estrangeiro e hoje estão por toda parte, tão competentes como qualquer outro. Na navegação marítima em nossa costa, feitas pelas Companhias Costeiras Lloyd, todos os pilotos estrangeiros foram aos poucos substituídos por brasileiros igualmente competentes.

Mesmo nas companhias de navegação do rio Amazonas e seus afluentes, onde havia pilotos estrangeiros, todos foram substituídos por brasileiros", disse em seu discurso aos formandos de 2004.

Naquela época, empresas multinacionais detinham a concessão para explorar grande parte das reservas minerais do Brasil. Só o petróleo continuava 'brasileiro'. O final do discurso de Dequech lembrava aos novos engenheiros e geólogos o compromisso com o Brasil que deveria nortear seu trabalho e sua vida.

"Lembro aos que estão recebendo hoje um diploma da Escola de Minas que constituem um pequeno grupo privilegiado da Nação, por terem estudado numa escola onde o ensino sempre foi do mais alto padrão e completamente gratuito. Por isso, devem entender que seus diplomas têm embutida uma Promissória Social que devem resgatar ao longo de sua vida profissional".

Este era Victor Dequech, um brasileiro que amava o seu país e que se dedicou, com seu vasto conhecimento técnico e científico, aliado a ideais de ética e decência públicas, a desbravar e identificar as grandes reservas minerais que tornaram o Brasil uma potência nesse segmento.

Zelar pela memória deste brasileiro é reafirmar a crença de que os sonhos não devem nunca ser esquecidos. Victor Dequech fez de sua vida um atestado de absoluto compromisso com o Brasil.

Com o Brasil pródigo que o futuro nos reservava.

Os brasileiros jamais podem se esquecer desse nome.

Halfeld
RIO

Halfeld
RIO

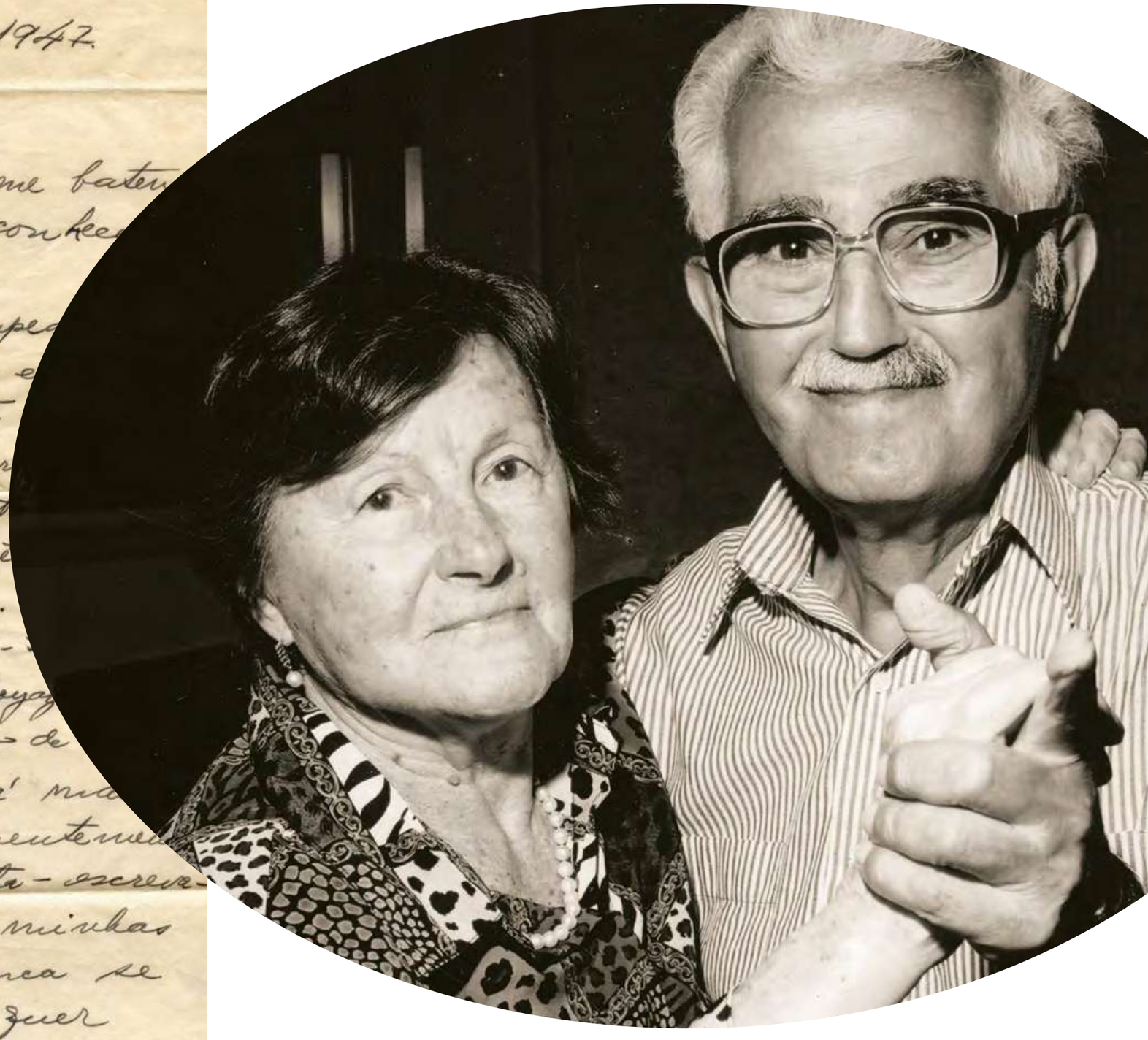
Mercia

Florianopolis, 17 de junho de 1947.
Minha querida Geny:

A saudade está me bater
forte como eu nunca tinha conhec
esta "madrasta"...

Fico pensando na nossa despe
tem, onde havia tanta coisa para e
e o tempo passou sem que eu te
quasi nada; tambem eu quer
tantos abraços e tão longos e aper
não foi possivel, porque, como vcê
occasiões sempre nos atrapalham.

Agora tambem não vou dizer-
coisa. Estou prevendo que eu Goyaz
sentir esmagado debaixo do peso de
saudade — mas esse peso será mu
leve se eu receber tuas cartas frequentemen

Geny — é o motivo desta carta — escreve-
me sempre, mesmo que as minhas
respostas se extraviem, e nunca se
esqueça deste que tanto te quer

Deguech.